

ÍNDICE

ANEXO 1 - Narrativas Biográficas Escritas (2008):

Amélia

Carolina

Catarina

Diogo

Elsa

Gabriela

Patrícia

Sónia

ANEXO 2 – Narrativas Biográficas Orais (2010):

Amélia

Carolina

Catarina

Diogo

Elsa

Gabriela

Patrícia

Sónia

ANEXO 3 – Grupos de Discussão (2010):

Grupo de Discussão 1

Grupo de Discussão 2

Grupo de Discussão 3

ANEXO 4 – Análise Estatística Descritiva do Questionário

ANEXO 1 - Narrativas Biográficas Escritas (2008):

Narrativa Biográfica Escrita da Amélia

Outubro/2008

Uma breve reflexão

Escola e professores ... em mudança?

Estou a mudar. Sinto-me diferente, parece que já não sou a mesma professora, não me sinto bem. Ninguém me ouve, eu não ouço ninguém... Que confusão! Tenho saudades de entrar numa escola dizer bom dia com um sorriso aberto e ser recompensada com outro e, de seguida entrar na sala de aula cheia de esperanças na minha arte de ensinar, na minha postura de profissional bem aceite por todos. O que aconteceu comigo?! O que aconteceu com os outros professores? Não me apetece ir para a escola, parece que nada me diz nada, são só papéis e mais papéis, queixas de ser capaz e de não ser capaz parece que tudo ficou de repente insatisfeito, incapacitado, incompetente Mas porquê, se ainda ontem era capaz de fazer tudo? Era a melhor para os meus alunos, era indispensável para a escola e era importante para a sociedade e agora não tenho capacidades, não sou de confiança, tenho que ser vigiada, controlada, observada como se a avaliação de professores fosse “a salvadora da pátria”, viesse combater todos os males, viesse colocar “os pontos nos iii” ... sem perceber que a nossa profissão lida com pessoas, com mentalidades construídas em diversos ambientes, com formações distintas, com expectativas diferentes ... com vontades, com saberes ...

O ambiente de escola é triste, revoltado, os professores empenhados desde sempre, sentem-se abandonados neste sistema pedindo aposentações antecipadas, desistindo de investir na escola, no coletivo, desconfiando de tudo e de todos, parece que há sempre alguém que nos quer tramar. E eu que nunca senti nada disto! Nunca houve motivos maiores para tanta desconfiança, houve até momentos de grande trabalho coletivo, de partilha ainda que entre poucos professores, mas conversava-se, confiava-se ... ria-se, jantava-se... isto atualmente parece esquecido!

Os presidentes dos agrupamentos também se sentem confusos, há pressão de todos os lados, têm medo de serem apontados por não cumprirem a lei, têm medo de criar conflitos entre os professores, de os distinguir ...

Claro que toda esta situação foi provocada pela recente publicação dos documentos legislativos, em nome da mudança educativa necessária, que não agradou

os professores mais velhos nem os mais novos, começando por os dividir em classes. Esta divisão veio criar dilemas entre profissionais, sentindo-se os mais novos à parte - aqueles que não têm capacidades para orientar pedagogicamente um grupo de professores, de tomar decisões, de colaborar, na opinião do governo - capacidades dadas e comprovadas pela lei que só os professores mais velhos são capazes. Estas medidas limitam o acesso à progressão na carreira destes professores que de repente se sentiram afastados da possibilidade de crescer e progredir profissionalmente, de sentir que não vale a pena investir na carreira e quem sabe, desistir dela! Por outras palavras, separou os professores, veio criar um mau ambiente, um complexo de inferioridade desnecessário. Eu faço parte da dita “categoria de professor titular” e não posso concordar com esta divisão de modo algum, porque acredito e confio nas capacidades dos colegas mais novos, eles são tão capazes como eu. O tempo de serviço pode não constituir, por si só, um fator de medição de competência entre os professores.

Os professores que estão destinados para avaliar os colegas, estarão preparados? Será assim tão fácil avaliar os outros colegas? Eu entendo a ideia do governo, mas mesmo assim era necessário formar os professores avaliadores para tomarem consciência da grande tarefa que estão a colocar nas mãos dos professores, pois supervisionar não é uma atividade que se realiza de ânimo leve, sinto que pode gerar muitas injustiças e desmotivação entre os professores.

No entanto, quando entro na sala de aula estes pensamentos, esta revolta ficam um pouco esquecidos, os alunos fazem-me esquecer estes problemas, ainda nos vão dando algumas alegrias, transmitem-nos alguma motivação e fazem-nos acreditar que ainda somos importantes na sua vida. No entanto, o processo de avaliação instalado no nosso sistema de ensino vai, certamente, influenciar as nossas planificações, as nossas metodologias, as nossas estratégias pedagógicas (o verdadeiro sentido de ser professor), porque vou perder o meu tempo a escrever e a completar impressos, grelhas, relatórios, atas deixando de lado o que interessa verdadeiramente aos alunos. Esta forma de estar no ensino sinto que vai prejudicar a aprendizagem dos alunos, deformando o sentido do verdadeiro sucesso escolar, isto é, os alunos cada vez vão saber menos, porque não há tempo para delinear as estratégias necessárias, para os ouvir, mas as estatísticas de sucesso vão subir, como já aconteceu no ano transato. É tudo uma falsidade!

E no meio disto tudo, como cresço eu profissionalmente? Penso que não vai ser fácil conseguir da forma como o legislam, até porque isto não pode ser legislado, nem

obrigado, pois é uma tarefa que implica vontade e necessidade da parte do professor, pois só assim terá repercussão na prática pedagógica diária. Independentemente disto, penso que a frequência de ações de formação específicas da área de cada professor pode ser um passo importante, principalmente quando as formações têm qualidade científica e são implementadas nas nossas salas de aula. Contudo, penso que a frequência de outros cursos poderá ser uma alternativa rica, tal como estão a fazer muitos colegas, principalmente os mais novos, desenvolver investigações inovadoras (Mestrados, Doutoramentos) que poderão ajudar a elucidar muitos dos problemas vividos nas escolas.

Nas nossas escolas também podemos criar espaços de discussão para professores, promovendo o questionamento como ponto central de aprendizagem da nossa aprendizagem, pois nós podemos aprender uns com os outros, mesmo dizendo coisas que pensamos não estar muito certos delas.

O que eu vejo de positivo neste emaranhado de posições políticas? É, definitivamente, a provocação para a leitura de toda a informação atual, desde leis, livros da especialidade, pareceres dos sindicatos e para a escrita (por exemplo, o que estou a fazer neste momento), tudo que me possa ajudar a compreender a necessidade de sermos avaliados da forma como o governo delineou o processo de avaliação de desempenho docente.

Os professores sentem que não podem permanecer neste caminho, para isso, estão a fazer tudo (manifestações, baixos assinados, desabafos, artigos, blogues ...) para que o modelo de avaliação seja reformulado, pensado mais no sucesso dos alunos do que nos papéis que o professor tem de preencher, nas contas que tem de prestar ...tarefas que distraem os professores da sua verdadeira função: ensinar.

Às vezes sinto vontade de desistir!

Porém, vou ver se recupero a minha alegria de ser professora - que tanto lutei por ela durante os meus vinte anos de trabalho - confiando e acreditando que melhores dias virão.

Narrativa Biográfica Escrita da Carolina

Outubro/2008

Reflexão

Há poucos dias, numa reunião de professores, o colega presidente do Conselho de Docentes e avaliador, devo salientar, dizia a dada altura, entre outras considerações tecidas sobre o processo de avaliação dos professores, ‘isto não vai correr bem!’

Quase que de imediato – porque, por vezes, o cérebro humano demora a processar a informação – surgiu um burburinho e eu, entre outros, reagia ‘por favor! não devias dizer isso!’

De que forma poderemos lidar com tal imprudência de um colega que nos vai avaliar?! Não teria sido mais sensato, na sua qualidade de avaliador, que tranquilizasse os colegas, que lhes transmitisse serenidade e confiança?! E depois, porquê o ar esquivo de satisfação estampado no rosto? Por quem foram eleitos estes colegas avaliadores? Quais os critérios respeitados para o seu recrutamento?

Devo referir que não me revejo, em algum momento, confortável ou satisfeita na qualidade de avaliadora do trabalho dos meus colegas. Fá-lo-ia, se a isso fosse sujeita, num sentido de partilha e cooperação. Mas, com que direito, mesmo assim? Como diria há tempos um colega demissionário da função de avaliador ‘não posso nunca aceitar esta perspetiva hierarquizada e unilateral, burocrática e redutora, que concebe a avaliação como um corretivo numa espécie de produto a quantificar cujo objetivo é que alguns poucos, os raros, alcancem o mérito, pelo demérito dos outros muitos, os vulgares - referindo-se à falta de justeza num processo que reduz a atribuição da menção de excelente e muito bom apenas a alguns, muito poucos. Não seremos todos excelentes naquilo que fazemos?! Com este modelo de avaliação como poderei, ou poderemos, progredir profissionalmente? Como poderei sentir-me motivada? Qual a verdadeira justeza e transparência de todo este processo?

Mas, alheios a todo este rebuliço, há ainda os que se insurgem e manifestam afincada insatisfação perante o facto de não terem sido selecionados para avaliadores!

Com o devido respeito pela qualidade individual dos colegas, terão eles a competência necessária para avaliar o trabalho pedagógico dos seus pares? Ou melhor. Ter-se-ão dado conta da verdadeira dimensão do seu papel? Eu poderei confiar neles? São questões irresolutas no íntimo de todos nós uma vez que no meu agrupamento,

como se calhar em tantos outros, o processo de recrutamento destes colegas não foi claro. Mais. Na minha perspectiva, há quem queira avaliar para exercer alguma forma de poder, o que, a ser verdade, é grave e antiético. Os professores avaliadores concorrem com os professores por si avaliados no mesmo processo de progressão na carreira, disputando lugares nas quotas a serem definidas. Assim sendo, não deveria este processo ser tido e visto à luz de uma perspectiva de cultura profissional colaborativa e de autoavaliação corretiva, ou estará, de modo inverso, a contribuir para o surgimento de uma cultura profissional individualista e competitiva, desmotivadora e insegurizante?

Nunca me senti obrigada por nenhum documento regulamentar a fazer planificação das minhas atividades letivas, ou para o estabelecimento de objetivos individuais, nem tão pouco, à necessidade de uma autoavaliação corretiva e construtiva, constante, da minha postura enquanto professora que sou. Pelo contrário, sempre o fiz por necessidade pessoal de auto reflexão e auto superação tendo por objetivo pessoal a melhoria da qualidade do meu trabalho no processo ensino/aprendizagem dos meus alunos. Poderei eu continuar a minha missão neste sentido? Ou serei obrigada a enveredar por outros caminhos impostos?

Mas este modelo de Avaliação do Desempenho tem-se revelado um processo mal informado e de cariz intimidativo. Aos poucos, as reais repercussões vão-se fazendo sentir. No meu agrupamento, deste início do ano letivo, encontram-se três colegas de atestado médico por depressão. Os três colegas do Apoio Educativo vão-se desdobrando em sucessivas substituições de professores. Nesta desorganização, em que lógica ou contexto serão eles avaliados? E os alunos que apoiam? Já não necessitam do seu auxílio? Os pais, também eles, se questionam perante a falta de assiduidade do apoio à aprendizagem de que os seus filhos tanto necessitam e têm direito.

O modelo de Avaliação do Desempenho prevê ainda que o docente realize formação contínua. Os professores veem-se, atualmente, sujeitos à frequência de formação proposta pelos seus agrupamentos – ou, muitas vezes, a ter de financiar a sua própria formação – e se esta for de algum modo “desnecessária” o docente, ao invés de poder procurar formação para colmatar as suas lacunas e necessidades, vê-se obrigado a mais do mesmo, numa lógica de ocupação do tempo livre.

O modelo de avaliação instituído pelo Decreto Regulamentar nº 2/2008 não contempla o respeito pela competência individual de cada professor. Para além disso, veio desorganizar e destabilizar as escolas, sobretudo, pelo excesso de documentos e procedimentos burocráticos que preconiza. É um modelo que mete os pés pelas mãos

uma vez que não prevê ou contempla um prazo razoável e necessário para o conhecimento de todos os requisitos legais e de procedimentos indispensáveis para o concretizar, nem tão pouco para a reformulação e adaptação de documentos basilares da escola como o Projeto Educativo, o Regulamento Interno ou o Plano Anual de Atividades.

De referir que nada tenho contra a avaliação profissional dos professores até porque considero que, mais dia, menos dia, haveria de surgir a necessidade de regular a qualidade do ensino da Escola Pública que muito tem a refletir sobre atos levianos e injustos do passado. Considero porém, que, correto e justo seria, isso sim, a criação de um modelo de avaliação profissional menos burocrático e capaz de ser compreendido por todos os docentes, não um modelo passível do mau trato e o desrespeito pela carreira docente em praça pública, mas um modelo de avaliação capaz de ultrapassar a conflituosidade atual, motivar os professores, fomentar a qualidade do ensino e contribuir para o prestígio da escola e da carreira docente; um modelo estruturado e baseado em propósitos que possam contribuir para o progresso e para a motivação da qualidade do trabalho pedagógico; um modelo que fomente a colaboração entre os professores, onde a partilha tem significado e a reflexão espaço, tendo por finalidade constante um verdadeiro aperfeiçoamento da aprendizagem dos alunos e, consequentemente o sucesso educativo.

O presente modelo promove tudo, menos isto!

Narrativa Biográfica Escrita da Catarina

Novembro/2008

REFLEXÃO

O sistema de avaliação de desempenho do pessoal docente, aprovado pelo Decreto-Lei nº15/2007, de 19 de janeiro e regulamentado pelo Decreto Regulamentar nº2/2008, de 10 de janeiro, veio trazer uma profunda transformação na vida das escolas, criando grande instabilidade, insegurança, descontentamento, frustração e desmotivação na classe docente.

Ao ouvirmos os meios de comunicação ficamos com a ideia de que os professores não querem ser avaliados. Isto não corresponde à realidade, não é isto que eu sinto. Os professores querem ser avaliados, mas não segundo um modelo que apenas está vocacionado para controlar a progressão na carreira, pois só aqueles que conseguem uma avaliação igual ou superior a “Bom” o poderão fazer, no entanto estamos todos sujeitos a cotas o que dificultará a chegada ao topo da carreira, por muito que faça para crescer profissionalmente. Sinto-me presa na minha profissão e isto não é bom para nenhum professor; sentir-se impossibilitado de ver reconhecido o seu trabalho, o seu empenho e gosto pela profissão.

A divisão da carreira em duas categorias de professores é, em minha opinião, a grande responsável pela situação caótica que se vive nas nossas escolas. Temos professores de primeira - professores titulares, e professores de segunda - simples professores. O que os distingue resume-se ao tempo de serviço e aos cargos desempenhados nos últimos sete anos. Isto não torna um professor mais competente ou dedicado, pelo contrário, muitas vezes são estes docentes, os titulares, que sentem e demonstram alguma dificuldade em se adaptarem às mudanças e às novas exigências do atual ensino.

Na minha opinião este modelo falha por várias razões: os avaliadores não demonstram competência para avaliar os seus pares, ou porque não tiveram formação específica para tal ou porque têm de avaliar professores de áreas diferentes da sua ou, então, alguns dos avaliadores têm formação científico-pedagógica inferior à dos avaliados.

O modelo é subjetivo e injusto, colocando em causa a partilha, o espírito de cooperação e a cordialidade entre a classe docente, fomentando, por incrível que pareça,

a competitividade e o individualismo nas escolas. Hoje é frequente ver nas escolas, entre os professores, esconder atividades dos colegas para apresentar ideias em primeiro lugar e agradar o presidente do agrupamento. Isto não se admite que aconteça, principalmente depois de tanto lutar pela colaboração e partilha entre os professores. Pois, já trabalhei em ambientes fortes, em trabalho colaborativo, e vi como era importante trabalhar em grupo na melhoria da escola.

A imposição de cotas para a atribuição das menções de Excelente e Muito Bom não é justa, pois podem ficar professores de fora que mereciam a valorização máxima, mas como não podem ficar todos, paciência! – na opinião dos nossos governantes isto é vulgar, não podemos ser todos bons. Parece tarefa do professor encontrar alguém que seja fraco, que não corresponda aos critérios apontados pela legislação, mesmo que não exista. Nesta base de ideias não é possível trabalhar com gosto, dá vontade de desistir, sinto que estamos a ser esquecidos e desrespeitados por todos, mesmo pelos colegas da escola.

Aos professores é imputada, exclusivamente a responsabilidade do insucesso escolar dos alunos, ignorando os fatores sociais (principalmente familiares) que para isso muito contribuem. Temos que fazer o possível e o impossível para agradar a todos, principalmente os governantes, apresentando resultados formidáveis para compor as nossas estatísticas e mostrar à restante Europa como somos capazes de resolver todos os problemas do nosso país, não esquecendo, naturalmente, os económicos.

Nos agrupamentos foi uma corrida desenfreada para encontrar percentagens de sucesso que agradassem ao Ministério de Educação, exigindo aos professores no início de cada ano letivo que definissem as percentagens de sucesso nas diversas áreas, antes de conhecerem os alunos e como se adivinhassem o aproveitamento escolar deles.

Os professores que lecionam turmas em situações problemáticas, com alunos com dificuldades de aprendizagem e com mais de um ano de escolaridade, são discriminados já que é imputada a responsabilidade individual pela avaliação dos seus alunos.

Este modelo implica densidade burocrática quer para os avaliadores quer para os avaliados. É gasto demasiado tempo em reuniões e à construção de papéis, quando este deveria ser dedicado à preparação das aulas.

Tudo isto faz com que nas nossas escolas se viva um ambiente de desmotivação, cansaço, revolta e de indignação. Os professores sentem-se cansados, desmotivados, pois veem a sua profissão reduzida a burocracias, a papéis desnecessários, limitando a

função do professor que é ensinar e dedicar-se aos seus alunos, procurando ajudá-los a superarem as suas dificuldades.

O espírito de competitividade começa a instalar-se nas nossas escolas, tornando os professores mais fechados e individualistas, desconfiando-se uns dos outros, esquecendo a importância de partilhar e refletir em grupo sobre as atitudes dos nossos alunos. Pois, a sociedade complexa em que vivemos aclama cada vez mais à união, à partilha, à cooperação para conseguirmos alguma coisa. Isto está a falhar! Eu sinto que nos estamos a separar cada vez mais no ambiente de trabalho. Nasce novas relações entre os professores, mas muito confusas, numa base de desconfiança e desmotivação. Como sinto saudades dos bons tempos profissionais que vivi, onde nós ‘inventávamos’ atividades - que hoje são obrigatórias por lei - discutíamos projetos novos com muito sentido para nós e para a escola. Enfim, tudo termina um dia!

Neste momento sinto-me frustrada e com falta de motivação, tal como muitos dos meus colegas. Em nada, este modelo veio melhorar a minha prática, pelo contrário, passo demasiado tempo em reuniões, a definir grelhas, a pensar em taxas de sucesso, em definir objetivos individuais, em elaborar portefólios, etc.

Sinto que tenho a minha tarefa dificultada, não só pelo aspeto burocrático, mas também porque os professores passam mais tempo preocupados com a questão da avaliação do que com a troca de ideias, experiências ou em refletir sobre as suas práticas e os resultados dos seus alunos.

De quem é a culpa deste ‘perde tempo’? Dos professores? Da sociedade? Do mundo?

Tenho pena é que a minha família leve com todos estes problemas quando eu chego a casa desanimada e cheia de pressa para ir para o computador escrever relatórios, atas ... e no outro dia constatar que foi tempo perdido porque ninguém ligou nada aos papéis: são para guardar no arquivo para mostrar se alguém aparecer para controlar e verificar que se cumpre tudo nesta escola.

Era mais fácil inovar por conta própria, dando tempo por gosto à escola do que agora que sou obrigada, pois sinto-me controlada, inibindo a minha capacidade de aceitar e acreditar na necessidade de mudar.

Narrativa Biográfica Escrita do Diogo

Dezembro/2008

Reflexão

Uma visão pessoal e sentida da mudança

As mudanças educativas preconizadas pela legislação mais recente são significativas e promovem a quase total rutura com o modelo educativo anterior, criando momentos controversos nas escolas e nas relações profissionais.

Entendo a introdução dos recentes documentos legislativos como uma ferramenta de coordenação que pretende garantir o sucesso da educação... pelo menos é o que parecem dizer quando os lemos ou ouvimos falar deles aos nossos superiores.

No entanto, esta legislação também prima pela promoção da divisão dos professores - os famosos titulares e os professores - originando más relações laborais, onde a competição ganha muito espaço e o desânimo é latente naqueles que estavam habituados a fazer muito, porque se sentem constrangidos com as reações dos colegas.

Assim, desta separação nasce uma grande divisão entre os professores que fizeram perigar as relações profissionais dentro das escolas que, a par do individualismo que na nossa profissão é rei, incentivou a separação profissional e trouxe, logicamente, o deteriorar das relações profissionais. A partilha, o espírito de entreajuda, já de si não são muito abundantes nas escolas, salvo as exceções que não são regra, caíram em definitivo para os reinos individuais.

Contudo, com o tempo, no início, esta situação de afastamento e desconfiança na escola inverte-se e une os professores pela causa profissional, por aquilo que eles pretendem, organizando manifestações, greves, embora o individualismo prevaleça como regra de ouro entre a classe ao nível da gestão das turmas.

Com esta situação, a partilha de experiências - mais de caráter cívico e político e menos pedagógico - renasce como que das cinzas a partir das discussões em prole dos nossos direitos profissionais.

Pessoalmente, estas mudanças em nada interferiram, até à data, com a minha forma de estar na educação e na escola. As relações com os meus colegas mantiveram-se estáveis, pelo menos ainda não senti efetivamente qualquer diferença.

A minha tarefa como professor não sofreu alterações, continuo a cumprir os meus deveres profissionais como até aqui. Os resultados dos meus alunos serão sempre aqueles que eles conseguirem dar perante as dificuldades que se lhes apresentam em dado momento, competindo-me a mim, como professor, pela responsabilidade e não pela legislação, ajudá-los na superação dessas dificuldades.

Esta legislação não me traz aumento de funções; traz aumento de preenchimento de papéis que em nada favorecem o trabalho com os alunos. Funções são outras coisas de veras importantes para o sucesso educativo, como ajudar e apoiar os alunos na aprendizagem, selecionando estratégias e métodos favorecedores. Nisto é que os professores deveriam ‘perder’ mais tempo, assim como criar espaços de aprendizagem profissional, trocando experiências pedagógicas que pudessem enriquecer o trabalho dos docentes.

Os nossos dirigentes deveriam saber que impor mudanças nunca teve bons resultados, porque os profissionais não foram implicados no processo, por isso, não sentem ser benéfico para a escola. A necessidade de mudar a escola, a educação tem de vir do professor. Ele sente a necessidade de conquistar uma imagem diferente (nova) da sua escola, transformando-a num espaço agradável, sábio e construtivo para os alunos. Eu já vivi e senti esta necessidade de mudar, de criar uma escola diferente, que fosse de todos e para todos, por isso não é uma tarefa impossível.

Assim, a burocracia excessiva como forma de fazer os profissionais trabalharem mais, não é boa medida política, nem bem-vinda nos reais contextos de trabalho. Os professores não sentem a necessidade de tantos relatórios, estatísticas e atas, para conseguirem bons resultados. Um professor deve ser “burocrático” com o registo da sua turma em face do sucesso, do desenvolvimento, da superação das dificuldades.

Apesar dos tempos controversos que vivemos na escola pública, desejo continuar ser professor porque gosto de o ser, seja com esta legislação ou não, e sempre com a esperança que a burocracia seja reduzida para bem da educação.

Para mim, as tentativas de mudança na educação não são novidade, pois já atravessei momentos tão difíceis como este e no final nada era mudado, tudo se mantinha nas nossas escolas, com exceção de uma escola ou outra.

Contudo, presentemente, os documentos legislativos atingem a classe docente em várias frentes. Talvez mude alguma coisa. Esperemos que não fique pior.

Narrativa Biográfica Escrita da Elsa

Dezembro/2008

Escola, professores e mudança

Ao longo do meu percurso profissional foram algumas as mudanças verificadas.

Numa primeira fase, surgiu a nova Gestão Curricular que “obrigou” os professores a refletir sobre o sentido do conceito, no quadro concerto do tempo em que vivemos. Esta mudança tentou introduzir uma maior responsabilidade às escolas e aos professores concretos, trabalhando profissionalmente numa determinada comunidade com o seu conjunto concreto de alunos. Como é óbvio, houve uma adaptação às novas realidades, refletiu-se sobre as mudanças que na prática foram progressivamente introduzidas. Com todo este trabalho, o professor adquiriu conhecimentos, atitudes e competências que lhe permitiu abordar o currículo numa perspetiva de investigação e experimentação, tornando-se assim, construtores do currículo e não meros utilizadores de materiais curriculares. Em muitas escolas esta dinâmica foi conseguida, muitas boas práticas surgiram e, na minha modesta opinião, verificou-se um enriquecimento profissional dos docentes neste contexto.

Caminhando um pouco mais e, num passado mais recente, foram introduzidas mudanças educativas na carreira profissional dos docentes com a publicação de dois documentos legislativos: Decreto-Lei nº15/2007 de 19 de janeiro e o Decreto Regulamentar nº2/2008 de 10 de janeiro.

No que diz respeito ao primeiro documento legislativo, saliento a maior injustiça que diz respeito ao aparecimento de duas classes de professores, os professores de primeira, os titulares, e os professores de segunda, os ditos professores. Logo aqui verifica-se iniquidades pois há uma divisão da classe docente, que na minha opinião era desnecessária. Parece que não somos todos docentes, que não trabalhamos todos com crianças e jovens e que não trabalhamos todos pela mesma causa que é trabalhar conhecimentos com os nossos alunos.

Outra consequência verificada nestes tempos de mudança tem a ver com a paragem da subida de escalões porque, mais uma vez, como não vai haver grande mobilidade no grupo dos professores titulares, também não abrem vagas para podermos

progredir e aceder à classe de professores titulares. Assistimos a mais um conjunto de injustiças, onde os privilegiados são sempre os mesmos.

De igual modo, existe um número de anos estabelecido e um conjunto de cargos que teremos que desempenhar para podermos chegar a professor titular, cargos esses que estão a ser ocupados pelos professores titulares. A nossa oportunidade nunca mais chega!

Penso que para qualquer professor é desmotivante a não progressão na carreira. Como consequência desta situação o professor não se desenvolve porque sabe que à partida não vai progredir, de nada lhe serve estudar, trabalhar mais, dedicar-se ao trabalho, empenhar-se e dar o melhor. Esta situação gera nos professores uma desmotivação que se reflete impreterivelmente na sua prática docente.

Neste ambiente nascem as primeiras hostilidades entre os professores.

Uma outra questão relevante tem ver com a formação contínua de professores que passou a ser a pedida pelos agrupamentos que muitas vezes não atendem às necessidades imediatas dos professores. Na minha modesta opinião, a formação cedida através dos agrupamentos é limitada porque são poucas as áreas de oferta, existe um leque pouco variado de ações de formação.

Deste modo, a formação contínua pode limitar os nossos conhecimentos quando são apresentadas ações de formação “menos boas” e que podem não ir ao encontro do interesse dos docentes e das suas necessidades momentâneas e contextualizadas, como é o caso do excesso de oferta de formação em TIC e das bibliotecas escolares. Para quem já adquiriu formação nestas duas áreas coloca de parte as mesmas, daí ter necessidade de ir à procura de formação fora deste âmbito, mas que normalmente tem que ser paga e bem paga.

Ao refletir sobre estas injustiças, penso que os nossos alunos são os mais prejudicados no meio de toda esta insegurança e constante pressão que sentimos por parte dos nossos superiores hierárquicos.

Neste sentido, a minha tarefa como professora pode ficar abalada, são tantas as solicitações que o tempo não chega para me desenvolver como profissional do ensino, principalmente quando o sentimos como algo que está em constante mutação.

E não me posso esquecer que para além de professora também exerço a função de mulher e mãe de uma filha que necessita de muitos cuidados e atenções, para além da minha vida pessoal, que qualquer dia não a tenho.

Neste momento, muitas questões surgem, mas penso que as mais importantes são: Quando arranjo tempo para desempenhar todas estas funções com qualidade significativa, com tudo aquilo que a escola me exige? Quando reflito nas minhas práticas diárias?

A avaliação dos professores nos moldes que o Ministério da Educação idealizou é exequível?

Cada dia que passa, reparamos que este modelo levanta mais problemas na escola do que aqueles que pretendia resolver. Isto acontece porque o modelo insiste demasiado em práticas excessivamente burocráticas que nada têm a ver com a prática pedagógica dos docentes e com a promoção de boas relações entre os professores.

Pois constatamos frequentemente que este modelo de avaliação docente cria rivalidades entre professores para conseguirem obter uma avaliação de Muito Bom ou Excelente. Mais uma vez, estão presentes as famosas quotas que limitam o acesso ao nível superior de avaliação, originando competições desonestas e mau estar nas escolas. Pois todos os professores desejam ser excelentes e outros sentem que o são desde sempre, mesmo quando não era decretada a mudança nem exigida uma avaliação tão rigorosa.

Em muitas escolas não se verifica a partilha de experiências, a troca de opiniões, pois os professores escondem o que fazem para mostrarem na sua avaliação, com o intuito de serem melhores do que o outro colega da sala ao lado.

Esta pode ser uma das consequências mais negativas da avaliação porque o espírito de partilha, de troca de opiniões, como era realizado pelo nosso grupo quando trabalhávamos juntas, deixou de existir. Os professores gostam de se evidenciar com coisas novas na presença dos seus superiores, mas não de partilhar descobertas e experiências que resultaram com os seus alunos em sala de aula.

Perante todas as mudanças que se têm verificado nestes últimos tempos, continuarei a ser professora porque faço o que realmente gosto, mesmo com fracas condições de trabalho e com relações humanas e profissionais debilitadas.

No fundo e apesar de todas as vicissitudes inerentes à profissão, há uma coisa que ainda me prende a ela: as crianças, os nossos alunos, pois são seres sensíveis, amáveis e, acima de tudo, são muito sinceros, apesar de alguns comportamentos um pouco inadequados ao contexto de sala de aula.

Porém, na minha prática de docente pretendo desenvolver na escola onde exerço a minha profissão um trabalho colaborativo onde pensar e viver a escola como um espaço

educativo de crescimento, como um lugar em que professores e alunos têm prazer em estar, em trabalhar, em construir e em descobrir momentos enriquecedores.

Mais uma vez fico na esperança de melhores dias nas escolas e que os responsáveis pelas mudanças sejam assertivos nas medidas que tomam de modo a evitar mais 'desgraças' nas escolas, pois já nos basta o individualismo e a desmotivação profissional para atrasar a tão necessária mudança.

Narrativa Biográfica Escrita da Gabriela

Novembro/2008

REFLEXÃO

A divisão da carreira em duas categorias hierarquizadas e o primeiro concurso para acesso à categoria de professor titular trouxeram um visível mau estar ao ambiente escolar. A orgânica do concurso proporcionou que, professores com menos tempo de serviço chegassem à categoria de professor titular e outros com mais tempo de serviço não o conseguissem. A mudança das regras do jogo apanhou desprevenidos muitos colegas que já faziam a contagem decrescente para a idade da reforma e “empurravam” os cargos para os mais novos que, diziam estar mais frescos, com mais energia, ávidos por trabalho e “coisas novas”. Ora, esta outra face criou situações que, porque nunca foram bem resolvidas, vêm ao de cima em diversas situações, gerando mau estar.

Para agudizar esta situação quem vai aplicar a avaliação são estes “contestados” professores titulares, aos quais os seus pares não reconhecem competência para avaliar e que eles próprios questionam uma vez que: não tiveram formação específica e atempada, não dispõem do devido tempo para este processo de avaliação, cujos objetivos e formas de operacionalização também questionam. Assim, surgem no meio escolar, nos mails, ... as mais diversas chacotas sobre os avaliadores, questionando, competência e idoneidade na avaliação. Os que nada dizem a sua expressão vale por mil palavras...

Este é o ambiente que sinto e que várias vezes me faz vacilar e repensar esta realidade. Nestas alturas, o medo de não ser capaz, o receio de ser incompreendida neste processo, bate à porta. Não é o trabalho ou a falta de tempo, pois tudo isto se há de arranjar, esta é uma grande vantagem de ser professora do 1º ciclo, o problema é a relação entre os colegas que nos irá afetar negativamente. Estão a ser mudanças muito radicais, num período de desânimo e desconfiança, introduzidas de uma forma autoritária e acelerada, em que mal temos tempo para perceber e aplicar uma medida, logo surge outra.

O sítio onde o ambiente ainda se vai mantendo é na sala de aula, a muito custo, com muitas horas de trabalho em casa.

Procuo preservar ao máximo a turma, quando entro na sala de aula faço um esforço redobrado e deixo-me absorver pelo trabalho letivo. Alturas há em que até mesmo aqui o ambiente é mexido e alterado, por um telefonema urgente, por um aviso que tem de ser lido na hora, por um recado urgente, etc. Atualmente, a atividade dos docentes é de tal ordem ocupada que a maior parte do trabalho de planificação, materiais de apoio às aulas, organização de dossiês, relatórios pedagógicos, preparação de reuniões, ... realiza-se em casa, prejudicando o ambiente familiar, trazendo um stress acrescido e cansaço redobrado.

Os resultados escolares dos alunos, num sistema impregnado de burocracia, como autómatos a preencher papéis, que lhes são impingidos, de que não percebem a utilidade e onde apenas veem uma obrigação a cumprir, promove o desinvestimento na atividade pedagógica dos docentes, que irremediavelmente se reflectirá na qualidade e quantidade de experiências de aprendizagem, prejudicando gravemente o sucesso educativo. Claro que os resultados escolares por decreto serão a via mais fácil para camuflar situações incómodas.

Ser professora, inicialmente, não foi vocação, contudo, ao longo da carreira proporcionou momentos de realização tais, que não me consigo imaginar noutra atividade. Apesar de tudo, sinto que esta profissão é de eleição e para mim é uma forma de vida, pois transcende o trabalho de sala de aula.

Relativamente a outros profissionais, a docência foi sempre desvalorizada na hora da remuneração, mas valorizada na hora da obrigação, mesmo nos tempos atuais, a culpa e a cura está sempre do lado da educação e dos professores, confundindo os papéis dos docentes com os da família, do Estado e dos mais diversos profissionais (assistentes sociais, médicos, psicólogos, pais, ...). Contudo, não penso desistir, pois tenho consciência de que é mesmo como professora que me sinto realizada. A minha progressão na carreira e a valorização profissional será dificultada pelos motivos claramente economicistas que estão na base de todas estas mudanças. Se há quotas alguém terá forçosamente de ficar de fora e fará a sua progressão de uma forma mais lenta.

Concluindo, considero que havia necessidade de fazer mudanças mas, o processo falhou e o efeito poderá ser a mudança na continuidade. De facto corremos o sério risco de, na grande maioria dos casos, tudo continuar na mesma, não haver uma mudança real de práticas, será trabalhar para o Show off, para os avaliadores verem as aulas observadas nos belos papéis que não tarda nada serão disponibilizados a gosto do cliente nos mais

diversos modelos. A mudança tem de começar de dentro para fora e não em sentido inverso. Os professores têm de se identificar e implicar em todo o processo.

As mudanças em campos como a educação não podem ser por decreto e à velocidade da luz.

As mudanças na sociedade e, conseqüentemente, na educação colocam novas exigências à profissão docente. As mudanças sociais apresentam necessidades que implicam aos professores novas aprendizagens relacionadas com a atividade docente. Estas exigências podem advir do quotidiano escolar ou do ambiente social, económico, político, ou religioso. Perante estas situações pede-se uma resposta educativa capaz. Assim, a formação docente será grande parte da solução do problema a par com a capacidade de refletir sobre as práticas e o desenvolvimento de um trabalho colaborativo que nos torne cada vez mais capazes para o exercício da profissão.

Cabe-nos também a responsabilidade de refletir sobre a prática pedagógica, quer através da investigação, quer através do empenho sistemático num desenvolvimento profissional contínuo, do próprio, ao longo de toda a carreira profissional.

No contexto de uma aprendizagem ao longo da vida, o desenvolvimento profissional implica que os docentes: continuem a refletir sobre a sua prática pedagógica de forma sistemática; efetuem estudos ou investigação com base na prática pedagógica; integrem na sua prática pedagógica os resultados dos estudos realizados, tanto de carácter académico como baseados na sua prática; avaliem a eficácia das suas estratégias pedagógicas e as modifiquem em conformidade; realizem uma avaliação das suas próprias necessidades de formação.

Estas exigências têm de ser compreendidas, aceites e satisfeitas na ótica de um crescimento profissional conjugado na primeira pessoa.

Narrativa Biográfica Escrita da Patrícia

Novembro/2008

AVALIAÇÃO: Demagogia ou realidade?

De acordo com o artigo 3.º, ponto 2 do Decreto Regulamentar nº 2/2008 e passo a citar “a avaliação de desempenho do pessoal docente visa a melhoria dos resultados escolares dos alunos e da qualidade das aprendizagens e proporcionar orientações para o desenvolvimento pessoal e profissional no quadro de um sistema de reconhecimento do mérito e da excelência...”

Diz ainda na sua introdução que “A definição e concretização de um regime de avaliação que distinga o mérito é uma condição essencial para a dignificação da profissão docente e para a promoção da autoestima e motivação dos professores...”

Lendo minuciosamente cada uma das palavras atrás citadas não consigo encontrar nenhum indício de que o modelo de avaliação preconizado pelo Ministério da Educação venha efetivamente melhorar os resultados escolares, a qualidade das aprendizagens, promover o desenvolvimento pessoal e profissional, bem como, promover a autoestima e motivação dos professores. É tal o clima de tensão e discórdia que se vive nas escolas que se torna impossível promover a motivação e a autoestima de toda uma classe que tem vindo a ser humilhada, descaracterizada, desprofissionalizada, mediante as declarações que foram sendo feitas por elementos do ministério.

No entanto e no meu entender o mais grave da situação atual tem as suas raízes no Decreto-lei n.º15/2007 que remodela por completo o Estatuto da Carreira Docente. Pois se fizermos uma leitura ao referido Decreto podemos constatar que o “ ataque” tem aí o seu início. O primeiro ponto de discórdia é a criação de duas categorias de professores: os professores titulares e os “simples” professores. De acordo com o novo ECD esta divisão dotará cada estabelecimento de ensino de “um corpo docente reconhecido, com mais experiência, com mais autoridade, que assegure em permanência funções de maior responsabilidade e que constitua uma categoria diferenciada”. Este argumento é completamente falacioso uma vez que a maioria dos professores que é agora titular, são-no não no âmbito de reconhecimento do mérito e da excelência, mas antes porque estavam já no topo da carreira e muitos deles tiveram, por um lado, receio de possíveis sanções se não concorressem e, por outro, também sabiam que esta oportunidade

deveria ser agarrada se não quisessem depois ter de fazer uma prova (que ainda não se sabe bem como irá ser) para ingressar na categoria de professor titular. Por outro lado e quem anda no terreno sabe que muitos dos professores que têm a tão valorizada experiência são precisamente aqueles que procuram não desempenhar qualquer cargo de maior responsabilidade. Pergunto por isso, se um professor que sempre quis até hoje descartar-se de responsabilidades vai agora, por decreto, assumir e desempenhar cargos com total empenho, profissionalismo e autoridade... Não tenho dúvida que a criação destas duas categorias fez-se por questões meramente económicas e não como objetivo de melhorar o ensino e o seu funcionamento. Pois a partir de agora e tendo também em consideração as vagas que poderão existir para a categoria de professor titular será muito difícil ascender a essa categoria mesmo que seja um professor que na sua avaliação tenha sempre Excelente e desempenhe a sua função de forma exemplar. Pois até aqui as cotas entrarão, podem existir dez professores excelentes, mas se as cotas determinarem que só seis é que poderão ter essa nota, os outros terão que se conformar e continuar “motivados” à espera de uma outra oportunidade, ou então poderão sempre tentar arranjar um “avaliador amigo” que lute pelo seu excelente. É que infelizmente já se assiste a algumas movimentações para ver quem vai ser avaliado por quem e já se formam grupinhos que transferem para a avaliação quezílias pessoais.

Muitas das discussões que se têm dado em alguns agrupamentos e no meu também, geram-se não por motivos objetivamente profissionais, mas antes por questões pessoais. E, claro está que existem sempre aqueles indivíduos que adoram ter o poder na mão, não para melhorar o sistema mas para criar o caos, com desavenças, provocações e humilhações.

Levanta-se ainda outra questão, se um dos parâmetros de avaliação é o exercício de outros cargos ou funções de natureza pedagógica, os quais só podem ser desempenhados por professores titulares, que classificação irão ter os professores que não são titulares e não têm por isso acesso a estes cargos?

Todos temos consciência que a avaliação é um instrumento necessário e que qualquer reforma tem sempre contestação. Mas este modelo está a criar tanta confusão não só pela forma como foi anunciado e pelas dúvidas que criou (e que ninguém sabe ainda responder), mas também porque os agrupamentos que tanto invocam a autonomia, não sabem afinal trabalhar autonomamente, aproveitar oportunidades legislativas. Quero com isto dizer que, apesar de ter falhas, este modelo permitiu aos agrupamentos ter uma palavra a dizer aquando da formação das suas grelhas e nessa altura em vez de

facilitarem o que já por si é complicado e burocrático, ainda vieram dificultar mais todo este processo, acrescentando coisas e mais coisas sem necessidade.

Ainda de acordo com o referido artigo 3.º no ponto 2, diz que a avaliação visa a melhoria dos resultados escolares e da qualidade das aprendizagens. Mas para que os resultados escolares melhorem e as aprendizagens sejam significativas é necessário a (re)união de todo um conjunto de fatores tais como: espaços físicos condignos e funcionais, materiais e instrumentos essenciais para a prática docente e que estejam em condições de serem utilizados, professores capazes de desenvolverem a sua função de forma profissional, responsável e que possuam conhecimentos científicos e pedagógicos, alunos respeitadores, motivados, recetivos e com vontade de aprender e pais e encarregados de educação que reconheçam a escola como uma instituição credível e capaz de ensinar os seus filhos.

No meu entender não será a avaliação que irá criar todas estas condições para que o ensino público se torne num ensino de efetiva qualidade, porque temos que reconhecer que a escola pública tem que melhorar, mas existem milhares de profissionais que trabalham diária e arduamente para que esse objetivo seja atingido.

Há, no entanto, muito a fazer e um dos caminhos seria por exemplo tornar com que a tão desejada articulação entre ciclos fosse uma realidade; realizar plenários e colóquios com convidados especializados onde seja possível a troca e partilha de experiências e onde todos se possam desenvolver profissionalmente e onde a formação não tenha como via única as tão faladas ações de formação que ficam agora à responsabilidade de cada professor e aquém das suas necessidades.

A partilha e a colaboração tão necessárias na nossa profissão estão agora mais do que nunca comprometidas e ameaçadas. Pois este novo modelo vai favorecer os mais egoístas que se fecham no seu “mundo” e na sua “sala”, com os seus conhecimentos e experiências.

Por acaso ao nível do 1.º ciclo ainda não assisti a uma situação dessas dado que nas nossas reuniões de coordenação de ano continuamos a trabalhar num clima de cooperação e partilha, tentando ser honestos e amigos. Mas ao nível do 2.º e 3.º ciclos tive já conhecimento de professores que na tentativa de se destacarem, estão já a preparar materiais que tentam esconder dos colegas.

As ações de formação propostas para o meu agrupamento, algumas delas possuem bastante qualidade e traduzem-se em crescimento profissional, mas outras nada contribuem para o nosso desenvolvimento profissional. Acho revoltante ter de procurar

em diferentes locais (longe ou perto da minha escola) onde haja ações de formação do meu interesse.

Com a legislação emanada recentemente, não interessa se a formação é ou não relevante, interessa sim frequentá-la para assim ter os créditos exigidos por lei. Por exemplo, inscrevi-me para frequentar ações de formação no meu agrupamento, mas como elas não se realizaram tive de arranjar maneira de frequentar uma ação (por causa do novo modelo de avaliação). Por sorte, uma colega que até conhece bem um formador de matemática pediu-lhe para que integrássemos num grupo em qualquer outro agrupamento. Caso contrário andaria aflita a tentar arranjar formação ou então teria que me inscrever numa formação em que tivesse que pagar.

Falemos agora das avaliações dos alunos. Penso que a avaliação dos alunos constitui um dos parâmetros da avaliação dos professores que vai com certeza contribuir para que o grau de exigência seja cada vez mais baixo, pois como alguém me dizia: “podes ter a certeza que não me vou prejudicar por causa das notas dos meus alunos, nem que tenha de fazer fichas de avaliação que exijam apenas conhecimentos muito básicos e não me preocupo com as provas de aferição porque também elas têm baixado no nível de dificuldade”.

Esta afirmação feita por um professor não deixa de ter um pouco de verdade, pois é na realidade o grau de dificuldade das provas de aferição tem vindo a diminuir e por outro lado não sei até que ponto as notas e as estatísticas publicadas correspondem à realidade.

E as aulas observadas? Penso que o problema reside no facto de muitos professores terem receio dos seus avaliadores por não terem formação na área da supervisão pedagógica, pois é exigida que seja feita pelos pares. Esta situação, no meu entender, deve criar muitos problemas aos avaliadores, porque se sentem inseguros e receosos nessa sua nova função.

Além disso, também sabemos que as aulas assistidas podem traduzir uma realidade manipulada e teatral, ou seja, um professor até pode planear e pôr em prática uma aula bem concebida sempre que ela for assistida e o resto do ano poderá nem sequer planear as suas aulas, porque pode não lhe ser exigido um dossier. E também aqueles casos em que se cai no ridículo de ensaiar previamente a aula. Eu tenho conhecimento de um caso em que numa ação de formação, o formador foi assistir a uma parte da aula e, rapidamente, se apercebeu que a aula havia sido previamente ensaiada.

Transpondo um episódio deste para uma aula assistida por um avaliador, pergunto o que faria um avaliador numa situação destas?

Outro dos pontos que me coloca reservas no novo ECD é o facto de existir um período probatório. Todos os pontos mencionados no artigo 31.º não deveriam ter já sido “testados” no estágio que os alunos fazem na universidade, ou só ao fim de quatro anos de estudos e depois de uma licenciatura estar terminada é que se vai verificar se um individuo tem ou não capacidade de desempenhar funções de professor. Ou será ainda que com este modelo se pretende aferir os conhecimentos que a universidade transmite?

Coitados daqueles que se estão a formar agora. Parem, pensem bem e talvez mudem de curso.

Por vezes e, por escassos segundos, até a mim me assola a ideia de mudar de profissão, mas encontro logo dois entraves: primeiro não tenho formação noutra área e segundo ainda continuo a gostar muito do que faço, apesar de toda esta confusão.

Uma coisa é certa, muitas das vezes torna-se necessário e imperioso nos abstrairmos de tudo o que se está a passar na educação, pois só assim arranjamos forças, energia e motivação para continuar a desempenhar o nosso trabalho de forma profissional, tendo como principal objetivo facultar aos nossos alunos aprendizagens significativas que contribuam para a sua formação como cidadãos. Pois se nos pomos a pensar em todo este emaranhado de problemas, dúvidas e frustrações não conseguiremos desempenhar a nossa função que é ensinar. Temos de estar atentos ao que se passa e à forma como todo este processo se vai desenrolando, dando sempre que possível o nosso contributo no sentido de melhorar, mas não nos podemos deixar levar por toda esta onda de contestação.

Na minha opinião estamos numa fase em que todos criticam, inclusive os sindicatos que tão mal nos representam e que com a ministra assinaram uma base de entendimento, mas ninguém apresenta outras soluções que viabilizem todo este processo, parece que o único caminho que existe é a suspensão da avaliação e no meu humilde entender acho que nos devíamos preocupar em encontrar outros caminhos, se não poderá ficar a ideia de que afinal os professores não querem nenhuma avaliação, apesar de insistirem no contrário.

E, francamente, eu já acho que chega de criticar este modelo, toca é trabalhar para melhorar este ou encontrar outro que dignifique a nossa profissão, que melhore todo o processo de ensino aprendizagem, que melhore os tão desejados resultados escolares e

acima de tudo que proporcionem às nossas crianças e aos jovens um ensino de qualidade numa escola pública de qualidade.

Durante estes últimos dias houve alterações e muitos dos pontos críticos deste modelo que me referi ao longo desta reflexão foram já alterados.

Ainda há que o melhorar mais, mas penso que para isso também é necessário que os professores deem o seu contributo não através dos sindicatos, porque já está mais que provado que eles não fazem nada a não ser manifestações e reações um pouco desnecessárias. Gostei de ver aquela manifestação organizada por professores que queriam demonstrar o seu descontentamento, por não serem criadas associações ou movimentos cívicos de professores que se reunissem para debater a avaliação e procurar encontrar modelos que efetivamente contribuíssem para “ a melhoria dos resultados escolares dos alunos e da qualidade das aprendizagens e proporcionar orientações para o desenvolvimento pessoal e profissional no quadro de um sistema de reconhecimento do mérito e da excelência...”

Narrativa Biográfica Escrita da Sónia

Outubro/2008

O meu testemunho

Pedem-me que faça uma reflexão acerca do ser professora em tempos de mudança (tempos que vivemos presentemente), assumindo os documentos legislativos a marca da mudança emanada pelo Ministério da Educação e, ao mesmo tempo o impacto que os mesmos têm na minha vida profissional e pessoal e na vida dos meus alunos.

Como me sinto? São tantas as palavras que me atravessam a mente... mas duas têm mais significado. Muito antes de injustiça... burocracia... desautorização... exigência... luta... aparece sempre a palavra MÃE. Sim, em maiúsculas! Sou mãe e sinto que o nosso ministério e em particular esta ministra, me quer roubar isso. Vivo atolada em papéis, grelhas, inquéritos, registos, planificações, reuniões, planos de recuperação e acompanhamento... E a família? Quantos de nós, mães, pais, e até filhos com pais idosos e doentes a cargo, sacrificam a sua família, por um trabalho em que tantas vezes já não acreditam, mas têm que cumprir?

A segunda palavra que frequentemente me surge quando releio o novo Estatuto da Carreira Docente (ECD) e o diploma da avaliação, é ESPERANÇA. Tenho uma profunda esperança de que as teorias que iluminaram os autores destas mudanças, caiam por terra com o decorrer da execução de todas estas alterações e possamos de alguma forma encontrar um novo caminho que torne a escola um lugar aprazível para todos.

Sobre o novo ECD sinto-me defraudada nas minhas expectativas profissionais. Nunca chegarei ao topo da carreira e muito do meu tempo não será certamente a mostrar que sou uma docente competente, mas a demonstrar que não sou má secretária e que tenho bem arquivado os registos que me pedem. As quotas são outra invenção desastrosa, que a longo prazo causará inveja, discriminação, “namoros”, rivalidades e segredinhos. Neste momento algumas das minhas colegas não saberão mais do que eu, quer a nível de registos, novas estratégias e abordagens, inovação na sala de aulas ou novas tecnologias, e são professoras titulares. A experiência conta? Por isso mesmo estão no topo da carreira, onde eu pretendia chegar com a passagem do tempo e agora duvido. Outra injustiça foi acrescentar dez anos ao tempo da reforma. Vou trabalhar quarenta e três anos, até aos sessenta e cinco anos. Se tivesse sido preguiçosa nos

tempos de faculdade, feito noitadas em vez de estudar, aí sim, seria recompensada, pois começaria mais tarde a lecionar e a reforma seria com a mesma idade, logo, menos anos dedicados ao ensino. É este um dos pontos onde espero haver mudanças. Quarenta e três anos a lecionar é muito tempo! Uma eternidade! E sempre com mais horas do que os outros ciclos. Outra injustiça! Questiono: se o estatuto é só um para todos os professores, porque nos aumentaram ao tempo de serviço e eles continuam com direito a redução das horas letivas em função da idade? E porque podem eles organizar o seu horário de modo a terem um dia livre por semana? Inveja? Não. Injustiça. Senão vejamos... com um dia livre eles podem organizar a sua vida particular e evitar as faltas. Reflexos na avaliação... em caso de empate com um professor do 1º ciclo, quem tem mais probabilidades de ter faltas, mesmo que justificadas? Quem entra na quota do Excelente? Pois... ele... Outro desempate... mesmo cumprindo as horas na escola, sem serem letivas, podem dinamizar clubes... participar em projetos... o professor do 1º ciclo estando na escola, está sempre a lecionar... em caso de empate, quem tem mais probabilidades de ter participado em projetos, estando as mesmas horas na escola? Quem entra nas quotas?... Pois... novamente os dos outros ciclos.

No meu dia a dia já se notam mudanças. O meu rigor está a diminuir. Assumo isso. Lamento. Tenho menos tempo para preparar as aulas, porque tenho que fazer outros registos. Torna-se mais importante cumprir a planificação do mês, do que assegurar que os alunos compreendem e assimilam. Se tenho quotas de sucesso, significa que é necessário nivelar por baixo, para que cada menino atinja esse mesmo sucesso. Sim, porque ninguém ouse dizer, hipocritamente, que vai continuar a ser exigente, sabendo que há metas para cumprir e, que poderá não conseguir e ser prejudicado na sua avaliação. A ministra fica contente. As estatísticas melhoram. A Confap bate palmas e os pais agradecem. Os professores sentem-se frustrados na sua missão e os meninos acumulam ignorância.

No dia a dia tentamos o apoio individualizado, mas as turmas crescem de tamanho; fazemos planos de recuperação mas são formatados e iguais para os alunos todos; chega o final do ano e é mais um relatório a dizer que o menino tem muitas dificuldades mas transita como os outros. E no ano seguinte, por certo, ainda teremos os pais “à perna”, a exigir que o filho tenha os mesmos manuais e trabalhos que os outros porque ele transitou.

Neste momento tenho que ser uma boa secretária e dominar bem as TIC, para elaborar um bom portefólio; tenho que ser ama e tratar dos meninos, incluindo saber

sempre o porquê de não irem à escola; ser supervisora das AEC, em áreas que não domino; e no fim, ser professora, mas uma professora com um sucesso educativo voltado para as estatísticas.

Sinto falta das ações de formação que escolhia em função dos assuntos que verdadeiramente me interessavam, independentemente dos créditos ou das horas; faltam-me as reuniões feitas para debater assuntos da escola, mas também assuntos relativos ao nosso saber; as reflexões em grupo sem hora marcada, os colóquios, ... etapas que os documentos legislativos desconhecem, pois estão ausentes.

Agora tudo se anota, tudo se regista para fazer parte das chamadas “evidências” e nada se aprende com os outros, pois não há partilha desses registos, perde-se muito tempo a discutir o que colocar em determinado documento que vai ficar esquecido nas nossas gavetas.

No meu agrupamento ainda não se sentem grandes mudanças nas relações entre os professores. Mas... o que vou dizer não pode ser usado nos inquéritos, pois seria facilmente identificável... há quem assuma que trabalha para o Excelente e menos do que isso irá reclamar. Agora pasmem-se... a reclamação não se baseará na nota que acha injusta lhe atribuírem, mas porque outros trabalharam menos do que ela... e estou certa que recolherá evidências daquilo que os outros não fizeram. É de loucos!

Nesta perspetiva, eu diria que a avaliação está invertida: quando comecei a trabalhar eram os alunos que tinham que estudar pela vida fora e mostrar que aprendiam e atingiam as competências para si estabelecidas. Agora são os professores que têm que mostrar o ano inteiro que são capazes. São eles os avaliados. E sabemos também que não reconhecemos em determinados avaliadores a competência necessária para o fazerem. Duvido que ter muito tempo de serviço seja condição suficiente para avaliar colegas mais novos que, por vezes, são mais interessados, sabem mais e dão mais ideias para resolver qualquer problema.

Neste momento, quase que basta ao aluno consultar o site do seu agrupamento e fazer continhas... se a minha turma tem “X” alunos e só podem “chumbar” outros “X”, então eu estou safo!

Os alunos ficaram a perder com tudo isto. A escola quase se tornou uma prisão. Para alunos e professores. O sentido de missão de ensinar está a diluir-se. Os alunos não têm tempo livre para desfrutar da escola, com aulas de substituição, prolongamentos, Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC). Viva as AEC! Mas fora da sala de

aulas, onde estiveram o dia inteiro! Educação Física? Sim! Nos pavilhões municipais. Música? Sim! Mas com instrumentos.

Apoio ao Estudo? Pois... Apoio a uma turma inteira, ou melhor, fazem os TPC, que gentilmente a colega marcou para passarem os 45 min. E, a juntar a isto, a coordenação entre o professor titular de turma, que é o primeiro responsável pela turma, com os professores das AEC. Teoria. Principalmente onde há atividades das AEC intercaladas com as letivas. Ou como eu, que tive um ano em que entrava às onze e saía às cinco e meia, por causa das AEC. Sou totalmente contra as AEC. Lamento se ofendo os colegas. E isto não tem nada a ver com o trabalho deles. Mas são horas a mais no espaço físico escola, quer para os alunos, quer para os professores, que muitas vezes têm o seu horário feito em função das AEC, dificultando a vida ao professor se pretender frequentar algum curso, ou se quiser partilhar conhecimentos com colegas para ser melhor professor.

Cada vez é mais difícil ser professor. Professor com gosto pelo ensino. Professor dedicado aos alunos. Dedicado à escola, por sua iniciativa. Sinto que estamos menos disponíveis para partilhar saberes, conhecimentos e estratégias. Não há vontade, não há tempo, não há gosto, não há motivação...

Os professores estão cansados. Sentem-se incompreendidos pela sociedade em geral, que pensa, sobretudo, que 27 horas com alunos não é nada comparado com 40 horas na fábrica.

Talvez as mudanças fossem necessárias. É certo que temos que ser avaliados. Mas se antes fazíamos um relatório pormenorizado sobre nós e as nossas turmas / escolas, agora para além de uma panóplia de papelada, uma pesquisa na net faz-nos os objetivos individuais a entregar no agrupamento (iguazinhos para o país inteiro). Que boicote melhor esse, do que copiar? Afinal não estamos todos interessados em reduzir o insucesso, em participar em reuniões, em cumprir a planificação, em participar em ações de formação, etc, etc... Que raio de objetivos são esses?

Vou continuar a ser professora, sim, vou. Gosto muito do que faço. Encontrei boas colegas neste agrupamento, com quem posso contar. Gosto de partilhar o meu saber com os meus meninos e perceber o deles. Tenho pena que me estejam a cortar as pernas, a liberdade de ser uma professora feliz e motivada para o meu trabalho, tal como fui no início da minha carreira pelas experiências enriquecedoras que tive oportunidade de viver.

O que me apetece fazer? Tanta coisa. Viajar no tempo para trás e voltar a ter um grupo coeso de trabalho ou viajar até ao futuro, quando esta ministra for embora; acabar com as quotas da avaliação; acabar com a divisão na carreira entre professores e professores titulares; queria mesmo poder continuar nesta escola que estou agora ou neste agrupamento, mas os concursos estão aí e avisam-me que isso não será possível. Quando penso que estava perto da estabilidade, eis um novo problema. O mesmo problema que vivi noutra escola, onde senti uma grande injustiça: deixar a minha escola/turma para dar lugar a outro professor mais velho que nada sabia e sentia pelo trabalho que desenvolvíamos, deixando os meus projetos incompletos. O mesmo professor que hoje continua a beneficiar das medidas tomadas nos documentos legislativos, assumindo a categoria de professor titular, porque tem mais tempo de serviço. No entanto, na minha opinião este tempo poderá não ser sinónimo de competência, de desempenho... tal como nos querem mostrar os legisladores.

Assim, sinto-me triste. Triste pelos que desistem; triste pelos que tentam e não conseguem entrar; triste por mim.

E eu que já soube o que era trabalhar com alegria em conjunto com os colegas, onde os alunos eram o centro da escola, tudo era a pensar neles e não na legislação que nos avaliava. Tudo era feito com gosto e sem obrigação, mesmo em tempos de mudança.

Esta mudança está muito difícil de aceitar, os professores motivados estão a ser prejudicados e começam a desistir.

Quem vai salvar a escola? E os professores têm salvação?

ANEXO 2 – Narrativas Biográficas Orais (2010):

NARRATIVA BIOGRÁFICA ORAL DA AMÉLIA

Nome: Amélia

Dia: 3 de maio de 2010, pelas 17 horas

Local: Centro Cultural de ...

Condições: Numa sala ampla e com luz natural

Duração: 36 minutos

Investigadora - Gostaria que me falasses da tua profissão. Como é que te sentes presentemente na tua profissão?

Amélia - Presentemente, sinto-me um pouco mal, em alguns aspetos, primeiro em relação aos alunos, têm um comportamento cada vez mais horrível, não têm regras, não têm responsabilidade, não têm nada, nem têm hábitos de trabalho, os resultados são cada vez, cada vez piores, nem se empenham no trabalho, não têm hábitos de estudo, nem em casa nem na escola, sempre desatentos, sempre constantemente, é preciso constantemente chamá-los à atenção, cala-te, senta-te, não sabes estar sentado, estragam os materiais, rasgam os cadernos, as borrachas, os lápis, desfazem tudo, são, têm comportamentos mesmo, mesmo, desadequados dentro da sala de aula. Em relação à aprendizagem, nem se importam, nem querem saber, mesmo que eu lhes arranje as melhores motivações, os melhores trabalhos, os melhores os melhores materiais, por muito que eu me empenhe em tudo isso eles, nem sei, parece que andam eles têm em casa, com tanta coisa boa que eles têm em casa, desde, desde as, os computadores, desmotivados, nem querem, nem se sentem também motivados para trabalhar. Bem eu também compreendo que essa situação também tem muito a ver, com o que eles, com tudo o que as, como é que se chama? As *playstations*, as, ummm...é, as mp3, pronto todas essas coisas, e depois a televisão, perdem aí muito tempo. Claro, que a escola é mais desmotivante, não tem nada dessas coisas, não interessa, nem lhes interessa nada. Os próprios encarregados de educação, também em relação a eles, também ando muito desencantada. Em casa não colaboram com nada, todas as responsabilidades sacodem para escola, portanto, o professor é que tem que ter, nós na escola, acabamos por ser as mães que lhes lavamos a cara, que até, por vezes, até chegam sujos à escola, temos que ter sempre o cuidado se almoço, se tomou o pequeno-almoço se não tomou, pois se não tomou, lá vai ele tomar o leitinho da escola, pronto, que é um pacote a que ele tem

direito, portanto, que pode tomar logo no início da manhã, no fim ou a meio. Depois, em relação aos encarregados de educação ainda, estão pouquinho tempo com eles, que, que não lhes impõem regras também em casa, nem, nem sequer se preocupam em dizer-lhes: olha, logo porta-te bem na escola, porque deves, deves portar-te bem, nada! não há preocupação nenhuma que eles passem bem o dia na escola, com adquirirem conhecimentos, com nada, não se importam com nada, nem se, até propriamente o material que utilizam, aparecem com tudo partido tudo, tudo espatifado em casa, não se preocupam, pois estragou-se aquele, não faz mal, levas outro, vê-se que há assim também um desinteresse muito grande por parte dos encarregados de educação. Até propriamente na alimentação, na cantina, não têm regras, partem a louça, estragam os bancos onde estão sentados, a comida, não gostam de nada, não estão habituados a tomar refeição nenhuma em casa, não gostam de sopa, porque não gostam de batata cozida, porque não gostam de peixe, porque só gostam da sopa que vem cozinhada do supermercado, que só gostam do frango assado que vem do supermercado, não gostam, pronto, a escola tenta dar-lhes de tudo o que é o melhor, e...mas nada, nada está bem para eles, e também para os encarregados de educação, no fundo, no fundo, também não lhes dão orientação nenhuma, para que possam melhorar em todos os aspetos.

Em relação às colegas, eu na minha escola, não tenho assim muita queixa, as colegas lá vão colaborando em trabalhos que costumámos fazer, as nossas, algumas atividades em conjunto, alguns trabalhos também em conjunto, quando se prepara uma festa, quando se prepara uma, uma efeméride qualquer, ou o S. Martinho, tentamos fazer atividades idênticas, portanto, preparamos tudo em conjunto, pronto, vai-se fazendo o melhor que se pode e partilhamos umas com as outras. No agrupamento, em relação aos colegas do agrupamento, também há uma certa colaboração, também há uma certa colaboração, até na troca de materiais, na troca de...mesmo de trabalhos, mesmo trabalhos e aaaa, para cada uma de nós poder melhorar a sua prática pedagógica no dia a dia. Pronto, além dos materiais, também trocamos experiências, trocamos conhecimentos, uma ou outra, que vá tendo uma formação fora do agrupamento, depois traz as novidades para os professores do agrupamento, ou para as, para os professores da escola. A direção, em relação à direção executiva, também, eu sou coordenadora da escola, e sempre que solicito qualquer esclarecimento, qualquer informação, sou sempre atendida da melhor maneira e, realmente, sou também muito apoiada, apoiada, porque eu trabalho numa escola, que tem muitos problemas, as crianças são oriundas, a maior parte delas de famílias de risco, portanto, são oriundas dum bairro com bastantes

problemas a nível económicos, a nível de toxicodependência, com problemas de álcool, pronto, a maior parte dos alunos é então de, de famílias desestruturadas.

Depois, há outro assunto que também me faz com que eu ande um pouco desanimada com a, com a profissão: é o excesso de burocracia, muitos relatórios, muitos papéis, muitos mapas, muita coisa, que faz perder muito tempo e que me fica mesmo muito pouco para, para eu preparar as aulas para os meus alunos, preparar os materiais, preparar atividades, e até a minha auto formação, porque, antigamente eu tinha tempo para no final da preparação das aulas, porque gastava pouco tempo em burocracias, gostava de ler livros, livros de, relacionados com, com a escola, não é? Livros pedagógicos, e que, e que me ajudavam muito no meu dia a dia. Agora, com o excesso de burocracia, eu não tenho tempo para fazer mais nada, são os Sábados, são os Domingos, são...é, é, pronto, como sou a coordenadora, tenho muitas coisas a meu cargo. É a cantina, é o leite, o leite, pronto, é uma vez por mês, mas dá, sempre também, seu o transtorno, porque a escola ainda tem bastantes alunos, e são muitos alunos, são muitas contagens, pronto, e gasta-se sempre muito tempo. A cantina ... são os pagamentos, é o preenchimento do número de almoços, é a diária, depois mensal, (aaa) depois também é falta de pagamento, porque nem sempre vem a tempo e horas, depois tem aquele período de tempo, tem de se esperar muito, pronto, é sempre tempo que se perde. E depois, há outras coisas que eu tenho de preparar, porque são as festas, as visitas de estudo, as reuniões que eu tenho muitas vezes com os elementos da Associação de Pais, associação de pais, são...aaaa, ...sei lá, aaaa... prontos, e outras atividades que vão, que vão surgindo. Em relação à escola ainda, agora até há a fruta, aquele tempo também que se perde a dar a fruta, pelo menos alguns dias da semana, pronto, isso, todos esses aspetos me trazem um pouco descontente, porque eu ocupo, no fundo, pronto para resumir em termos de conclusão, é assim, eu tenho muito pouco tempo para dedicar aos meus alunos e à minha e às atividades da minha sala de aula no meu dia a dia, e, e, e gasto muito tempo com outras coisas que eu acho desnecessárias e aquilo que é mais importante para mim é realmente o trabalho com os meus alunos e é o que eu não tenho tempo. Por isso eu ando, por vezes, muito angustiada, porque, e insatisfeita, porque num fiz o que queria ter feito, e ah, ainda há outro assunto, é as interrupções como coordenadora da escola, que eu tenho de momento a momento, porque é, para se atender um telefone, porque é para atender um elemento que vem da câmara, porque para fazer uma obra, porque é isto, pronto, imenso tempo que se perde

depois também, fora da sala de aula. Pronto, em relação a, penso que já... que resumi aqui a minha insatisfação. (risos)

Investigadora - Nos dois últimos anos, houve mudança na tua prática pedagógica?

Amélia - Sim, houve algumas mudanças, por exemplo, no ano passado, ou no ano transato, pedi a avaliação, tive duas aulas observadas, devo dizer que foi uma sensação um bocado arrepiante, ou má, os alunos não colaboraram muito, eu tenho uma turma muito difícil, uma turma do primeiro e segundo ano, e ... muito pouco colaborante, são crianças muito irrequietas, muito desatentas, e depois, acima de tudo, não são autónomas, que é o grande problema da turma, é a falta de autonomia, não trabalham sozinhos só comigo ao lado, pois se eu estou a auxiliar um, e a seguir vou, deixo aquele e vou para outro, depois aquele já fica na brincadeira, já fica a tombar-se da cadeira abaixo, já fica a fazer barulho, já fica a perturbar os outros, enquanto que os outros tão também a perturbar esses alunos a quem eu estive a ajudar, e é assim sucessivamente, pronto, é uma turma que não é autónoma, precisa constantemente do apoio, da minha ajuda, e, e..., eee, não tenho, não tenho apoio, não tenho apoio, há uma criança que é apoiada, mas pronto, é só essa criança que é apoiada e mais nenhuma das outras o é. Quando há a disponibilidade de uma auxiliar, auxiliar, pois se não tem mais nada que fazer fora da sala de aula, em relação às arrumações, eu peço-lhe, peço-lhe que me auxilie, porque ela mesma tem algumas, algumas habilitações e, e ela pode em todo o caso, ajuda-me, ajuda-me, ajuda-me por vezes. Pronto, em relação à avaliação, como disse, há pouquinho, eu tive duas aulas observadas, não foi muito boa a experiência, os alunos na sala colaboraram pouco, aaaa...mas também, pronto a colega, foi uma das minhas colegas que me foi avaliar, aaa...mas, no fundo também foi bom, foi bom, porque também, no final ela disse: -Olha, devias ter feito assim, devias ter feito desta forma, e eu tomei atenção a essas instruções, e pronto melhorei, uma delas foi precisamente na utilização das novas tecnologias, numa das outras aulas em que tive aula assistida, eu tive que, mesmo de comprar um projetor, que a escola não tem condições, comprei, então, um projetor, para usar o power point na sala de aula, e pronto, e agora ultimamente, utilizo quase todos os dias o projetor na sala de aula, porque, pronto, afinal, aaa.. o que tenho utilizo. Em relação ainda à avaliação, pronto eu consegui adquirir um 'muito bom', mas também tive sorte, porque pouca gente, poucas

colegas pediram a avaliação e as cotas foram suficientes para todos os que pediram, e eu tive sorte no tal 'muito bom', mas, aaaa...mas é assim, eu acho que não é, não é muito justo, porque, o ano passado, ou seja o ano passado, eu tive essa sorte, mas se fosse muita gente se calhar eu ficaria pelo 'bom', ficaria pelo 'bom'.

Investigadora - Porquê?

Amélia - Pois, ficava pelo bom, porque, entretanto, as pessoas eram muito mais, podia, tinham, podia, até tinham aquilo que nós chamamos as cunhas ou as simpatias e nesse caso já não chegariam as cotas para toda a gente, portanto, nesse aspeto fui realmente feliz.

Investigadora - Em que tipo de oportunidades de desenvolvimento profissional, estiveste envolvida nos últimos dois anos, e com que frequência?

Amélia - Por incrível que pareça, estes últimos anos, foram os anos em que eu tive menos acesso a formação. Nos agrupamentos, quase nem apareceu formação nenhuma, ou nenhuma praticamente, eu ainda me inscrevi, inscrevi em várias ações de formação, nomeadamente na Língua Portuguesa e na Matemática, mas, nem tanto uma área, nem como a outra, não fomos, eu e os colegas, não é? Não fomos chamadas, mas não foi o agrupamento presenteado com esse tipo de formação ... também para fazer o mestrado, com tanta coisa para fazer, num me sinto capaz, não tenho tempo, não, não há mesmo tempo, portanto numa forma geral, eu considero que estes últimos anos foram os piores anos de formação, não, a oferta não tem sido praticamente nula, tem sido nula. Antigamente, eu tinha acesso a muita mais formação durante o ano, e chegava a fazer duas, três formações, participava em, em...em oficinas, cheguei a ter tempo ainda, para fazer uma...aaa...cheguei ainda a fazer uma especialização em Administração Escolar, fiz também o meu Complemento de Formação, mas agora, agora, com a avaliação, era, era, é a forma, ou é a altura que ainda precisava de mais ajuda, e, e não há, e não surge, não surge, e sinto-me mesmo, mesmo insatisfeita em relação, em relação à formação e porque agora a avaliação é muito mais exigente, muito mais exigente, e, por isso, eu gostava que nos fosse facilitada mais, mais, mais formação e não o é. Pronto, tempo também é pouco para estudar, mas, mas, se retirassem, se nos retirassem mais, mais trabalho burocrático, talvez ainda desse para fazer mais qualquer coisa, mas afinal tive

sorte ainda de fazer alguma coisa antes de vir este tipo de avaliação, esta forma de estar no ensino, porque senão então, eu não tinha feito mais nada.

Investigadora - E continuando, nestes últimos dois anos sentes maior satisfação e motivação profissional na escola? E no agrupamento? Porquê?

Amélia - Eu, sinto-me mais desmotivada, como disse anteriormente, não tem havido formação, o tempo para discutir o que é importante, também não há, aaa...em relação, os alunos também, também estão a desmotivar muito o nosso, o nosso trabalho, eu não tenho, começo a não ter capacidades, a ter, capacidade, ou a ter tempo para procurar o melhor para eles e depois, para além, ah, e também, e menos motivação, depois, para além do pouco, do pouco que somos reconhecidas, portanto, ninguém reconhece o meu, neste caso, o meu trabalho, nem os alunos, nem os pais, nem a sociedade, nem a sociedade em geral, e por vezes até, por vezes, até a própria direção, direção executiva. Por falar em direção executiva, um dia destes, foi já no início deste período, aaaa...ou seja, no período anterior, no final, pediram-me para realizar uma atividade, só que, eu pessoalmente, a minha turma já estava com atividades, tudo programado, tudo, pronto tudo arranjado de forma a não poder fazer, que não podia fazer mais nada, nem eu nem os alunos, porque os alunos não são muito bons, também não têm capacidade, aquela capacidade de trabalho, que eu desejaria, o que eu gostaria que eles tivessem. E, então, a direção executiva, ficou muito chateada por não ter participado nessa dita atividade, e pediram-me mesmo para eu especificar qual o motivo porque não participei, realmente não fiquei muito satisfeita, não fiquei, tive que escrever e escrevi, pronto, e justifiquei e coloquei na justificação, todas as atividades que eu tinha programadas para esse mês, porque foi durante o mês de março, coloquei mesmo na justificação todas as atividades que tinha para participar e então, pronto, foi assim uma situação um pouco ridícula, penso que para mim e penso que também para a direção executiva, porque também não podemos ser, abusar da nossa, da nossa, das nossas possibilidades, nossas, nossas e da turma, não é só nossas, pronto, e resumindo, acho que o que eu faço, que o que eu faço e o que eu posso fazer, já chega, e muitas vezes nem vale a pena estar a, estar, acho eu, a trabalhar tanto, porque o reconhecimento de todas as partes nem sempre é bem...é , é nulo.

Investigadora - Como te sentes quando acontece uma boa experiência de aprendizagem profissional?

Amélia - Ora bem, quando acontece uma boa experiência de aprendizagem profissional, sinto-me satisfeita, porque tudo o que roda à minha volta, vai beneficiar, desde os alunos, vão beneficiar, prontos, os meus alunos, até as minhas colegas, porque assim eu posso partilhar e eu própria também enriqueço, também vou enriquecer os meus conhecimentos, também vou beneficiar dessas, dessas aprendizagens, e assim, poder partilhar com outros. Eu, há muitos anos atrás, mas já mesmo muitos anos, vivi uma experiência de formação que me motivou bastante e me ajudou, e me, me ajudou ao longo de toda a minha carreira, foi uma formação no domínio da Matemática e da Língua Portuguesa, aaa...ajudou-me a dar-me melhores aulas, foi uma formação ao longo do ano, eu tinha, trabalhava em regime duplo da tarde, e eu todos os dias, a manhã era ocupada nessa formação, depois nós aí aprendemos a construir materiais ligados à Língua Portuguesa, materiais ligados à Matemática, e, e formação mesmo, formação, em relação aos conteúdos programáticos dessas áreas. Foi uma experiência realmente ótima, que, nunca mais tive na minha vida, mas lá está, porque naquele tempo não se perdia tempo, não se perdia tempo em burocracia e eu tinha tempo para me dedicar mais ao trabalho, eu acabava, que no fundo, acaba-se por trabalhar muito mais para a escola ao mesmo tempo, do que propriamente hoje, do que propriamente hoje.

Investigadora - Então se continuarmos nessa perspetiva, como é que tu caracterizarias uma boa oportunidade de desenvolvimento profissional?

Amélia - Olha, uma boa oportunidade, teria que ser uma, uma oportunidade que me realizasse profissionalmente, que sentisse que seria importante para a prática e no debate na sala de aula e que pudesse partilhar com as colegas, tanto as da escola como com as colegas do agrupamento, aaaa...com formador, ou com pessoas que conhecesse da escola, ou com mais experiência, pronto, que se desenvolvesse, que me desenvolvesse profissionalmente, principalmente que me mantivesse motivada e para continuar a minha carreira como professora e conseguir resolver as dificuldades, as dificuldades do dia a dia.

Investigadora - Então como é que tu perspetivas o teu desenvolvimento profissional? Que expectativas profissionais, tens para o futuro?

Amélia - Ora bem. (silêncio) Como sempre, é sempre a bater na mesma tecla (risos) é largar o excesso de preenchimento, e, de papeladas, eu acho que nós que dedicamos muito tempo a relatórios e eu acho que isso não interessa, não interessam nada, nada, nada, para o desenvolvimento cognitivo dos nossos alunos. Não vale a pena, eu já tenho visto, que não vale a pena, como disse anteriormente, eu antes tinha, dedicava-me muito mais aos meus alunos e tinha muito melhores alunos, agora não, os alunos não têm o rendimento que eu, tinha antigamente, preparava muito melhor os alunos e, portanto, primeiro lugar, largar o excesso de preenchimento de papéis e dedicar-me plenamente à minha principal função que é ensinar. E sentir que posso também contar com os colegas experientes e com os menos experientes, porque os menos experientes trazem também muitas novidades, muitas ideias, e são realmente, muitos deles, são muito, muito interessados pela atividade que desenvolvem. Eu sei também que o estudo é fundamental, que é importante, para eu me manter atualizada, mas sinceramente, eu neste momento, não tenho, não tenho mesmo vontade nenhuma de estudar, não tenho mesmo. Não tenho tempo, não tenho tempo, e também às vezes penso assim: estudar, estudar, estudar para quê? Os alunos, quase nem nos querem ouvir, os encarregados de educação também pouco valor nos dão, quanto mais os professores mais estudam, mais trabalho, mais se atualizam, menos importância têm para eles, que, pronto, não temos mesmo valor nenhum, tratam-nos muito mal, eu sinto neste momento que os encarregados de educação que nos tratam muito mal, estou muito descontente com os encarregados de educação, e pronto, para me dedicar, para me, para estudar, preciso de ter, de ter mais tempo, aaa...mas, no entanto, também posso compensar comprando livros, como, como fazia antigamente, quando eu tinha tempo para ler, eu agora praticamente só tenho tempo para ler, é mesmo nas, ou nas férias grandes, ou...mas mal, nas atividades de interrupção letiva, pronto, e outra coisa que eu acho muito importante, também é debater com os colegas e tomar conhecimento de boas práticas que se fazem nas outras escolas, porque, quando um colega, nós não fazemos tudo igual, e uns, uns têm uma novidade, e se nós tivéssemos tempo para nos juntar, juntávamo-nos os conhecimentos duns e doutros, e eu penso que isso era muito mais valioso para o nosso dia a dia, para os nossos alunos e para todos, e até para nós próprios colegas. Portanto, as expectativas, as minhas expectativas para o futuro, penso

que, eu penso que nós vamos continuar a preencher cada vez mais papéis, e cada vez nos vamos dedicar menos, menos, aos nossos alunos, a ser também menos exigentes, penso que também, vamos cada vez ser menos rigorosos e isto em nada contribuirá para ser melhor professora, eu, e os outros, não é? E, por isso, o futuro não me parece que venha a ser brilhante, nem risonho, eee... não me vou, não me vou preocupar, porque todos os dias há mudanças, têm surgido todos os dias, há coisas novas, e depois pode acontecer que eu, finalmente, nem consiga atingir o topo, o topo da carreira, porque muitas coisas podem, e vão acontecer, eu sei, nós sabemos todos, todos nós sabemos que vão acontecer e depois, também é assim, posso ser, bem ou mal avaliada e ao ser mal avaliada, eu vou poder, se calhar, até pararei na carreira e ser, também ser prejudicada pelos colegas da direção, eee, como já disse atrás, mesmo pelos outros colegas, pelas amizades, pelos compadrios, pelas cunhas.

Investigadora - Então se fosses responsável pela conceção de atividades de aprendizagem e desenvolvimento profissional, como é que seriam essas atividades?

Amélia - Aaa...na minha opinião, para a realização de atividades de aprendizagem, eu acho que, primeiro criava condições, na escola e no agrupamento, para os professores abraçarem estas atividades, estou agora a lembrar-me, primeiro, eu (risos) sou contra as aulas de Apoio ao Estudo, eu acabava com essas, essas duas horas semanais do Apoio ao Estudo e substitui-as por, por horas de formação, por exemplo eu sou de opinião que, se fosse eu que mandasse, em vez de darmos o Apoio ao Estudo na escola, isso seria para outros professores das atividades, como aulas de expressão plástica, ou a física e nós, nós iríamos ao agrupamento, receber formação, ou de Matemática, ou de Língua Portuguesa, ou até nas ciências experimentais, nem que fosse nas áreas de expressões, porque há sempre coisas a aprender. E essas horas então, todas as semanas, essas duas horas seriam, duas horas semanais, eu até dizia, eu até achava bem era, duas horas em cada dois dias da semana, haver essa tal formação, e aí os professores juntar-se-iam todos na escola, os professores do primeiro ciclo, não é? do agrupamento, juntar-se-iam todos na escola e trocaríamos impressões, partilhávamos as nossas coisas boas, duns e doutros, e, e receberíamos outras, outras coisas boas, do formador que estivesse à altura. Isso eu acho que era muito melhor do que estarmos com apoio ao estudo, quando as crianças já nem sequer tão atentas, já nem ela estão motivadas para o trabalho, trabalharam o dia inteiro, e nós não temos aquela

recetividade que tem por exemplo um professor de física ou de música ou de, ou mesmo o professor de inglês, porque o que nós vamos fazer a seguir, pode até já não ser nenhuma novidade, porque nós o Apoio ao Estudo é mais para resolver um trabalho de casa, sei que nós muitas vezes utilizamos, e a essa hora, também para a construção de um material, ou outro, portanto uma atividade mais lúdica, mas não, não acho bem, achava preferível nós estarmos ocupadas em formação, para depois utilizar, ou melhorar a nossa prática pedagógica. E estas atividades, estariam, nesta perspetiva, estariam direcionadas para, mais para a prática pedagógica, e portanto, como eu já disse para a construção de materiais, tudo relacionado, pronto, com o interesse do professor e das nossas, e da minha necessidade, ou nossas necessidades.

Investigadora - Obrigada pela tua participação.

NARRATIVA BIOGRÁFICA ORAL DA CAROLINA

Nome: Carolina

Dia: 30 de abril de 2010, pelas 18 horas

Local: Centro Cultural de ...

Condições: Numa sala ampla e com luz natural

Duração: 15 minutos

Atitudes expressas: Gesticulou bastante durante toda a entrevista e transmitiu uma sensação de insatisfação em contar as experiências profissionais vividas ultimamente na sua escola.

Investigadora - Gostaria que me falasses da tua profissão. Como te sentes presentemente na tua profissão?

Carolina – Olha, atualmente (suspiro), sinto-me com novas motivações e sinto que perdi algumas também ou se calhar isso faz parte de um amadurecimento, também a idade já vai sendo outra, já se vai vendo as coisas de outra forma. Claro que há uns anos atrás a inocência, digamos assim, não a ingenuidade, mas uma certa inocência era positiva no sentido de achar que era uma carreira de futuro e que tudo ia correr extremamente bem, que, que o meu trabalho seria sempre respeitado desde que eu me responsabilizasse por isso também. Pronto e, mas sinto que continuo motivada para trabalhar, não é todos, todas as alterações, todos os abalos que se têm feito sentir, na carreira de um professor, que me vão fazer desistir daquilo que eu sinto e que gosto de fazer, e que continuo a gostar de fazer. Claro que há vezes há desafios difíceis e muitas angústias, muitas dúvidas, mas continuo a gostar bastante de fazer o que faço, que é trabalhar com as crianças e contribuir com aquilo que eu sei, com a minha experiência, com o conhecimento e transmitir-lhes conhecimento, que seja útil ao futuro, para eles serem, para eles serem gente, acima de tudo.

Investigadora – E nos dois últimos anos, houve alguma mudança na tua prática docente?

Carolina - Nos dois últimos anos houve mudanças mais a nível de... de cumprir uma parte administrativa, ou burocrática, para a qual não vejo muita necessidade (risos)

que, que me retira tempo, isto parece uma frase já muita ouvida, muito feita, mas a verdade é que, é que é assim, há muito, muito papel para cumprir e que não, na minha forma de ver, espero estar errada, se calhar até espero mesmo estar errada, que não contribui para o enriquecimento das nossas crianças, não contribui diretamente, pelo menos não vejo que esses resultados se reflitam no progresso dos meninos e no sucesso dos meninos. E, foi acima de tudo isso que mudou, não a minha responsabilidade perante aquele tipo de de...portanto, a planificação do meu trabalho, a reflexão sobre o meu trabalho, isso já eram coisas que faziam parte de mim, não é nesse aspeto, é cumprir papéis que não se justificam, que apenas ficam registados e que servem para arquivar, como tenho feito, mas que não contribui na minha forma de ver, acima de tudo é esse o maior peso em termos de mudança, que eu sinto na minha profissão.

Investigadora - Em que tipo de oportunidades de desenvolvimento profissional estiveste envolvida nos dois últimos anos?

Carolina - Nestes dois últimos anos, gostaria de ter já conseguido inscrever-me num mestrado, num mestrado que para mim fizesse sentido, não num mestrado por ter um mestrado, mas sim qualquer coisa que me enriqueça a nível profissional, como não houve nada que me despertasse nesse sentido, não me inscrevi. Fiz formação sim, com grande proveito a meu ver, na área de ciências do Ministério e no ano a seguir, matemática também, que foi bastante proveitosa, pronto era uma oficina de matemática, que tentava destacar os aspetos de mudanças nos projetos... no... portanto, no currículo da matemática, programa da matemática e que foi, foi bastante proveitoso, entretanto, mais recentemente fiz também uma formação na plataforma moodle, onde eu via algumas lacunas e que e que fiz precisamente por isso, para preencher essas lacunas, para poder participar mais na plataforma do agrupamento, saber publicar trabalhos dos meninos, criar até um blogue para os meninos, um email, para eles poderem participar também com outras escolas, em fóruns, no debate e tudo isso.

Investigadora – Então nestes últimos anos, também te sentes com maior satisfação, motivação profissional na escola? E no agrupamento?

Carolina - Sinto-me com uma satisfação diferente, sinto... por um lado, porque me sinto com uma maturidade diferente para encarar os desafios, doutra forma poderia

se calhar muitas vezes a angústia ser tal, e achar que, que as coisas não estariam a correr bem ao ponto às vezes de pôr em dúvida se teria escolhido a profissão certa ou não, não, não é esse o caso, gosto, continuo, já disse, a gostar daquilo que faço, em termos de... pronto de ... de profissão...em termos...desculpa voltando...

Investigadora - ...Satisfação, motivação profissional na escola ...

Carolina - Sim, sim, sinto-me motivada, porque me tenho visto rodeada por colegas que vêm as coisas como um desafio, como um projeto também, que colaboram, que vêm as coisas, e que se empenham, que se empenham e que dão ótimas sugestões, que estão implicados nas coisas e vamos desenvolver as coisas com gosto, com um projeto comum, embora até a escola mais recente onde eu estou a trabalhar, seja uma escola pequenina, só somos duas colegas, mais uma colega de jardim, mas as coisas funcionam muito bem, com um espírito de colaboração, tudo é projetado em conjunto, as coisas vão sendo feitas com gosto, com empenho.

Investigadora - E a nível do agrupamento?

Carolina - A nível de agrupamento, julgo que às vezes há algumas falhas na comunicação. Há coisas que deviam ser feitas, (risos) e são pedidas muito em cima da hora, coisas que às vezes nós imaginamos que sim, que até estarão para surgir para serem feitas, mas que surgem muito em cima da hora e que às vezes ficamos com pouco tempo, e então aí surgem muitas reuniões, é preciso acelerar o passo. Em termos de agrupamento, julgo que há, tenho visto coisas a acontecer no agrupamento onde estou, que já aconteceram, já foram feitas e que não resultaram noutros, e agora estão a ser implementadas no meu, e julgo, que, que pronto, há algum desfasamento, é gente com, com, com capacidade, muita capacidade, não discuto isso, mas que muitas vezes negligencia alguns aspetos, principalmente em termos de tempo, em termos de... há para cumprir, é para cumprir, vamos fazer, não é para chegar ao último momento e pedir quando já há falta de tempo.

Investigadora – Então, como é que te sentes quando acontece uma boa experiência de aprendizagem profissional?

Carolina - Realizadíssima (risos) pronto, contente com isso, porque tudo aquilo que contribua para o meu progresso, tudo aquilo que me faça criar luzes diferentes sobre as coisas, crescer com isso a nível profissional, e coisas que sejam para, para que sejam projetos viáveis e que façam a nossa, a nossa atividade desenvolver-se e mudar, até às vezes raízes que estão cá dentro e que a gente até se calhar inconscientemente não tem a percepção que elas aqui estão, ideias fixas, preconceitos, e às vezes resistência a mudanças, rotinas acima de tudo, exatamente, e que essas, as experiências enriquecem imenso, e fazem progredir imenso, muitas vezes, se forem bem aproveitadas e se a gente estiver atentas, fazem progredir imenso.

Investigadora – Então, como é que tu perspetivas o teu desenvolvimento profissional? Que expectativas tens para o futuro?

Carolina - Olha, eu quero, realmente, mesmo até a título pessoal, porque eu acho que é isso que depois se reflete, depois na nossa prática, mas a título pessoal, quero imenso e tenho refletido muito sobre isso, é uma ideia recorrente nestes últimos tempos, voltar a estudar, tentar procurar uma especialização que me faça também crescer e desenvolver outras práticas e que me destrua algumas rotinas, tudo isso, preciso disso neste momento, e não como mais um diploma, não é isso que pretendo, mas sim para mim, prática, conhecimento, para mim que depois se transforma em prática, uma prática que faça crescer também aquelas crianças que dependem de mim.

Investigadora - E nestas expectativas a carreira não tem peso?

Carolina - A carreira nunca, nunca teve esse peso, eu vejo às vezes, vejo pessoas muito ansiosas em termos de futuro, em termos de... esse peso para mim, até hoje, nunca se colocou, não como atingir um topo como, como se isso tivesse um reflexo de estatuto pessoal não, não é esse o aspeto, gostaria de chegar ao topo sim, em termos de crescimento pessoal, e de dizer eu contribui com os meus conhecimentos, a minha sabedoria, consegui com ideias também completar qualquer coisa, contribuir para um bom projeto, isso sim, isso ficaria muito satisfeita com isso.

Investigadora – E, se fosses responsável pela conceção de atividades de aprendizagem e de desenvolvimento profissional, como é que tu as traçarias?

Carolina - Olha, eu acho que acima de tudo, hoje em dia, muitas vezes vê-se as pessoas falar de falta de tempo, falar de falta de disponibilidade, achar que muitas vezes, que o que nos pedem para fazer já é demasiado, já temos pouquíssimo tempo, até para nós (risos) já... já o...digamos, que a nossa prática como professores já quase destrói as 24 horas por dia, porque a gente leva tudo para casa também e leva para família também, mas se isso for aproveitado e rentabilizado de uma forma saudável e proveitosa mais vale que seja assim, pronto, e eu julgo que se houver um positivismo e um empenho, já que o tempo tem que ser de facto ocupado, então acho que a atitude das pessoas tem que ser mudada, porque as pessoas estão muito a olhar para o relógio sempre nas reuniões, e quando é que isto acaba, e não temos tempo para isso, antes que a proposta seja colocada na mesa, as pessoas já estão a dizer que não têm tempo, quando nem sequer se apercebem que o tempo, eles vão ter que ter disponibilidade de tempo, então porque não aproveitá-lo de uma forma criativa? e com...eu, eu estou agora a falar nisto, até porque tive uma reunião recentemente, em que pronto, tive que falar, porque estava a ficar um bocadinho angustiada, com a falta de disponibilidade de se mostrar uma parceria, até com colegas de AEC e tudo isso, eu acho que acima de tudo, mais do que nunca, é preciso que essa parceria tenha, tenha... seja posta em prática, que se veja os professores, os colegas, os parceiros, os nossos os diretores, como parceiros de trabalho, e não como alguém que nos dá ordens, temos que cumprir, e como alguém que tem uma formação diferente da nossa, então nós temos que nos desviar e não podemos colaborar, porque as pessoas criam barreiras, quer a gente ache que não, mas criam-se barreiras, eu acho que isso faz-nos mal, faz-nos mal, não leva a lado nenhum, não cria projetos, só cria angústias nas pessoas, que as pessoas estão sempre prontas para ir embora, para ir para casa, bater a porta da sala, e fugir e ir para casa, e esquecer a escola. Mas não é, acho que, acho que bons projetos tornam as pessoas muito mais satisfeitas, muito mais, enriquece muito mais a prática das pessoas, e é nisso, é aí que eu vejo, quando me perguntaste se eu me sentia satisfeita, como é que eu me vejo agora, é aí que eu vou buscar muitas vezes essas forças e que eu penso assim, não, eu gosto, porque eu gosto de dizer que o trabalho do colega está a ser bem feito, gosto de elogiar quando o trabalho... e gosto de de...não gosto de criticar pela crítica sem sugestão, olha não, olha, e se fizesses daquela forma? E as pessoas fecham-se muito sobre isso, não sei se é individualismo, existe muito individualismo, eu acho que todas estas mudanças, ao contrário do que seria de esperar, que criassem união nas pessoas, não, eu acho que

vieram ainda sectarizar mais, acho que as pessoas começaram a mostrar mais os seus bichinhos, as suas angústias e que... e às vezes essas coisas correm da pior maneira, a escola passa a ser uma coisa que as pessoas já não mostram muita satisfação, então querem é, tudo o que seja... tudo o que seja um projeto vindo do Ministério, ou doutra entidade qualquer, não, é para esquecer, não temos tempo, e nem sequer se vai ver a proposta, nem sequer se dá o benefício da dúvida, pôr o papel em cima da mesa e deixa cá ver até que ponto é que nós podíamos criar aqui uma coisa interessante. E eu não, eu acho que cada vez mais a escola precisa de projetos que envolvam as pessoas, que responsabilizem as pessoas, mas que as pessoas se sintam satisfeitas com essa responsabilidade, que criem, afinal de contas têm que dedicar esse tempo, porque não criar projetos, bonitos, em que toda a gente se envolva e que contribua para as pessoas se sentirem satisfeitas e que não pensem logo em sair da escola a correr, vou-me embora, porque chegou às três e meia e eu quero é bater a porta da sala, e vou-me embora e não penso mais nisto, não, acho que isso teria uma satisfação muito diferente, uma prática muito diferente, e que isso de certeza, isso sim, se vai refletir no progresso e no sucesso dos meninos, até porque nós próprios vamos mostrar muito mais respeito pelos alunos e os alunos muito mais respeito por nós, e vão de certeza encarar as coisas de uma forma diferente, eu, em tudo aquilo que me pedirem a minha colaboração, desde que eu ache que seja um projeto interessante, estarei sempre disponível, nunca baixarei, por muito pouco tempo às vezes que se possa ter, (risos) mas se for um projeto viável e que seja interessante, claro que sim.

Investigadora – Está bem, muito obrigado pela tua colaboração.

Carolina – De nada.

NARRATIVA BIOGRÁFICA ORAL DE CATARINA

Nome: Catarina

Dia: 20 de abril de 2010, pelas 16 horas

Local: Centro Cultural de ...

Condições: Numa sala ampla e com luz natural

Duração: 12 minutos

Atitudes expressas: Gesticulou durante toda a entrevista e transmitiu muito nervosismo, acrescentando mais tarde: “Nunca pensei que custasse tanto ser entrevistado”.

Investigadora - Gostaria que me falasses da tua profissão. Como te sentes presentemente na tua profissão?

Catarina - Ora, ... vou dizer que não me sinto assim muito confortável, ainda hoje estava a comentar lá na escola, que para além de ser, de ter uma turma, eu exerço também o cargo de coordenadora de estabelecimento, e neste momento sinto-me um bocadinho perdida, não estou consigo conciliar as duas funções, a coordenação de estabelecimento exige muito de mim, e sinto que estou...digamos, a turma está a ser prejudicada por eu estar a exercer o cargo de coordenadora. Depois, há um acréscimo de burocracia em tudo, de dia para dia, recebemos informações da nossa direção, mais papéis, mais burocracia, e sinto que isso não me está a ajudar em nada a nível profissional, nem na minha prática do dia a dia, pelo contrário está-me a dificultar, o tempo que eu deveria ter disponível para me dedicar mais aos meus alunos, acaba por ser menor, e por ter essa preocupação, por ter os papéis em dia, tudo o que eu faço, tem que ser registado, tem que ser fundamentado, eu sei que isso tem importância, mas acho que estamos num exagero da coisa, e parece que não, acaba por me desmotivar e às vezes dou por mim a pensar: se calhar não vou fazer isto, porque vai implicar mais papéis, mais papéis, mais papéis, e, e é assim, sinto-me um bocadinho perdida, gostaria que isto melhorasse e que realmente os nossos superiores entendessem que nós precisamos de tempo é para estar com os meninos e nos dedicarmos a eles e deixar a parte da burocracia, um bocadinho de lado.

Investigadora - Então consideras que agora nos últimos dois anos, tu consideras que houve mudanças na tua prática docente, tanto como professora, com outros colegas, no agrupamento, na escola?

Catarina - Sim, de alguns anos para cá, sim, principalmente nestes últimos dois anos com estas mudanças, notei que o trabalho de equipa nas escolas, é cada vez mais difícil, as pessoas isolam-se bastante, dedicam-se muito a elas próprias, e os trabalhos são delas, e das turmas delas, dos alunos delas e o trabalho cooperativo da escola é difícil. Tenho a sorte de estar numa escola onde tenho um bom ambiente, os colegas realmente, são colegas novos, que estão na profissão também há pouco tempo, e têm o cuidado de colocar dúvidas, e como é que havemos de fazer, e as coisas são feitas um bocadinho em conjunto. No entanto, eu sei que realmente o que acontece e pelo que eu ouço, é que realmente esse individualismo cada vez se sente mais, as pessoas, aquilo que fazem de bom, gostam de dizer que é delas próprias, não é? Não partilham, ou se partilham é muito mais tarde, para uma pessoa saber que o trabalho foi delas, e eu não vinha habituada a isso, eu vim de um outro local, onde isso não acontecia, onde realmente o trabalho de equipa era rotina, e por fim, nestes últimos dois anos, estou, estou a sentir que isso não acontece, mesmo a nível de agrupamento, já não falo só de escola, mas a nível de agrupamento, de reuniões com outros colegas de outras escolas, há esse individualismo, assim muito presente.

Investigadora - Em que tipo oportunidades de desenvolvimento profissional estiveste envolvida nestes dois últimos anos?

Catarina - Essencialmente em ações de formação, procurei fazer a formação de matemática do Ministério da Educação e também a de língua portuguesa, a de língua portuguesa, não tive digamos vaga, não é, não tinha urgência em créditos, não tive a oportunidade de entrar, mas fiz a de matemática, essencialmente foi isso, e outro tipo de formações que fiz por fora, não no agrupamento, nomeadamente do Ensino Especial, porque tive alunos do ensino especial e senti necessidade de fazer formação nessa área, mas basicamente foi isso. Também, tentei, mais ou menos há dois, tentei fazer o mestrado, cheguei-me a inscrever, cheguei a entrar e ainda a frequentar, só que pronto, a vida não deu para que eu seguisse, foi quando eu estava assim um bocadinho pesada, e acabei por não concluir, mas basicamente foi isso.

Investigadora - Consideraste essas oportunidades que tiveste, fundamentais para o teu desenvolvimento profissional?

Catarina - Sim, sim, principalmente essas duas que eu te referi, a do ensino especial, porque tinha um aluno que tinha características autistas, não era um autista puro, mas foi a primeira vez que eu me deparei com um aluno assim, apesar de ter a colega do Ensino Especial, mas como sabes é pontual a presença dela, não é, e eu tinha que lidar com ele diariamente e senti necessidade de fazer uma formação específica nessa área e ajudou-me bastante. A de matemática também achei fundamental, apesar de eu já ter assim um percurso de formação de matemática, agora uma vez que temos os novos programas para serem implementados, foi fundamental, essa ação de formação.

Investigadora - Então como é que tu te sentes agora na escola, na sala? Tu sentes-te mais satisfeita, mais motivada profissionalmente?

Catarina - Nem por isso.

Investigadora - Ou há diferença entre a escola e o agrupamento?

Catarina - Há, pronto aquilo como eu te dizia há bocado, eu tenho sorte de estar num ambiente, onde a partilha ainda vai acontecendo e não há grandes obstáculos e quando é necessário estamos todos presentes e todos nos ajudamos, e tentamos fazer projetos para a escola em comum, agrupamento, não sinto tanto, não sinto tanto, até porque os momentos em que estou junta com outros colegas, que é nomeadamente na coordenação de ano, as reuniões, são muito...como é que eu te hei de explicar? Produtivas, não é? A nível profissional, pedagógico, troca, partilha de ideias, de experiências, não, isso não acontece.

Investigadora - Não sentias necessidade disso?

Catarina - Sentia, sentia, sinto, senti, sinto, e provavelmente vou continuar a sentir, porque acho que sim, há pessoas novas, com outras formas de estar e acho que era importante a gente até conhecer, ou recorrer, por vezes ouvimos falar, mas depois lá é para partilhar e se calhar era importante.

Investigadora – Então, achas que o agrupamento pode não ser uma referência para te dar oportunidades de desenvolvimento?

Catarina - Não, não, pelo menos até agora não tenho sentido isso. É muito burocrático, é muito...a parte pedagógica falha. O resto administrativo sim, as coisas vão funcionando, agora a parte pedagógica não. Não sei se tenhamos qualquer ajuda nesse sentido.

Investigadora - Como é que tu te sentes, quando te acontece uma boa experiência de aprendizagem profissional?

Catarina - Sinto-me realizada, não é? Satisfeita, esse é o nosso objetivo, não é, é que realmente as coisas funcionam e que conseguimos que os nossos alunos tenham sucesso e desenvolvam as suas aprendizagens, e claro, muito satisfeita.

Investigadora - Então os resultados e as aprendizagens dos teus alunos, ou seja o sucesso educativo, é uma referência máxima para ti, como professora?

Catarina - Sim, saber que eles conseguem e que entendem aquilo que eu estou a transmitir e que, e que, incentivo-os a aprender mais, a procurar, a pesquisar, enfim, isso é fundamental é uma realidade, quando isso não acontece a gente fica frustrada. (risos)

Investigadora - Como é que tu caracterizarias uma boa oportunidade de desenvolvimento profissional?

(silêncio)

Investigadora - Para ti o que é que deve ser uma atividade que seja mesmo boa, fundamental, para que tu te desenvolves profissionalmente? A formação, já vi que foi uma das oportunidades que tiveste e que sentiste...

Catarina – Sim...

Investigadora -Que...

Catarina - Eu acho que...

Investigadora - Que nessa formação tivesses oportunidade de partilhares

Catarina – Sim...

Investigadora - Pronto, então, para além da partilha, como é que tu caracterizas uma oportunidade de desenvolvimento, para além da partilha? Teres oportunidade para partilhar, outras oportunidades para fazer o quê?

(silêncio)

Investigadora - Para, para conheceres novas experiências?

Catarina - Sim, conhecer outra, outro tipo de, de, ia dizer de ensino, mas não é isso que eu quero dizer.

Investigadora – Metodologias...

Catarina - Metodologias, estratégias, de, de situações... (silêncio)

Investigadora - Novas, não é?

Catarina – Sim...

Investigadora - Relacionadas com as tecnologias, às tantas, envolvidas em projetos...

Catarina - Sim, sim, essencialmente em projetos, a trabalhar em forma de projeto, mas precisava realmente de, de estar com pessoas que trabalhassem dessa forma até para depois eu me sentir mais à vontade em pôr em prática...

Investigadora - ... as experiências de trabalho... Então, as experiências dos colegas mais velhos, também podem ser...

Catarina - Claro, sem dúvida...

Investigadora - Uma motivação para desenvolveres o teu desenvolvimento profissional?

Catarina - Sim, sim, sim.

Investigadora - Como é que tu perspetivas para o futuro então, o teu desenvolvimento profissional? Que expectativas é que tens? (silêncio) Pensas fazer mais...

Catarina - Neste momento ...assim, a curto prazo, a não ser as formações que nos são dadas pelo Ministério e pelos agrupamentos e pelas instituições que fazem formações, não estou a ver-me assim a fazer mais nada, mas claro que, acho que sim, que vou ter que fazer, mais tarde ou mais cedo, nomeadamente o Mestrado ou outra coisa qualquer.

Investigadora - Com intenções de ...?

Catarina - De melhorar a minha vida profissional e também a carreira, e subir na carreira, claro, com certeza.

Investigadora - E achas que, que precisas disso, a nível do estatuto da carreira docente? Fazes isso como estatuto da carreira docente, ou porque tu sentes que tens necessidade?

Catarina - Pelas duas coisas, neste momento seria assim mais até pelo estatuto da carreira docente, mas eu sei que a longo prazo, as coisas estão sempre a mudar, há sempre novas situações e uma pessoa vai ficando descontextualizada, não é? E vai e depois os colegas novos, que vão entrando nas escolas vêm com novas estratégias e metodologias e uma pessoa vai-se sentindo um bocadinho à parte, não é? E eu não quero ficar assim, eu quero continuar a acompanhar o desenvolvimento do ensino, e portanto essa formação vai-me ser sempre necessária.

Investigadora - Muito obrigado pela sua participação.

NARRATIVA BIOGRÁFICA ORAL DO DIOGO

Nome: Diogo

Dia: 21 de abril de 2010, pelas 15 horas

Local: Centro Cultural de ...

Condições: Numa sala ampla e com luz natural

Duração: 31 minutos

Atitudes expressas: Gesticulou durante toda a entrevista e transmitiu uma sensação de muito à vontade em contar as experiências profissionais vividas nestes últimos anos.

Investigadora - Boa tarde. Gostaria que tu me falasses da tua profissão. Como é que te sentes presentemente na tua profissão?

Diogo - Sinto-me muito bem, mesmo muito bem, (risos) mesmo muito bem.

Investigadora – E, como caracterizas esse “muito bem”?

Diogo - Olha estou a fazer o que gosto, como gosto, e...e não estou pressionado com nada, nem pais, nem... nem... nem... nem avaliações de desempenho, nada disso, não estou pressionado, não me sinto pressionado, portanto estou muito a fazer bem, sinto-me bem mesmo.

Investigadora – Então pelo facto de não estarmos em avaliação na prática, sentes-te melhor por isso?

Diogo - Não, não, não, não tem a ver com isso, não, não tem a ver com isso, sinto que nem a avaliação me pressiona no momento, sinto-me bem, sinto-me realizado com a profissão, estou a fazer agora uma ação de formação de ciências porque necessitava, quer dizer precisava de fazer um upgrade, digamos assim, e estou a aplicar-me e estou a aprender e ao mesmo tempo estou corrigindo também para a matemática e para língua português algumas ações, porque está tudo interligado e eu consigo fazer, essa...

Investigadora - hum, hum ... Então nos dois últimos anos...

Diogo - Passar das ciências para matemática e para a língua portuguesa é que é divertido.

Investigadora - (risos) Nos dois últimos anos, nestes dois últimos anos, desde 2007, houve alguma mudança na tua prática docente?

Diogo - Na prática...

Investigadora -Na sala de aula, na escola, no agrupamento?

Diogo - Na prática em si... não, na prática em si, não, houve uns ajustes, pronto, como o exemplo que eu te dei à bocado das ciências, a formação de ciências, houve uns ajustes, de vez em quando leio também uns livrinhos de língua portuguesa de matemática, por exemplo na matemática mudei um pouco aquele conceito tradicionalista, por norma, parte-se de uma situação problemática, fiz uns upgrades ao longo do tempo, não mudei assim radicalmente continuo na mesma, não sou mais nem menos é a mesma coisa, o resto é só upgrades, têm que ser feitos obviamente.

Investigadora - Acertos não é?

Diogo - Acertos, acertos, é.

Investigadora - Em que tipo de oportunidades de desenvolvimento profissional estiveste envolvido nos últimos dois anos? Com que frequência isso aconteceu?

Diogo - Ora, nos últimos dois anos, se fosse nos últimos três? Eu diria fiz a licenciatura, há três anos, acabei há três anos, três...foi três...foi três. Nos últimos dois, estive a saborear a licenciatura e ao mesmo tempo neste último, portanto no ano passado, zero, saboreei a licenciatura e mais digamos que, estudei mais teoria do que prática e dediquei-me um pouco a desenvolver, a desenvolver não, não é a desenvolver, mas a perceber um pouco mais de disciplina e de indisciplina, um pouco mais disso, liguei-me à leitura da disciplina e indisciplina. Este ano é que me dediquei às ciências, e

que alterou um bocadinho a maneira de dar aulas também, tornei-as mais estruturadas, como processo de investigação nas ciências.

Investigadora – E a quem te prestou essa oportunidade? Quem é que te deu essa oportunidade?

Diogo - Tinha uma excelente relação, precisava de fazer um upgrade para as ciências era o meu problema primeiro, mas não foi por isso, não pensei nisso, deram-me três coisas, ou matemática ou língua portuguesa ou ciências e eu sentia-me que nas ciências, estava ficar um bocadinho para trás, tínhamos... temos na escola, tínhamos não, temos na escola, material de laboratório, que é preciso usar, e está lá parado a ganhar pó, portanto, e as Ciências foram ótimas para isso, e ajuda muito a estruturar uma aula, curiosamente, porque mesmo para as perguntas de partilha que as crianças têm de fazer, porque é que isto acontece e não acontece aquilo? Portanto, é muito interessante mesmo para os projetos.

Investigadora - Então foi durante estes dois últimos anos que a frequentaste? E qual foi a tua verdadeira intenção ao frequentar essas ações ou essa ação de formação?

Diogo - Mesmo, mesmo para aprender novas técnicas de ensino das ciências, ou por zelo, a intenção foi essa.

Investigadora - Melhorias?

Diogo - Melhorias, sim.

Investigadora - E, sabes que presentemente o estatuto da carreira docente prevê o desenvolvimento profissional até numa tendência de subir na carreira, de carreira. Alguma vez te passou pela cabeça isso, também o sabes mais, para progredir na carreira?

Diogo - Não, não, não me passou isso, nunca, nunca me passou isso, sinceramente não, nunca me passou, não sei se é por falta de ambição, não me parece que seja, mas há determinadas coisas que a progressão da carreira começou assim muito rápido eu já

estava quase no final da carreira, e portanto também não me preocupei muito por aí, (aaa...) mas se isso ajudar para a progressão da carreira, claro que sim, já que temos que fazer, fazemos, (risos) e sem problema nenhum, eu vou ter que estar cá até aos 65, portanto, vamos força nisso.

Investigadora – E nestes dois últimos anos, insisto sempre neste dois últimos anos por causa do novo estatuto, sentes maior satisfação e motivação durante estes dois anos, ou seja, motivação profissional na escola e no agrupamento?

Diogo - Ora bem, motivação é a mesma, mesma desde, de...desde o princípio, estou a falar de ordem pedagógica com as crianças ... motivação para mostrar aos status diretivos que eu estou ali, não, até acho que (risos) fiz menos do que o que devia, porque não me parece que seja...não gosto muito de me sentir apertado para...não gosto... gosto de estar liberto e fazer as coisas, todas essas coisas sem me estar cá a dizer, pá, para chegares ali, tens que obrigatoriamente de fazer isto, não, tenho tendência para fugir a isso, é defeito ou virtude, está para saber, isso...

Investigadora - Então a motivação profissional na escola ou no agrupamento pode ser diferente?

Diogo - Pode, pode, pode, pode...eu estou satisfeito com a profissão, estou satisfeito com o agrupamento também, porque de facto também não temos assim uma direção que seja opressiva, eu vou-lhe chamar mesmo o termo, porque sei que há direções opressivas, piores que...sabe-se lá o quê, e o meu não é, mesmo excluindo aquela parte introdutória da nossa conversa, que isso não tem nada a ver, não é uma direção opressiva, é dialogante, mas não me... (silêncio) é dialogante, mas há uma certa descoordenação entre os ciclos, mas isso é normal, aquela comunicação entre ciclos, é muito complicada de fazer, a interligação, é muito complicada de fazer a, como é que se chama isso?

Investigadora - A Articulação...

Diogo - A articulação, isso, a articulação é muito difícil, a distância na... na... na... na articulação é muito grande, se considerarmos um joelho por exemplo, (risos) a

distância entre os dois ossos da coxa e da perna, é muito grande, então do joelho deve ser enorme, porque os ciclos, somos muito... cada ciclo é em si muito individualista ainda, ainda não temos um sentido coletivo de educação, culpamo-nos uns aos outros, as coisas já estão melhores, já estiveram piores, muito piores, porque agora estamos a conhecer, mas por exemplo eu, há quatro anos, há três, três anos estou no pedagógico, e nunca, mas nunca, os meus colegas do segundo ciclo pedagógico, se deslocaram à minha sala, à minha escola, portanto, nunca o conselho pedagógico, reuniu fora da EB2,3, e nunca o conselho pedagógico, reuniu fora das horas que dão satisfação aos da EB 2,3, não é? nunca, isso nunca aconteceu, e pronto, esta articulação entre ciclos complica um pouco, as pessoas fecham-se, fecham-se porque, ou porque somos melhores, ou porque somos piores, ou porque eu é que sei de educação, portanto, a profissão ainda é muito individualista, é demasiado individualista ainda, partilhamos muito pouco, já se partilha mais do que há uns anos atrás, e espero que se partilhe mais, mesmo nas ações de formação, partilhamos muito pouco com as nossas experiências, como é que me correu a mim, como é que te correu a ti? Nesta de ciências, somos uma equipa de 3 homens, 4 mulheres, e conseguimos partilhar o suficiente para sabermos o que é que tu fizeste e o que é que eu não fiz, mas isso tem a ver com a nossa formadora, que é de facto, consegue-nos pôr ali a funcionar. Portanto, esse tipo de partilha, as gerações mais novas, as gerações mais novas, dificilmente gostam, porque acham que nós... gostam do trabalho... não é do trabalho, gostam de partilhar connosco o que fazem, e muito menos que nós lhes sugiramos alguma coisa, é engraçado, mas é verdade, porque para o sugerir, eles não o fazem nunca, a coisa pode ter dado muito resultado, mas não fazem nunca, é engraçado, mas não fazem, não fazem nunca.

Investigadora – Então como é que te sentes quando uma boa experiência, como essa que já estás a referir, uma boa experiência de aprendizagem profissional, como é que te sentes, quando essa experiência que estás a viver corre bem?

Diogo - Sinto-me realizadíssimo, porque no fundo o que me interessa a mim são as crianças, no fundo é isso, a mim interessa-me na, na, nas minhas crianças, que eles de facto saiam, responsáveis pelo que fazem e autónomos, porque hoje em dia são pouco autónomos, é incrível, um terror mesmo, é quase um terror, saberem as coisas e não conseguem, porque precisam ali de uma muleta para ajudá-los ou a ler, ou a interpretar, ou qualquer coisa dos estilo e isso é...e eu preocupo-me, eu preocupo-me de facto, em

que eles sejam autônomos, aliás é quase...eu digo aos pais dos meus alunos, quase sempre, primeiro autonomia e responsabilidade, porque depois uma criança que consiga perceber, que não faz porque não percebe, uma criança que não consegue fazer, e tendo autonomia e sendo responsável, sabe explicar porque é que não, pronto, e...e eu tenho conseguido, não é com todos, obviamente não é com todos, mas, tenho conseguido, e por isso mesmo estou quase a marimbar pró resto.

Investigadora - Então a frequência, ou a vivência de experiências profissionais, ao bocadinho disseste, que não tinham tanta importância para a carreira profissional, para a tua progressão na carreira profissional, até porque já não precisas de muito, mas deste agora a entender que é mais para os teus alunos?

Diogo - Mais para os alunos, aquilo que eu sei, a experiência que eu tenho de vida, também pela idade e tudo isso, e pela infantilidade que eu tenho muita, quando me dá para isso, também sou muito infantil, o que é adorável, já que, também me dá para isso, mas só posso sê-lo quando eles entendem porque é que eu não sou, numa situação de brincadeira, e isso é que é digamos, o difícil de atingir, é tu, conseguires a determinada altura, fazer com que os teus alunos te permitam ser como eles, sem abusarem, digamos, sem aproveitarem essa coisa do professor, para não cumprir regras, digamos assim, as regras sociais de convivência, percebes, por vezes consegue-se, por vezes não, depende das turmas, umas são mais maduras do que outras, mas pronto, o gozo é esse.

Investigadora - E que resultados esperas dos alunos, depois da frequência destas experiências positivas?

Diogo - Que, que, que acima de tudo respeitem o outro, e que façam tudo para serem os melhores, respeitando o outro, essencialmente isso ...

Investigadora - E a nível curricular?

Diogo – Ah!, que sempre atinjam o máximo, que sejam o melhor possível sempre, que sejam ambiciosos, não, a ambição não pode ficar fora do currículo deles, não pode, mas uma ambição saudável, não é uma ambição para pisar o parceiro.

Investigadora - Então não é a pensar muito na estatística que estás preocupado?

Diogo - Não, não estava a pensar em estatística (risos), eu estava a pensar em duas pessoas estatisticamente, é, agora aquela estatística seca, frígida, e que é tudo muito bom, e depois não é, não, não estou a pensar.

Investigadora - Não queres alunos bem formados?

Diogo - Quero.

Investigadora - ...desde intelectualmente?

Diogo - Se possível...

Investigadora - Emocionalmente?

Diogo - Tem-se conseguido, não é a cem por cento, mas tem-se conseguido, tenho conseguido, por feedback que depois me dão, depois o feedback que tenho no ciclo a seguir, eu por norma também aviso os pais, porque também há crianças que eu sinto que chegam ao segundo ciclo, e sei que podem fazer o quinto ano, mas não fazem o sexto, isso é perceptível, isso é perceptível, eu consigo perceber isso, mas.... ou fazem o sexto muito... fazem o sexto, seguem o sétimo mas ...periclitante, mas isso é por uma imaturidade, uma imaturidade que existe terrível, é mesmo terrível, há uma imaturidade emocional muito grande hoje em dia, não sei porque carga de água, mas há. Provavelmente nós também temos culpa, mas, culpa? entre aspas, ninguém é culpado, assim culpa, culpa, não é, não vejo que seja, mas, não me sinto culpado disso, mas provavelmente porque isso é negativo, e o negativo hoje em dia, seca, (risos) é seca, é seca, o negativo é seca, tudo que, tudo...eu...aliás mesmo uma criança que seja, que tenha um nível de competência, hoje é competência, conhecimentos seja insuficiente, eu nunca disse mal deles na ficha da avaliação, os pais percebem que a criança não desenvolveu, mas eu não consigo dizer mal, porquê? porque a criança não tem tudo de mal, não tem, lamento mas não tem. Um caso, um caso, que não tem nada a ver, mas é só para reforçar esta ideia, eu tive numa escola há uns anos, tínhamos uma criança, com

deficiência mental profunda, o caso não tem nada a ver, mas foi uma coisa giríssima que aconteceu, então chegou o carnaval e nós vestimos a menina, ela deficiência mental profunda, vegetal quase, e depois com a festa que nós fizemos, no... todos os alunos, professores era as turmas todas, houve uma grande festa na, António Valente, fez um ano, a determinada altura estava perto da menina e ela fez: “ummm”. Foi a coisa mais deliciosa que me aconteceu como professor hoje em dia, porque, até hoje, foi, a sério, porquê, porque, eu nunca tinha ouvido nada daquela criança, e, não fez só uma vez, portanto uma deficiente mental profunda, vegetal, ela não se mexia em nada, ela estava deitada, nem sentada estava, conseguiu fazer aquilo, mascarada, nós mascaramo-la de fantasma, foi de fantasma, não foi de fantasma, não foi de fantasma, fantasma andava eu e os meus alunos, ela estava com um lençol azul, que nós mascaramos assim simples, tínhamos uma ligação, digamos, fizemos um circuito com ligações ao mar, e essas coisas assim, a menina não era minha aluna, nem de ninguém, nem era aluna de ninguém, não havia hipótese, estava lá porque tínhamos uma SAPE, mas integrávamos, todos eram integrados, então a coisa mais deliciosa que me aconteceu foi ela me ter manifestado aqueles “ummmms”, isso é que é bonito, agora o resto, (risos), quero lá saber, a sério, também já estou assim numa altura..., que se fosse mais novo queria saber, (risos) mas pronto, paciência.

Investigadora – Como é que tu caracterizarias uma boa oportunidade de desenvolvimento, para além dessas formações que já falaste... existem outras oportunidades?

Diogo - Existem, eu, eu, existem, eu, existem, existem, eu só não fui presente, ainda agora tinha uma oportunidade para o fazer, tinha, tinha, e só não fui, e entrava, entrava, porque tenho já muitos anos, se calhar entrava, não sei se entraria, em principio entrava, porque já há muitos anos que faço colaboração com a ESE do Porto e...e... com estagiários portanto, tenho, tinha prioridade, digamos assim, já há muitos anos, teria prioridade, ora bom...por exemplo eu tenho estagiários, mas eu deixo os meus estagiários à vontade, eu não quero que eles sigam o meu...a minha maneira de dar aulas, eles é que têm a deles, são individuais, eu só vejo, e olha não faças assim ou assado ou corrijo aqui, ali, acolá, algum comportamento, tipo, “chiiuuu”, oh pá, quando dizes isso estás irritado, não estás? Então evita lá o “chiiuuu”, e irritas-te menos, é verdade, não é? Portanto, essas pequenas coisas assim, e então ... voltando atrás, era

uma oportunidade de desenvolvimento, porque era mestrado em desenvolvimento....
em, em...

Investigadora – Supervisão...

Diogo - ... Supervisão pedagógica, ora se eu até estou a fazer supervisão pedagógica às estagiárias, melhor ainda, portanto, ia aprofundar, ia aprofundar-me, e ia ganhar competências mais específicas e...ou não, nunca se sabe, mas com certeza que sim, indo para fazer o mestrado, só que...isso era em termos pessoal, em termos profissionais, já ouvi dizer que não vai dar em nada, há de vir a dar, há de vir a dar, mas se fosse mais novo, mais novo, faria mesmo isso, eu agora é que não me está a apetecer voltar a estudar, se, quando fiz a licenciatura, se tenho engatado logo o mestrado, já estava o mestrado feito e se calhar agora já estava no doutoramento, isso era diferente, (risos) percebes? Porque há um gozo enorme voltar à escola também, é muito bom, ver aquelas turmas de gente e depois nós temos outra responsabilidade, não andamos lá só para beber cerveja e passear na queima das fitas, não é? Mas é, é muito bom, porque trocamos experiências com gente de outras escolas, vemos os velhos amigos, provavelmente, revemos, revemos, e ganhamos lá uns amigos, é sempre muito giro, muito bom, mas, para já para já não quero, faço umas formações, faço umas formações, estou virado para as formações agora, gostei desta de Ciências, e se calhar para o ano vou continuar, porque eu fiz formação saúde/ciências e há dois, e eu sou capaz de fazer *o dois* de ciências, porque estou a gostar muito.

Investigadora - Então são essas as tuas expectativas profissionais para o futuro?

Diogo - Sim, são, sinceramente são, mas profissionais por causa das pedagógicas para os miúdos, portanto, porque, não estou assim propriamente, é evidente que vou ter que, que, que ser avaliado, como todos vamos ter que ser, mas quando tiver que ser avaliado, nós estamos aí para isso.

Investigadora – Então diz-me...

Diogo - mas não estou a preparar-me para ser avaliado (risos)

Investigadora - Não? (risos)

Diogo - Não, porque se fizerem reunião pode ser já para amanhã que eu estou disposto isso.

Investigadora - Estás sempre preparado? (risos)

Diogo - é, estou.

Investigadora - Então agora para terminar, diz-me, se fosses tu responsável pela conceção de atividades de aprendizagem e desenvolvimento profissional, como é que tu tratavas essas atividades?

Diogo - Mas, não virado para as criaturas pequeninas?

Investigadora - (aaa) se tu achares que essas atividades de aprendizagem fazem falta a pensar...

Diogo - O que eu entendi na mensagem, que seriam atividades para, para, tipo eu ser formador, de...

Investigadora - À vontade.

Diogo - por isso?

Investigadora - Pode ser isso.

Diogo - Eu interpretei por aí, não sei, voltas-me a ler a pergunta, está?

Investigadora - Se fosses responsável pela conceção de atividades de aprendizagem, talvez a pensar aprendizagem mais dos professores, tipo desenvolvimento profissional, como é que elas seriam, essas atividades?

Diogo - Ora bom, eu, eu (aaa), seriam atividades...seriam atividades de desenvolvimento emocional, eu acho que há uma falha aqui, (aaaa...) mas há uma falha, (aaa..) nós professores devíamos ter mais, quando mesmo no nosso curriculum de formação, temos a psicologia, a nossa psicologia devia ser, para além da tórica, que é necessária, porque enfim, deveríamos ter formação de controle emocional, eu não estou a dizer, que não sou especialista, mas controlarmo-nos mais emocionalmente, sabermos na altura que vamos explodir, com lá os indivíduos lá da...nem me lembra o nome, na altura em que vamos explodir, saber dizer três e não explodir, e falar calmo, eu acho que esse tipo de atividades nos fazem falta, em paralelo, em paralelo, e eu estou a dizer isto porque há uns anos eu fiz uma formação na psicologia que se chamava, a “psicologia no quotidiano de aula”, portanto, tinha uma vertente prática, e abriu muito, muito horizonte ali, muito horizonte, já perdi um pouco o jeito confesso, confesso, já perdi um pouco o jeito, porque deixei também muito de estudar, por isso é que eu te disse, que no ano passado li muito sobre indisciplina outra vez, indisciplina de hoje, não é a indisciplina de quando eu comecei, são disciplinas diferentes, bem diferentes, e iguais também, mas há, há aqui disciplinas que, que para a minha geração fazem ferver, e portanto, esse fazer ferver, nós precisamos de atividades práticas, nós aprendermos a dominar a situação.

Investigadora - A gerir os conflitos.

Diogo - A gerir os conflitos de forma que não acontecesse aquilo que nós vimos lá naquela cena do telemóvel, usar um telemóvel, a pessoa não soube gerir o conflito, porque estava irritadíssima, eu não sei se saberia, não é? Eu estou a ser crítico, só, porque estava de fora, bem de fora, bem longe até, mas não estou a dizer que eu conseguia fazer, e ela não, num tem nada a ver com isso, mas por exemplo, tenho um exemplo da professora de filosofia da minha filha mais velha, que entrou em conflito com a turma, por causa dos atrasos, ou seja, como é que ela fez, entrou em conflito com a turma, porquê? Se o aluno se atrasasse ao segundo toque, ela marcava falta, mas o aluno duas vezes, e isso acontecesse a todos, e as pessoas tem de estar preparadas para que aquilo não acontece só aos outros, acontece a toda a gente, portanto, e se acontece a toda a gente, aconteceu-lhe a ela, infelizmente também. Portanto houve um dia em que a senhora se atrasou e os alunos foram-se embora, mas foram-se embora descaradamente, esperando que ela chegasse à porta e como tinha passado, foram-se embora, porque ela

nunca mostrou abertura de perdoar uma faltinha de um minuto, e portanto e eles foram-se embora e entrou, entrou aqui uma guerra, houve mesmo uma guerra e...e houve uma reunião e pronto, e dentro dessa, dessa reunião eu disse mas isso é fácil, se isto é filosofia por amor de Deus, escutou a razão, não é? Portanto, se é filosofia, escutou a razão, (risos) que não é a mesma do tempo de Platão, ou lá quem é, o primeiro a discutir a razão, mas não interessa, discutam-na, quem tem razão, oiçam-se, por breve alguém está a ser aqui, eu já não uso o termo autista, porque como eu conheço agora o autismo um pouquinho melhor, não tem nada a ver com isso, não podemos ter aqui uma barreira, eu hoje não sou Deus, ou, ou eu falo e tu falas por cima, para que eu não tenha razão, ou para tu não me ouvires, portanto, que era o que estava a acontecer, e isso não pode ser. Eu acho que este tipo de atividades, nós estamos preocupados com, com... ou, ou se quisermos, mesmo... nós estamos...exigiram-nos técnicas novas de ensino da matemática, da língua portuguesa, do estudo do meio, das ciências, e isto tudo, nós vamos para essas formações todas ok, muito bem, fazem falta, mas não me adianta nada se eu tecnicamente for quase perfeito, e emocionalmente for imperfeito, não adianta nada, vou entrar sempre em rutura, porque em qualquer momento da, da, da minha explicação, vai haver um indivíduo que olha para o lado, e eu quero que ele esteja atento, não pode ser, nós temos de saber gerir isso, e eu sinto que há um pouquinho falta, portanto seriam esse tipo de atividades, pronto se quisermos, poderíamos ligar, não sei, mas eram um tipo dessas atividades, eram essencialmente esse tipo de atividades, eu acho, nós estamos a precisar também.

Investigadora - Muito obrigado pela tua participação.

Diogo -Nada.

NARRATIVA BIOGRÁFICA ORAL DE ELSA

Nome: Elsa

Dia: 28 de abril de 2010, pelas 16 horas

Local: Centro Cultural de ...

Condições: Numa sala ampla e com luz natural

Duração: 18 minutos

Atitudes expressas: Apresentou uma postura muito calma, falou com calma, pensava antes de responder e gesticulou bastante.

Investigadora - Gostaria que me falasses da tua profissão. Como te sentes presentemente na tua profissão?

Elsa - Olha, neste momento na minha profissão o que é que eu sinto? Sinto que quero muita coisa, e que, me não estão, não estão a corresponder com aquilo que eu preciso. Neste momento preciso para minha prática pedagógica, porque necessito de atualizar-me, necessito de estar constantemente com os novos programas, que estão aí, e eu não sei tudo, e preciso realmente que alguém me ajude e que me oriente em coisas novas, que vêm aí, da matemática, da língua portuguesa, estudo do meio, nessas áreas essencialmente. Num outro aspeto, que, que, penso, que, que e que a mim me preocupa muito, é a falta de tempo que eu tenho, para aaa...para preparar tudo, me atualizar, para preparar as aulas todos os dias, porque não tenho tempo para isso tudo, são reuniões constantes, são papéis, burocracias que eu tenho que preencher, na escola, que temos, eu estou a falar por mim, que temos que preencher, e o tempo ... sou casada, tenho uma filha, tenho um marido, e não consigo disponibilidade de tempo, que eu acho que deveria ter, para a prática que fundamental, que eu sou professora, e era isso que eu me deveria preocupar, e preocupo-me, mas o tempo, não consigo, não sou imensa, e tenho que atender a muitas coisas, na minha vida, não é? E é essas duas preocupações, que eu sinto, neste momento na minha carreira.

Investigadora – Então, nestes dois últimos anos, tu consideras que houve algumas mudanças na tua prática docente?

Elsa - Muito pouco, a nível, por exemplo, o ano passado a nível de Língua Portuguesa, eu fiz formação, consegui entrar na formação de Língua Portuguesa, porque necessitava dela, fiz, a correr, continuo a correr, foi durante o ano todo, consegui fazer. Este ano queria, e quero e necessito de, a nível da Matemática, porque, porque acho que, que preciso de renovar, um bocadinho as práticas, e de me atualizar, e pura e simplesmente, não, não tive formação nessa área, que eu pedi, a nível do agrupamento, e do, do centro de formação, e não nos foi concedida essa área, sim das Tic e dos quadros interativos, mas neste momento, isso não é o que me aflige, era a Matemática, e não obtive formação naquilo que queria, portanto, a minha, a mudança, foi aquilo que eu investi, e que, investi, e que fui à procura, e que fiz formação, noutras áreas particular, fui ler mais um livro, e mais uma investigação daqui, uma ideia que saiu, uma nova, uma nova teoria, e isso, eu vou à procura, mas, mudança, mudança assim, só mesmo por livre vontade e por carolice, entre aspas, porque dado a nível, de, de, do agrupamento e do Ministério, muito pouco.

Investigadora - E então em que tipo de oportunidades, de desenvolvimento profissional, estiveste envolvida nestes dois últimos anos? Já me deste a entender que pouco, mas, e a frequência, também já deste a entender que pouco, mas mesmo assim, que outros tipos de oportunidades conseguiste obter?

Elsa - Olha, a nível, a nível profissional, portanto a nível de formação, tive a de língua portuguesa, que foi importante para mim, revi algumas coisas, portanto, trabalhei com as crianças, nesse sentido, o caminho, em que acho que é, que é este o caminho. Noutro tipo de situação, a nível do trabalho, por exemplo, com os meninos, tento mudar a prática, atualizar e, ir ao encontro um bocadinho do que as crianças gostam, não é, que é mudar um bocadinho as coisas, a nível de Língua Portuguesa e tudo. A nível, para além das reuniões que tenho, e são bastantes, não é, de um Conselho Geral, que também estou lá metida, de um, de um, portanto, poucos foram, pouco, pouco desenvolvimento profissional e oportunidades, aaa.. pouco foi, a oportunidade que me deram, a nível de projetos, a nível do agrupamento, aaa...entrei, em qual? No ano passado, que fizemos a nível de ciências experimentais, fizemos, temos um laboratório na escola, fizemos um projeto o ano passado, portanto, ligado à ciência, a nível nacional, infelizmente não obtivemos resultado, o projeto foi elaborado na escola, elaboramos o projeto, o laboratório foi construído, portanto, foi um projeto que nós tivemos o ano passado, mas

que não obtivemos o dinheiro, nem entramos no concurso, não fomos selecionados, foi nesse sentido, também, um projeto no laboratório, a nível de, a nível de Língua Portuguesa, fazemos 'o escritor vem à escola', integrado no Plano Nacional da Leitura, é nesse sentido, mais um bocadinho a nível de escola, pouco a nível de agrupamento - mais um bocadinho individualistas - na nossa escola fazemos tudo e mais alguma coisa, a nível de agrupamento são poucas as solicitações e os projetos para os quais estamos envolvidos. Relativamente, ah!, frisei há pouco, a nível de reuniões, que são inúmeras, todos os meses, quase, há reuniões, às vezes sinto que, o que, o que vamos lá fazer, e o que, e o que, e o que resolvemos nessas reuniões é essencialmente parte burocrática, é uma estatística para aqui, uns números para lá, é os meninos que temos que ver até as metas que temos que atingir, o que devemos fazer e o que devemos alcançar, e o que devíamos, as estratégias e tudo, o que devemos fazer para atingir aquela meta, nós não fazemos em reuniões. Não nos sentamos para tratar das práticas pedagógicas, pá, tem que ser assim, fazemos a nível de escola, o que é que fazemos com isto, pedimos opinião, mas a nível em grande grupo, na coordenação de ano, é o meu caso do 3º ano, nós não nos sentamos para discutir como é que vamos dar a questão da divisão, como é que podemos dar esta questão da Língua Portuguesa, não, cada um faz à sua maneira, seguem manuais quem segue, vai buscar esta atividade, mas não há partilha, não há troca, isso nas reuniões, é aquilo que eu sinto.

Investigadora - E relativamente à tua satisfação, motivação profissional na escola, no agrupamento, como tu sentes, como é que te sentes?

Elsa - Olha, profissionalmente, eu sinto-me bem com os meus meninos dentro da sala de aula, porque, eu sou professora por gosto, portanto, gosto daquilo que faço, e invisto neles, na minha sala, na escola também, também posso dizer isso, temos uma equipa de trabalho razoável, que trabalhamos, aaa...portanto, sinto satisfação e motivação profissional, porque vou à procura, e acho que, e os meninos dão-nos muito feedback, e se eles gostam daquilo que eu faço e da maneira como trabalho, eu já fico satisfeita, vou avaliando diariamente aquilo que faço e vou seguindo este ou aquele caminho, pronto. A nível de agrupamento, a satisfação, eu cumpro aquilo que me, que me mandam, cumpro a lei, eles dizem para nós fazermos, isto ou aquilo, temos que fazer, não é, há determinadas coisas, que somos obrigadas a fazer, quer queiramos, quer não, quer, quer colocamos ou não a nossa discordância, mas, temos que fazer, e somos

obrigadas a fazer, portanto, é, é, nesse sentido a nível de agrupamento, a motivação, vou para reuniões, já sei as reuniões que eu já sei o que vamos lá fazer, é pouca motivação, pronto, mas tenho que ir, tenho que participar, e dou o meu contributo sempre que, que acho que devo e a minha opinião.

Investigadora – Então, como te sentes quando acontece uma boa experiência de aprendizagem profissional? Portanto, já referiste as formações, nalgumas delas deste opinião positiva. Como é que tu te sentes nessa aprendizagem?

Elsa - Sinto-me muito bem, portanto, porque se eu vou para formação e se vou aprender e felizmente as formações que tenho feito tenho aprendido bastante, não vou para aquelas que à partida num me dizem nada, portanto, vou para aquilo que gosto e para aquilo que sinto necessidade, que é aquilo que tenho, que necessito de conhecer mais, de aprender mais, portanto, tem, têm sido muito positivas, o Português que fiz, no PNELP, também fiz, muito positivas e tento aplicar na prática com os meus meninos, portanto, com as crianças que tenho, com o grupo que tenho, eu trabalho nesse sentido, obtenho os resultados, acredito que seja este o caminho, e eles também nos dizem, eles, como já referi, eles também nos dão, um bocadinho, nos avaliam e dão-nos o feedback. Portanto, e se eles gostam, e se sentem motivados, e se sentem empenhados nas atividades e nas tarefas e propostas, que eu lhes faço, é sinal, que, portanto, que isto, que lhes faz sentido, e que eles gostam de vir para escola, e eles quase todos, os que estão, gostam de vir para escola, e de aprenderem entusiasmados, penso que isso já tem já é um significado, já é uma boa, uma boa, portanto, algo que eles me dizem que estou a desenvolver, ou que estou a ir ao encontro deles.

Investigadora - Como caracterizarias uma boa oportunidade de desenvolvimento profissional?

Elsa - Como eu já falei anteriormente, eu seguir formação, será um dos aspetos e uma, e uma, característica importante, para, portanto, para o nosso desenvolvimento profissional, certo? Pronto, porque, portanto, como já referi, o estarmos atualizados, ao prepararmo-nos para o nosso trabalho. Uma outra, uma outra, oportunidade por exemplo, e advém do aspeto que já referi, que vamos às reuniões e não há, não há espírito de equipa, não há, não há, aquela questão de falarmos de debruçarmo-nos sobre

as nossas práticas, era por exemplo, haver os encontros de professores, quem quisesse, voluntariamente, ou involuntariamente, mas, juntarmo-nos, e debater as questões pedagógicas, as práticas, pensar um bocadinho naquilo que sai, que vai saindo, informalmente mesmo, mas para que, falar de vários assuntos ligados com a nossa profissão, sobre o que quisermos, mas, pronto, haver um espaço livre, por exemplo, era uma das, penso eu, que seria uma boa, uma boa oportunidade de desenvolvimento profissional, estar por gosto, querer, as pessoas quererem, porque não? Fazer isso, compensar um bocadinho naquela questão das reuniões, que nós por vezes vamos, e, sai pouco, portanto, o verdadeiro e aquilo que é mais importante, que é a nossa prática, não fazemos, passa ao lado, porque não temos tempo para isso, fazemos tudo a correr, são as Fichas Trimestrais que se trazem já feitas, e assinala ali, ali, ali, portanto, e não pensamos, não nos debruçamos sobre o assunto. Seria uma outra característica, de, na minha perspetiva, de desenvolvimento profissional.

Investigadora - Então como é que tu perspetivas, o teu desenvolvimento profissional? Que expectativas profissionais tens para o futuro?

Elsa - Olha, a nível profissional, e no desenvolvimento profissional, já falei, já referi as formações que são importantes, pronto, para nós, para nos atualizarmos, para trabalharmos, termos, trabalharmos para os meninos, para colocarmos em prática, aquilo que estão nos programas e que estão nos conteúdos, e que eles gostem de vir para escola, e gostem de aprender, essencialmente. A perspetiva ... expectativas para futuro, a nível de formação, não vejo sinceramente, este ano as perspetivas foram nulas, praticamente, solicitamos a formação para os agrupamentos, ainda não obtivemos nada, estou inscrita numa dos quadros interativos, de vinte e cinco horas, não vejo, claro que vou para lá, e vou aprender e vai-me dar, nas escolas não temos quadros interativos, não temos, essa realidade não vai ser colocada em prática, porque nós não temos, portanto, vou frequentar e vou fazer, quando não sei, porque ainda não há nada, e estamos no final do ano. Uma outra questão, que penso que terá, que terá interesse para mim, pessoalmente, neste aspeto que eu referi, foi a nível da carreira profissional, mas, o próprio agrupamento de formação, tem que ver que necessito dela, para progredir, certo, para avançar na minha carreira, pretendo chegar e pretendo caminhar, dentro do normal, para chegar a um determinado topo, e para chegar, aaa.... a um, patamar, e ao topo da carreira, claro, com tudo aquilo que eu possa fazer, para mim, para as crianças, mas

também pensando em mim porque a lei, eles são, o próprio estatuto me diz, e me obriga, entre aspas, a, eu fazer, se quero chegar a algum sitio, se quero chegar ao topo da carreira.

Investigadora - Então se fosses, se tu fosses responsável, pela conceção de atividades de aprendizagem e de desenvolvimento profissional, como é que elas seriam, essas atividades, programadas por ti?

Elsa - Seriam, essencialmente vertentes pedagógica, portanto, porque, acho que isso que, e como já demonstrei várias vezes, é uma preocupação que tenho, essencialmente pedagógica, e, onde houvesse um espírito, aberto, onde as pessoas pudessem realmente, partilhar, mostrar os seus, as suas dificuldades, porque nós também as temos e propor, por exemplo, os tais encontros entre as pessoas, que se encontrassem, já sabiam para o que iam, colocar, trazer ideias, porque, quando se pensa, muita gente a pensar, há muita partilha, há muita dinâmica, e é essencialmente a vertente prática, porque burocracias, nós já temos, porque burocracias, nós estamos cheios. A questão prática, a questão de, de partilharmos, a questão de termos às vezes, e nisso eu noto, com esta questão da avaliação, da nossa bendita avaliação, que há, cada vez mais nós nos fechamos em nós, na escola mesmo, porque eu tenho medo de às vezes dizer, de errar, ou de dizer uma coisa, ou até mesmo o contrário, de eu querer ser a melhor, de fazer ‘trinta por uma linha’, e não vou partilhar, e não vou dizer, até as próprias colegas, nem procuram às vezes, querer saber, e isto ou aquilo, ou ter uma dificuldade, todas juntas, dizer; - olha, mas isso... - portanto, isso eu noto, e agora, a nova, e a nova, e a nova legislação e a nova, e a nossa avaliação, veio, penso eu na minha perspetiva, dificultar o nosso trabalho, dentro destas práticas, cada um está a trabalhar por si, um bocadinho individualista, e partilhar e o, o conversarmos, com o espírito aberto, sem preconceitos, e sem dizer, que eu que sei mais, ou que tu que sabes mais, ou que o colega não sabe, porque, e até se envergonha, e até nos intimidamos, às vezes de mostrar um bocadinho as nossas fraquezas porque nós também, somos seres humanos, e também não sabemos tudo, também não, não, não somos ‘supra sumos’, portanto, mostrar um bocadinho de humildade, e acho que, portanto, era, era, eu acho que isso fazia bem para, o desenvolvimento profissional de cada pessoa, cada docente.

Investigadora - Muito obrigado pela tua participação.

NARRATIVA BIOGRÁFICA ORAL DA GABRIELA

Nome: Gabriela

Dia: 16 de abril de 2010, pelas 16 horas

Local: Centro Cultural de ...

Condições: Numa sala ampla e com luz natural

Duração: 24 minutos

Investigadora - Gostaria que me falasses da tua profissão. Como é que te sentes presentemente na tua profissão?

Gabriela - Olha, eu presentemente sinto-me bem se considerarmos a parte profissional, mais relacionada com a parte pedagógica, o estar com os alunos, trabalho dentro da sala de aula, relacionamento com os pais, tudo o que é ligado ao trabalho pedagógico. Se vamos falar na profissão, assim no sentido mais amplo e vamos considerar então aí, tudo quanto tem a ver com cargos, com tarefas relacionadas com cargos, aí as coisas são bastante diferentes. Aí há uma sobrecarga muito grande, eu como coordenadora do Conselho de Docentes, tenho uma sobrecarga mesmo bastante grande, em termos de reuniões, em termos de preparação dessas reuniões, em termos de exigência, aaa...de forma de estar, e pronto, depois todas aquelas complicações que daí advêm que não são resolvidas nessas reuniões e que depois acabam por causar stress, cansaço, e muitas vezes a desmotivação, porque, eu gosto de fazer as coisas, e gosto de me sentir bem com aquilo que faço. E na parte pedagógica, eu acho que faço, aquilo que acho que devo fazer, acho que o faço o melhor possível e tenho retorno e tenho colaboração dos alunos, tenho colaboração dos pais, e acho que estou a fazer um trabalho produtivo, sinto-me bem, sinto-me realizada. Em termos de coordenação, por vezes, nota-se que há um trabalho imenso de preparação, invisto muito depois na parte da, da concretização das reuniões, sejam elas reuniões de trabalho, sejam elas, reuniões mais ou menos formais e depois não há aquele feedback que eu gostaria de ter, por parte, por parte dos outros colegas, pronto, não é, portanto há aquela situação, as reuniões até podem ser muito bem dirigidas, podem-se explorar muito bem os temas, mas depois dá a sensação que se trabalhou ali ... os próprios colegas são os primeiros a dizer, estamos a trabalhar pró, pró papel, pronto, não sei até que ponto, depois, todo este trabalho acaba por ter, uma componente prática, que à partida deveria ter. Mas como eu

pessoalmente, também a minha realização pessoal, é mais em termos pedagógicos, não tirei um curso, para, para fazer avaliação de professores, não tirei um curso para orientar reuniões, não tirei um curso para fazer atas, procurei preparar-me para trabalhar com os alunos, não é, portanto, nessa parte, eu sinto-me realizada, apesar de, é como digo, hoje em dia, é extremamente cansativo, porque há muitas outras solicitações, para além disso. Há mudanças.

Investigadora - Então achas que nestes dois últimos anos, houve mudanças na tua prática docente? Na sala de aula, ou sem ser na sala de aula?

Gabriela - Como é em termos pessoais, eu não posso falar só verdadeiramente a este dois anos, porque é assim, eu só fiz o Complemento de Formação, mais do que a formação inicial, formação do Magistério Primário, fiz Complemento de Formação, mas não vou bem por aí, portanto, no meu dia a dia, procurei sempre, em termos profissionais, escolher ações de formação, que eu achava que me faziam falta, que me iam melhorar profissionalmente. Sempre que tinha contacto com pessoas, que me falavam de projetos de ensino, que eu achava interessantes, e que me podiam melhorar em termos profissionais, aderi a eles, de livre vontade, sem esperar gratificações, sem esperar ganhar mais dinheiro, sem esperar qualquer tipo de compensação, tive quatro anos, por exemplo, aqui, nas A., no 'Ensinar a Investigar', que tinha que ir uma série de vezes ao Porto, ter com a coordenadora, que tínhamos, trabalhávamos sem livros, não tínhamos manuais de suporte, não é, não havia um manual de suporte, nessa altura, já era assim, uma coisa extremamente inovadora, um tipo de trabalho desse género, os próprios dossier, tinham a fundamentação teórica de tudo aquilo que fazíamos, então, quando eu preparava uma aula, já havia um trabalho de preparação de aulas, bastante aprofundado, já não era assim, chegar e trabalhar, não é, havia um trabalho por trás, que nós preparávamos, semana a semana das aulas que íamos, que íamos aplicar, e depois havia todo um trabalho, toda, toda a leitura daquele suporte teórico, que nos ajudava depois no fundo, a ter uma prática mais, mais concertada, uma prática mais profícua com os alunos. Portanto, falar nestes dois anos, para mim, eu acho, que nesses dois anos não investi mais do que tinha investido nos outros. Porque eu se for ver as ações de formação que fiz ao longo deste tempo, elas não estão localizadas nesses dois anos, e se for ver o trabalho que eu fiz, não está localizado nestes dois anos, o trabalho mais elaborado não está localizado nesses dois anos, agora claro está, que ao longo destes

vinte e dois, ou talvez para aí, anos de trabalho, há picos maiores e picos menores, não é, prontos, estes dois anos, com esta questão das legislações que foram saindo, e com esta questão da avaliação dos professores e por aí fora, às tantas houve assim, mais umas picadelazinhas, que às tantas surtiram mais efeito naquelas pessoas que estavam mais paradas, em termos de investir na formação profissional delas, pronto e claro que também, quem já estava acostumado a investir, também sentiu agudizar-lhe, um bocadinho espicaçado por isso, não é, pronto, mas comparativamente com aquilo que eu já fazia, naquelas alturas, que se proporcionavam, para fazer, não foi nada assim de mais de maior, basicamente.

Investigadora - Então nestes últimos anos, que estávamos aqui a referir, e que te já manifestaste que não sentiste, que não foi uma altura muito rica, na tua vida profissional, mesmo assim, sentes uma maior satisfação e motivação profissional na escola e no agrupamento, ou não? Ou seja, como é que estamos em motivação e satisfação no trabalho?

Gabriela - É assim, apesar de tudo, eu sou uma pessoa muito teimosa, sou uma pessoa muito teimosa, e, e que não desisto assim, à primeira, ao primeiro obstáculo, e quando me meto nas coisas, não gosto de dar o braço a torcer, ou quando me metem, pronto, basicamente é isso, ou seja, eu quando me meto num caminho, tenho que acreditar nesse caminho, esse caminho vai ter que sair a algum sitio, não é, eu só fico a meio, se não tiver mesmo hipóteses de ultrapassar esses obstáculos, porque senão eu vou passar de qualquer das formas, ou pelo lado, ou por cima, eu vou contornar o obstáculo e, e vou passar, não é? Portanto, eu acredito, em termos de realização pessoal, em termos de desafios, em termos de investimento, eu continuo a fazê-lo, agora claro, que às tantas, todo esse investimento e todos desafios podiam ter outros frutos, não é, se sentíssemos que à nossa volta, mais pessoas trabalhavam para o mesmo, não é, eu continuo a dizer, que um dia alguma escola, às tantas era, em vez de nós concorrermos num sistema de concursos e ficar esta, aquela, aquela, aquela e aquela pessoa, era, sei lá, grupos de trabalho, pessoas que à partida gostam de trabalhar juntas, pessoas que pensassem numa realidade numa escola, ou dum agrupamento, e fizessem um projeto para essa escola, ou para esse agrupamento e ficassem lá, porque queriam fazer esse trabalho, estás a perceber? Então aí, estavam todos a trabalhar pró mesmo, claro que isto ultimamente também melhorou, também não foi só, a questão, por exemplo, da

estabilidade dos professores, a questão dos agrupamentos, eu acho que vieram beneficiar também, o trabalhar em conjunto, o trabalhar com determinado fim, eu, pronto, acho que veio ajudar nesse sentido, veio ajudar muito ...mas basicamente é isso.

Investigadora - E como é que te sentes, quando acontece uma boa experiência de aprendizagem profissional?

Gabriela - Ora, ora, a gente sente-se muito bem, não é? Sinto-me bem, olha, vou-te dar um exemplo, ainda hoje aconteceu isso, por exemplo, aos anos que trabalhamos com meninos do 1º ano e ensinamos a ler, não é, ensinamos a desenvolver, a trabalhar com os alunos, para que eles aprendam a ler, certo? E há imensos métodos, há imensos métodos, já trabalhei no método global, analítico/sintético, método natural, portanto, diversas formas, este ano, como tenho a Isabel lá na escola, e ela trabalhou o método Jean Query, aproveitei para aprender, porque eu tinha umas luzes, mas não dominava o método, e aprendi, aprendi com ela, ela foi-me dando apoio, foi fazendo, trabalhei com os alunos esse método, e hoje, eu tenho lá um aluno que é diabético, na sala, e hoje tínhamos um momento de poesia, na escola, então tinha lá uma folha, uma folha A4, com uma poesia enorme da autoria de Ducla Soares, já não me recordo propriamente do título, mas o que é certo é que, o miúdo fez uma quebra ‘nos açucares’, estás a perceber? Baixou bastante o açúcar, eu tive que fazer uma picada, como ele estava, ele estava bastante baixo, estava, como nunca estive, estava a 28, 29, portanto uma situação bastante aflitiva, tive que tratar do miúdo, e enquanto isso, tinha distribuído essa folha, que era para eu ler, porque eles são 1º ano, e nesta altura ainda trabalharam só um caso de leitura, portanto, eu não estava a vê-los a ler, aquilo que estava ali na folha, não é, pronto. - Vão lendo, vejam o que conhecem e tal, enquanto trato do Tiago, e depois, eu vou ler essa poesia para vocês ouvirem. Lá tratei do Tiago e tal, depois li a poesia e no fim dizem-me eles assim: - Oh professora, nós não podemos ler? - Se vocês quiserem podem ler. Quer dizer e é surpreendente, eles leram, era uma poesia enorme, tem a ver com uma velha, depois posso-te dizer o título, assim de repente não me recordo, mas era uma folha A4, com imensos casos de leitura, e o que é certo é que os miúdos leram aquilo tudo, estás a perceber? Claro, eu fiquei toda babada, toda contente, o que é que eu fiz, fui chamar um colega que estava na sala ao lado, que é o meu professor de apoio, o Pedro, e disse: - Oh Pedro anda cá! Anda cá, vais ver os miúdos. Ele chegou lá, quer dizer, também ficou a olhar assim surpreendido; - Isto não é possível! E eu disse, não é

possível, olha, então pergunta-lhes quando é que eu lhes dei a folha. - Meninos quando é que eu vos entreguei esta folha para ler? - Ah foi há pouquinho. Então eles não decoraram a leitura? Não, dei há pouquinho, li uma vez e os miúdos leram, sem soletrar, pontuação impecável, leram aquilo tudo, mas com imensos casos de leitura, não é? Claro, que nós ficamos extremamente satisfeitos, contentes, com isto. E depois há aquela necessidade, eu pessoalmente, tenho essa necessidade enorme, de quê? De partilhar com outros, partilhei com o Pedro, mas como é que conseguiste? Mas como é isso? Olha, é assim, à conclusão que eu chego, é que para a leitura quanto mais, misturarmos os métodos, melhor, porque é assim, nós temos um universo tão grande de alunos, quanto mais misturarmos os métodos, mais conseguimos chegar a todos, portanto, os resultados acabam por ser bastante melhores, portanto, é uma satisfação enorme, sem dúvida, que é tão grande que não a podemos guardar para nós, eu pessoalmente, não a consigo guardar para mim, não é? Basicamente.

Investigadora - Então, como é que tu caracterizarias, uma boa oportunidade de desenvolvimento profissional?

Gabriela - Tudo aquilo que nos faça crescer. Olha, o ter estado com a Isabel, o ter conversado com ela, e ela ter dito, que já tinha utilizado o método Jean Quiry, que funcionava perfeitamente, sobretudo com os meninos que tinham mais dificuldade de aprendizagem. Para mim, foi uma ocasião ótima, porque quase todos os anos, as turmas do 1º ano, havia dois, três alunos, que tinham dificuldades em ler e eu nesta altura do ano não há nenhum menino que não identifique as consoantes todas, não há nenhum miúdo que não leia, e a maior parte tem zero erros no ditado, não é? Eu ainda um destes dias, também por uma questão dessas, temos lá a Marta, que vai ter 1º ano, para o ano, e eu já lhe meti o bichinho, não é? Já disse, oh Marta, vens cá a cima, que eu vou fazer um ditado gestual aos alunos, e tu vais passar pela beirinha deles todos, e vais ver os meninos a escrever. Chamei-a à minha sala, e fiz o ditado com o método Jean Quiry, só gestual, portanto, não ouves uma mosca na sala, é só o gesto, e eu tenho vinte e três alunos, vai sair um, vou ficar com vinte e dois. E ela foi, foi andando à volta dos miúdos, quer dizer, tu havias de ver a cara dela, que é surpreendente, é mesmo só para quem vê. Foi uma ótima ocasião, para ter crescido profissionalmente, não é só com uma licenciatura, não é só com uma ação de formação, não é só, não é só uma coisa, temos que sair da sala para fora, eu acho que o trabalho cooperativo entre os professores,

trabalho entre pares, às tantas, é, até pode ser muito mais proveitoso, do que essas, do que as outras ações. Atenção, por exemplo, a ação que eu estou a ter agora de Matemática, também é ‘cinco estrelas’, porquê? Eu já fiz, já tirei as minhas conclusões, (riso) já fui adiantando o meu portfólio e foi essas duas conclusões que eu tirei, porquê? Porque alia muito a parte prática à parte teórica, e então aí traz, quase, como o ensinar a investigar, tem muita parte prática, e a parte teórica. Enquanto, que, a maior parte das ações de formação, a grande parte delas, ficam só pela parte teórica, e depois há muito que se perde entre a parte teórica, e a parte prática, e estas que fazem a interligação, pronto, o resultado é outro. Agora o fundamental, é as pessoas quererem, quererem, quererem crescer, não é?

Investigadora - É assim que tu perspetivas o teu desenvolvimento profissional, a pensar mais nas formações, ou haverá outra, ou perspetivas de outra forma, o teu desenvolvimento e futuramente?

Gabriela - Eu acho que tem que ter de tudo um pouco, basicamente tem que ter de tudo um pouco. Se eu me meto numa formação, até de nível superior, e a faço, e venho para minha sala e vou trabalhar, eu, só, com todas essas aprendizagens, com todos esses conhecimentos, que, que tenho, e vou eu trabalhar só com a minha sala, vou ficar com uma visão muito limitado. Se eu vier, e partilhar com os outros, eles vão aplicar nas salas deles, nas realidades das turmas deles, e provavelmente, vou ter muito a acrescentar aquilo que eu já tenho. Porque é a tal, a tal, riqueza que tem, da teoria e da prática e das várias visões que cada um tem. Nós trabalhamos com crianças, se nós trabalhássemos numa fábrica de fazer planos, ou numa carpintaria, e até mesmo assim, porque até o próprio fio não reage todo da mesma forma ao produto que se lhe aplica, a própria madeira, não reage toda da mesma forma, à técnica com que se trabalha, não é, e toda essa partilha de experiências, de aplicação de métodos, de aplicação, de, sei lá, de estratégias, toda essa, toda essa troca de informações, é fundamental. Agora é assim, cada professor tem que fazer, no fundo, um bocadinho o ponto da sua situação, porque aquilo que eu preciso, não é aquilo que o outro precisa, às tantas, ou o que A, precisa, ou B, C, ou D, precisa, cada um tem que fazer um bocadinho, o ponto da situação, sobre si próprio, e sobre a formação que precisa, e depois ir apostar, em ações de formação, porque não, para ir colmatando essas lacunas, mas é fundamental, também em termos de agrupamento haver grupos de trabalho, em que se vão partilhando essas experiências, e

em que todos vão tendo um bocadinho, a possibilidade de crescer, de fazer outros crescer, e fazer outros, fazer um bocadinho, o balanço da situação deles, e perceberem que também têm que crescer aqui ou ali.

Investigadora - No agrupamento onde tu estás, tu consegues perspetivar essa ideia, no início tu disseste, que o ambiente podia não ser o melhor, em relação ao trabalho de grupo, e até pelos casos que desenvolves, viste alguma dificuldade, e será que então a nível de agrupamento, não será difícil trabalhar com os outros?

Gabriela - É assim, difícil vai ser sempre, são pessoas, cada um tem a sua maneira de ser, cada um tem o seu feitio, agora, o que eu acho, é que se forem pessoas que tenham objetivos bem definidos, daquilo que vão fazer, e que sejam pessoas, que lutem por esses objetivos, vão apanhar muitos obstáculos, com certeza que vão apanhar pelo caminho, não é, mas se dentro de um grupo, de cinquenta, nós somos menos, somos trinta e três, em trinta e três professores, se conseguirmos que num ano, dez, tenham uma prestação relativamente boa, no ano seguinte, esses dez, já estão do nosso lado, e no ano seguinte, vamos buscar mais quatro ou cinco, e depois no ano seguinte, vamos buscar mais três ou quatro, certo? E depois, mesmo em termos de trabalho de escola, as coisas começam a correr, porque é assim, há pessoas que querem, eu estou a dizer que há dificuldades, mas há pessoas que querem, também se nota que há pessoas que querem, pessoas que querem crescer mais um bocadinho, e há pessoas que têm vontade em partilhar, às vezes ficam admiradas, por exemplo, sei lá. Nas reuniões de Matemática, por exemplo, quando se fala nos novos programas, que materiais é que temos e tal, mas eu não tenho, mas tu tens? Tenho. E tu não te importas? Não, só tens que dizer o queeres, que material é que queeres? Então, prontos, toma lá o material que queeres. E, no fundo dá a impressão que as pessoas ficam admiradas, por haver alguém que diz: eu tenho, tu queeres, toma, não é? E às tantas se as pessoas começarem a ganhar, mais proximidade entre elas, e mais, mais empatia entre elas, provavelmente depois, essa partilha é capaz de, de se proporcionar de uma forma mais natural, isso não quer dizer que vai ser um 'mar de rosas', ninguém, ninguém pense nisso, um 'mar de rosas' não vai ser, nunca foi, não há de ser, porque somos pessoas, ninguém é perfeito, para isso tínhamos que ser todos muito perfeitos, não é. Mas, às tantas, mesmo aqueles que são mais renitentes, mesmo esses mais renitentes, aos papéis, às qualificações, às coisas novas, e tudo, mesmo esses, se fossemos fazer um ponto da situação, mesmo esses, de

certeza que tiveram uma evolução, de certeza que aprenderam mais qualquer coisa, de certeza que sabem mais qualquer coisa, e de certeza que fizeram coisas, um bocadinho diferentes, daquilo que fizeram, e de certeza que houve quem fez coisas muito diferentes. Agora, também há um bocadinho, é fundamental, eu acho que é fundamental, quem, quem está à frente, no fundo, à frente desses grupos, é fundamental.

Investigadora - Então, se fosses tu a responsável de um desses grupos de implementação de atividades de desenvolvimento profissional, como seriam essas atividades?

Gabriela - Olha primeiro, tinha que falar com as pessoas, tinha que conhecer muito bem o grupo, tínhamos que conversar todos, tínhamos que fazer um levantamento, para sabermos em termos de desenvolvimento pessoal, não é, em termos de formação profissional, por exemplo, que tipo de formação profissional tinha cada um, que tipo de potencialidades tinha cada um e como é que as íamos rentabilizar, não é? Porque, o que faz sentido para um, pode não fazer muito sentido para outro, e então, tínhamos que acertar, tinha que ser tudo acertado ali no grupo, tinha que ser tudo acertado, o que é que havia mais falhas, em que é que havia mais falhas, e quais as falhas mais urgentes a colmatar. E depois veríamos, se a situação, se a resolução desta situação, podia ser feita dentro do grupo, por exemplo, ou se teríamos que recorrer à ajuda exterior, com uma ação de formação, para toda a gente, ajuda exterior, ou então, se dentro do grupo, até podíamos ter uma pessoa com formação profissional, não é, que pudesse partilhar as experiências e ajudar a crescer, mesmo dentro do próprio grupo, eu acho que fundamental, é, tudo que fosse feito dentro do grupo, partir do grupo, pronto. E fundamental também, que o próprio grupo acreditasse e confiasse, em que no fundo estava ali, não para impor, nem para verificar, mas no fundo, mais um colaborador que ali estava, só que alguém tinha que dar, alguém tem que fazer o ponto da situação, alguém tem que coordenar as coisas, mas mais nesse sentido, pronto. E depois, as coisas teriam que partir assim mesmo, no debate e no consenso entre todos.

Investigadora - Portanto, insistirias mais, qualquer coisa que estivesse voltado para as ações de formação, ou outras atividades a par dessa, como complemento da formação? Ou a formação é que era complemento dessas atividades?

Gabriela - É, é, quer dizer, complementam-se, qual a que complementa a qual, para mim, na minha perspectiva, não é o mais, o mais importante, porque num assunto, pode ser uma coisa, e noutra assunto, pode ser outra, não é?

Investigadora - Mas perspectivas alguém por fora que pudesse vir ajudar, alguém em parceria, que pudesse vir ajudar o grupo, por exemplo?

Gabriela - Podiam ser formadores, por exemplo, pessoas que estão habituadas a dar formação, em várias áreas, e que viesse para fazer uma formação específica, imagina, por exemplo, vamos ter dentro em pouco tempo, os novos programas de Língua Portuguesa, e no nosso agrupamento ainda não tivemos formação, neste sentido, mas temos professores, que atualmente, temos alguns professores, poucos, mas temos alguns, que têm a formação dos novos programas de língua portuguesa, já foi batido até, um destes dias, mas há professores que têm essa formação, mas não se sentem à vontade, porque não estão há muito tempo no agrupamento, não conhecem as pessoas, e não estão muito à vontade para partilhar essa formação, não é? Se existisse, da parte destas pessoas segurança e vontade, para fazerem esta formação, fazerem este acompanhamento, partilhar dessas experiências com o grupo, utilizávamos esses que já ali estão, era mais rentável, porque já os conhecemos, estão mais próximos, não tinha que haver grande investimento, portanto, tudo isso, não havendo, então aí teria que recorrer a uma formação ao exterior.

Investigadora - Muito obrigado pela tua participação.

Gabriela - De nada, sempre às ordens e ao serviço.

NARRATIVA BIOGRÁFICA ORAL DA PATRÍCIA

Nome: Patrícia

Dia: 24 de abril de 2010, pelas 15 horas, Sábado

Local: Centro Cultural de ...

Condições: Numa sala ampla e com luz natural

Duração: 41 minutos

Atitudes expressas: Revelou muito entusiasmo e gesticulou bastante para dar ênfase ao que contava.

Investigadora - Gostaria que me falasses da tua profissão. Como te sentes presentemente na tua profissão?

Patrícia - Olha acima de tudo, presentemente, neste momento, sinto que estou numa profissão muito solitária. Primeiro porque acho que não existe apoio nenhum, pelo menos no local onde estou a trabalhar agora, não só a nível de escola, como colegas de escola, como a nível de colegas das outras escolas, como a nível de reuniões que há de coordenação, acho que, trabalha-se muito para o papel, mas não há o que a gente sempre falou, e que a gente, e que se pretende sempre, e mesmo agora com os novos programas, não só na Matemática mas também na Língua Portuguesa, que eu também estou a fazer uma formação no PNEPL, que defende muito o trabalho cooperativo, eu acho que ele cada vez ele está a existir menos, porque acho que as pessoas cada vez se estão a fechar mais, cada vez têm menos vontade de partilhar, não sei se poderá ou não estar relacionado com a avaliação, também acho que, às vezes, em alguns casos não deve agradar muito, por exemplo na escola onde eu estou, noto que há assim uma certa rivalidade e noto que as pessoas, quando fazem um trabalho que até acham que está, que está bom, que têm resultados, que leva a que as pessoas progridam e que notem, tentam esconder. Ou, então, também já aconteceu, que eu por acaso também já tive a oportunidade de apreciar, há pessoas, que por exemplo em reuniões de coordenação, que alguém leva uma atividade até diferente, que são pouquíssimas vezes que isso acontece, os outros tentam logo ver como é que foi, como é que não foi e como é que fazes isso, e depois é engraçado, sabes? Que mais tarde se tiveres com essa pessoa e lhe perguntares: (alteração do tom de voz) - Olha esta atividade está muito fixe ... está muito gira... ai é? Fui eu que fiz. Olha, olha mas como é que fizeste? E conta-me lá. E

as pessoas começam-se a fechar, quer dizer, mostram aquilo, como dizem-te um bom resultado, mas não te dizem mais nada, às tantas para tu não fazeres o mesmo, não sei. Portanto, neste momento sinto-me assim muito solitária na minha profissão, sinto-me também desmotivada neste momento, não só pela escola onde estou, pelos colegas que tenho, mas também pela turma complicadíssima que tenho este ano, e cada vez mais, eu acho, que é muito complicado pegar numa turma que nunca foi tua, já no quarto ano, é como começar de novo e numa turma que tem muitos alunos têm muitas, muitas dificuldades, é muito complicado, porque além que já deviam conhecer conteúdos, mas ainda não deram, e que já deviam ter dado e que estás num quarto ano, é uma turma muito insubordinada, tem muitos problemas a nível comportamental, portanto houve um trabalho infiel, que foi muito demorado para tentar conseguir pôr as coisas no lugar, para depois conseguir trabalhar, depois acho que também não há apoio dos pais, não há apoio da escola, da associação da escola, não há apoio do agrupamento, não há, não há, apoio, não tens apoio de ninguém, e depois ainda há outro agravante, por exemplo, que eu noto muito este ano na minha escola, tenho uma turma de grandes dificuldades que tem muitas das coisas, pelo menos, especialmente em matemática, para ver se eles entendem melhor, para compreenderem melhor, eu tento fazer isso com materiais manipuláveis, que na escola não existe. Então é uma luta diária, porque eu, como não conheço bem a escola, já tentei por várias vezes que me dissessem qual o material que lá existia, e é aí o meu espanto, é quando me abriram assim um armário, daqueles antigos de madeira, muito antigos, com coisas muito antigas, eu abro o armário, aquilo tinha teias de aranha, e os únicos materiais que eu lá encontrei, os tipos carimbos, os... (risos) daquelas...aquelas... peças do Cuisenaire, não... algumas do mago, algumas peças do mago, dispersas, alguns solos geométricos de madeira, há uma régua, o compasso, o esquadro, transferidor já não existem, e todos os outros materiais que tu precisarias para trabalhar, nomeadamente as medidas de comprimento, as medidas de capacidade, só que eu precisava mesmo, de materiais para eles trabalharem, para eles concretizarem, para eles experimentarem, oh pá, é uma luta diária, há muitas coisas que eu tento que improvisar, mas nem tudo tu consegues improvisar. Ainda, por exemplo, agora, esta foi de rir, que eu estava-lhes a dar, para lhes dar a relação entre as medidas de capacidades e as unidades de volume, mas não tenho aqui material nenhum, como é que eu vou fazer? Que era para dar a relação entre o decímetro cúbico e o litro, bem, vou ter que ser eu a construir. Então, levei de casa uma caneca com a capacidade de um litro, que dizia lá que é para eles identificarem, e estive eu a construir um decímetro

cúbico, que é para eles perceberem melhor e compreenderem e exemplificarem, para ver como é que realmente as coisas funcionam, que realmente corresponde à verdade. Portanto, este ano tem sido assim um ano muito, muito complicado, e ... por mais que a gente neste momento, o que eu sinto é isto, por mais que a gente queira, fazer da escola, um lugar onde realmente se aprenda, onde os alunos se sintam motivados, queiram aprender, que eu acho que hoje também, falta muito isso, os miúdos é hoje, não querem, pelo menos a turma que eu tenho este ano, é um desinteresse tão grande, que eles não querem aprender, tenho um ou outro, que têm aquela curiosidade e querem, sempre ansiosos por coisas novas, mas a maior parte não, num tem nada que lhes interesse, por mais motivador que tu tentes dar às tuas aulas, seja com, com, com computadores, seja, até, até noutro dia fiz um trabalho, até foi de Outnet, Outnet, fomos fazer ao instituto de Camões, que tem lá umas coisas muito engraçadas de histórias, e então trabalhei, ó pa, eles inicialmente até acham piada, porque era um bocadinho diferente, mas depois, acho que nada os motiva, os pais em casa, pelo menos este ano a turma que eu tenho, aaa...acho que também eles não dão aquele valor que deviam dar à escola, uns porque não sabem, outros pura e simplesmente também não estão minimamente interessados, não acompanham minimamente o percurso dos seus filhos, e depois é engraçado, que quando entrei agora numa das reuniões que tive agora no 2º período, uma das mães me disse, que achava que a escola agora era tão difícil, que a escola era muito mais difícil, que era tudo muito complicado, e eu disse é engraçado está me a dizer isso e eu acho que é precisamente o contrário, eu acho que a escola hoje, atualmente, com tudo o que está à volta, tudo o que se está a viver nela, acho que a escola está em estado grave e, e portanto não concordo quando a Sra. me diz que a escola que é muito difícil. Eu percebo porque ela me quis dizer aquilo, ela quis me dizer aquilo, porque eles na altura estavam a fazer um trabalho de investigação sobre o rio Ave, e então eu disse-lhes para eles pesquisarem onde quisessem, podiam ir a uma biblioteca, podiam ir à internet, que é o que eles querem sempre óbvio, e é sempre para onde eles se encaminham logo, podiam ler revistas, podiam entrevistar pessoas, podiam recorrer a várias fontes para fazerem a pesquisa e depois nós iríamos trabalhar isso na sala. Mas de facto a canalha, hoje em dia só quer a internet, então pelos vistos, acho que a miúda chegou a casa, e disse à mãe que tinha que ir à internet e ela não tem internet em casa, então às tantas por essas coisas, é que os pais acham que é mais difícil, que é mais complicado, que eles agora têm de ter muitas coisas...e eu na altura respondi-lhe, olhe, eu sei porque a Sra. está a dizer isso, está a dizer isso por causa disto assim, mas olhe eu disse aqui na turma, estou farta, e

estou de por várias vezes de dizer, que também andei na escola, e quando andava na escola, não havia internet, não havia computadores e nós tínhamos de fazer trabalhos de investigação, agora às tantas tínhamos é que procurar noutras fontes, que temos de sair, temos que nos deslocar, temos que procurar, e às tantas, muitas vezes miúdos que vivem mais afastados da cidade têm de ser acompanhados pelos pais, que não conseguem chegar lá sozinhos, por isso, é que os pais dizem isso, mas por acaso a minha opinião é completamente diferente, acho que hoje as escolas está numa reviravolta tal, e há tantas pessoas revoltadas com o sistema e há tantas pessoas, que pá não sei, acho que estão nesta profissão, não por gostarem, mas porque às tantas, porque ao fim do mês o ordenado até é compensador, levam a escola como um par-time e não estão realmente porque querem, e é aquilo que querem fazer e aquilo que gostam de fazer e mostrar resultados, mas resultados concretos, não é aqueles resultados que a gente vê, que deitam numa folha de papel muito bonitos, mas quando a gente vai à realidade vai ao terreno os alunos não sabem nada, de maneira que neste momento na minha profissão eu sinto-me assim muito desmotivada.

Investigadora - Muito bem. Então neste dois últimos anos, achas que houve algumas mudanças na tua prática docente?

Patrícia - Aaaa...houve, houve mudanças, isto... (silêncio) é assim, a gente apesar de se sentir desmotivada, mas quem está nesta profissão por gosto, como eu estou, eu tento sempre, apesar das contrariedades, tento sempre dar o meu melhor, tento sempre atualizar-me e saber de coisas novas e a própria formação que eu fiz de Matemática e agora uma que estou a fazer de Língua Portuguesa, vão-me dando novos conhecimentos, vão-me apontando outros caminhos, que de uma forma consciente e às vezes até inconsciente, vão modificando a minha prática pedagógica, portanto tem sempre interferência e é sempre modificada, não é? e acho que se algum dia deixar de ser modificada é muito mau sinal, é sinal que eu estagnei que parei e, portanto, já não estou lá a fazer nada.

Investigadora - Hum, hum. Em que tipo de oportunidades de desenvolvimento profissional estiveste envolvida nestes dois últimos anos? E com que frequência?

Patrícia - Olha é assim, a nível de desenvolvimento profissional, (aaa) nestes dois últimos anos, tenho estado só mais a nível de ações de formação. Fiz o ano passado a de

Matemática que acabei, meti-me este ano neste agrupamento, entretanto mudei de agrupamento, meti-me este ano na do PNEPL, aaa...que é uma ação de formação um bocado dura, neste sentido, é muito trabalhosa, tens muitas aulas assistidas, tens que fazer muita preparação das aulas, tens que fazer a reflexão de todas essas aulas, e depois diálogos, o portfólio, e isso tudo, apesar disso, apesar de exaustiva, acho que está, está a ter frutos, tem aspetos positivos, tem os negativos, mas tem outros positivos. Portanto, tem sido mais a nível de, de, de ações de formação. De projetos não, também não há assim grande oportunidade, acho eu, pelo menos na minha perspetiva, de tu lançares-te em novos projetos. Primeiro, é assim, porque os projetos que já existem nos agrupamentos, geralmente são, são dinamizados por pessoas que já estão há muito tempo no agrupamento, portanto, já os conhecem, já sabem para onde é que hão de ir, e que pessoas é que devem escolher, e, portanto, é assim um bocado difícil, e tu teres a iniciativa de iniciar um projeto num agrupamento, em que estás há pouco tempo, há pouco tempo, neste caso no meu em que estou só há um ano, nem pensar, porque é assim, é o mesmo que tu dares um tiro no escuro, por acaso este ano até numa das reuniões da Matemática, porque nós começamos no nosso agrupamento o projeto do PAM e dos novos programas, está a ser dinamizado no papel, (aaaa...) portanto, estamos a ter reuniões, duas, três por, por período com a acompanhante, dos novos programas, isto porque a coordenadora que nós tínhamos dos novos programas do nosso agrupamento, é um caso difícil, dado em...como é que eu hei de dizer? em levar as pessoas a implementar os novos programas, está a ter muitas resistências, e apesar de já o ano passado, eles inicialmente, que eu não estava lá, mas inicialmente, os novos programas seriam só para arrancar com o primeiro e o terceiro, este ano quando começou o ano letivo, decidiu-se que era para arrancar para todos os anos, e, então, as pessoas revoltaram-se muito e a coordenadora então dos novos programas teve muita dificuldade, em tentar pôr aquelas pessoas a fazer os novos programas, as pessoas dizem que aquilo num vale a pena, que o que eles têm que aprender, já aprendiam, que...e ela por mais que ela lhes tentasse explicar, que as mudanças não eram tanto a nível de conteúdos, mas era mais a maneira como se dá matemática, como se ensina matemática, e pá, teve muita, muita dificuldade, e com tanta dificuldade, que ela teve que pedir a ajuda da acompanhante, então estamos a ter essas...essas sessões, em que ela nos vai ajudando, ou vai tentando ajudar para que as pessoas consigam implementar os novos programas, mas mesmo assim, sei que é muito difícil, porque apesar de eu não pertencer, por exemplo, ao grupo de coordenação do primeiro ano, tenho uma colega

minha que trabalha no mesmo agrupamento que eu, e que diz que...que ela pertence ao primeiro ano, e que ela está a ter uma dificuldade terrível, porque as restantes colegas do primeiro ano, não... não ligam ao que ela diz, porque ela tentou mais ao nível do primeiro e do terceiro, ou pelo menos tentaram, que mais a nível do primeiro e do terceiro, que houvessem reuniões em que as pessoas partilhavam, que levassem atividades para todos partilhar, cooperar, para ver como resultou se há resultados, como é que vamos fazer, se é melhor assim, se é melhor de outra maneira, e cada vez que a miúda, eu digo miúda (risos) porque ela tem menos tempo de serviço, levava uma atividade nova, as colegas pura e simplesmente diziam: (alteração de tom de voz) - Oh, guarda isso, guarda isso. Oh, deixa estar, guarda isso e depois ainda foi mais caricato, quando por exemplo para a avaliação do primeiro período, em que as fichas de avaliação são iguais, e que foi ela que as fez, ela tinha posto lá um diagrama de Venn se não me engano, e claro, para espanto de todas as colegas, ficaram a olhar para aquilo; (alteração de tom de voz) - Ai, como é que eu vou dar isto aos meus alunos? Eles nunca fizeram isto. Então, logo todos preocupados, o que é que se faz, o que é que não se faz, a ligar-me inclusive, para ver se eu mandava algum...primeiro estava a explicar o que era aquilo, e depois, se mandava alguns exercícios para os alunos fazerem, antes das fichas de avaliação, porque senão ia ser muito mau. Portanto, lá está muita dificuldade em conseguir dar os novos programas. Mas isto, para te dizer que, (aaaa...) eles tiveram lá...pronto, as pessoas vão-se apercebendo de quem é que já está mais ou menos, por dentro dos assuntos dos novos programas, o que é que são os novos programas, o que é que se pretende, e, então, pelos vistos o projeto que nós temos, que eu não sei qual é, porque nunca mo deram a conhecer, para a matemática, para o PAM, não está a dar resultados, porque alguém este ano que o avaliou, diz que ele está ambicioso demais, prós meios, e para tudo o que se tem lá no agrupamento, (aaa...) a diretora este ano decidiu então, que o projeto tem de ser reformulado, e, então, para o primeiro ciclo, como ninguém queria ir, não é? Está a coordenadora dos novos programas e puseram o meu nome também, portanto, eu, em princípio vou trabalhar nisso, ainda não sei muito bem o que é, portanto eu sei o que é um projeto de matemática, como eu não tenho conhecimento de como este foi feito, portanto, quais são os objetivos que se pretende, portanto, estou assim um bocado expectante para ver o que é que vai sair dali, para ver se aquilo tem pernas para andar, ou aliás eu acho que não tem, porque é assim, a partir do momento que há um projeto, que as pessoas não têm conhecimento dele, como é que ele se pode desenvolver? Não é? Acho que só isso já diz tudo, acho que só isso já diz

tudo. Eu acho que, hoje as pessoas, vivem muito pró, para o papel, e então, estou a falar a nível de agrupamento, a nível central, eles acham que se no papel estiver tudo muito bem delineado, que depois a realidade vai corresponder a esses objetivos, mas esquecem-se, que do papel até se atingir os objetivos no terreno, há muita coisa pelo meio, e que eles, não conseguem controlar, até primeiro, às vezes, porque nem se preocupam em saber como é, que se caminha desde o papel até aos resultados finais, portanto, para eles isso, num, num lhes interessa, e depois, também não se preocupam em ver se no terreno realmente os resultados foram esses ou não, que resultados até no papel podem estar muito bons e até se podem apresentar trabalhos, que foram, entre aspas, feitos pelos alunos, que estão muito bonitos, muito bem elaborados, mas que se por acaso, se derem ao cuidado, por exemplo, olha nós temos aqui este trabalho, que foi feito assim, assim, então ó pá, até seria giro fazer um debate com os próprios alunos, como é que eles fizeram este trabalho? Aí talvez as coisas sejam feitas ao contrário.

Investigadora - É verdade. Então diz-me, já estou a perceber mais ou menos, mas, como é que tu te sentes quando te acontece uma boa experiência de aprendizagem profissional?

Patrícia – Ah!, fico satisfeita, fico...olha, eu digo-te isto porquê? Porque eu este ano, como mudei de agrupamento, e isso tudo, de turma, muitas vezes eu não quero pensar na turma que eu tinha o ano passado, e nos trabalhos que eu fazia com aquela turma, porque é assim, apesar do ano passado, ser a mesma fase o ano de escolaridade, tinha segundo e tinha o quarto, e noto muitas diferenças neste sentido, primeiro porque os alunos estavam sempre à espera de coisas novas, e o que eles queriam era aprender, fizemos, e quando eu digo que fizemos, porque não fui só eu, foi também com a participação dos meus alunos, fizemos trabalhos muito interessantes, não só a nível de Matemática, como de Língua Portuguesa, como Estudo do Meio, sobretudo a nível de experiências, foi, foi fantástico, porquê? Porque lá está, porque aí nós tínhamos, eu não me sentia sozinha, tinha por trás de mim uma equipa, em realmente nós trabalhávamos em conjunto e pensávamos assim, para este tema, o que é que a gente vai fazer? Vamos fazer isto, vamos fazer aquilo? Depois cada uma trazia uma ideia, e aí havia mesmo partilha, percebes? Não digo por toda a gente, mas pelo menos havia um grupinho de três ou quatro que já, já, dava para fazer muita coisa, e então eu hoje ponho-me a pensar e ainda sorte, um dia destes, encontrei a mãe de uma aluna minha do ano passado, que

me disse: olhe professora a Inês está muito bem, está muito contente, está a correr muito bem, o quinto ano está a ser um espetáculo, sabe o que é que ela me diz? E eu, diga lá o que é que ela me diz? (alteração do tom de voz) - Olha, mãe, sabes uma coisa? Os testes do ano passado eram muito mais difíceis, isto é fácil. Eu até me ri com ela (risos) que disse-lhe assim: - Olhe, você está-me a dizer isso e é assim eu estou a pensar, pus-me agora aqui a pensar...será, que eu é que estou a ser exigente demais? Porque eu digo-te, esta turma que eu tenho este ano, se eu for comparar, eu sei que não somos todos iguais, não é por aí que, mas se eu for comparar, o mesmo tipo de atividades que eu desenvolvia dentro da aula, com a turma do ano passado, mesmo tendo dois anos e com a turma deste ano, que é só do quarto ano, será que sou eu que estou a exigir demais? Será que...não, mas eu acho que, até é bom...e depois eu...engraçado, eu lembro-me de coisas do ano passado, que os meus alunos até faziam, que eu adoro, e que eu na altura já sabia o que eram bons resultados, mas mesmo assim eu massacrava-os, neste sentido, quero mais, quero mais, quero mais, e...e este ano pá, nem mais, nem menos, por mais..., é uma luta diária constante e que prontos, dá sempre alguns frutos, senão também não andava lá a fazer nada, mas que é muito diferente, e então quando tu te pões a pensar naquelas alturas em que tu tinhas uma boa experiência, aí, era tão bom...e prontos, e não vou dizer que este ano não aconteceu isso, houve aulas que eu disse assim: - Ai, ao menos está aqui uma luz ao fundo do túnel, ainda bem que isto resultou hoje, será..., mas ainda fico sempre a pensar, será que eles perceberam mesmo? (silêncio) Ou será que, que é do sol? (risos), não sei, será que eles estão mesmo...? Não sei, estou sempre com, com um receio tremendo e, e nunca sei se realmente, eles aprenderam aquilo, e fico sempre com o pé, e, e depois é assim, o que eu noto muito, é que também, nesta turma, por exemplo, por mais que eu diga, quando não perceberem, digam, se não perceberem, digam, eles percebem sempre tudo, dizem eles, eu às vezes pelas caras, embora esteja com eles há pouco tempo, mas pelas caras, pelas expressões vê logo, não percebeu nada, mas pronto, logo a seguir a gente chama e vai ao quadro e vai mostrar, mas mesmo aí, eu tenho sempre receio este ano, não sei pá...quando a gente tem uma boa experiência, é muito reconfortante, e é isso que nos dá ânimo para continuar.

Investigadora - Muito bem. Então como tu caracterizarias, uma boa oportunidade de desenvolvimento profissional?

Patrícia - Uma boa oportunidade de desenvolvimento profissional...

Investigadora – Que momentos é que devem ter, para ser boa, para ser uma boa oportunidade?

Patrícia - ...oportunidade. Eu sei o que é que elas deviam ter, agora, não sei até que ponto isso será uma utopia. Porque é assim, acima de tudo as pessoas devem estar lá, porque querem estar lá e não porque são obrigadas a estar, porque infelizmente das coisas que se fazem, e não estou só a falar, das ações de formação, estou a falar de projetos, estou a falar de dinâmicas que se tentam criar, muitas das vezes as pessoas estão lá, porque são obrigadas a estar, sabem que têm que ir, senão vão ter consequências a nível profissional. Portanto, acho que só isso já é um entrave muito grande, acho que realmente as pessoas deviam estar lá, porque realmente querem estar lá e querem aprender, e querem evoluir, e querem melhorar todo o sistema. A partir daí, se as pessoas estivessem lá porque realmente querem, acho que tudo era mais fácil, primeiro porque tão todos a remar para o mesmo caminho, e portanto, se estão a remar para o mesmo caminho, vão querer aprender uns com os outros, portanto, e se eu sei de um assunto e a colega sabe de outro, eu vou partilhar com ela, vou transmitir, vou trocar saberes, e não ficaria só por aí, ficaria por, na minha perspetiva, de toda a gente tentar, e nós sabemos que na nossa prática o que conta são os resultados práticos, não é? Não são as coisas que são muito bonitas na teoria, mas que depois na prática não resultam, portanto, era levar situações práticas, que algumas dessas fossem experienciais, não é? Para a gente ver como resulta, mas para depois, se cruzar esses dados, que é o que acho que falta muito, as pessoas às vezes até levam coisas novas, (aaa...) até experimentam, mas depois falta a outra parte, não refletem sobre os resultados que se obtiveram. Ó pá, eu fiz isto, mas às tantas isto, não me correu muito bem, ora bem, como é que nós, se formos repetir esta, esta situação, esta aprendizagem, o que é que a gente podia melhorar? E se agente fizesse assim, ou fizesse de outra maneira? Acho que a partir daí, é que poderia haver realmente uma evolução, acho que a partir daí, é que as pessoas estariam, estariam realmente preparadas, não só para implementar todos os novos programas que agora estão a surgir, não só de Matemática, como de Língua Portuguesa, como a fazer com que todo o sistema de ensino evoluísse, porque eu acho que neste momento vai uma confusão tão grande, está, está de pernas para o ar, e que no fundo, quem vai sair mais prejudicado disto tudo, são os alunos. E será que, não agora, mas nas

gerações futuras, porque eu, quando me ponho a pensar, que nas próximas gerações, quem irá estar à frente de um país, são crianças que neste momento andam na escola, tenho muito medo, eu penso assim: se nós neste momento estamos com um país que estamos, da forma que estamos, quando for estas gerações a tomarem conta, entre aspas, do país, acho que não vamos ter escapatória.

Investigadora – (risos) Então diz, já que estás aqui a falar no futuro, diz-me uma coisa, como é que tu perspetivas, ou que expectativas tens tu para o futuro, profissionais?

Patrícia - expectativas. É assim, eu, em relação às expectativas e ao futuro, tenho dois extremos. Um extremo, é vir, é pensar, como já se está a ver agora, a, a luta que vai ser, e as crises que vão surgir na escola, e as lutas entre os colegas na escola, por causa da avaliação. Porque apesar de, o ano passado, por exemplo, ter-se optado pelo Simplex, não é? E as coisas ficaram mais ao menos amenas, não houve assim grandes discussões, a partir de agora, já não. E portanto, a partir de agora as pessoas vão ter mesmo que ser avaliadas, e então já se vê, por exemplo, este ano, eu já, já tive a oportunidade de presenciar isso, em que, por exemplo, no meu agrupamento, há professoras contratadas, e que portanto têm que ser avaliadas, e estão a pedir aulas assistidas, com todo o direito e legitimidade, e o que eu estou a assistir, é que quem as vai avaliar, e as pessoas mais velhas do agrupamento, em especial, já estão a tentar intimidar as mais novas, para não pedirem essa avaliação, para não pedirem essas aulas assistidas, porque no pensamento delas, na perspetiva delas, como eles o ano passado, pelos vistos, foram todos corridos com ‘sete’, segundo as palavras deles, foi chapa ‘sete’ para todos, eles acham que, os outros que vêm depois, não têm tantas capacidades como eles, não têm tanta experiência como eles, não têm tantos conhecimentos como eles, portanto, de forma alguma, poderão ter uma nota superior à deles. (silêncio) E então eu penso, se eu já vejo isto, e no ano a seguir ao Simplex, e com professores que estão a começar a carreira, e que já têm estas dificuldades todas, estes entraves todos, porque lhes vão tentar dificultar a vida, por mais que eles queiram participar nessa avaliação, quando for a vez dos outros e ponho-me também no meu caso, que por exemplo, também pretendo pedir a avaliação, o que é que irá ser? Vai criar o mesmo tipo de ambiente que está a criar com os mais novos? Com certeza que sim. E, portanto, eu acho que ainda vai piorar mais a situação, por um lado, por outro lado eu acho que esta avaliação que existe, ou que está

preconizada, que de pouco vai adiantar, porque, eu digo isto porquê? Dou-te uma realidade paralela, eu já assisti, por exemplo, em ações de formação em que as aulas são assistidas, isto dito por formadores, eu por acaso tenho um colega meu que é formador, e estávamos uma altura em tom de conversa no café, a conversar e tal, e estávamos a falar precisamente da avaliação, e ele tem a mesma perspetiva que eu, disse-me assim: olha isto da avaliação é tudo uma fantochada. Mas porque é que dizes isso? Por um motivo muito simples, porque a partir do momento que tu sabes, quando é que vais ser avaliada, por quem vais ser avaliada e em que quês que vais ser avaliada, claro que tu para esse dia, por professor mais desleixada, entre outras, que tu sejas no teu dia a dia, nesse dia vais-te esforçar mais um bocadinho, e até vais apresentar ali uma coisa minimamente decente e, então, a pessoa que te foi avaliar, até vem de lá com uma ideia... ai não, olha este professor até trabalha, até faz, até... nem que no resto do ano, ou o resto das aulas, que não são assistidas, não trabalhes. Portanto, isso não vai... para mim essa avaliação é muito fictícia, porque vai analisar e vai observar situações pontuais, não é? Que as pessoas já estão preparadas, já sabem o que é que vão ter. Teria, às tantas, outro efeito, se as pessoas não soubessem, quando é que iam ser avaliadas, e se, primeiro que fossem pessoas externas à escola, que ninguém se conhecesse de lado nenhum e que chegassem lá e dissessem: - Olha, estou para assistir à sua aula, posso entrar? Com certeza.

Portanto essa parte do meu futuro, assusta-me um bocado, porque, neste sentido, não é que eu tenha medo da avaliação, porque não tenho medo da avaliação, mas acho que cria, aaa, que o ambiente que se vai-se agudizar de tal maneira, mais do que ele já está, que vai ser péssimo para todos. Depois tem o outro lado, que é o outro oposto, que é assim, eu também e faz parte da minha natureza, nunca desistir, portanto, apesar das contrariedades, eu não pretendo desistir de ser professora, e de ensinar e de exercer a minha profissão, com o mínimo profissionalismo, portanto, estou, quer dizer, estou expectante no sentido, que apesar de tudo a gente vai conseguir, e vai-se ultrapassar isto tudo, e a escola vai melhorar, e o ensino vai melhorar, e, ainda não sei bem como, mas, o pá, há sempre essa, essa, esse pensamento, temos que ter esse pensamento, senão então desistimos, mas é esse lado que tu sofres, se por um lado, isto vai ser muito mau, se por um lado isto vai entrar aqui num ciclo vicioso, que depois as pessoas vão andar umas contra as outras, tu não tinhas nada que pedir a avaliação, porquê? pensas que és melhor que eu, (aaa) e depois por outro lado, acho que realmente isto tem que mudar mesmo, e pode ser até que as pessoas, que a avaliação, com o, o decorrer dos tempos,

pode ser que as pessoas se vão habituando, e que encarem como uma coisa normal, e que não apontem, aqueles que querem ser realmente avaliados, como acontece hoje.

Investigadora – Nesse extremo, no último extremo que estavas a falar, que perspectivas, não desistir não é? Mas que é que pensas fazer de concreto, para te desenvolveres?

Patrícia – O que é que eu penso? Olha, primeiro penso continuar a sempre que me surgirem oportunidades de formação, que eu ache, que realmente dão para aprender, a gente está lá realmente para aprender, pretendo continuá-las e não sou muito da opinião, que por exemplo, sei que muita gente vai lá buscá-las, ou frequenta essas ações pelos créditos, e depois já ouvi também afirmações tipo, como por exemplo esta do PNEP, que nós estamos a fazer, que eu não sei, mas acho que é à volta de quatro ou cinco, já não sei bem quantos créditos dá, e já vi muita gente que lá está, que este ano teve que fazer, porque precisava para avaliação, a dizer: (alteração do tom de voz) - Ui, eu nunca mais me meto numa formação destas, tanto trabalho para o fim a gente só aproveitar um crédito? Para quê? Então para isso meto-me numas ações daquelas que existem, que a gente faz aí num mês, tenho créditos na mesma e não me chateio nem um terço. Portanto, eu num, num sou dessa opinião, quando vou para uma ação, vou para uma ação para aprender, senão não vou, pelos créditos não me vale a pena ir, e tanto é que se fosse pelos créditos. Eu este ano não precisaria de créditos, fiz o ano passado de Matemática que me chegam e sobram, e, e tento sempre aprender, por exemplo, ainda agora, com o novo, o Plano Tecnológico, que eles querem até 2013, que eu própria no site já pedi o certificado, porque já tinha ações de formação, mas depois havia uma parte que pedia para, se nos queríamos inscrever, não era obrigatório, mas se nos queríamos noutras áreas eu por acaso inscrevi-me em duas, uma que é os quadros interativos, que eu gostava de utilizar, mas que não posso utilizar, porque, primeiro porque só existe o universal e esse já está na sala de um professor, e portanto, é muito incómodo pró colega, eu ter que ir para sala dele e ele ter que trocar de sala, cada vez que eu quiser usar o quadro interativo, portanto, para evitar quezílias, eu não uso o quadro interativo, bem que eu gostava de usar, porque, eu nunca manuseei nenhum, mas por curiosidade já fui a uma, não foi bem uma ação de formação, foi mais uma sessão de esclarecimento, que existiu numa escola a um sábado de manhã, e eu fui, queria aprender, queria mesmo perceber, como aquilo funcionava, mas claro que aquilo em três horas ou quatro, que

foram, ficas com umas luzes, mas... não é? Ele também disse logo, vocês hoje não vão ficar a saber, vocês vão ficar apenas com umas luzes, de como é que funciona e quais são as potencialidades que o quadro interativo nos dá, e vi coisas interessantíssimas que ele fez ali em poucos minutos, e portanto, até gostaria de experimentar, e até me inscrevi numa ação para isso, agora quando o vou usar, isso já não sei. Mas, há coisas boas que no futuro têm pernas para andar, agora, às tantas, o mais difícil é mudar, tentar mudar e isso é que eu acho muito difícil, é tentar mudar a mentalidade das pessoas e levar as pessoas a refletirem, a questionarem a sua própria, o seu próprio desempenho profissional, porque eu acho que a maior parte das pessoas com quem eu tenho lidado, e pelo menos este ano, que não se questionam sobre o seu desenvolvimento profissional e sobre a sua prática profissional, refletir ao fim do dia, o pá, como é que me correu hoje a aula? O que é que eu fiz? O que é que eu não fiz? O que é que eu podia ter feito? O que é que eu posso fazer... Como eu chego muitas vezes a casa, ao fim das aulas, e penso assim: ai meu Deus, o que é que eu posso fazer mais para tentar que estes miúdos sintam algum interesse pela escola e vejam que a escola é importante, que aprender é importante, (aaa..) eu questiono todos os dias isso e, mas acho que muita gente, não se questiona, portanto, é tanto...as pessoas levam as coisas com tal leviandade, às vezes, a nível profissional, que nem sequer se questionam, e então enquanto não houver isso tudo, e aí é mesmo maior dificuldade, é como é que a gente vai levar as pessoas a refletir sobre aquilo que estão a fazer. Acho que esse é o grande desafio da escola de hoje.

Investigadora - Então só mais uma pequenina questão. E se fosses tu a responsável, por conceber atividades de aprendizagem e desenvolvimento profissional, como é que tu... como é que elas seriam, como é que as farias, essas atividades?

Patrícia – Como é que eu faria essas atividades? O que te dizia à bocado, temos que primeiro tentar colocar lá pessoas, que realmente queiram aprender, e que realmente queiram melhorar o seu talento profissional. Aaa... agora é assim, eu acho que também, não vale a pena, estar a tentar dinamizar seja o que for num agrupamento, quando tu não tens pessoas capazes, de depois darem resposta àquilo que tu pretendes, e estou a dizer isto porquê? Porque, é diferente, por exemplo, este ano, que estou a fazer a ação de formação de Língua Portuguesa, que é com uma professora que já pertencia ao agrupamento, portanto, já conhecia toda a gente, (aaa..) e, e que também sejamos,

prontos, vou ser assim um bocado assim sincera, acho que ela tem um bocado de dificuldade em explicitar aos colegas, determinados conteúdos e determinados temas que vão sair agora com os novos programas da Matemática, e em que ela também não se sente muito à vontade, porque acho que também não tem um conhecimento profundo do que é que se pretende. Portanto, acho que acima de tudo, é preciso arranjar, é preciso encontrar as pessoas capazes e que realmente saibam o que é que estão a desenvolver e para quê que estão a desenvolver. (aaaa..) E eu acho que ... eu não acredito muito nestas coisas, assim formais, então eu acho que realmente as pessoas iam desenvolver, iam, iam crescer profissionalmente, se se criassem, por exemplo, nos agrupamentos, grupos de reflexão que não fosse imposto, percebes? Que houvesse a sugestão, por exemplo: olha, conversando com os professores, o que é que vocês acham da ideia de nós criarmos grupos de discussão no agrupamento, sobre as diferentes áreas? E nem que fosse até de diferentes ciclos de ensino, primeiro, para existir uma coisa, que acho que não existe agora, que é a articulação. E, eu na minha perspetiva, acho que é muito importante, mas que não existe, pelo menos de todas as realidades que tenho conhecido até agora, não existe, pura e simplesmente. Os professores do 2º ciclo não sabem o que se faz a nível do 1º, os professores do 1º ciclo não sabem o que se faz a nível do 2º os do 3º e por aí fora, portanto, até seria interessante acho eu, fazer grupos de discussão sobre a prática pedagógica, como se fosse até a níveis de, de, de com diferentes ciclos, ou então não, não é? Mas, quer dizer acho, eu na minha perspetiva devia ser imposto, devia existir essa sugestão e depois os próprios professores organizarem o modo de fazerem esses grupos, podia ser por temas, portanto, ou por áreas, isso era uma coisa a pensar, mas acho que era interessante, e então essas sessões, esses grupos de discussão, era precisamente isso que falta, é as pessoas discutirem, refletirem, falarem, não é chegar lá, como a gente hoje vê, bla.bla.bla... Ora bem, hoje temos isto e isto para fazer, portanto, é isto que vamos fazer e acabou, faz-se aquilo, cada um vai para sua casa e quanto mais depressa melhor, não é? É isso, muitas vezes já levam metade das coisas feitas, e depois fala-se, conversa-se sobre outros temas, portanto, não era por aí que eu queria ir, era precisamente, criar grupos, em que as pessoas refletissem, e discutissem e partilhassem, cooperassem, para um ensino melhor, para um ensino de qualidade que acho que neste momento, está a desvanecer-se.

Investigadora -Está, muito obrigado pela sua participação.

Patrícia -De nada.

NARRATIVA BIOGRÁFICA ORAL DA SÓNIA

Nome: Sónia

Dia: 1 de maio de 2010, pelas 15 horas, Sábado

Local: Centro Cultural de ...

Condições: Numa sala ampla e com luz natural

Duração: 21 minutos

Atitudes expressas: Ao longo da entrevista manifestou-se muito reflexiva naquilo que contava e gesticulou ao longo de toda a entrevista.

Investigadora - Gostaria que me falasses da tua profissão. Como te sentes presentemente na tua profissão?

Sónia - Olha para ser sincera, (risos) sinto-me muito dividida. Na escola, sinto-me um bocadinho, um bocadinho mal, por ser coordenadora, porque para eu ser coordenadora, a pessoa que lá estava teve que deixar de ser coordenadora, e é, e é uma pessoa muito minha amiga, à beira da reforma, que tomou muito a mal deixar de ser coordenadora, não comigo, mas com o agrupamento, pronto, e de repente constantemente que está fora do prazo de validade, pronto, nessa parte sinto-me mal, pronto. Depois, aaaa...no dia a dia, sinto-me muito cansada, porque, por ser coordenadora, porque, não é bem, bem aquilo que eu queria, estar constantemente a atender, pais, telefones, junta de freguesia, a fazer aquela ligação toda com a comunidade, é muito desgastante, e não é bem a ideia que eu gostaria de ser o meu, o meu dia a dia de ser professora. Depois em relação ao, ao agrupamento, bem, no fundo eu sinto-me reconhecida por ter sido nomeada coordenadora, porque eu sou a mais nova das coordenadoras todas, mais nova, não sou titular, mas na escola não havia titulares, pronto. Depois em relação à minha avaliação, sinto-me muito injustiçada, porque, não, não em relação à nota que eu tive, mas em relação em que, eu acho que as pessoas que foram avaliadas por determinada pessoa, tiveram melhores notas, do que as outras que foram avaliadas por outra pessoa, isso, isso não quer dizer que eu tenha sido mal avaliada, mas quando foi o desempate, nota-se que os empates do 'muito bom', foram todos, ou quase todos, para quem foi avaliado por determinada pessoa, que teve outros critérios diferentes. Depois enquanto professora, agora já me sinto bem, já, acho que já passou aquele *stress* todo da avaliação, das dúvidas, da..., só que, sinto-me muito má

professora, porque eu não tenho tempo de dar aulas como eu gostaria de dar, porque estou constantemente a ser interrompida e isso custa-me muito. Já me obrigou a fazer um horário de coordenação, deixei de atender pais durante o dia, à segunda-feira fiz um horário, todas as segundas-feiras, estou na escola para tender pais, não atendo vendedores de livros, projetos, isto, aquilo, não sei quê, tenho as minhas auxiliares a fazer muitos telefonemas, para não ter que ser eu a interromper. A minha relação com os putos, pronto, com os miúdos, com os alunos, são mesmos, é a mesma turma, acho que poderia ser melhor professora e eles poderiam ser melhores competências, resultados, porque é uma turma bastante homogénea, se eu tivesse mais tempo, quer em casa para preparar melhor as aulas, quer depois lá, para me dedicar a eles e isso deixa-me assim às vezes, muito... aaa...desiludida comigo, eu penso que podia ser melhor, e já fui melhor, do que estou a ser agora.

Investigadora – E, nestes dois últimos anos, houve mudanças na tua prática docente, no dia a dia como professora?

Sónia - Houve, houve muitas, houve muitas, porque eu fiz, sempre fiz muitas ações de formação, fiz a de Matemática, em que não aprendi muitas coisas de novo, porque eu já tinha feito muitas ações iguais, ou parecidas antes, mas, e agora estou a fazer o PNEP de Língua Portuguesa, mas quer se queira quer não, nós olhamos para os alunos de maneira diferente, nós olhamos prós livros de maneira diferente, pró que lá está de maneira diferente, aaa...tem um inconveniente, que é assim, onde eu trabalho a Câmara oferece os livros, o que nos condiciona, e portanto eu, não posso fugir muito dali, porque os pais depois exigem que esteja feito, porque é que não se faz, se tem isto, porque não se faz isto, se tem este livro, para que é que eu vou precisar de outro, portanto, limita-me no meu trabalho, mas, aaa...também aaa...dou importância a outros aspetos, que, em relação por exemplo, custou-me muito, custou-me, (risos) interiorizar a ideia do 1º ciclo, na globalidade enquanto quatro anos, não haver assim, não sabe, fica ali, não sabe fica ali, se está a evoluir, pronto, então vamos estimular, vai continuar, vai progredir, vai transitar, vai... e depois vamos fazer a avaliação do conjunto, isso foi uma coisa que me custou um bocadinho a interiorizar. E depois a falar com os pais, também tivemos que mudar isso, ao falar com os pais, tentar explicar porque é que o menino vai avançar, sem ver, sem dizer que, que de facto ele é muito bom, que passa, mas sem exagero, ele não sabe nada, mas vai passar na mesma, sem dar aquela ideia do

tal facilitismo, que muitas vezes os pais têm, e depois a nível de programação, gerir, tentar interligar, agora com os horários que nós temos que ter, fazer, aaa...tentar organizar trabalho de forma, a que ele seja cumprido em determinadas horas, e nós éramos capazes de estar uma manhã inteira a fazer um trabalho, que quase que os massacrávamos, quer a gente quer queira quer não, e se calhar, às vezes, tem uma outra vantagem, porque podemos mudar e eles também mudam de atividade, mudam de tarefa ...pronto, e nós tivemos que mudar de estratégia para o dia seguinte, pesquisar outras coisas, uso mais o trabalho de pesquisa, não só fazer em casa, mas lá trazer temas, debates.

Investigadora - E achas que consideras essas tuas mudanças, mudanças bem positivas para os alunos? Para os resultados deles?

Sónia - É assim, para os alunos que têm grande capacidade de estudo em casa e de acompanhamento em casa, são muito positivas, e para os alunos interessados. Porquê? Porque nós, ou porque, o que nos pedem muito também, é para lançar contas e eles têm que complementar isso em casa. Para aqueles alunos que não têm esse apoio, é muito difícil eles conseguirem sozinhos, principalmente aqueles que têm dificuldades, conseguirem aaaa...cumprir e atingir estas competências novas.

Investigadora - Então, em que tipo de oportunidades de desenvolvimento profissional, estiveste envolvida nestes últimos dois anos? E que com que frequência?

Sónia - Fiz essas ações de formação, o PNEP, fiz a convite do agrupamento, aaa... e a de Matemática inscrevi-me, porque não tinha nenhuma, nenhuma feita.

Investigadora - E algumas a nível do agrupamento, ou foram todas do Ministério da Educação?

Sónia - Foram, a de Matemática, são todas organizadas através da Universidade do Minho, com protocolo da Universidade do Minho com o nosso agrupamento.

Investigadora - Então foi, baseaste-te nas ações de formação, não é?

Sónia – Sim.

Investigadora - E agora nestes dois últimos anos, e de acordo aquilo que foste dizendo, sentes-te com maior satisfação e motivação, na escola, no agrupamento, como é que está a situação?

Sónia - Sentir sinto, porque eu concorri logo nos primeiros anos, portanto se eu não estivesse bem tinha tido a oportunidade de ido agora nestes últimos concursos, eu sinto-me lá muito bem, gostos das pessoas com quem trabalho, gosto das pessoas com quem trabalho na minha escola, gosto muito de trabalhar com os meus alunos, gosto muito de trabalhar com a comunidade em geral, há uma grande ligação nossa da escola com a junta de freguesia, que era uma coisa que eu não tinha ideia nenhuma que houvesse, e não havia também com tanta frequência, gosto muito do nosso diretor e do corpo de gestão todo, da direção toda, são pessoas muito, muito próximas, compreensivas que ajudam muito, de fácil acesso, podes falar com eles a qualquer momento, aaa...e, e, sinto que vou para a escola, como sempre me senti, exceto, sei lá, talvez o ano passado, tenha sido um ano muito complicado, com a mudança de estatuto, com a pressão da avaliação, mas continuo a sentir-me motivada para ir para escola. O meu problema é a carga de trabalho que implica ser coordenadora e de facto ser coordenadora exige terem tirado a outra coordenadora de lá, que é uma excelente pessoa, mas que no fundo eu pronto, eu, eu, eu, enfim, eu já fazia muito trabalho, do que eu faço agora, já fazia para ela. Porque é uma pessoa que não domina os computadores e o nosso agrupamento funciona quase todo por mail, mas é assim, uma coisa é tu fazeres aquilo que ela te pede, outra coisa é tu fazeres aquilo que tu sozinha, tens que fazer, porque tens que fazer, não é, isso acarreta mais responsabilidade, mais tempo, mais preocupada, mais horas sem dormir.

Investigadora - Então como é que tu te sentes quando acontece uma boa experiência de aprendizagem profissional?

Sónia - A primeira reação que a gente tem, é partilhá-la, não é?, com os outros, mas depois tens que olhar à volta, a verdade é essa, tens que olhar à volta e saber com quem vais partilhar, podes partilhar, tu olhas, e podes partilhar com pessoas que não dão importância, então nem vale a pena ires partilhar (risos), podes partilhar com pessoas

que te vão assumir essa, essa experiência como delas, e vais-te sentir usada, podes partilhar com pessoas que te vão olhar assim de lado e achares que, e achar que, que, que tu te sentes melhor que elas, então só podes partilhar, não com bons professores, mas com bons amigos.

Investigadora - Com bons professores e bons amigos. Como é que tu caracterizarias uma boa oportunidade de desenvolvimento, saber que elementos acompanham?

Sónia - Uma boa oportunidade de desenvolvimento. Primeiro, esquecer o passado. Experimentar um projeto, e ver, e ver o que ele vai dar, não para ter resultados positivos, mas para ver o resultado mesmo dele em si, enquanto projeto, enquanto trabalho, porque também há projetos que podem correr mal, e nós ultimamente só estamos pressionados a entrar em projetos para correrem bem, pronto, e depois no fim do ano vem aquelas listas todas de percentagens e isso, para tu entrases naquelas percentagens vais falhar nalgum lado, não é? Quanto mais não seja neles, não tens outra possibilidade e depois é assim, uma boa, uma boa oportunidade, é, elementos certos, quem são os elementos certos? Os elementos certos não são os melhores, mas há pessoas que estão disponíveis e querem entrar nesse projeto, eu acho que isso é exatamente uma, é boa, umas boas e acreditar naquilo, não é? Acreditar que, que queremos fazer aquilo e que vai ter resultados. Nós acreditamos que vão ser bons, e depois vamos estar disponíveis, quando estiver, deixarem de correr como nós queremos, estamos disponíveis, não para mentir, para cumprir aquelas percentagens, mas para nos sentarmos e ver o que está a correr mal, e isso tem a ver com tempo, com a disponibilidade, com as pessoas se darem bem, com as pessoas não estarem ali para terem um 'muito bom', para serem vistas pelo diretor, para serem reconhecidas como num sei quantos.

Investigadora - Como é que tu perspetivas o teu desenvolvimento profissional, e que expectativas tens para o futuro?

Sónia - O meu futuro. Olha o meu futuro anda muito, muito...dividido. Para o ano há concursos. É assim, presentemente a minha escola, nós temos lá um problema grave de, de comportamento, de um aluno, eeeee...gravíssimo de agressão, e portanto

eu não sei se tenho disponibilidade, o aluno não é meu, enquanto coordenadora estou constantemente a ouvir todas as partes, eu não sei até que ponto tenho disponibilidade para estar, e desculpando a expressão, a ‘aturar’ uma criança que é imatura, tem falta de regras e de educação, não é? Portanto, eu até estou relativamente longe e a minha filha vai também mudar de escola, não é? Portanto, se as coisas se forem resolvendo, a minha perspectiva é continuar ali, continuar a...ter, a fazer ações de formação ali, e depois das minhas filhas crescerem mais um bocadinho, pensar numa, numa qualificação, ou numa especialização, numa área, não muito de gestão, nem nada que se pareça, mais Tic, os, os quadros interativos, pôr os alunos em contacto com, com essas coisas, porque eu gosto de estar ali, gosto daquela escola, gosto e depois a nossa escola, futuramente, vai ser alargada, transformada numa EBI, portanto, neste momento tudo, tudo é, tudo é de tudo.

Investigadora – E, pensas na tua carreira, ou não?

Sónia - Não, (suspiro) não penso, não penso na minha carreira.

Investigadora - Nem chegar ao topo...?

Sónia - Não, não, não, eu pensava, o ano passado, quando saiu a nova, o novo estatuto, eu pus-me assim a olhar para lá, eu não queria chegar ao topo, portanto deixei de me preocupar com isso. E depois, entretanto, deixou de haver titulares, saiu agora recentemente, eee...e depois a idade foi para os 65, eee...mas se toda a gente for dar aulas até aos 65, nós vamos ter professores assim velhos, durante não sei quantos anos, e depois não há novos professores, mas se nós formos até aos 65, nós não vamos estar, será que vamos estudar a vida inteira para acompanhar a sociedade e as tecnologias todas, será que os professores conseguem lidar com os alunos que têm, até aos 65? Portanto, eu acho que muita coisa tem que mudar, e deixei de me preocupar.

Investigadora – Então, se tu fosses responsável pela conceção de atividades de aprendizagem e desenvolvimento profissional, como é que elas seriam? Se fosses tu responsável?

Sónia - Ai meu Deus, meu Deus, o que é que eu faria? Também acho que nunca pensei assim muito bem nisso. Sei que, construiria de certeza melhores escolas, e melhores escolas, no sentido de terem um espaço para as áreas que existem, laboratórios, se querem ter um curriculum com consoantes experimentais, nós temos que ter laboratórios para poder fazer experiências, nós não podemos sair de uma sala, para ir buscar um garrafão de água à, à casa de banho, para subir as escadas todas de madeira, ou de pedra, para depois fazer as experiências de volume por exemplo, com água, e depois nós não temos, pronto, coisas desse género, se nós podermos ter atividades de expressão plástica, nós devíamos ter ateliês com os materiais todos, porque enquanto nós vamos buscar as tintas e arrumar as tintas, e lavar os pincéis, e andamos de uma sala para outra, é, é sempre o gasto, num sitio onde tudo devia lá estar. Se querem ter aaa...Matemática com tantas horas e com tantas experiências, com tantas resoluções de problemas, as escolas deviam estar apetrechadas com materiais. Portanto, passava por novas escolas reformuladas, passava por todas com materiais adequados, reduzir o número de alunos por turma, sem dúvida nenhuma, mais professores de apoio, mas de apoio mesmo, havia uma bolsa de professores para substituir professores que faltam e haver uma bolsa de professores para fazer apoio, mas, por exemplo, não apoio ao estudo, não mandava turmas inteiras para estarem lá ocupadas, não, nós selecionávamos os alunos que precisavam do apoio ao estudo e aqueles três ou quatro com aquele professor, com determinadas atividades, que não seria fazer os trabalhos de casa, que é o que a maior parte de nós faz, não é? Fazemos, e fazemos contrariados, porque no fundo reconhecemos a inutilidade daquelas horas. Sei lá, o que é que eu faria mais? E motivava os professores, ouvia o que eles queriam, punha mais auxiliares na escola para ajudarem os professores, aaa...olha se calhar ainda ouvia os alunos a fazerem eles mesmo ementas para as cantinas, por exemplo. Aaa...sei lá o que é que eu fazia mais? (risos) E depois tentava reunir em cada escola todos os professores se fosse possível não é? Que se entendessem, que tivessem disponibilidade e se fosse possível educava os pais. (risos)

Investigadora - Muito obrigado pela tua participação.

ANEXO 3 – Grupos de Discussão (2010):

GRUPO DE DISCUSSÃO 1

Dia: 17 de março de 2010, pelas 17.30 horas

Local: Centro Cultural de ...

(Co)moderador: Anabela

Elementos intervenientes: 7 professores do 1º CEB

Duração: 1h 17 minutos

Investigadora - Eu gostava que me falassem um bocadinho da vossa profissão. O que é que para vocês caracteriza melhor, a profissão docente? Ou seja, o que é ser professor hoje? (silêncio). O que é que sentem, na atualidade, na escola ... as dificuldades, ou as...ou as coisas boas que sentem.

Miguel – Primeiro o início da carreira, entrar para, para, conseguir uma colocação, penso que é logo o primeiro desafio em ser professor hoje, acho, é o que nos, que nos preocupa logo quando dos concursos, mais do que, o que vamos enfrentar, depois, com os alunos.

Cátia – Eu penso que ser professora é um fardo, acima de qualquer coisa, apesar de eu ter pouco tempo como, como professora cá em Portugal, mas eu já tenho vinte e tal anos do Brasil, que não me contam cá, não sei exatamente porquê, nunca ninguém soube me explicar, mas eu acho que acima de tudo é um fardo é...não sei se pela minha formação e pelas dificuldades que um professor apresenta no meu país de origem, só vai para professor, quem quer lecionar, porque, nem de perto nem de longe se ganha o que ganhamos aqui, mesmo os professores no início de carreira, mas eu acho que a cima de tudo é dom. Não é tão fácil estar na frente de um grupo de miúdos, ou mais graúdos, ou, transmitir...transmitir conhecimentos, transmitir experiências, transmitir vivências, sinceramente eu acho que não é para qualquer um. Aaa...eu valorizo muito a minha profissão, independente do governo a valorizar, ou... mas eu, sinceramente, acho que é uma profissão vital, para a sociedade. Quando escolhi ser professora, foi exatamente por isso, porque queria fazer a diferença, nem que fosse, incognitamente, não precisava sair daqui nem aparecer nas televisões, nem ganhar mérito de melhor professor, mas fazer a diferença para alguém, e, e a minha ideia de ser professor é isso. Passar pela vida de alguém, saber que aquela pessoa no futuro se chegar a ser um bom profissional, ou não, um bom cidadão, um bom administrador, uma boa mãe, saber que eu tive uma parceria, a minha colaboração, eu acho que super feliz.

(Silêncio)

Salvador - Eu também acho...Não, por acaso é. O que a colega estava a dizer, concordo. Eu acho acima de tudo que ser professor, é formar pessoas, independentemente da educação, é formarmos pessoas. E, e por vezes, já noutra aspeto, acho que nós, como professores, também temos uma certa conduta a tomar, até porque, acho que somos um dos principais modelos dos alunos. Agora, nos tempos que correm, considero que seja um bocadinho difícil ser professor, continuo a achar que tudo bem, seja uma ambição, o que é, por vezes mesmo em termos governamentais, estão-nos a cortar um bocado as bases, ou seja, é um crime complicar, onde nós não temos autonomia, ou melhor, temos um tipo de autonomia limitada que é uma dicotomia: dão e não dão. Ou seja, obrigam-nos a ter um certo tipo de responsabilidades, atribuem responsabilidades, como é o caso de, por exemplo agora, sermos quase que, por assim dizer, obrigados a apresentar as evidências para tudo. Contudo, eu não concordo, já falamos sobre isso, na nossa escola, falamos sobre esse caso, porque, o nosso trabalho é, é precisamente, ensinar e formar pessoas, formar cidadãos e formar crianças, neste caso. Então, o trabalho está lá, o trabalho é com as pessoas, o trabalho não é tirar fotografias e filmar, e num sei quê, como já nos indicaram a nós. E é assim, nós temos visões diferentes das coisas, eu nesse aspeto não concordo, eu acho que se nós, tentámos dar o melhor de nós, acho que não é preciso ainda estarmos a provar, que estamos a dar o melhor de nós.

Mário – Eu acho que vou um bocadinho por aí. Pegando, pegando num aspeto de sermos um modelo, eu acho que atualmente nós estamos a pagar o modelo que fomos, que fomos, como professores, não digo nós, que ainda éramos um bocados novos, agora a imagem que está construída, em mim, da escola em que eu frequentei, foi sempre alterada ao longo dos anos, porque continuei na vida escolar, agora como professor, mas, nunca abandonei propriamente a escola. Quem, e falo de pais da minha idade, e, alguns mais velhos um bocado, outros se calhar mais novos, chegam à escola com os filhos, com, com, com expectativas muito baixas daquilo que o professor vai fazer, eles chegam a pensar, que o professor vai ser mau, vai puxar as orelhas e vai bater, e ensinar, vai ser assim uma coisa às três pancadas, porque é a imagem que eles ainda mantêm da escola, e é o tal modelo que, que foi construído e que é, mas é natural, porque era assim que eram educados em casa, era assim que eram educados na escola e na catequese e em todos os modelos sociais, regiam-se mais ou menos pelo mesmo. E nós agora temos essa grande dificuldade, que é conseguir mostrar, em casa alterou-se, pelo menos na

grande maioria das casas, da mesma forma que se alterou na grande maioria das salas de aula. E juntando a isto, ainda temos o problema, de, nós não temos a sorte, entre aspas, de ser brasileiros ou ter tido uma experiência no Brasil, em que acredito que as dificuldades sejam muito maiores, e provavelmente chegar aqui, sentem, imagino eu, um certo alívio, porque há outras condições, que, que este país felizmente, começa a oferecer. E, e nós, se calhar, tínhamos expectativas mais altas, mesmo em termos de reconhecimento profissional, que chegamos ao fim, não conseguimos ter, e isso de facto passa por, por um modelo governamental, que, atualmente dá a entender, e não será só conosco, é com imensas classes profissionais, mas dá a entender que há prioridades orçamentais a delinear para o futuro, e nós enquadramo-nos naqueles que temos que perder alguma coisa para que isso possa, possa funcionar. Esse, esse desprestígio, que foi criado, na classe dos professores, na classe dos enfermeiros, também, os médicos, com muita dificuldade, mas a pouco e pouco, estão a tentar fazer-lhes o mesmo, passa depois para, para umas dificuldades acrescidas na, na relação, no nosso caso, entre o professor, o aluno e o pai. Porque, entre o professor e o aluno, nós conseguimos estabelecer, em relação ao pai, pai e avô, e toda a família, que fica fora da escola, entre aspas, mas que não convive diariamente com os professores, têm uma desconfiança muito grande daquilo que é feito, e depois de transformarmos os professores no ‘bicho papão’, que trabalha pouco, ou pelo menos que alguns trabalham pouco, e que até se ganha muito, e que até, pronto, que não tem evidências do trabalho feito, tornou-se muito difícil nos últimos tempos, conseguir, conseguir gerir, às vezes, esses espaços, se calhar para os mais velhos é mais fácil, porque já têm o nome da casa, já são vistos de forma diferente, porque já está na escola há muito tempo, por, por imensos motivos. Para os mais novos eu penso que tivemos muito mais dificuldades nestes aspetos.

Investigadora - Então o que consideram, mais importante no vosso trabalho como professores?

Mariana – Eu acho que hoje em dia, a maior dificuldade que eu encontro, e que eu tenho, sou professora, porque era mesmo aquilo que eu queria, era aquilo que eu gostava, era formar novos seres, pessoas que iam governar no futuro e o que eu reparo agora, é que as pessoas, o que me estão a tentar transmitir, é que nós não devemos trabalhar para formar essas pessoas, mas sim para, para imagem, para registos, para, para o blog, para um jornal, para, para mostrar aos pais o que na escola se faz, a escola também vai ao encontro daquilo que os pais querem, e não na verdadeira palavra de professor, que é formar, estar presente e, hoje em dia o que as pessoas nos querem

transmitir, é que a professora, é trabalhar para ‘fachada’, para, para resultados que se calhar na verdade não, não existem.

Cátia – No meu caso não há dificuldades por enquanto, justamente, é, trabalhar para estatísticas, é, eu não me considero mais um número, não considero os meus alunos mais um número, essa burocracia me irrita profundamente, papéis, existem administrativos nos agrupamentos que somente devem fazer isso, painéis de fotografia, nunca levaram ninguém a lado nenhum e corresponder ao da comunidade europeia, também não, me deixa absolutamente indefesa. A minha questão, a maior dificuldade que eu tenho, não é com os meus alunos, dentro da sala de aula, não é com os pais, porque eu procuro ser sempre o mais claro possível com eles, eu trabalho junto com eles, isso é uma das coisas que eu sempre digo em todas as minhas reuniões de pais e encarregados de educação, eles são meus alunos, eu vou passar pela vida deles, três, quatro anos, serão vossos filhos pelo resto da vida, então, educação não sou eu que dou, a educação tem que vir de casa, eu aqui complemento, e agradeceria que me avisassem, quando a formação que eu estou tentando dar, vai contra à formação que vocês estão dando lá em casa, eu acho que isso deve ficar bem claro. É, também é profundamente triste, que cobrem dos professores, cobrem das escolas, esse tipo de coisa, eu acho que os nossos governantes, é isso que querem, nos transformar também, substituir também, esse papel que acho que não é nosso, cada um de nós tem a nossa família, cada um de nós tem os nossos pais, cada um de nós tem os nossos filhos, por esses nós somos responsáveis, pelos nossos alunos, nós somos responsáveis como professores e eles como alunos, e não uma substituição daquilo que tem que vir de casa. Com relação a essa documentação toda que nos é exigida, infelizmente, a mim, me causa muita confusão, o trabalho resultado de uma educação, demora a transparecer, oito, nove, dez anos, qualquer reforma educacional, ela só começa a mostrar frutos, depois de nove, dez anos, a gente sabe disso, os alunos são formados no ciclo básico por nove anos, então só no final é que a gente vai saber, se o colégio trabalhou no primeiro ano, com um aluno, que levou até ao quarto, o outro colega que era do quinto, sexto, em diante, assim, a seguir, só quando terminar o nono, é que a gente vai saber se aquele resultado realmente deu frutos ou não. Então, eu acho que esse mediatismo, esses números, que não compreendo, que o Ministério quer, que a União Europeia quer, não vão conseguir nunca, nem colocando pilhas e pilhas de papéis, nem nenhuma fotografia que a gente tire, que a gente prove que fez, que deixou de fazer, eles nunca vão conseguir esse resultado. Isso para mim é uma das maiores dificuldade da nossa profissão atualmente é

mostrar todos os dias o que eu faço, e o que eu deixo de fazer, eu tenho que provar, por A mais B, que eu levei os meus alunos ao zoo, por exemplo, para consolidar uma aula que dei sobre animais, aí lá vou eu com a máquina fotográfica, tirar fotografias, fazer relatório da visita, dizer qual é o objetivo da visita, o que é que aconteceu na visita, justificar porque é que eu fui, isso para mim, é, é completamente indispensável a partir do momento, que quando os meus alunos cheguem à minha sala de aula, sabem dizer o que viram, sabem falar sobre aquele assunto, sabem defender as suas opiniões, a mim é isso que interessa. Então, acho que o colega quando falou da burocracia, está absolutamente certo. Essa papelada para nós, não, não, nem prova, que somos bons, nem prova que somos maus, nem prova que os nossos alunos assim aprendem melhor, ou pior.

Lara - Eu sou uma novata nestas andanças, não é, mas, atualmente acho que realmente a nossa profissão está cheia de papeladas, burocracias, mais burocracias, eu acho que passo mais tempo propriamente, a preencher papeladas, do que a dar aulas, do que, e acho que os interesses dos alunos deviam ser mais importante, não é? E acho que, que eles dão mais relevância à parte burocrática e não aos alunos em si. Em relação aaa...já estou perdida (risos). Em relação à sociedade em si, acho que eles não analisam muito o papel dos professores, acho que não dão valor à nossa profissão, visto que, na cabeça deles, daquilo que, que eu ouço, e daquilo que, que eu vejo, na televisão, os media, que somos um bocadinho os parasitas da sociedade, tudo o que está mal, dá culpa para professor, ou porque o professor fez isto, ou porque o professor fez aquilo, ou porque o professor devia ter feito isto e não fez, a culpa acho que está tudo, acho que está, está toda à volta do professor, é um bocadinho assim, mas, e nós, eu falo por mim, o meu principal objetivo, não é, não é despejar, não é despejar conhecimentos, não é despejar, não é, não estou propriamente preocupada com o, o programa em si, eu não estou, e acho que o professor devia estar preocupado sim, com aaaa... com aaaa... a transmissão de valores, o facto de, de criar, criar condições para que o aluno futuramente, desenvolva como pessoa e não propriamente, só, acho que as pessoas, estão um bocadinho preocupadas em transmitir conhecimentos e saberes, para mim isso não é o mais importante, eu acho que o facto de, de transmitir valores, e afetos, e haver uma ligação próxima do professor e aluno, isso sim, é o mais importante para mim.

Investigadora - Eu estou a sentir, que, que sentem alguma necessidade que seja reconhecido o vosso trabalho. Como é que achavam que o vosso trabalho devia ser

reconhecido, na sala de aula, até na escola, ou até a nível do agrupamento? Como sentiam se esse trabalho fosse reconhecido no agrupamento, por exemplo?

Mário – Primeiro, não desconfiamos do trabalho do professor do primeiro ciclo, porque, não somos doutores, não somos os s'tores e há uma grande desconfiança, dos, dos professores que trabalham nos outros ciclos de ensino, em relação ao trabalho do professor do primeiro ciclo, mesmo sem querer, isso transparece. E é, é claro quando, quando se recebe um telefonema para saber se estamos presentes na escola, porque a escola fica distante, porque fica, porque fica afastada, quando, quando surgem as Provas de Aferição com, com bons resultados que o primeiro ciclo tem tido, e como no quinto ano, as notas baixam, ou no sexto, atribuem a culpa às aprendizagens que tiveram que fazer anteriormente, por isso, logo, logo o agrupamento que tem essa dificuldade. Ou porque a formação do professor do primeiro ciclo foi diferente, e nos últimos anos foi atribuído às ESES, e aos Politécnicos em geral, se calhar desprestigia um bocadinho o papel do professor, ou pelo menos, por alguns colegas professores, isso aconteceu, claro que nem toda a formação de professores, nem todos os professores que temos no ativo, teve uma formação universitária, mas, não se sabe muito bem porquê, de momento a imagem do professor do primeiro ciclo ficou um bocado denegrada nesse sentido. Se calhar também, porque já anteriormente, era maioritariamente as professoras, as mulheres, que davam aulas na escola primária e, se calhar, por isso na altura, um mundo mais machista um bocado mais que hoje, se calhar também contribuiu para que a imagem dele, fosse, ficasse mais gasta, estou convencido. Pegando nas dificuldades e no papel do professor na sala, e, eu, eu no início era extremamente rigoroso com os comportamentos dos, dos meus alunos, eu achava que eles tinham que ser mais bem comportados, aaa...tentava até não me aproximar muito deles, no sentido de, não era deixar de ser afetuoso, mas, ter uma presença de professor. Atualmente, não me preocupo com isso, e sinto que sou mais 'fixe' como professor, do que, do que aquele que era na altura. Mas quanto ao papel do professor, para mim, bate essencialmente em ensinar determinados conteúdos, porque os comportamentos serão alterados e muito dificilmente por nós, mas serão alterados, manter a escola limpa, não dizer palavrões, tentar respeitar o colega, e isso é, e isso faz parte de nós, não faz parte da escola, faz parte do professor, que tem um determinado comportamento na sala de aula, e fora da sala, desde o momento que é visto no supermercado, ou onde quer que seja, e que vai servir como modelo dos seus alunos e provavelmente de outras, de outras crianças e de outros adultos com quem nos relacionámos. Agora, como professor, e acho que é isso

que a escola está a começar a perder e, e está a perder muito terreno nesse sentido, nós temos que nos preocupar em ensinar determinados conteúdos, porque há um programa para cumprir, e nós discutimos, ou não, a, a importância de algumas coisas que temos que ensinar, agora de facto há, aprendizagens essenciais, que só acontecem na escola, porque não há um outro momento em lado nenhum, em que elas possam acontecer. E a escola tem desprestigiado essas aprendizagens, a escola, estou a falar verticalmente, desde o Ministério, e se calhar até nós, porque, quando nós chegamos a uma Prova de Aferição, e vemos lá problemas, que são extremamente fáceis e os alunos conseguem resolver com, com uma fluidez que é uma coisa tremenda, nós pensamos, mas afinal este esforço que eles tiveram até hoje, foi no sentido de melhorar as aprendizagens, conseguir demonstrar aquilo que aprenderam e, e agora é tudo muito simples, e tem-se simplificado demasiado os patamares a atingir por cada um dos alunos. Eu penso que eles têm sentido, não digo todos os alunos, porque eles não têm um grau de comparação, mas eu penso que eles sentem demasiadas facilidades em conseguirem progredir, por um lado ainda bem que assim é, porque conseguem atingir, ou sentem-se realizados, mas depois, há o problema de se sentirem facilmente realizados, e se as coisas não acontecerem com esforço, se não houver um bocadinho de esforço, para se conseguir alguma coisa, se calhar nunca vão valorizar o aspeto do trabalho, da entrega, sentir que há coisas que são mais difíceis e que vão demorar mais, e...e...acho que já fico por aqui, que já estou-me a perder ...

Ana – Sou um bocado suspeita a falar, porque é assim, neste momento nem tenho posição, primeiro porque sou contratada, ainda nem ingressei na carreira, ou seja, o meu papel de professora não é propriamente, eu sinto-me professora, no entanto, em papéis não sou propriamente professora, ou seja, neste momento eu acho...que me devia preocupar realmente, é ingressar primeiro na carreira para depois poder dedicar propriamente (risos). É assim, e em termos de formação, eu acho que não é propriamente o facto, de onde tira o curso ou não, eu acho que não interfere absolutamente em nada, até porque faz parte da personalidade de cada, um dessas aprendizagens e, posteriormente, eu acho a experiência mesmo em campo, eu propriamente trabalho há sete anos, não é nada demais, mas são sete anos, eu sei que é tempo reduzido.... Mas eu acho que cada ano que vai, cada aprendizagem que faço, lido de forma diferente com as coisas. Agora, quanto à educação em casa e na escola, é um bocado complicado, antigamente era visto assim, os pais em casa educavam e na escola o professor ensinava, hoje em dia o tempo que eles estão com os pais, é extremamente

reduzido, há pormenores que têm de ser trabalhados connosco, na verdade estamos mais tempo com eles, porque os pais dão um beijinho na cama e mais nada, é um bocado complicado realmente... Estatísticas, eu acho que continuamos a trabalhar para a estatística mesmo, e até que chegamos aos resultados que a exigência das provas é tanto que implica trabalhar para a estatística e contribuir mesmo. Acho que é só...

Mariana – Como é que eu gostaria de ser reconhecida na minha carreira? Não gostaria de ser reconhecida por uma auto avaliação, que me obriga a fazer os objetivos no início do ano e que tenho-me que me seguir por aqueles objetivos, não gostaria de ser reconhecida por virem assistir a duas aulas, não, gostaria de ser reconhecida pelo trabalho que faço todos os dias, dia a dia, da forma como me adapto às situações que vão aparecendo, da forma que vejo cada aluno como um ser individual, e não mais um número para a estatística, não gostaria de ser reconhecida por uma prova de aferição, não gostaria de ser reconhecida por isso, e não...e acho que hoje em dia, ...quem está à frente de um agrupamento, o, o diretor, acho que...se calhar ... como é que eu vos hei de explicar...acho que não ...eu acho que não foi bem colocado a situação dos diretores, porque, que quem está à frente, muitas vezes quer estar à frente porque é professor, que teve um início da carreira, como nós estamos, e que...por exemplo, um pai vai fazer uma queixa, não é, uma reclamação que inicialmente, deveria ser, primeiro, tinha o professor, fazia a reclamação, se o professor continuar com o mau comportamento, ou não fazer nada, aí dirigia-se a uma coordenadora do estabelecimento, se a coordenadora continuasse sem agir, aí ia ter com o diretor, mas não, eu acho que o que acontece hoje em dia, é que, quem está à frente, dá muito ouvido aos pais, que devem ouvir, que é uma parte importante sem dúvida, mas não dizem, vamos averiguar, vamos ver as coisas, vamos analisar, não, acho que isso não...o que acontece hoje em dia, é que não é....

Mário - ...não é de confiança.

Mariana – ...não funciona bem, eu acho que nós, os professores, para que nós trabalharmos todos estes meninos, somos o tipo bode expiatório de tudo, porque nós é que trabalhamos, estamos errados, eu acho que é, é...

Mário – Minha querida, encontrei (risos) algumas ideias que tinha perdido.... Primeiro o aspeto do papel da escola, que eu estava a falar, que deve ser centrado nas aprendizagens, justamente por isso, porque os pais abdicaram de educar os filhos, não estamos a falar da generalidade, felizmente, mas estamos a falar dum grande número de pais, que abdicaram de educar os filhos, portanto, abdicaram, porque não têm tempo,

abdicaram, porque se calhar entendem que o papel deve ser da escola, porque já descontam para que isso aconteça, depois temos o problema, não só dos pais acharem isso, (tosse de um elemento do grupo, perturbou a audição) eu falo mais alto um bocadinho, (risos) não só dos pais acharem isso, como, como o próprio governo, o estado, que é o organismo central, achar que de facto é isso que deve acontecer, que tudo o que deve ser educado, deve ser educado na escola, temos a educação sexual, temos a educação ambiental, temos a educação religiosa, temos a educação...enfim, todo, tudo o que se entende por modelo educativo, no nosso, no nosso modelo educativo, tem um encaixe com tudo o que deve ser educação neste país, e de facto transcende totalmente o papel do professor, porque não é capaz de educar, eu costumo dizer a brincar, que felizmente não são meus filhos, porque, a verdade é que eu era incapaz de educar vinte e poucas crianças, como se fossem meus filhos, quer dizer, impossível, educava o pai, educava o avô, educava o tio, educava o papel familiar, e não só, que transcende totalmente o papel do professor, o professor deve ter um papel muito bem definido dentro da escola, e cingir-se a isso, a partir daí, tudo será um acréscimo, agora tentarmos fazer de tudo um pouco, é impossível, absolutamente impossível. Quanto ao aspeto da, da avaliação e do, sentirmo-nos se estamos ou não a ser devidamente aproveitados, e se não estamos a ser demasiados pressionados, infelizmente as mudanças foram muito grandes, quer para nós, quer para os diretores, que muitos se calhar com imensa boa vontade que tenham, têm que preencher os papéis, e nós temos que mostrar determinadas evidências, eles têm que fazer exatamente o mesmo. E nós estamos num ciclo, em que tudo tem que ser merecido, as cirurgias, só podem ter uma opra, se complicar, tem que correr é mais rápido, porque senão não cumpre os patamares que estavam definidos, o professor, deve em quatro anos conseguir progredir, que leia e escreva, se não conseguir, pelo menos que gagueje, nem que seja mais um bocado, mas que consiga soletrar não sei quantas coisas, porque quatro anos foi o tempo definido para, isto compromete, não o professor, penso que acaba por comprometer a sociedade em que estamos, porque, quando tudo tem que ser medido, tudo tem que ser cumprido dentro de determinados patamares, e nós que lidamos com pessoas todos os dias, com miúdos que irão crescer, aa...sabendo que nenhum deles vai apresentar o mesmo padrão de crescimento, que nenhum deles vai apresentar o mesmo padrão de, de desenvolvimento de aprendizagens, torna-se muito complicado de perceber, como é que de repente, tudo tem que ser encaminhado no

mesmo sentido, tudo de forma tão homogênea, e eu penso que isso vamos pagar, todos mais tarde, por, por muitas falhas se calhar este modelo está a dar.

Salvador – Eu só acho que, eu concordo com o que o colega disse, porque estamos nessa situação a nível global, tem toda a razão no aspeto de quê, começa logo pela base, pela raiz, porque é que no primeiro ciclo, e então no primeiro ano, para não ferir suscetibilidades de alunos e essa tretas todas, o menino não pode reprovar, depois vai para o segundo ano, fazer o primeiro ano e depois se não consegue, porque está desenquadrado em termos, em termos de, de trabalho, nas aprendizagens dadas, o professor tem de se desdobrar para fazer segundo e primeiro ano, chega ao terceiro ano e o menino tem andado ali atrasadinho, se ele fica no primeiro ano, porque não deixar que a pessoa, que a pessoa, sim, o aluno reprova logo no primeiro ano, é a base, é um problema estrutural de base, se nós não resolvermos aí, se a nível global isto não se resolve, nós estamos ali um bocado a incorrer, que, que temos de cuidar do, do, do âmago e do sentimento da criança, porque ela não pode ser ferida, porque ela tem que acompanhar o grupo, e estamos a esquecer que ela tem que ser formado, e então só para ela andar junto com o grupinho que, que iniciou a fase escolar, que não quer dizer que sejam muito amigos, ou que deixem de ser, porque isso, se o governo, diz que se, que se interessa por isso, também não vai ver se ele é de ali ou se não é de ali, porque porventura até pode vir um menino de fora, e aí não reprova, porque é um grupo, mas ele não conhece o grupo de lado, por vezes até consegue, e então para não ferir, o menino, não, não pode passar para o outro ano. É uma enorme... não concordo, e acho que há muita desconfiança quanto ao trabalho do professor, relativamente ao que estamos a falar e que há bocado falaram em termos de avaliação, a avaliação é um desses meios para se quebrar um bocado a desconfiança, temos o caso do diretor, que tem que se dar um bocadinho mais de autonomia ao diretor para com os professores, ou seja, para que o diretor tenha um regime de mais imposição também, sobre os professores, para verem ali, se calhar um bocadinho mais de tirania, para tentarem impor um pouco mais de respeito aos mais jovens, e, e depois temos a tal questão dos pais, e há bocado um colega disse, que a escola deve de... é um espaço apropriado onde devem ocorrer certas aprendizagens, que elas devem ocorrer lá, mas, elas para ocorrerem lá, têm de vir o trabalho de casa da educação, e então se nós temos lá, se temos ambição a cumprir de, de cumprir os tais programas, nós só conseguimos cumprir os programas se tivermos o mínimo de ordem, porque se não houver ordem, houver desordem total, e depois nós estamos incapacitados de poder, dizer ou fazer alguma

coisa a algum menino, porque também o podemos 'ferir', podemos dizer alguma coisa que ele não goste, então o paizinho dirige-se diretamente a um diretor, ou então à DREN e vai reclamar, porque o professor teve uma atitude incorreta, chamou-o à atenção e o menino ficou inibido, já nem quer ir à escola, por exemplo. Isso nunca aconteceu comigo, mas já vi situações dessas, já, e acho que é um bocadinho triste quando isto acontece, nós estamos ali para ensinar, é o que eu digo várias vezes, eu por vezes dou uns berros a alguns miúdos, e eu chego à conclusão, 'caraças' para que é que eu me estou a preocupar? Eu preocupe-me mais do que o próprio pai, que eu conheço os pais, e sei os pais que lá estão, eu preocupo-me mais com aquela pessoa do que o pai, mas é assim, eu estou ali com eles, naquele momento sou eu que estou com eles, eu sei que estou lá e sou para eles, se eu estou lá para trabalhar com eles, é a tal coisa se hei de lá para passar aquelas horas, tanto faz fazer como não fazer, eu tenho que as passar lá, é preferível tirar algum proveito disso, e se estou a dar de mim, vou tentar dar o melhor, para que um dia mais tarde ele dizer, aquele 'palerma' até fez umas coisas feitas comigo...

Cátia - (risos) Complementando o que os meus colegas disseram, concordo em género, número e graça, como a gente se diz no nosso país, no meu país, à reprovação, a retenção no primeiro ano, é fundamental, para começar, um aluno que sai 'capenga' no primeiro ano, nunca mais encontra caminho, nunca mais encontra caminho, se vai para um segundo ano, com a mesma turma, ainda pior, porque os outros já o conhecem, eu sou o coitadinho, eu sou o coitadinho, me abaixa a autoestima ainda mais, no final ainda precisa de um guindaste para levantar, quer dizer, eu sou absolutamente a favor da reprovação no primeiro ano, não sabe ler, escrever, e contar, não pode ir pró segundo, acabou-se, não há volta a dar. Por mais que ele se esforce, por mais que os pais ajudem, por mais psicólogos que vá, não há, não há, pode até no segundo ano recuperar um bocadinho, mas depois chega no terceiro, não vai conseguir. Com relação aos cargos, para mim são absolutamente cargos, ainda mais por professores titulares, graças a Deus, parece, parece que isso acabou, não sei ainda, porque eu há muito tempo que já não leio mais legislação, para não me aborrecer, e então, ...foram colocadas pessoas que, apresentaram um curriculum e tal, não é, tinha lá um monte de papéis a comprovar, que eu tenho isso, tenho isso, fiz aquilo, fiz aquele outro, são avaliadores, e são...e eu lá sei, se sabem avaliar? O diretor está lá mais para controlar a parte financeira, e, e quem vai fazer o quê, e, o pedagógico, que até, eu já fui do pedagógico três anos, não sou professora titular e fui tirada do pedagógico porque não era professora titular, e foram

pedagógico pessoas que absolutamente, não dão a cara pela escola, quer dizer, é complicado. O conselho pedagógico, é o órgão do agrupamento de decisões, decisões, acho eu, que o conselho pedagógico e o conselho executivo, eu acho que o pedagógico tem muito mais peso, agora já não é mais conselho executivo, não é, mas era, na minha época, o pedagógico tem muito mais peso a nível de decisões, e desenvolvimento dos alunos, do que um executivo, e, se vão para lá pessoas só porque são titulares, porque tem alguns cargos, porque já têm num sei quantos anos de carreira, porque já fizeram não sei quantas cursos de formações, mas eu não sei, se são capazes. E a opinião, quando chegou aquela história, vamos ser avaliados, não vamos ser avaliados, aquela grande confusão, logo no início, e no meu agrupamento para dar tudo certinho conforme a legislação, foram lá escolhidos os professores e os avaliadores, não é, entre os titulares, e, como não havia muitos no agrupamento, decidiram, formar aqueles do primeiro e segundo ano, formar do terceiro e quarto, para avaliador, e eu me lembro de dizer assim: só, só deixo me avaliarem, se provarem que são melhores do que eu, porque não vai entrar ninguém na minha sala, para assistir a uma aula minha, se eu não julgar também que é capaz, e aí, brinquei com a colega, porque nós somos colegas há muitos anos, brinquei com ela, e disse assim: “– ah, és tu que me vais avaliar, primeiro me mostra, no teu curso de formação de avaliadores, qual é o teu mérito, se o teu mérito for de muito bom para mim, aí eu deixo você entrar na minha sala para me avaliar”, e por acaso foi, é uma pessoa competente, neste caso, é uma pessoa competente. Mas essa questão, para mim é, é fulcral, porquê, que eu vou ser avaliado por um colega, por duas horas, se eu trabalho dez meses, diariamente, com aquele grupo de alunos, no meu caso, há quatro anos que eu venho com esses alunos, quem me garante que naquele dia, eu vou estar no meu dia dos melhores, para ser avaliada? Por aquelas duas horas, ou duas horas e meia, que aquela pessoa vai estar dentro da minha sala. Então, eu sinceramente, sou absolutamente contra, a esse tipo de avaliação, eu não sou contra os professores serem avaliados, eu acho que todo o profissional, deve ser avaliado, deve ter o seu momento de autoavaliação, o seu momento de avaliação, por outras pessoas, colegas, ou não colegas, isso aí, indefere, mas eu acho que essa forma de avaliação, chega até certo ponto a ser humilhante, porque existem colegas, que estão, há muitos anos nisso, e que de repente vão ser avaliadas por um momento... existem colegas que estão começando agora, não é, que podem ser muito melhores até, do que colegas que já estão nisso há vinte anos, não importa se a colega é contratada, se tem sete anos de, de, não importa, o que importa é ela como profissional, porque ela num ano, pode ser muito melhor, do

que uma pessoa que já está na carreira há vinte. Então, eu tenho um certo receio desse, desse tipo de avaliação, que é proposto, houve algumas mudanças, houve, mas ainda não são aquelas que vão provar se, a escola vai bem ou mal, eu digo escola, de um modo geral, até mesmo a inspeção que vem, do ministério, o que é que essa inspeção avalia? Numa reunião de uma hora, com professores? E professores que são assim, escolhidos a dedo? Meia hora com alunos, que são também, escolhidos a dedo? Quer dizer, é, é questionável, muito questionável.

Miguel – A questão da avaliação, começa logo no início da carreira, quando nós terminamos um curso, com um mestrado, com um mestrado, desculpem, com um estágio integrado, no estágio sim, nós somos avaliados, de seguida vamos ter uma prova, para provarmos que somos professores novamente? Para já está, está parada, não é, aí considero, não faz qualquer sentido, nós acabamos

Salvador - ...aí corta-se...

Miguel – ...nós acabamos um curso, somos avaliados no curso ...

Ana - ...prestaste prova...

Miguel - ...prestei provas de que...

Salvador - E o curso não é aprovado pelo Ministério? Então, também, não confiam nas universidades...

Miguel - Exatamente,

Ana - ...depois vais fazer a prova, fazes a prova, não passas, ou seja, os dois anos anteriores vão pedir uma indemnização...

Miguel - No início da nossa carreira, portanto, já somos avaliados como alunos, e como professores em início da carreira, tivemos um estágio, tivemos numa escola, temos um documento que o comprova e um professor que nos avaliou, sim, aí sim. Ao longo da nossa carreira, temos formações, constantes, eu acho que nessas formações nós somos avaliados...

Ana - ...e logicamente estamos-nos a formar...

Miguel - E estamos-nos a formar, continuando a nossa formação inicial, portanto, estamos, anualmente, por vezes até, até mais a miúdo, umas são formações obrigatórias e outras até porque nos interessam, porque temos um aluno com necessidades educativas especiais, e não estamos tão à vontade, e procuramos formação nesse sentido, ou em novas tecnologias, porque queremos explorar um pouco mais tudo o que nos rodeia, e queremos aproximarmo-nos também dos alunos, dos conhecimentos deles, e do que os preocupa, e procuramos essas formações, tudo isso, é uma avaliação que

nós, nós temos e acho que é mais que suficiente para provar o nosso trabalho. E depois temos também, as provas que nos surgem a meio do caminho, embora eu ache que essas também, não devem, nós, não devem servir para nos avaliar a nós, não é, nem os conhecimentos dos alunos, porque também podem estar num dia não, e o professor pode ter calhado apenas naquele ano com aquela turma, não vai responder pelo trabalho que veio para trás, depois a questão da retenção no primeiro ano, curiosamente eu este ano estou numa situação, com um primeiro ano e um segundo ano dentro da sala,

Ana - ...e eu igual...

Miguel - ...que, por não terem sido retidos, no, não se poderem reter no primeiro ano, são alunos que agora precisam de uma muleta, tem um professor de apoio, de volta deles, não estão a receber, não estão a dar o currículo do primeiro ano, porque eles andam no segundo e eles exigem o do segundo, porque eles andam no segundo e ficam frustrados se lhes dou o do primeiro e os pais estão lá, estão em casa, e não, não ele anda no segundo, o professor tem que lhes dar os livros do segundo. Os pais fazem o papel do professor, portanto, eles é que são os avaliadores dos professores, também, nós não podemos fazer nada, e tem ali alunos que vão andar estes anos todos daqui para a frente, com professores de apoio, que eles não são capazes de fazer sozinhos, porque não obtiveram a base correta no primeiro ano, porque nem todos, nem todos nós temos o mesmo nível de desenvolvimento e se uns aos seis anos já conseguem ler, outros conseguem aos cinco, até, outros só aos sete, é que vão conseguir obter essas, essas, competências, esses objetivos, digamos. Acho que também fico por aí.

Mário - Desta vez aponte, para ver se não me perco, (risos). Começando, começando pelo prestígio dos professores e pegando no triste caso de Mirandela, que foi fortemente badalado, um miúdo que, por imensos motivos e mais alguns, terá feito, ou por brincadeira, ou por loucura, ou por desespero, ainda alguém há de descobrir, agora a verdade é que pegando neste caso, nós podemos ver que toda a gente vem à escola pedir satisfações. E, e a escola sente-se obrigada a, a dar uma resposta, porque tem que a dar, o próprio Executivo, quando apanha dois miúdos à bulha, ou faz vista grossa, ou, ou espera que passe, ou diz, calma lá meninos, bem, se vai algum pai à escola, dizer que se passou determinada coisa com algum professor, então age de imediato, porque para agir sobre o professor tem que ser rápido, tem que ser imediato, porque é uma questão, quase que nacional, porque é gravíssimo o professor ter feito isto ou ter feito aquilo. Infelizmente, nós havemos de cometer imensos erros, havemos de fazer imensos erros, até de justo valor, porque achamos que não tem importância, e

depois afinal até tinha, só que normalmente esse papel não pode ser só da escola. E pegando nesse caso, provavelmente, há responsabilidades partilhadas, entre pai, professor, catequista, porteiro, tudo e mais alguma coisa, exatamente, porque chegaram a um caso destes, em que ninguém notou nada de anormal, é grave, de facto, porque se calhar a criança poderia estar em grande sofrimento e ninguém deu conta, agora parece que não só era agredido, como era agressor, mas isso é o comum de todas as crianças, por isso, nem sempre nós conseguimos encontrar o ‘clic’ que vai alterar aquele comportamento, mas... Quanto às, às retenções que se tem falado, eu penso que o grande problema das retenções, de o elas existirem, ou não existirem, é da turma ser estanque, porque se ele é retido, tem que se manter na turma, se não é retido, continua na turma, e, enquanto nós estamos a falar, essencialmente do primeiro ciclo, o segundo ciclo ainda tem uma estrutura diferente, mas penso se calhar mudar nos próximos anos e o ministério provavelmente também, mas quando estamos a falar do primeiro ciclo, estamos a falar de escolas relativamente pequenas, estamos a falar de miúdos que têm uma capacidade de socialização muito grande, porque as turmas são pequenas, a escola é pequena, o..., a proximidade entre alunos é muito grande, para eles serem do terceiro, ou do quarto, do primeiro ou do segundo, eles não sentem absolutamente distinção nenhuma, andam ‘à pancada’ com qualquer um (risos) e jogam ao futebol, com qualquer um, por isso não vejo a necessidade de o menino não pode sair desta turma, porque senão vai ser prejudicado, porque não acompanha o grupo, ou o menino tem que acompanhar o grupo obrigatoriamente, nem que não consiga fazer nada, e que esteja atrasadíssimo, e isso de facto, traz-nos um grande problema de precisarmos de recursos, os recursos, é o professor de apoio, os recursos é mais trabalho para o professor, é mais pressão sobre o aluno, porque tem que conseguir, porque os colegas do lado já conseguem, e, pegando no ensino básico de nove anos, nós se calhar tínhamos espaço e tempo, para fazer as coisas de outra forma, retirando o miúdo de um grupo e pondo noutra, e deixava de ser turma, deixava de ser aquela turma fechada, em que tudo tem que estar ali, tão, tão, tão parado, portanto, ter aquele grupo, e nós estamos agora com as atividades extra curriculares, temos a turma toda partida, porque se tivermos um primeiro com um quarto e não podem ficar juntos, os primeiros vão para um grupo, os do quarto vão para outro e já há um grupo e eles aprendem na mesma, e eles sabem tudo na mesma, e tiram gozo da atividade na mesma, pronto, por isso ainda há algumas coisas que eu acho que tem que ser alteradas e rapidamente, até para diminuir o prejuízo daqueles que têm mais dificuldades. Quanto à avaliação dos professores, primeiro, a

avaliação está, foi construída, agora não sabemos como ela irá continuar, mas foi construída com o objetivo de nos valorizar a carreira, ou de nos prejudicar a carreira, de acordo com a avaliação que nós tivermos. Primeiro, para mim, a carreira devia acabar, nunca a senti, tenho poucos mais anos, tenho dez, mas, mas estou à espera de ver o que é a carreira e do quanto, do quanto irei tirar benefício dela, porque, isto há colegas bem mais experientes, que podem dar aulas absolutamente extraordinárias, e outros com a mesma experiência que podem não conseguir, e, e, o valor salarial é imenso, entre mim, que estou no início e alguém que está no final, é uma diferença abismal mesmo, e não se justifica, quando todos estamos a trabalhar no mesmo sentido, quer dizer, todos estamos a tentar dar o máximo pelos nossos alunos, por isso, eu penso que a carreira já teve algum sentido, porque foi a forma que se encontrou, a pouco e pouco os professores cada vez poderem ganhar mais, e com a sua experiência, e tudo mais. Agora de momento, eu penso que isso tem que ser esbatido, não pode haver uma diferença salarial tão grande, porque isso traduz-se em injustiças enormes, e tanto mais, quando nós sabemos que não vamos conseguir, provavelmente, chegar todos ao topo, agora se calhar conseguimos, mas daqui por dez anos, no máximo, já não vamos conseguir outra vez, porque já não há verbas para tanto e esta diferença entre os professores que estão no início e os professores que estão no fim, acho que é, é horrenda mesmo, todos estamos a tentar dar o máximo. Quando o professor sabe que não é bom, tem de ser recuperado, se não é recuperável, paciência, não pode dar aulas, não há volta a dar, e esta avaliação, para mim, parte essencialmente da formação contínua, em que aí, terei que ter colegas ou ex colegas, que passam para um patamar se calhar mais de formadores, do que, do que de professores, passam mais para a formação de professores, que serão responsáveis por me formar, por alterar os meus comportamentos, porque eu, muito provavelmente terei comportamentos incorretos dentro da sala, até para tentar que o menino aprenda o conceito de dizer, não, ou que aprenda o ‘a, i, o, u’, quer dizer, alguma coisa poderá não ser o mais correto, ou pelo menos com aqueles alunos pode não ser e funcionar com outros, e para isso nós precisamos de facto de uma formação contínua e de uma avaliação contínua, que acho que as duas podiam encaixar exatamente no mesmo sentido. Os resultados dos alunos, têm que ser vistos, depois do resultado do professor nestas formações, porque se eu for bem formado, empenhado, se eu, chegar a horas, se eu sair a horas, se eu cumpro com os prazos da entrega do que quer que seja, se eu falto pouco, isto tudo faz de mim um bom funcionário, dificilmente poderá só isto fazer de mim um bom professor, agora,

com uma verdadeira formação, formação contribua para a minha avaliação final, e que a minha nota da formação/avaliação contribua, ou não, para tal carreira, que devia ser muito, muito mais importante. Eu penso que a avaliação pesada e dura tem de ser uma avaliação da estrutura, porque se nós tivermos uma avaliação, uma avaliação que até pode ser mais severa sobre a estrutura sobre a escola, sobre o agrupamento, vai-nos obrigar a trabalhar muito mais em conjunto, porque sentimos que todos podemos ter alguma coisa a dizer sobre o papel da escola. Assim não, a avaliação foi demasiado centrada no individuo, está demasiado centrada no professor e eu vou-me preocupar em ter uma boa avaliação, eu, não estou preocupado se os meus alunos vão ou não ser melhores nem se vou ou não conseguir ajudar os meus colegas, porque, quem pode tirar benefícios da minha avaliação, sou eu... e pior, é que eu tiro benefício da minha avaliação se os outros não tirarem, porque se eu me destacar, em relação aos outros colegas, vou ser beneficiado. Isto não é bom, isto é péssimo, isto não é mau, isto é horrível, quer dizer, eu estou a preparar-me para poder dar passos mais largos, do que todos os outros meus colegas, isto não vai fazer com que a sociedade melhore, porque quatro ou cinco excelentes professores no agrupamento, não beneficia em nada aquela comunidade, porque os quatro ou cinco são excelentes isoladamente, porque eles, e podem ser muito bons a trabalhar com os colegas, podem ser muito, podem ser pessoas excepcionais, podem ser muito ‘porreiraços’, agora, se só esses é que são excelentes, é muito pouco, é muito pouco, e não conseguimos num universo de cento e vinte ou cento e trinta professores, pegar numa mescla de 20 por cento a destacar, e achar que isso vai alterar a sociedade.

Cátia - Ainda falando disso, há pouco tempo, tive no meu agrupamento uma Inspeção do Ministério, e um dos pontos, que os Inspetores julgaram como que o agrupamento tinha que trabalhar mais era na articulação, ou seja, articulação, quanto a mim, primeiro ciclo, segundo ciclo, terceiro ciclo eu pergunto, eu até fiz essa pergunta à minha coordenadora, articulação se faz todos os dias, de alguma forma, você está fazendo articulação com os colegas dos outros ciclos, agora como é que se faz esta articulação, é quando, em primeiro lugar, há discriminação entre os próprios colegas de ciclos, a começar por aí, em segundo lugar, porque, se eu também colaborar muito, o outro colega pode-se sentir mal, é outro problema, aaa...como é que se pode fazer uma articulação, se o próprio Ministério nos coloca em permanente competição? Que é isso todos os dias, e ninguém soube me responder, obviamente. Eu quando vim do meu país, eu trabalhei numa escola, tive a sorte de trabalhar num colégio particular, nunca quis ser

funcionária pública, sou funcionária pública cá em Portugal, e nessa escola que eu trabalhava, funcionava como um agrupamento, que, que estava sendo implementado cá, mas já existia, que era uma escola especial que era correspondente ao secundário aqui, e nós trabalhávamos todos em conjunto, todos, havia uma filosofia de trabalho em conjunto, o que aqui eu não consigo fazer, (silêncio) mas eu não consigo fazer, não é porque eu não encontro colegas que queiram, ou, ou, não é por isso, é porque a máquina escola, nos puxa para outras coisas, essa variação nos faz separar, e não trabalhar em prol de um objetivo único, esse modelo de avaliação, só fez, si, si, todo o mundo dizia, ah, é que os professores não querem, não são um grupo de profissionais, não é? Se uma coisa que, a antiga Ministra fez, foi conseguir unir a classe, isso eu acho que é a única coisa boa, que ela ainda

Salvador - ...eu não concordo, é uma luta...

Cátia -... não agora, não agora virou uma luta, pronto, pronto concordo com você, não no dia a dia.

Ana - Mas sim propriamente, uma escola que está unida para lutar, mas está completamente desunida em questões de trabalho. Eu estive numa escola, nós tínhamos o primeiro ciclo e sentimos, e eu tenho experiência do segundo ciclo, e eu acho que nunca vou sentir, que é um grupo bem maior, que o primeiro ciclo, supostamente estamos numa escola, estamos num conjunto de professores, cada um com diferentes interesses, cada um tem a sua disciplina, mas eu acho que estive sempre bem mais enquadrada com esse grupo grande, do que propriamente com um grupo pequeno, porque num grupo pequeno, não é propriamente a avaliação, nós agora não estamos na avaliação, não é para nos desculparmos eu acho porque é assim, eu sinto por exemplo, com os meus colegas de trabalho, que há um grande ali interesse de querer ser melhor, querer ser melhor, principalmente com os pais, mostrar mais, e não é propriamente entre nós que estamos a lutar por aí, quando se trata de luta, vamos todos para o Ministério lutar, aí sim, estamos todas unidas, fora isso, eu acho que existe desunião e...

Cátia - Concordo com você, pelo menos isso se conseguiu, porque antes era um sindicato, outro sindicato, um concordava, outro não concordava, bem que essas coisas do sindicato, não leva a nada, cada um puxa por um lado, a gente nem sabe se eles estão a lutar pelo mesmo, mas, pelo menos isso se conseguiu, agora, depois disso mais nada, depois disso mais nada, as coisas, lutou-se, lutou-se, lutou-se, ou seja, nadou-se, nadou-se, nadou-se, e todo 'o mundo morreu afogada na areia', porque a coisa passou, foi aprovada e a gente continua lutando, e o que mudou, é praticamente nada. Mas o que, o

que, tenho a impressão, ééé...que só, se vai mudar eu não sei, mas eu acho que cada um, tinha que mudar a sua postura perante a profissão. Nós aqui estamos a falar praticamente do mesmo, não é, nota-se que o grupo tem mais ou menos a mesma linha de pensamento, quando a gente vai para nossas escolas, a gente sabe que as coisas não funcionam, em lado nenhum. Mas, o que, o que é importante, é que a gente tente mudar essas posturas, nós não vamos conseguir, ééé...ser contra a avaliação, ser a favor da avaliação, a gente não vai conseguir enquanto não, não colocar mesmo em prática, o porquê que essa avaliação não é, não é satisfatória, nenhum professor eu acho, pelo menos no grupo de professores com quem eu convivo, ninguém é contra a avaliação em si, mas nós já somos avaliados sempre, o colega colocou muito bem, para quê exigir dos colegas que estão saindo, uma prova, por amor de Deus, já fizeram o curso, ou seja, já tiveram estágio, eu sou professora cooperante, eu tenho duas estagiárias lá comigo, quer dizer, a gente avalia aquelas meninas todo o dia, a coordenadora delas, também. Elas são avaliadas, saem com o certificado, que é certificado pelo Ministério da Educação, que dúvida que ainda há, quer dizer, nem confiam no próprio, é, é igual a você não confiar na educação que você dá ao teu filho, é, se você sabe, que você orientou o teu filho assim, você vai esperar, pode até ter uma reação diferente, mas você vai esperar que ele, quer dizer, o Ministério não confia nem naquilo que ele faz, não é, depois, exigem de nós tantas horas de formação, por um ano, por dois anos, agora, já não sei mais, mas, você tem de ter vinte cinco créditos, num sei quê. As formações são dadas, as formações são aconselhadas pelo próprio ministério, olha, as formações obrigatórias que nós fazemos, elas são aprovadas pelo Ministério, quer dizer são verbalizadas, vem lá um carimbo que aquilo foi creditado pelo Ministério, e nem assim? Pedir opinião de pai para te avaliar? Quer dizer os pais vão, quem trabalha em, eu já trabalhei em escolas de aldeia, agora não, estou trabalhando numa escola de centro de cidade, mas, tem pessoas ali que não vão ter a capacidade de avaliar o meu trabalho, quer dizer, não estou, não estou aqui questionando culturalmente ninguém, nem, num estou sendo preconceituosa, não é nada disso, mas, como é que um pai, como você diz, que muitas vezes, o pai nem sabe o que está se passando com o seu aluno, com o seu filho, você que é professor, às vezes sabe muito mais da vida do aluno do que o próprio pai, como é que um pai de um menino desses, vai conseguir saber, se o trabalho que eu desenvolvo dentro da minha sala de aula, presta ou não? Quer dizer, eu, sinceramente não cabe na cabeça de ninguém, uma coisa dessas, o meu trabalho ser avaliado por pessoas que não, que não vão ter a capacidade de avaliá-lo.

Mário - E mais, o caso dos pais torna-se mais grave, quer queiram, quer não, eles estão envolvidos emocionalmente com o objeto que, que, que é o filho, quer dizer, se eu vou agir pelo meu filho, se eu não fizer aquilo que o pai quer, se eu não avaliar da forma que o pai quer, isto vai trazer, trazer problemas.

Ana - ...porque não avaliarmos nós, os pais? (risos)

Mário - As mudanças dos professores...

Ana - Também acho ...(risos)

Mário - As mudanças dos professores ao fim de três ou quatro anos, a mudança que ocorre naturalmente, um professor se foi colocado numa outra escola qualquer, e pega num outro grupo de trabalho, quando chega lá, pode ter formas totalmente diferentes de trabalhar com os miúdos e podem as fichinhas de avaliação, baixar um 'satisfaz bastante', para um 'satisfaz', ou o que o valha, o pai vai de imediato atuar sobre o professor, sem querer saber porque é que isso aconteceu ou não, porque pode ter sido, o miúdo pode até ter mudado de casa, o miúdo até pode ter mudado de escola, mas a grande mudança que aconteceu na vida dele, foi o professor. Pode ter acontecido 'trinta por uma linha' lá em casa, agora, a grande mudança foi o professor, por isso, ele tinha boas notas com o professor x do ano passado, não tem boas notas este ano com este professor, são baixas.

Salvador - A propósito disso, no outro dia, vi uma banda desenhada, até achei piada, e é um bocado a ideologia agora dos tempos que correm, um miudito, junto à professora lá nos papéis: então mostraste lá os testes, as notas ao teu pai? E diz ele, por acaso o pai viu e disse que se isto não melhorar alguém vai ter problemas, e ele é que diz à professora que alguém vai ter problemas, por isso a ideologia que passa é assim, se isto não melhorar o problema é do professor, o professor é que tem que andar, é que tem que fazer.

Miguel - Professor, o meu pai já disse lá em casa, ou as minhas notas melhoram ou alguém vai ter problemas, eu não o quero alarmar...

(risos, coletivos)

Salvador - E passa um bocado, acho que passa um bocado por aí. Quanto à união na classe, eu acho, acho que realmente agora se uniram, porque, mediante os grupos que falou, há grupos dos mais novos, dos intermédios, dos mais velhos, nesse caso, foi uma 'ceifadela' tão grande, que de uma certa forma ou de outra, todos foram tocados, e todos foram penalizados, ou seja, e toda a gente sentiu, cada um à sua maneira, ou seja, vamos nos juntar todos, para tentar reclamar, para, o, mesmo órgão de direção, cada um vai

reclamar do seu aspeto, quanto a isso continuo a achar, e mesmo por experiência própria, em termos por exemplo de violência, eu, é daquelas coisas que ficam para vida, primeiro, ou segundo dia de aulas, veio um miúdo, com a minha estatura, que andava num quinto ano, para me dar um estalo na cara, eu simplesmente agarrei-o, porque, se fosse uma mulher provavelmente, apanhava se estivesse, eu agarrei-o, segurei-o, e pronto, ele não teve hipótese de se movimentar, ele pelos vistos, já estava tão calejado naquilo, que o fulano, vai-se embora meu amigo? Diz ele: - Ah, eu não tenho medo, não sei quê... “-Não, o senhor vai ficar aí, vai-se sentar, vai-me ouvir até ao fim, não vai a lado nenhum”. Ele ficou muito admirado, a partir daí, nunca mais tive problema nenhum. Quando falei com colegas bastante mais experientes, e lhes disse o que aconteceu, ah sem, experiencia nenhuma, veio um puto para me dar um estalo. E tu reagiste? Eu, não, ia apanhar? Está bonito? Eu nem sequer lhe bati, eu simplesmente imobilizei-o, não o deixei fazer mais nada, sentei-o e falemos. “- Ah, tu reagiste, olha lá, se te acontecesse alguma coisa, acabas a tua carreira?”. E o que eu lhe disse foi: meu amigo, a carreira pode acabar, mas apanhar na cara, eu não apanho de nenhum aluno, de ninguém, muito menos de nenhum aluno, o que é certo essa pessoa falou, deixou-se apanhar a primeira vez, durante o ano, tínhamos inúmeras reuniões, era o prazo do aluno ir os três dias, ou cinco ou dez ou quinze dias para, casa, voltava no dia a seguir, o professor apanhava, o professor apanhava, apanhava, lá ia os dois ou três dias, e andamos nisto, e depois acabava por me dar razão, e é aí que eu quero chegar, os professores não são unidos nesse aspeto. Então numa situação destas, ah, deixavas, deixavas, não, e depois querem o melhor, podem dizer que às vezes, querem o melhor para educação, para o grupo, para isto para aquilo, mas é muito afeto individual, falamos do individualismo e no interesse pessoal. É sim, tudo bem, nós temos interesse pessoal, cada um tem os seus objetivos de vida, tem a sua família, tem, tem tudo o que o rodeia, mas de qualquer das formas, eu acho que para nós andarmos aí, para nos sentirmos bem, temos de ter um certo brio, neste caso profissional do que nós fazemos, se nós não nos sentimos bem onde estamos, eu acho que é preferível mudar, porque ou estamos e falemos, e fazemos bem, ou...

Investigadora - Já reparei que se preocupam com, com a vossa carreira e com o chegar, e com o caminhar da carreira. Eu gostava que me falassem como é que pensam progredir na vossa carreira docente, já que há a probabilidade de alguns não chegarem lá ao topo. Como é que pensam progredir? Como pensam crescer, para chegar ao topo?

Mário - Eu comecei do 'topo', quase, 'o topo Açores', (risos) na ilha de S. Jorge, isso foi no Faial, estive lá na freguesia do topo, por isso (risos) e foi um ano bastante bom, por isso, se calhar até ao final, não consigo nenhum do género. Eu queria, estas preocupações todas, que nós temos e o facto de estarmos desunidos ou não, só quero lembrar, e às vezes lembro-me várias vezes, os professores controlaram toda a estrutura organizativa deste Ministério, tudo. Nós tínhamos as direcções executivas, nós tínhamos a direcção regional, nós tínhamos o ministério, nós tínhamos a formação de professores, que foi sempre por professores, tudo foi controlado por professores. E eu tendo tão boa impressão dos professores, também às vezes me custa imaginar como é que descambou desta forma, porque, porque de facto não há união total, nos interesses dos professores, porque ou porque eu sou do universitário, tu és do politécnico, agora assistimos a essa guerra, ou porque eu sou do politécnico e tu és do liceu, ou porque tu és do liceu, e eu sou num sei o quê, parece que não é importante educar cá em baixo, parece que o mais importante de facto, é conseguir educá-los já lá em cima, até porque é importante, porque é mais rápido, porque tem não sei quantos professores para colocar antes, por isso, se lá não sabe é porque é uma grande culpa dos anteriores. Por isso, de facto, não há, não há esta união, e, era bom, e será, será futuramente, um lutar por todos nós, porque também já estive no segundo ciclo, agora estou no primeiro, e outros colegas estão a passar também por, por ciclos de ensino diferentes e se calhar as coisas começam a mudar a pouco e pouco. Quantas às expectativas de subida de carreira, apesar de achar que a carreira é, é excessivamente dispare, e, e longa, é evidente que eu quero subir na carreira, porque quero ganhar mais, o que ganho não chega, não chega, chega, (risos) chega a pouco, mas temos ambições como é evidente, de tentar subir na carreira. E, quero subir, quero, quero poder ganhar mais, e é este mesmo o poder ganhar mais, porque eu não acredito que depois de chegar a um outro escalão, espero conseguir, ou, ou depois de subir num sei quantos patamares, conseguir tirar o mestrado, que é uma das expectativas que terei também, ou até mesmo o doutoramento ou o que seja, não me parece que isso tudo vá diretamente influenciar naquilo que eu sou como professor, penso que influenciará muito mais, a experiência que eu for tendo e as vivências que tiver dentro do agrupamento com outros colegas que, que deverão ser responsáveis por me ajudar em conseguir ser melhor em determinadas áreas, em conseguir, em conseguir fazer algo melhor pelos alunos, e, e até pelo trabalho do agrupamento, agora, se irei chegar lá ao topo, espero bem que sim.

Ana - Em relação ao topo, é assim, não me importava nada de trocar e começar pelo topo e ir andando... (riso coletivo). Porque o resto essa ansiedade de ser Titular agora também já não há necessidade dela, mas também era um patamar que eu não pretendia atingir, e quanto a mim não me diz absolutamente nada. Interessa-me realmente continuar, porque estamos sempre em construção, mais propriamente em relação aos alunos, para melhor aprenderem. Mas, mesmo a progressão, acho que neste momento está assim, está muito longe, não é propriamente algo que eu pretenda, é a parte monetária que realmente me interessava agora, não mais do que isso, por isso a progressão...

Mariana - A mim, neste momento a progressão, acho que, não penso na progressão, porque eu acho que está tão longínqua com a idade da reforma, com aquilo que eu tenho que passar até lá, com as mudanças das leis, isto quase todos os dias são leis novas, decretos de leis novos, e essas coisas todas... Neste momento o que me interessa na minha progressão na carreira, é tornar-me cada vez numa professora, tornar-me professora mesmo, e não para fachada, para estatística, neste momento o que interessa é progredir a nível de formação e exigir que os agrupamentos nos deem formação e não que nos lancem novos programas e que não nos deem formação e, que é assim, um novo programa de matemática, agora sem livros, com muito material, mas não dão formação para saber como usar esse material, como usar o novo programa, é isso que acho, que eu devo exigir neste momento para minha progressão.

Cátia - No meu caso já fiz as contas, não chego ao topo da carreira. Vou fazer quarenta e sete anos, vou até, quando eu sentir que já não dá mais, porque com 65, vou ficar aturando miúdos é difícil, não é? Quando eu começar a sentir que não dá, começo a bater cabeça na parede e arranjo uma psiquiatra e vou à vida. Antes dos cachopos nascerem, absolutamente só. Estou me candidatando ao mestrado, vamos ver se entro e já estou em Supervisão, que é para justamente, se me derem a chance de entrar em alguma coisa. Mas a ideia é mesmo essa, adquirir conhecimento, sempre que for possível, aumentar as minhas experiências, as minhas vivências, conhecer outras pessoas, partilhar um bocado o conhecimento que tenho, e receber dos outros, sobre o estigma universidade, gosto de estar sempre a estudar, parei agora uns anitos, mas é só mesmo para progressão profissional, porque topo de carreira eu já fiz as contas, e não chego.

Miguel - No meu caso, a progressão na carreira também, eu acho, eu já o expliquei, pela necessidade que nós, que eu vou sentindo de acompanhar os meus

alunos. Este ano estou a fazer uma formação para alunos com, com perturbação e hiperatividade e défice de atenção, tenho um aluno com esse sintoma, NEE, e senti essa necessidade, procurei uma formação nesse sentido. Tenho expectativas, também, sou professor do segundo ciclo, passou-me pela cabeça, que poderia sentir-me melhor no terceiro ciclo, resolvi fazer um mestrado que me dá acesso ao terceiro ciclo, estou a concluir, mas agora que estou em estágio, porque tenho que fazer novamente um estágio para o terceiro ciclo, não me basta ter um diploma do primeiro e do segundo, para dar aulas aos alunos do terceiro, tenho que fazer outro estágio, estou neste momento a fazer o estágio, como professor estagiário, sou estagiário, mas no estágio, sinto que, se calhar não é para aí (risos dos colegas) eu percebi mal o meu tempo, acho que, acho que enquadro-me melhor no primeiro ciclo, e apenas comecei a estagiar há, há dois meses (risos dos colegas) no terceiro ciclo...

Ana - Já está cheio do terceiro ciclo...

Miguel - ...e lembrou-me logo do tempo que andei no segundo ciclo, e acho que me enquadro no primeiro, depois, também, dá muitas voltas. Acho que a nossa formação e a progressão na carreira, é a parte monetária, é nós querermos constituir família, as despesas são, são imensas, queremos ter uma casa quente, queremos ter uma casa, ou um apartamento, uma coisa modesta, porque o nosso salário de professor também não dá para muito mais. Temos que, infelizmente, para nos deslocarmos, ter pelo menos um carro com poucos quilómetros, porque as escolas ficam tão longe e a manutenção de um carro, também é extremamente cara, portanto o pouco que nós ganhámos, não cobre tudo isso, não é? E temos que ir almoçar fora de casa, todos os dias, todos esses, todos esses encargos ficam pelo professor, não é, ficam ao nosso encargo, quem trabalha numa empresa privada, tem carro da empresa, tem telemóveis da empresa, quantas vezes nós, não temos que usar os nossos telefones, os nossos telemóveis, para contactar os pais, tem carro da empresa, tem despesas de deslocação, tudo isso, nós não temos ajudas de nada, não é? Não sei se teremos que as ter, se calhar até não temos mesmo que as ter, mas, mas se calhar um salário que nos permita ter essas despesas, manobrar um pouco aí, e conseguirmos dar uma, uma qualidade de vida média, à nossa família em casa, não é?

Mário - Deixem-me interromper um bocadinho. Penso que o ordenado é tão importante, quanto isto, o mestrado é caro, a formação é cara, e isto, e depois há outros meios que nós obrigatoriamente temos que ter, porque se o meu menino, com sete ou oito anos já está no facebook, eu também tenho que lá estar, porque o professor tem que

ter a vanguarda da sociedade, porque tem que estudar, para conhecer e ensinar a utilizar, a usar essa ferramenta em prol até da educação. Eu não quero ser privilegiado em relação a outros, eu quero é ter todos os instrumentos necessários, para desenvolver a minha atividade, e de facto, continuarmos a estudar, é quase que obrigatório, eu comprar um livro do Saramago, é quase que obrigatório, até porque ele de vez em quando vem falar mal deles, então por isso. (risos). Toda a gente fala e eu tenho que lhes dizer quem é o Saramago e até já li o livro, porque se o professor não o lê, quem é que o vai ler? Ser professor sai caro, muito para além das despesas comuns, porque nós obrigatoriamente temos que estar um bocadinho à frente dos outros.

Investigadora - Muito obrigado pela vossa participação.

GRUPO DE DISCUSSÃO 2

Dia: 23 de março de 2010, pelas 17.30 horas

Local: Centro Cultural de ...

(Co)moderador: Graça

Elementos intervenientes: 7 professores do 1º CEB

Duração: 1h.12minutos

Investigadora - Eu gostava que me falassem da vossa profissão. O que melhor caracteriza a vossa profissão de docente? O que é para vós 'ser professor', hoje?

Raul - Peço para começar, então, acho que vou arrancar. Hoje, estamos a viver uma época de grande transformação, e portanto dizer o que é 'ser professor', é, a mesma situação, não sei exatamente como caracterizar, mas posso-vos dizer, da experiência que tenho, que, ao longo de 22 anos de serviço, acho que já passei por três, pelo menos três grandes fases, em que eu achava que ser professor era determinada coisa e depois se foi alterando. Neste momento ainda não há reflexão, porque, as mudanças são recentes e como recentes que são, provavelmente haverá coisas que eu hoje posso vir a dizer, se calhar, irão, daqui por muito pouco tempo ter que alterar. No entanto, fica um amargo de boca, atendendo a que, ao fim de 22 anos de carreira, aaa...as mudanças têm sido tão grandes e abruptas, que não temos sequer tempo para pensar muito bem, o que é ser professor, somos levados, levados, resumindo para dizer isso, que é, primeiro faz-se, e depois pensasse e portanto o lugar à reflexão, o lugar à reflexão não existe, existe apenas o fazer, é o fazer na escola, é o fazer para os alunos, é o fazer para as famílias, é o fazer para nós próprios, e o momento para reflexão, o momento para a discussão e para tirar conclusões, neste momento perdeu-se. Portanto, o que é ser professor, para mim neste momento, é estar no meio da ponte e sinceramente, eu não sei, não sei ainda, para que lado da ponte me hei de deslocar. Continuará sempre, a ser aberto um grande chapão, é verdade que ser professor é acima de tudo, é ser alguém que se dá ao outro, neste caso, no meu caso particular, às crianças do 1º ciclo, aaa...mas esse dar significa também ter uma plateia do outro lado para receber a informação, e neste momento está muito prejudicada por todas as alterações da carreira docente, de maneira que, a predisposição inicial para exercer bem, o ato de ensinar/aprender, tem estado um pouco condicionado, espero que, daqui para a frente, o pó possa assentar e as coisas possam vir a rolar normalmente.

Noémia - Posso? É assim, eu acho que se por um lado é muito bom ser professor, quando nós temos os alunos que nós poderíamos pensar que se calhar, sou muito exigente, muito ríspida, e depois no fundo, ou no fim do ano, eles vão-se embora e sentem saudades de nós, não é? Significa que afinal, nós somos queridos, quando eles têm boas notas, nós pensámos, alto, eu estou aqui a fazer qualquer coisa importante, porque às vezes questiono-me, meu Deus, sou eu, que não estou a dar bem a matéria, que eles, não estou a conseguir, que eles consigam, perceber e tirar bons resultados, e, e sinto-me feliz, quando realmente me apercebo que, não é isso. Por outro lado sinto-me triste, porque é assim, há sempre ‘ovelhas negras’, não é? E nós apercebemo-nos que há muitos miúdos, que não têm respeito pelo professor, nem só pelo professor, pelo próximo, acho que isso é um erro das famílias, em casa, porque, não transmitem valores, não, não incutem aqueles valores que, eu digo, eu não sou tão velha quanto isso, e incutiram-me esses valores, e se eu fazia alguma asneirita, no bom sentido, que não era nada como é agora, o professor olhava para nós e era um sinal de respeito, porque nem sequer chegava a casa e dizia o que se tinha passado, porque senão éramos castigados, não é? Os miúdos hoje em dia, não há essa relação nem com o professor, nem com o próximo, e eu acho que isso é um bocadinho culpa da educação, da, da, dos pais, da educação, do sistema em que nós estamos, e cada vez mais, é assim, acho que é uma falha a meu ver, exige-se muito pouco dos meninos, ou seja, um menino não consegue acompanhar, desce-se ao nível do menino, temos de descer ao nível deles, mas também temos que exigir, não é, porque sem exigir, é tudo muito facilitado, nós exigimos, não é, eu falo por mim, eu tinha medo de reprovar, porque era uma vergonha, eles agora, encolhem os ombros. Essa parte da educação, ser professor, acho que está, muito, muito podre, muito podre, que deveria melhorar.

Liza - Está-me a empurrar muito para o facto, de haver alterações na carreira, que fizeram com que a imagem do professor não seja aquela de há uns anos atrás, e portanto, a consideração e estima, que também outros nutriam por nós, está em descrédito, digamos assim. E isso também não motiva os alunos, portanto, a falta de respeito que falavam ainda agora, tem, tem, os próprios pais: ‘- Ai o professor agora fazem pouco...’, facilmente os pais, que, que até tinham, uma, uma visão diferente do professor, agora facilmente: ‘- Ai o professor fez isto, também não pode ser...’ em frente aos próprios, aos próprios filhos, não é, eles, pronto, desautorizam por completo a nossa posição.

Maria - Isto é a escola a perder prestígio, não é? No fundo quer dizer isso. Eu quero dizer uma coisa muito importante, eu acho que, o professor deve ser professor, não deve ser ama, nem deve ser educador. Acho que estamos a confundir muitas coisas, realmente se, se quer dar apoio à família, que se ponha na escola as pessoas necessárias para dar apoio à família, não é o professor que vai fazer essa substituição, e se, por acaso, se chegarmos à conclusão, que a escola é que tem que dar o apoio, nesse aspeto à família, então que nos deem autoridade na escola, porque, se por um lado, se quer que a escola evolua, por outro lado não andam na escola o pai e a mãe, que vão lá, e que dizem, eu quero assim, quer dizer, em casa são dois ou três, na escola não são dois ou três, e cada um é como cada qual, nós temos projetos, temos uns que começam num lugar, temos outros que começam noutra, aqueles alunos que começam num grupo mais ou menos homogéneo, mas depois vem os problemas, não é, e nós temos por obrigação, como professores, de, de descer realmente ao nível do aluno, e tentar recuperar o aluno, trocando de lugar, com outro lugar onde ele está, para fazer subir os seus conhecimentos, as suas competências, agora são competências. Mas, eu acho que isto tudo, não está muito bem definido nem nas legislações recentes nem para as legislações antigas, nós não sabemos muito bem, sabemos que temos uma escola de massas. Nós temos o currículo nacional, mas também temos alunos diversos, muito diversos mesmo, temos aqueles que podem cumprir um currículo nacional, temos aqueles que não, e que sabemos que nunca, e não nos deixam, e não temos uma legislação que nos permita, eu acho que o aluno deve chegar ao 9º ano, mas como? Como é que ele lá deve chegar? Será que é com o currículo nacional com as mesmas competências para todos? Eles são diferentes, são diferentes, eu penso, penso, mas é necessário realmente, nós temos necessidade, que, que, o país, tem necessidade em criar quadros, em, mas provavelmente existe dentro da escola, poderá existir dentro da escola, abertura, chegar ao 9º ano, mas se é competente para seguir vários caminhos, ou seja, seguir para uma universidade, pode ser para uma formação, uma formação profissional, que lhe dá acesso, se ele um dia mais tarde quiser, porque às vezes há alunos, que nós sabemos perfeitamente, que não chegam a lado nenhum, não é porque não tenham capacidades para lá chegar, é porque realmente o facilitismo foi muito, e pronto, e a própria vida, o nível social, a vida que levam, e um dia mais tarde, acordam e veem realmente o processo todo feito, para quando acordarem e virem que não há nada. Agora este modelo assim, realmente, acho que, como dizia aqui o Raul, acho que não se pensa antes, não se reflete antes, reflete-se durante e depois, não é, e após, o que é mau, a

reflexão tem que existir antes, não é possível, não é possível por tudo, porque nós arrancamos duma maneira e acabamos doutra, infelizmente a Educação está... são estes passos que nós temos, é difícil.

Camila - É assim, agora já me perdi um bocado, porque já tinha vários sítios, para, para, para desenvolver. É assim, isso de todos chegarem ao 9º ano com o mesmo currículo, discordo completamente, porque eu tenho um aluno, que a escola não lhe diz nada, mas tudo o que for relacionado com comida, tudo o que for para comer, e se calhar ele até era capaz de enveredar por uma carreira, ligada à cozinha, vá lá, pronto. Só que é assim, eu às vezes, já peguei num livro de receitas que para ele, pró motivar e ele até gostou, só que é assim, tenho mais outro do ensino especial, são dois da mesma turma, que eu acho uma aberração, e pronto, e depois é assim, e tenho que olhar pelos outros também 16, não é? E se esses dois sabem ler e escrever, devo ao meu esforço, que, que, que é assim, eles muitas vezes perguntavam-me o que é que estava escrito e eu dizia assim; meu amigo tens que ler e foi por aí que eles conseguiram, senão hoje não conseguiam saber nada, pronto, e isto só para dizer, que pronto, que não concordo realmente que o 9º ano seja igual para todos, cada, cada aluno tem as suas características, e é um indivíduo, não é? Pronto, depois a nível de escola, é assim, a família, a maior parte, 99,9%, colocou-nos nas mãos a educação, a formação, a higiene, aaa...sei lá o quê, a maneira de estar, tudo, nas nossas mãos e nós temos que nos desvencilhar, agarrado, associado a isso, vem agora o novo Estatuto da Carreira de Docente em que estamos em constante avaliação que é uma, aaa... como é que eu vou dizer, aaaa... andamos a ver quem é que faz mais coisas bonitas na sala de aula e a fazer mais papéis, papéis, papéis e o que é certo, é que os meninos sabem cada vez menos, alguma coisa está a correr mal, não é? Portanto, é assim, acho que é altura, de, de alguém pôr a mão nisto, e as pessoas que estão no gabinete virem ao terreno e verem, de facto, o que se está a passar.

Zé - Eu agarrava nesta frase da Camila, “e a escola não lhe diz nada” e então, tem que ser o professor, a tornar a escola atrativa, e nós temos muitos meios para fazer isso. Primeiro foi a globalização, temos agora a sociedade do conhecimento, então, penso que o aluno, não precisa hoje muito de empinar os conteúdos, eu penso que é preciso, a ferramenta que ele necessita, é o saber pesquisar, saber chegar lá, e isso é o caminho, e esse, ele gosta dele, eu vejo os miúdos, quando vão para o computador, querem saber isto ou aquilo, eles vão para ali e descobrem coisas, que eu até nem sei como é que eles lá chegam, eu, eu também aprendo com eles, (risos) porque, se a escola não é atrativa,

eles o que é que vão fazer à escola? Chatear o professor, ou o colega, ou dá cabo disto, ou daquilo, porque, à volta deles é, tudo é aliciante, eles têm bons filmes, bons Dvd's, eles têm televisão, têm os computadores, têm os jogos, as PlayStation, enfim, eles têm tudo, a escola é que não tem nada. E, eu fico triste, eu não quero falar dos meus colegas, porque cada um faz o melhor que pode e que sabe com certeza, mas temos alguns receios, nós temos alguns receios e a informática está, está a prejudicar-nos, veio o plano tecnológico, que bom, veio os quadros interativos, maravilha, mas não sabemos trabalhar com o material que nos põem à disposição, eu estou por exemplo, com miúdos, miúdos do 4º ano, 3º ano, aproveitei agora a semana da leitura, e pu-los a fazer fábulas, passar as fábulas no computador, eu não tenho turma, tenho turmas, e fico admirado, como miúdos com o 4º ano, já não falo no terceiro pronto, já no terceiro deviam saber, mas pronto, não digo o 3º ano, mas este 4º ano, não sabem abrir um ficheiro, não sabem guardar, estou a sério, no 4º ano, eles têm culpa disso? Não. Penso que temos que ver, as coisas de uma outra forma, só depende de nós, temos que nos empenhar nisso, não é, cabe-nos poder chegar lá, é claro as crianças hoje, tão, mais inquietas, mas, queixamo-nos da família, dos pais deles, bom, os pais deles se calhar foram nossos professores (retificou), foram nossos alunos, então nós é que fomos culpados da educação que lhes demos, não fomos únicos, não é, porque eles também têm família, aaa...mas é preciso mudar algo, e está nas nossas mãos de fazer essa mudança. Eu vou ficar por aqui, senão perco o fio condutor, e não queria muito. (risos)

Investigadora - Vocês sentem o vosso trabalho, da escola, da sala de aula, reconhecido? Ou até mesmo pelos órgãos de gestão, do agrupamento sentem o vosso trabalho reconhecido? Ou senão, como é que o gostavam de o ver reconhecido?

Noémia - Eu posso dar um exemplo, não vou dizer nomes, mas fiquei extremamente triste. Nos dois últimos anos, trabalhei numa escola EB1, que estava inserida, fazia parte de determinado agrupamento, no final do ano, eu estive, eu, e a minha escola, onde dei aulas, era muito, como hei de dizer, muito pobre, nunca estive numa escola tão pobre, não tinha uma sala de professores, eu se queria, tinha uma hora livre, tinha que ficar no corredor, que era um gelo, aaa...ah, havia um computador em cada sala, para cada um dos professores e eram turmas de 26 alunos, 25, aquecimentos, nada, chovia na minha sala, pronto, era uma escola mesmo, uma tristeza de escola. E eu e as minhas colegas, acho que fizemos um bom trabalho, (pigarreou) para já, trabalhar naquelas condições, e por outro lado, a minha turma era um bocadinho complicada, e eu acho que consegui, pô-los minimamente, um comportamento, minimamente satisfatório.

No final do ano, o presidente do agrupamento fez o apanhado e agradecimento, só se falou, o presidente só falou do 2º e 3º ciclos agradeceu a todos, o professor que fez isto, muito bem, o fulano de tal, fez isto, estava de parabéns, não fez uma única referência aos colegas do 1º ciclo. Oh, eu penso que é assim, poderia ter dito: professores do 1º ciclo, obrigado pelo vosso trabalho, é assim, não é a questão de o agradecer, não é uma obrigação, não é, nós fazemos com gosto, e temos que o fazer, mas fica bem, depois de dois anos de batalha, numa escola onde nós batalhávamos sempre, que não tinha condições, chegarmos no fim, não foi referido rigorosamente nada dos professores do 1º ciclo. Eu acho que aí o nosso trabalho, não é, nós estamos bem, temos consciência do que fizemos, eu tenho, mas, uma palavrinha de agrado, não é, acho que cai bem, e em certas situações, acho que, principalmente nas EB2.3 os professores do 1º ciclo, são um bocadinho esquecidos, eu também já dei aulas no 2º ciclo, e no 1º, e nota-se que ...

Maria - ...São diferentes...

Noémia - ...sei, noto que realmente, houve uma colega que disse, comentou, e eu achei piada, que, temos os professores do 1º ciclo, achei piada e irónico, e temos os doutores.

Maria - Exatamente,

Noémia – Fiquei triste...

Maria - É exatamente isso, pronto, nós somos, realmente existem as classes. E como existe com o 1º ciclo também existe em relação à Pré, vamos ser sinceros, também temos um bocadinho esse...temos um bocadinho, temos, a Pré, nós somos melhores que a Pré, temos um bocadinho isto. Aaa...o 2º e 3º ciclos, porque estão em EB 2,3, unem-se, os do secundário estão todos lá, todos, no fundo é tudo isto. Aaa... e esta divisão realmente, é má, e não te esqueças, que os miúdos que chegam lá, chegam lá, não chegam lá com esse princípio, já vão trabalhar, vão fazer aquele trabalho, e isso é uma... isso implica, eu sou formadora, e sou responsável pelo pedagógico e vi, vi muita coisa, realmente, consegui que o 1º ciclo fosse respeitado, em alguma coisa, foi um bocadinho difícil conseguir que o 1º ciclo fosse respeitado, e às vezes nós a vemos que o apoio dado aqueles ciclos, é muito superior ao apoio que nos dão, que dão ao nosso ciclo. Em relação a verem ou não verem, Isto é assim, às vezes penso, (suspirou) porque é que quando o diretor fala, no agrupamento, fala mais no 2º e no 3º ciclo, no caso, certamente porque estão mais perto deles. Quando li o 115, a minha ideia do 115, e gostei imenso daquilo que eu li, porque, pensei que nós precisávamos de transformar o agrupamento, e para mim a ideia de agrupamento era tudo no mesmo lugar, começa na

Pré e acaba no 9º ano. Aí tudo bem, aí tínhamos um trabalho cooperativo, um trabalho, a articulação, exigia uma articulação, foi isso que eu pensei, a minha grande dúvida foi o 115 e, na minha perspectiva, nunca se fez, pronto. Agora veio esta nova gestão, também está igual, embora criem alguns centros, eu gostaria, isso é que poderia estudar, porque, realmente aí nós, nós, com certeza vamos ter surpresas, nesses centros, que começam na Pré e termina exatamente no 9º ano, nesses provavelmente, vamos ter surpresas, nos outros, é muito difícil, porque, na EB 2,3 os professores estão ali e que constantemente lidam com a direção, nas dos 1ºs ciclos e nas Prés, são dois ou três profºs, ou quatro ou cinco, não é, claro que é muito difícil, muito difícil. Os professores da EB 2 3, não conhecem a realidade do 1º ciclo, nem como nós trabalhamos, de maneira nenhuma. E isto é que faz com que realmente o 1º ciclo é primário.

Noémia - Posso, eu acho que é importante, que é o seguinte, é primário, mas a meu ver é o mais importante, porquê? Eu já fui professora do 2º ciclo, é muito básico, tem que aprender, sim senhora, mas o aprender é diferente do 1º ciclo, porque no 1º ciclo é assim, tem que sair de lá, a saber ler, saber escrever, fazer ... a nível matemática, cálculo mental, o elementar, chegam ao 2º ciclo, supostamente, isso já está tudo preparado.

Maria – Exatamente...

Noémia - E é assim, eu, não é dizer mal, nem bem, mas eu acredito, que há muitos colegas do 2º ciclo, que não conseguiriam, dar ao 1º, que não é fácil dar ao 1º, não é, e eu acho, que o 1º, às vezes dizem-me assim: (alteração do tom de voz), aí... não, desculpa, mas não, um, um, um 1º ciclo, não passa à cabeça de um professor de um 2º ciclo, o que é um 1º ciclo, nós estamos ali constantemente a preparar vários trabalhos, tem, tem que ser...

Maria – Deixa-me acrescentar aí uma coisinha... quando começamos a apresentar resultados das avaliações no nosso Conselho Pedagógico, eu comecei a apresentar, resultados como os do 2º ciclo, dados definitivos, e quando apresento sete disciplinas entraram em choque, só dávamos três, que era a Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, mas quando eu apresento as sete, aquilo foi um choque, e a pergunta que me fez alguém, foi: em que é que as áreas de expressões ajudam as outras? Eles também as têm lá, no entanto a pergunta saiu, por aqui nós vamos vendo que as coisas realmente, não têm uma visão clara.

Moura - É assim, eu acho que se fugiu um bocadinho do assunto, não é, porque, eu vou começar do início, e responder à pergunta em concreto. Eu acho que apesar de

tudo, das contrariedades, sinto o meu trabalho, sinto que sou valorizada, eu acho, pronto, se calhar eu hoje também estou muito positiva (risos) e sinto-me valorizada pelos pais, porque há pais, que eu acho que no geral, os pais têm consciência, são muitos os que dizem: “ai, a professora não sei como é que aguenta, ainda há dias uma mãe me disse: ai professora não sei como não vai a um esgotamento” pronto, eu acho que eles valorizam o nosso trabalho, e a própria direção, acho que também. Aaa..., indo agora para esta questão, eu mais do que ninguém posso falar, porque eu estive lá alguns anos, no 2º ciclo, e já vi o outro lado e já, e agora vejo este, não é, e costumo dizer, o 1º ciclo, é um parente pobre no ensino, as coisas têm vindo a melhorar, mas, não são, não são o suficiente. Eles têm muito mais apoios, aaaa...têm muito menos trabalho, eu digo, e não tenho medo de dizer a ninguém, que se trabalha o triplo, no 1º ciclo, é a nível de dedicação, não tenho, não tenho comparação. Eu por exemplo, nunca fui muito de faltar, falto agora muito menos, e agora tenho filhos, na altura não tinha, se calhar agora tinha mais razão de faltar, porquê? Porque, se eu faltar, eu não tenho quem me substitua, e acho incrível, como é que, os nossos superiores nunca viram isso, eu por todos os agrupamentos onde tenho passado, não sei o que se passa nos vossos, precisamos de faltar, quem é que nos substitui? Temos, temos que dividir os meninos, já prometeram, uma senhora da DREN por acaso agora até está lá, e ela diz: é verdade, e os outros, e os outros meninos? Eles não têm aulas para substituir? Quer dizer, continuamos a ser um parente pobre. E depois o que me espanta e me desagrada, ainda mais, é quando, nas direções estão pessoas, na maioria do 1º ciclo, não é, e não têm veleidade para dizer assim: olha, temos que ver quem está no terreno, não é quem está lá nos escritórios, porque é tudo muito bonito dizer, como se costuma dizer, é muito bonito mandar trabalhar os outros, mas a realidade é outra, e, e quantas vezes, eu falo por mim, sei que todas as colegas fazem isso, porque eu sei, já tive do outro lado, e sei que no geral, nós faltamos, mas muito menos, o 1º ciclo falta muito menos, e, e já não estou a falar agora, do novo estatuto, porque agora foi um bocado travado, não é, porque antigamente aquilo era, mas mesmo agora, mesmo agora, por aquilo que eu vejo, estou a trabalhar numas EBI e vejo perfeitamente que nós faltamos muito menos, e sacrificamos quem? A nossa vida pessoal e familiar, portanto, nós dedicamo-nos muito mais. Relativamente a sermos respeitados ou não, também cabe muito a nós, e eu, como já disse estou numa EBI e noto perfeitamente que, já lá estou há uns anitos, e, portanto, o que é que eu noto, com o tempo, eles aprendem a nos respeitar, ainda um dia destes, uma colega, que por acaso está nas AEC, e conhece a realidade do 1º ciclo, precisava de fazer lá uma

dedicatória para uma colega, e entretanto, eu estava lá a fazer as minhas palavras cruzadas, que gosto muito, diz ela: “oh colega do 1º ciclo, ajuda aqui, que vocês têm que estar sempre com as antenas todas ligadas” pronto aquilo para mim, foi o fim, ela quis dizer, que nós, temos que estar sempre com tudo, portanto, temos que estar sempre em alerta, não é, digamos, porque eles não nos dão um bocadinho de descanso, e é verdade, nós temos, a dedicação é muito maior, se eu tenho uma turma complicada, no 2º ciclo, eu podia, pronto, são 90 minutos, ou 45 minutos, a seguir vou para outra, ali não, sempre o mesmo, sempre o mesmo...

Maria - A nossa escola ainda é uma escola de afetos, não é?

Moura - ...pois, é uma escola de afetos. Pois é, a única, se calhar, a maior vantagem que eu vejo aqui neste ciclo, é de facto o relacionamento com miúdos, eu acho que é muito mais vantajoso, muito mais...

Camila - É assim, eu há bocado, não falei na parte dos afetos, porque há uma cumplicidade, eu estou a primeira vez com miúdos desde o 1º ano até ao 4º, e eu só de pensar que eles se vão embora pró ano, este ano nem quero pensar nisso, porque é assim, há a tal a cumplicidade, é assim, assim como há aqueles que é preciso mandá-los estudar, e mesmo assim, enfim, também há aqueles que se empenham e pronto, que vale a pena o nosso esforço, mas de facto, é assim, a parte da cumplicidade e dos afetos que temos com eles, pelo facto de eles nos chamarem mãe, pai e avô, tio, isso para nós é uma coisa, é assim, essa é a parte boa do, do ser professora, não é, neste caso, porque é assim, e até certos termos que nós utilizamos, eles usam no dia a dia, e depois é assim, às vezes, alguns que não deviam sair e outros que saem, e eles usam aquilo assim como, pronto, eu acho que é, que é, espetacular.

Maria - Provavelmente entre o 1º, o 2º e o 3º, é que nós somos, eu costumo tentar explicar isto, quando não percebem porque é que um aluno, os professores do 2º ciclo, acho que ainda não entenderam muito bem, que o aluno que vai, é aprovado, mas é aprovado com competência, ma com mais competências ou com menos competências e não percebem às vezes culpam os ciclos de trás, e eu digo-lhes, que entre o 1º ciclo e o 2º ciclo, que existe um fosso muito grande, nós estamos cinco horas com os meninos, cinco dias, conhecemos muito bem o menino, a família, o tio, o avô, conhecemos toda a gente, a nossa escola, ainda é uma escola de afetos, a deles não. É muito difícil conhecê-los todos e 45 minutos, ou 90 minutos, não, não penso que seja realmente, que é uma diferença muito grande. E nós, às vezes, passamos um aluno, por aquilo que acreditamos que ele que é capaz, e que vai fazer, porque realmente conhecemos o aluno,

na parte ativa, na parte, no lidar no dia a dia com o aluno, como o professor dos outros ciclos não consegue conhecer, pelo menos para nós, essa parte tem muito valor.

Raul - Aaa... pronto, tive a ouvir atentamente tudo aquilo que vocês disseram, temos levado de facto aqui a nossa discussão, em torno do 1º ciclo e 2º ciclo, e já agora se vão-me permitir alargar um bocadinho aos outros níveis de ensino, pela própria experiência que tive, ao longo destes anos, e são realmente 19. Eu trabalho no ensino especial, que me permite fazer o acompanhamento do aluno, portanto, eu apoio o aluno, não apoio a escola, aliás, em concreto, eu, prossigo com o aluno para os vários níveis de ensino, para jovens e para as escolas, então dentro do pré-escolar até ao secundário, eu faço o acompanhamento, das crianças e jovens, já, numa fase posterior. E isto, dá uma perspectiva em termos da escola portuguesa, que dificilmente outros colegas terão, não é ter um conhecimento melhor ou pior, é uma questão de o ter diferente, o facto de estar lá, e muitas vezes essas coisas que nós falamos, são sentidas em cada um dos níveis de ensino, que cada um vive e trabalha, mas depois tudo o resto, é muitas vezes um encontro que se vai fazer ao longo dos anos, um convívio com outros, que se vai ouvindo um bocadinho daqui, um bocadinho dali, criando, construindo essas ideias. Eu tenho só a sorte de, penso eu, a sorte, de ter estado por dentro, portanto, o pré-escolar, 1º ciclo, 2º e 3º e secundário, aliás por momento estou no 1º ciclo, na escola a qual pertença, uma escola de base e depois, é que eu tenho mais secundárias e EB 2,3, neste momento só não tenho é pré-escolar. E chego à conclusão, que realmente a escola portuguesa, concordo com tudo o que vocês falaram, em geral nisso, está orientada num modelo em cascata, mas uma cascata invertido, e se a gente começar lá de cima, aa, vemos o ensino superior, queixar-se que os alunos chegam, sem as competências, que seriam por eles, há muitos anos a esta parte, consideradas mínimas, para se fazer a frequência do ensino superior, com o mínimo de sucesso e penso que algum do insucesso, lhes dará razão, mas a tendência é sempre depois de descermos esta cascata, e vamos buscar a raiz, porque é que o secundário, deixou, serviu de crivo, e deixou que nesse crivo, os buracos fossem tão grandes, que deixou passar tanta gente, bem, mas eu chego ao secundário, onde conheço muito bem a realidade e ouço os colegas dizerem, porque é que o 3º ciclo, porque é que o ensino básico, o ensino básico obrigatório, não tem um crivo mais apertado? Porque é que chega aqui, um grupo de alunos, que não deveria ter chegado? Bem, mas sobre o 3º ciclo, 3º ciclo a diferença é espaço, porque se convive, paredes meias, uns e outros, e portanto, esses são aqueles dois níveis de ensino, que há assim, maior desculpabilização, mas depois, depois, bem, chegamos

verdadeiramente ao calcanhar de Aquiles, onde se aponta a dedo, já não é culpa do 1º ciclo, é culpa do professor A, ou do professor B, porquê? Estes ciclos, que eu vim descendo, falo dos níveis de ensino, porque o aluno tem várias disciplinas, e portanto, tem um corpo de docência, e portanto não vão dizer que é o professor A, ou o B, porque se calhar, naquela disciplina, ele teve dois ou três, durante o 2º e o 3º ciclo, mas uma coisa é certa, é muito fácil, chegarmos ao 1º ciclo e identificarmos o professor, que muitas das vezes acompanha os quatro anos, e então o 1º ciclo não é ao nível do ensino, não, é o professor A, ou o professor B, e culpabiliza-se e faz-se um ranking, dentro dos próprios agrupamentos, da qualidade de ensino do professor e não a nível do ensino, ou seja, já assisti a isto, que os senhores professores do 2º e do 3º ciclo, são capazes de fazer o ranking dos colegas do 1º ciclo, isto não acontece em mais lado nenhum, e porquê? Antigamente, nós chamávamos de facto professores do ensino primário, primário, de primeiro, eu tinha orgulho, eu ainda gosto de dizer, sou professor primário, com orgulho, primário, por ser primeiro, embora o Jardim de Infância, o Pré-Escolar, seja de facto a base, mas estruturalmente não era assim, aliás, ainda hoje não é obrigatório, erro, erro crasso de todas as políticas educativas deste país, que nunca, uma vez por todas, assumem o caso da obrigatoriedade, para a educação de infância, mas, e digo eu, que, estruturalmente, quer dos nossos pais, dos nossos avós, de nós próprios, temos como primeira, o primeiro momento de intervenção, da escola pública pelo menos, é a escola primária, portanto, o 1º ciclo do ensino básico, e é aí que se começam a realizar as primeiras atividades estruturadas, baseadas no tal currículo nacional. E são de tal maneira aquelas aprendizagens iniciais básicas, que se confundem com o aprender andar, o aprender a falar, que os pais estimulam em casa, e todas as crianças quando nascem, ninguém fala, ninguém anda, mas os pais sabem, não precisam de ir à universidade, mas sabem como estimular as suas crianças, os seus bebés, para atingirem essas competências, e de alguma forma, é quase como o português que não tem potencial, todos os portugueses são um pouco treinadores de futebol, toda a gente percebe sobre isso, também os pais, todos entendem, que percebem um pouco, ou bastante do que é necessidade de ler, necessidades de escrever, necessidades de contar e, então, estamos a falar de competências, que os pais e os nossos alunos, independentemente do seu nível ou grau de ensino, a não ser que sejam analfabetos, todos eles acham que o saber ler, o saber escrever, o saber contar, também podem e conseguem avaliar o nosso trabalho, por isso é que eu digo, que o 1º ciclo, de todos os níveis de ensino, é aquele que não se avalia apenas como nível de ensino, mas as

competências individuais de cada um dos professores, e o seu professor do 1º ciclo, vai só falar com o professor do filho, quando é nas EB 2,3, resume-se assim, vai falar com o diretor de turma, ali um conjunto, e às vezes até é, a ponte para se chegar, não é com aquela professora exatamente que quer falar, é com outra, que tem qualquer coisa por resolver, mas tem que ser pelas vias institucionais que é a Diretora de Turma. No 1º ciclo, não, é o professor A, é o professor B, eu vou falar com o professor do meu filho, da minha filha, e portanto, há uma relação de proximidade, e por isso concordo também convosco, quando falaram, na questão da escola de afetos, na questão da escola de afetos porquê? É uma escola de proximidade, é uma escola onde as pessoas se conhecem pelos nomes, e não se conhecem por outro motivo qualquer. Por último e para acabar, desculpem lá só esta achegazinha, também queria dizer isto, a questão da valorização da carreira, que eu já falei em termos gerais, agora vou tentar ser um bocadinho mais específico. É verdade que os professores têm a sua valorização, tem que ser intrínseca a eles mesmos, é aquela autoavaliação que nós fazemos, é o orgulho pessoal, é o orgulho próprio, independentemente de como tu dizias no início, que, no agrupamento, a direção do agrupamento, não foi capaz de reconhecer, de facto o valor do vosso trabalho, mas, infelizmente vai continuar a acontecer em muitas situações, é de facto, já não sei também quem é que disse, se calhar nem sempre os pais nos reconhecem, e nisto tudo, quer dizer, nós temos que meter a mão à consciência e perceber até que ponto, nós também somos capazes de fazer passar uma mensagem, a nossa mensagem não se pode resumir ao trabalho efetivo que eu faço só com os alunos, ou com o aluno, tem que ser, ao conjunto que envolve o aluno, e a família necessariamente é um elo essencial, eu tento fazer isso sempre, o trabalho cooperativo com os pais, do género que eu explico exatamente, o que é que eu estou a fazer, como estou a fazer e o tipo de ajuda que eu pretendo que eles deem, já que eles acham, que nestes domínios têm competências, e mais, têm brio em ajudar, então, o melhor é não rejeitar a sua ajuda, mas se calhar orientá-la, ajudá-la e levá-los a perceber que o nosso trabalho de base, que é o trabalho psicológico diário, cinco dias por semana, tem que ser estruturante, e então, a ajuda deles, é uma ajuda mais complementar, como complementar, talvez, haver aqui uma relação de cooperação, escola, neste caso o professor, e família, acho que é absolutamente essencial, a avaliação mais ou menos possível, que os pais podem ter, isso a nível da família, depois no interesse dos próprios alunos. Aquilo que de facto mais me orgulha, é que, eu trabalho no 1º ciclo, com crianças do 1º ciclo, que não são meus alunos, no sentido que eu não sou professor do

grupo, e só faço apenas umas horas só de apoio educativo, mas, sentir que chego à escola, e todas as crianças vêm para minha volta a querer trabalhar comigo e hoje professor, deixa-me ir para tua beira e hoje também é o meu dia, essa questão às vezes até se torna complicada, aaa... e isso é para mim o tal reconhecimento, que mais do que o Sr. Diretor, esse só, só é importante porque tem que me avaliar, em termos de evolução na carreira e é bom que ele não se esqueça disso, e que me faça progredir na carreira e não arranje complicações, mas a minha primeira avaliação, e para mim aquela que me ocorre, é em primeiro lugar os alunos e depois em segundo lugar a família, a família não é substituível e não é separável dos próprios alunos, que são os seus interesses.

Investigadora - Já vos ouvi aqui falar sobre a vossa carreira, é uma preocupação certamente na vossa vida profissional, como é que pensam progredir na carreira? Já que agora o estatuto, prevê que alguns possam ficar pelo caminho.

Raul - Bem, se calhar então vou já dar continuidade, eu não queria falar por todos, não é essa questão. É simples, tal qual como fiz até aqui, eu vou continuar a fazer daqui para frente, portanto não me interessa rigorosamente nada, aquilo que são os normativos, eu há pouco dizia, que estava na ponte, no meio da ponte, não sabia para que lado me virar, sei, sei, sei muito bem para que lado me hei de virar, o que eu não sei, é para que lado querem que eu vire, mas independentemente do lado para que querem que eu vire, eu sei o lado para onde quero ir, e essa é que é a grande diferença, agora que os normativos me obriguem a estar ali como um tolo no meio da ponte, porque não sei exatamente, para onde vai virar a agulha, isso é verdade, mas independentemente, para onde querem apontar essa agulha, eu sei exatamente o que fiz durante 22 anos de carreira e sei exatamente aquilo que pelos vistos ainda me falta de carreira, é dar a continuidade que, a autoavaliação que eu faço de 22 anos de trabalho, que surtiu efeito, que acho que foi positivo, que se traduziu na avaliação feita por alunos, famílias, e, colegas em geral, e que eu não vou desvalorizar, em função de políticas educativas, que vão, passam e afinal de contas...

Camila - Tenho a mesma opinião do colega, a cem por cento. Porque é assim, quem faz a minha avaliação, são os meus alunos, e eu questiono-me muita vez, principalmente, no final do ano, será que eu fiz o que devia? Agora, realmente o que vem do ministério, só se for mesmo obrigada a fazer, certas coisas, e às vezes faço, porque, custa-me imenso, mas de facto é, é, são os alunos que fazem a minha avaliação, e realmente também não vou mudar, eu sei muito bem o que quero (risos) precisamente.

Maria - É assim, eu penso que realmente tem que existir algum sistema de avaliação,

Camila - pois mas...

Maria - ...mas não, muito sinceramente, não penso que seja este, porque como diz, o Raul, o colega, avaliar, o nosso trabalho, o nosso empenho é difícil de, de qualificar, muito difícil de quantificar, e depois quando se está num processo de avaliação, em que se (risos) realmente uma falta a mais, entre mim e a colega, dá a volta, quer dizer, o professor é bom porque faltou menos? Não, acho que é tudo muito, não sei, eu acho que é necessário, agora o que não acho, é que seja este o processo, o caminho, e há bem pouco tempo, a colega também falou, de, que neste processo, ou a Camila ou a Moura falaram que os professores se fecham mais, porque receiam as cotas, não é esta a escola que nós pretendemos, nós pretendemos uma escola cooperativa, uma escola colaborativa, uma escola participativa, que partilhe e que não tenha receios de partilhar, porque só assim é que ela cresce, não temos outro caminho.

Camila - Isso de partilhar, há bocado eu ouvi falar, o Raul tocou em várias pontes e é assim, infelizmente há colegas nossos, é assim, não estou aqui numa de criticar esses colegas, mas, e se calhar também é uma crítica, é assim, eu quando tenho uma dúvida, e aliás eu acho que os agrupamentos, os agrupamentos existem e acho muito bem, se calhar não da melhor maneira, mas é assim, trabalham para haver um seguimento dos vários níveis de ensino, e acho que pelo menos da Pré até ao 2º ciclo devia ser no mesmo edifício, tudo, tudo junto, pelo menos aí, depois, isso porque há uma quebra enorme entre o 1º e o 2º ciclo, não só, porque, agora já não, com as atividades extra curriculares, que os meninos já se habituam a ir para vários professores, mas porque o ensino é um só, e não tem que haver, eu sei que existe infelizmente, essa de andarem ao jogo do empurra, pronto, eu sei isso infelizmente é verdade, pronto, agora é assim, também há, eu por acaso não faço isso, quando eu tenho uma dúvida, é assim, por exemplo, estou a falar da divisão, neste caso, com as divisões de provas sucessivas, eu fiquei na dúvida se fazia provas sucessivas, ou não, acabei por não fazer, e depois perguntei a uma colega do 2º ciclo, que por acaso, tenho essa vantagem, que estou numa EBI, de perguntar qual seria a melhor técnica, ela acabou por me dizer, se calhar que era melhor que saíssem provas sucessivas. Eu depois acabei, por, por chegar à conclusão, que já teria feito, se fosse as duas maneiras era melhor, pronto, depois quis dar, e ela estava um bocado confusa, mas é assim, acho que tem que haver, quando um colega, tem uma, uma, quando um professor tem uma dúvida, acho que a deve tirar, ou com

alguém mais experiente, ou com alguém que esteja mais dentro do assunto, ou que, já cheguei a fazer isso com um professor lá da escola, inclusive com a colega que está com a, com o plano da matemática, mas infelizmente ainda há colegas nossos que têm receio, porque diz, “ ah, isto, eu não sei”, é assim, não sei, não vou permanecer na ignorância, vou tentar saber o que é que se passa, porque não vou transmitir aos meus alunos, uma coisa que se calhar posso estar a fazê-lo de forma errada, ou pode haver outras maneiras de explicar isso, não é?

Noémia - Eu acho muito bem o que disse a Cami, eu sou assim, só que eu acho que muitos, eu não tenho vergonha, nem problemas de dizer, não sei, e eu se calhar também faço como a Camila, vou a alguém mais experiente, ou alguém que saiba mais do que eu, chego e olha, por favor ajuda-me, explica-me, mas há muitos professores, que têm vergonha de admitir que não sabem, por amor de Deus, não é, nós não, aprendemos até morrer, não é, então se há alguém que é mais experiente e que sabe mais do que eu, eu não tenho problemas, pedir, por favor, ou até uma maneira, uma estratégia, mais fácil, de eu poder explicar aos meus alunos, porque eu posso complicar e não sair dali, e alguém que me oriente, para poder ajudá-los nesse sentido, eu acho que muitos professores têm vergonha de admitir, que não sabem e, e é uma vergonha, ir perguntar aos colegas, ou, ou, ajuda-me, porque eu não sei. Só em relação à questão da carreira, eu se calhar cometo uma coisa, não sei se é muito correta ou não, mas é assim, aaa... estas políticas, estas leis não me tiram o sono minimamente, porque eu tenho que trabalhar supostamente até aos 65, 60 anos, e ainda tenho que andar aqui (risos) costume, costume dizer, que vou de bengala, vou para escola de bengala e a dentadura vai-me cair (risos) é assim, não pretendo fazer nada, o que me ‘tira’ o sono, quando eu não consigo que um menino aprenda aí preocupo-me, e perco tempo a pensar, o que é que eu poderei fazer para ajudá-lo, se me obrigarem a fazer, eu sou um bocado assim, não sofro por antecipação, não, é para fazer, pronto então pensa-se no problema, é para fazer tem que ser, será? Não, isso não, não, não sofro por antecipação, conforme vem, vai-se vendo o que se faz.

Liza - Há bocado falaram na partilha, eu não vou falar propriamente na partilha, porque estou numa vertente um bocadinho diferente, embora também, tenhamos que partilhar, na educação especial, funcionamos de uma forma diferente. Mas, como vocês sabem, o presente diploma foi revogado, entrou em vigor o, três de 2008, que veio trazer uma transformação enorme na educação especial. E nós somos obrigados, quase, a classificar os miúdos através da CIF, que nós costumávamos utilizar nas casas de

banho, (risos) agora servem para os nossos alunos. E, e sentimos na pele essas alterações profundas, para já porque de facto, eliminou muitos alunos da, da educação especial, alunos que necessitavam realmente de, de apoio, e por outro lado, houve uma necessidade urgente de nos passarem a informação do três de 2008, do que é, de como se fazia a avaliação com este sistema através da CIF, e portanto, não na partilha, mas na falta de informação que nós tivemos, e de poder também depois, da dificuldade em poder transmitir, até aos próprios colegas, que considero, que, não só, nós professores, de educação especial, devíamos ter as formações que vão havendo por aí, como fazer classificação, como ter conhecimento da classificação internacional de funcionalidade, eu acho que todos os colegas, à exceção de um ou outro, pronto, que de facto, mas eu acho que sem exceção, todos deveriam ter tido esta mesma formação, para que em conjunto, porque é melhor ser um conjunto de professores, ou um professor de educação especial, a chegar a uma turma, ou um conselho de turma e dizer olha: - Para este menino, iremos fazer, adotar esta medida e aquela - mas no conjunto, todos poderemos decidir, e uma das coisas que eu sinto, é, que quando numa turma, há um aluno, com necessidades educativas especiais, e podem crer, acontece muitas vezes, esse aluno fica à responsabilidade do professor de educação especial, e porquê? O professor de educação especial, vem trazer, vai trazer toda a informação e todo o trabalho, que é necessário fazer com esse aluno, e rápido, porque só em conjunto, é que nós poderemos realmente, tomar as decisões mais acertadas, sem esquecer a colaboração da família, portanto, a partilha que vocês falaram, a falta que eu sinto, é, ter por exemplo acabado a equipe do ensino especial que era um centro que nós sabíamos, alguma dúvida, e era ali que nós íamos tirar as nossas dúvidas, agora cada agrupamento assume para si as suas decisões, há linhas gerais orientadoras. E nós, partilho dessa ideia com outros colegas, cada vez estamos mais isolados, somos um grupo, um grupo de docência, mas um grupo que nos sentimos muito isolados, e portanto, mesmo em relação aos outros colegas, nós não somos nada, estamos, estamos num Departamento de Expressões, não sei porquê, talvez, é a educação, a educação física, educação visual, educação especial, temos reuniões de departamento que não nos dizem nada, nem coisa nenhuma, portanto, criaram um grupo, tal como o departamento. Para além disso, dentro do próprio grupo, às vezes, há opiniões tão divergentes, com a falta de comunicação, de troca de ideias, e era aí que eu queria falar, na minha dificuldade da partilha, passa por aí.

Moura - Eu acho que na educação, e se calhar em parte será, tem havido sucessivos erros, e, e ministros também, eu acho que nenhum deles, não tem uma

preocupação de, de dar continuidade, ou ver aquilo que foi feito, e então a educação acaba por ser um bocado, aaa...digamos que, aaaa...aaa... de laboratório, está lá um ministro, e, e não precisamos de ir muito longe, porque estamos mesmo governo, digamos, com o mesmo 1º ministro, e mudamos de, de ministra e, e já há uma mudança, pelo menos a nível de postura, e mesmo a nível da parte legislativa, mas eu acho que a educação tem sofrido precisamente por causa disso, só no laboratório...e depois, há aqui umas contradições, que é por exemplo, criaram-se os agrupamentos, e de facto o que está na, na implícito no agrupamento até é muito vantajoso, não é, o trabalhar-se em articulação, é o partilhar, não é, o que é articular? É partilhar, não é, e é dar continuidade, mas depois, vai, estamos mal, como a colega agora acabou de falar, a educação especial, fica isolada, e vem esta nova avaliação, que, em vez de nos unir, a maior parte, desuniu, porque, estamos a falar entre colegas, eu acho que há, que há muitos colegas que, deixaram de ter dúvidas, deixaram de ter aaa...aaaa...aaaa...deixaram de partilhar, partilhar, ou seja onde estão os agrupamentos? Onde é que está a gente dos agrupamentos? Perdeu-se.

Maria - E, e não precisamos de ir muito longe, eu conheço um grupo, um grupo, em que a aula daquele professor, ele tinha brio em projetar o seu P. Point, estava projetado, todo, todo o grupo via o planificação dele, até ao dia em que entrou a avaliação, ele deixou de projetar, porque um dia o projetor não dava, outro dia esqueceu de requisitar, a coisa virou ao contrário.

Moura - E, e quando estamos em sítios assim, em que há muitos, muitos, muitos professores, aí, isso então é notório, ééé'... festas, que nem sequer se faziam, e agora sempre são festas, ééé..o que eu noto é que, os bons profissionais, e aqueles profissionais que até são discretos, não é, e que se calhar até são os mais, o que fazem um melhor trabalho, não é, como o 1º ciclo, acabam por ficar um bocadinho esquecidos, e quem brilha, é quem faz coisas muito bonitas, eu acho que isso, eu acho que isso, enfim. E depois, só para terminar, e depois acho que há uma falha muito grande a nível de organização, nós estamos perdidos em burocracia, que aqui não foi falado ainda, muita burocracia, e depois vamos para reuniões tratar de burocracias, porque vem informações do pedagógico, vai para a reunião, informações associadas à burocracia e não há momentos de partilha, de dúvidas, estamos em grupo, porque é que, na minha opinião, e quando ouvi falar nos agrupamentos, quando esta história do agrupamento entrou, eu estava fora do ensino regular, estava destacada no, no ensino recorrente, achei que aquilo caiu de para-quedas, e sim senhora, mas que é isto? Pronto, mas depois

comecei a entrar um bocado na estrutura do agrupamento e, e achei que até era, seria vantajoso, mas, depois começo a ver que na prática, não se faz a articulação não é feita, pronto, no início do ano, é para colocar o 4º ano, ora vamos lá à divisão, como é que vamos fazer? Olha, vamos articular o 4º ano com o seguinte ano, ora bem, como é que é? Como é que vocês acham que nós devemos dar isto? Como é que será mais, mais, mais facilitador, para depois dar continuidade ao trabalho, ao vosso trabalho, não é, eu não vejo isso, é só burocracia.

Zé - Pois, mas a articulação, já existe...

Camila - Há...(alteração de voz da interveniente) assim, um bocadinho, um bocadinho, um bocadinho, embora está a haver, mas, mas, mas, não, não sei...

Noémia - ...há dias, e uma das críticas da inspeção, é a falta de articulação...

Maria - É, é... Mas, exatamente, mas nós, eu, nós já tivemos uma inspeção com as AEC e, já articulávamos naquela altura, mas faltavam uns papéis, de maneira que agora já temos os papéis, pronto. Não fazendo a articulação, já estamos a iniciar o processo de articulação. Começamos a iniciar, não sei se bem se mal, do 1º e o 2º ciclos, o 2º e o 3º ciclos, falta-nos a Pré, a Pré traz-nos um problema, não é, porque a Pré não tem um currículo, não é, até que não tem professores que haver um trabalho a nível da Pré? Primeiro do grupo para depois fazer passar para fora, para uniformizarem o trabalho. Agora estamos a iniciar realmente, este tipo de articulação, que já estamos a fazer críticas, porque estamos a iniciar a articulação por conteúdos, e já estamos a fazer críticas, porquê? Porque não sabemos se essa é a boa articulação ou se a articulação, é o que a colega estava a dizer, vamos juntar aqui, estes meninos vão para o grupo... vamos juntar aqui... qual era a melhor maneira ...só mesmo com um ciclo. Não como uma escola do 1º ciclo, assim com dois quilómetros, que vai reunir com um colega do 2º ou 3º ciclo, para fazer isso, porque aos colegas do 2º ciclo chega lá e ...

Noémia - Eu só queria dizer uma coisinha, eu acho que é muito importante, esse passo da articulação, mas mais até, se calhar, como disse aqui a Moura, que, ora bem, vamos às contas de dividir, pego num exemplo, como é que vamos fazer? Eu acho que, é importante a partilha nestas reuniões que nós vamos, como o colega disse, que, é bla, bla, bla, e eu acho que se calhar era muito mais proveitoso, para os nossos alunos, e para nós, levar as nossas experiências, as nossas dúvidas, ajudem-me, um, um colega dá uma ideia, outro, e nós saímos de lá, não é, assim, ricos, porque aprendemos alguma coisa. Eu vou ser muito sincera, tenho uma colega este ano na minha escola, que eu costume dizer, é 'xpto', fala, fala, fala, fala, raramente tem ideias não acertadas, mas se

calhar se fosse outra pessoa, fala, fala, fala, nós dizíamos a assim: - oh meu amigo, já chega... - mas não, tive a sorte, tenho pena, não vai ser por muito tempo, mas pelo menos durante o ano, vou tentar usufruir, de conviver com essa pessoa, e enquanto essa pessoa fala, eu aprendo muita coisa básica, assim, nada complicado, básica, que me serviu, assim “oh, boa, consegui” e se calhar até tenho uma dúvida, aliás é assim, porque essa maneira, tão clara, tão óbvia, aprendi, e chego à, à, à minha turma, - bom, ora vamos lá aplicar, se calhar..., é isso que eu acho que faz falta.

Camila - É assim, se calhar vou repetir tudo do início, mas eu vou ter que dizer isto. É assim, eu a nível da avaliação dos professores, vou voltar atrás um bocadinho, e depois, a ver se não me esqueço daquela parte. Eu, e falo contra mim, porque eu sou uma das primeiras a, a ser penalizada, pelo seguinte, eu acho que tem que haver uma parte, em que vá, tenha em conta o, o, o resultado dos alunos, tem que haver, porque é assim eu falo contra mim, que tenho lá alguns, que tanto faz explicar como não, que eles não saem do sítio, e têm capacidades, isso é que me põe..., pronto, é assim, isto é a minha opinião, acho que havia uma parte, eu falo contra mim, é assim, eu ia, eu ia ser penalizada que não era brincadeira com a turma que eu tenho este ano,

Maria - ...dentro do meio social ... as dificuldades dos alunos que não sabem ler...

Camila - Aí está, eu sei que é, mas é assim... Eu sei, eu sei, eu sei, mas é assim, mas se vamos avaliar pelos floriados, também, ainda mais injusto é, não é?

Maria - Por isso é que eu digo, que a avaliação, não, nós temos que ser avaliados, mas provavelmente não é esta.

Camila - ...mas é complicado, pois lá está.

Noémia - Nesta avaliação são beneficiados, os que fazem muitos floriados, os que, que têm o dom da palavra, mas que por trás, não fazem nada.

Maria - Estamos de acordo...

Zé - Reparem eu, em relação à, à progressão da carreira, eu não concordava nada com os professores titulares, e desde que aboliram, fiquei satisfeito e nem a avaliação me deu

Maria - Ainda não aboliram ainda...

Zé - Isso, já não, isso acabou. O que me está a preocupar é outro tipo de avaliação, porque ainda há pouco falavam, que, se tivesses os meus alunos, se fosses ...falavas do contexto...Bom, então vamos falar do contexto. A primeira avaliação a fazer-se é das nossas escolas, era avaliar as condições em que trabalhamos, era, daqui a

nada é o verão, já estou a ver o calor, e o Zé a transpirar, que eu transpiro muito, lá estou eu, eu, por mais que eu queira, (risos) eu não consigo estar ali concentrado, os miúdos também não, eles estão sempre a correr para água, mas, como também acabam as verbas, não há dinheiro para comprar os copos, também não podem beber, não é? Está muito frio, é preciso ligar os aquecedores, os computadores vão todos abaixo, (risos) torna, e estão os miúdos ali à espera, não é, o computador, coitadinho lento, demora a arrancar, espera por ele mais 10 minutos, já está mesmo ali o Word a chegar, alguém ligou o aquecedor mais forte um bocadinho, pom..., o geral novamente, Pom, oh, está uma bela malaquias, é melhor sentar pá, hoje não vai dar. Isso, ninguém avalia, não é, e há pouco diziam que nós somos um parente pobre, somos, fomos sempre e continuamos a ser, e ninguém vê a isso, está a chover, os miúdos não têm um parque coberto, ou se têm, é muito pequeno, tão ali todos juntos, depois claro, um passa uma rasteira a este, mais um chapo acolá e tal, e é uma confusão, como é o aluno vai realmente para sala de aula, e vai estar concentrado no seu trabalho, quando andou à zaragata no intervalo, um intervalo que não teve, ou as condições dentro da sala de aula, realmente que não as têm. Como é que vamos agora avaliar o professor, tendo em conta todas essas,

Maria – Contrariedades...

Zé - ...contrariedades! Não é. Já chega, não digo mais nada. Como isto vai ser avaliado por superiores, oxalá, qualquer dia, seja fazer a avaliação das nossas escolas também, as condições em que trabalhamos.

Liza – Exatamente...

Moura - Só para a terminar, da avaliação. Avaliar é a coisa mais difícil, que há. E, e eu fiquei muito triste, quando vi, e vocês devem ter visto também, colegas muito satisfeitos por avaliarem, que os havia, que os havia, pronto, ainda agora estava ali, à espera que venha algum, que é para me avaliar, eu, acho que é, do ensino e tudo, e mal é aquele profissional, eu, neste caso o professor, que goste de avaliar, e falo por mim, eu preferia ter mais a próxima semana, toda a semaninha de aulas, a ter que avaliar os meus alunos, porque acho que avaliar, é, é extremamente difícil, e quando temos que avaliar, relações interpessoais, ou seja, temos que avaliar, a relação que eu tenho com as minhas colegas, temos que avaliar, a relação que eu tenho com os meus alunos, estamos a avaliar relações, que eles têm entre pares, também, também temos que contar com isso, porque se o aluno não está bem integrado na turma, como é que ele pode, não pode ter o rendimento que deveria ter, temos que avaliar, o aspeto sócio-familiar, nós temos que

avaliar isto tudo, e quando nós avaliamos os nossos alunos, quantas vezes nós não pensamos assim: - este, até, até se calhar, até, até merecia uma nota mais baixinha, não é, mas coitadinho ele é tal, ele é, tendo em conta os problemas que tem em casa, ou não tem. E toda a nossa avaliação, aaaa...tem todas estas vertentes, por isso é que eu acho que, é muito difícil fazer uma avaliação de, de relações pessoais, não é? Pronto. Aaaa...e depois fico triste, quando nós somos avaliados pela burocracia, porque somos avaliados por burocracia. O que é que eles vão ver? O que é que eles vão ver, quando forem assistir a duas aulas? Para quem as pedir, que eu não as peço, vou ficar mais doente, do que que estou? Não vale a pena. Mas quem quer ter aulas assistidas, que vão avaliar? Vão avaliar uma aula do dia a dia? O que é nós vamos fazer, se for lá alguém avaliar? Vamos fazer tudo muito bonito, é óbvio, é impossível, nós todos os dias, nós somos humanos, fazemos, tudo muito bonitinho, é impossível, até porque eu me recordo, ao dizer isto, entretanto, aparece-me um problema, tive um miúdo a cuspir pro ar, tipo cascata, eu estava para começar uma atividade, estava 25 minutos a escovar os dentes dos alunos, também temos que escovar os dentes na aula, e eu ia para começar, até era uma atividade interessante de PNL e o menino, a cuspir para o ar, tipo cascata, até me caiu aqui na mão, e entretanto, por coincidência, aparece-me a mãe na sala, ouviu poucas e boas, entretanto, enfim.

Zé - Coitado do miúdo, ele quando viu a mãe...

Liza - Imagina que estava lá alguém a assistir a uma aula. Imagina uma aula muito bem planificada e um miúdo de educação especial, um aluno de deficiência mental, hoje não quero fazer nada disto, quero pintar, ou hoje quero ir lá para fora fazer alguma atividade, lá me altera o plano todo, e nós conseguimos controlar esse menino, atendendo à especificidade. Não pode ser!...

Camila - Eu aqui há uns anos atrás numa escola, não quero falar mal outra vez dos nossos colegas, mas é assim, havia um menino que mal, fez o quarto ano, e nunca chegou a saber escrever nada, pronto, também tinha problemas, mas é assim, nos anos anteriores, o menino, a professora queria era vê-lo fora da sala, depois quando veio, quando veio, vim eu, não é? O menino tem que estar na sala, e não sai daqui e... as vezes que fui atrás dele?!... e, agora, ainda ando atrás dele, pronto. Quando chegou a altura de ter formação de matemática, (risos) ficou muitas vezes a formadora na sala, e eu atrás do menino, não é? Quer dizer isto é só para dizer, é assim, essa colega, tinha direito de ter a mesma avaliação do que eu? Quer dizer, eu preocupada com o menino dentro da sala, em estar lá, e sabe Deus o que é que eu passei naquele ano, e a colega

pôs o menino fora da sala e eu, quer dizer, íamos ter a mesma avaliação? Quer dizer, acho isso um bocado, é por isso que eu acho que há injustiças, é assim, ah, depois, agora só um à parte, quando via o menino (alteração do tom de voz) “ah, estou com saudades tuas” se tivesse saudades, não o punha fora da sala durante o ano todo, não é?

Maria - Eu sou avaliadora, passei noites sem dormir, por causa disso, noites, por mais... não consegui ser objetiva, as voltas que eu dei...

Investigadora - Muito obrigado, então, pela vossa participação.

GRUPO DE DISCUSSÃO 3

Dia: 11 de março de 2010, pelas 17 horas

Local: Centro Cultural de ...

(Co)moderador: Daniel

Elementos intervenientes: 6 professores do 1º CEB

Duração: 1h.24 minutos

Investigadora - O que melhor caracteriza a profissão docente, o ser professor?

Carlos - Eu relativamente a essa questão, é assim, eu teria de olhar para trás, o olhando para trás eu vejo que a profissão de professor tem evoluído ao longe desses anos, e tem evoluído, quer dizer, tem evoluído naquela perspetiva acho que no bom sentido, não é, mesmo os problemas que nós temos tido ultimamente, no bom sentido. Nós víamos antigamente a escola relacionada um pouco, pelo menos no 1º ciclo, relacionada um pouco quer dizer, o professor ia dar um recado, dava aquelas horas, regressava e tudo terminava. Eu acho que a escola tem de ser mais do que isso, quer dizer, tem que se empenhar, tem que se estar imbuída no espírito desde que não se crie problemas com os colegas, problemas com os pais, nesse sentido a escola está a evoluir nessas ideias. Claro que estas transformações que nós estamos a assistir como qualquer transformação, nós à partida rejeitamos, as transformações que mexem connosco nós rejeitamos. Agora, olhando também para o facto do país que nós estamos a viver, e olhando - eu pelo menos como professor sinto isso um pouco - que é, nós vivemos para os estudos internacionais e nós estamos posicionados nos patamares mais baixos eu acho que isso em parte qualquer país vê que é preciso modificar, a atitude, a atitude de toda a gente, não é só a atitude do professor, mas da sociedade, fazer com que a sociedade evolua no sentido de darmos condições aos professores, aos alunos para aprender, porque não podemos só obrigar os professores eles é que têm essa função, eles é que são os responsáveis, não é. Respondendo aquela pergunta que fizeste a na nossa função, nós somos um pouco de tudo, educadores, na escola um pouco de tudo, os problemas vão lá estar... e depois muitas vezes a sociedade pensa que nós temos de resolver tudo, e nós sendo educadores, muitas vezes até somos pais, somos amigos, não é, somos um pouco de tudo, e essas transformações que a escola está a ter na minha

perspetiva acho que tem que as ter, quer dizer, tem que haver uma quebra até porque propriamente a nossa mentalidade, como professores, se nós recuarmos 5 anos, eu tinha colegas que para elas dar aulas, isto disto desta maneira parece um bocado injusto mas era aquilo que eu sentia, que dar aulas, era cinco horas lá, acabavam, iam para casa e acabou. Os problemas, depois, quer dizer, reparem... depois avaliar alunos, é uma coisa que mal se discutia, não quer dizer que agora se discuta de forma mais ampla, mas avaliar os alunos para mim sou uma das coisas mais difíceis que existe, então dar uma nota a um aluno, isto é dizer ao pai o seu filho tem dificuldades, tem isto tem aquilo... nós, eu costumo dizer, temos de nos pôr no papel do outro para percebermos aquilo que é um pouco a nossa função, quando nós estamos a avaliar nós estamos a perceber que o aluno que nós temos à nossa frente, que tentamos conhecer, porque às vezes é muito fácil para o professor dizer “olha lá tu tens muitas dificuldades, o seu isto, o seu filho aquilo...”, mas o que é que eu faço para... porque a nossa função é essa. Portanto, e resumindo, e indo de encontro ao que estamos a conversar, a nossa função, a nossa forma por vezes egoísta de olhar a escola, temos de olhar para isso de outra forma independentemente de concordarmos ou não concordamos com as políticas com isso tudo, não é?

Manuel - É um bocadinho difícil dizer mais qualquer coisa para além daquilo que é o Carlos disse porque esvaziou aquilo que é o conceito de escola e como tem uma experiência alargada de muitos anos de trabalho, assim como eu, se calhar tem também tem um testemunho mais detalhado sobre tudo aquilo que é a escola. Realmente nós temos de separar dois aspetos distintos: que é a escola na década de 60/70 e a escola na década de 90/2010. Na década de 70 que foi a altura em que a gente começou a desenvolver a nossa atividade profissional, a nossa missão era uma missão meramente pedagógica, didático-pedagógica, o nosso trabalho incidia no papel que era ensinar, hoje parece-me que este nosso papel de educador é muito mais abrangente, aliás, eu às vezes digo a colegas muito mais novas e a nossa formação profissional, a nossa formação de base, devia ter outras componentes agora, que não tinha antigamente porque nós vivemos muito no agrupamento, no domínio social, coisa que era impensável há dez ou vinte anos atrás, dávamos as nossas aulas e o nosso papel acabava aí. Hoje temos um papel muito mais abrangente e a escola tem outras obrigações que não tinha antigamente, não raras vezes os colegas com quem lido quotidianamente me fazem sentir, quer dizer, o não ter tempo para preparar, por exemplo, determinadas aulas porque a atividade na escola se prolongou por mais duas ou três horas a tratar de coisas

que não são assunto que deveriam ser do professor, do professor ou da escola, mas o que é certo é que são. Eu acho que sobre este aspeto e sobre aquilo que há bocado disse...

Investigadora – Então, o que é que considera mais importante no vosso trabalho como professor?

Manuel - Eu acho que o nosso trabalho é um trabalho de educador é essencialmente esse de formador, não é. O outro trabalho é igualmente importante mas deveria ser desenvolvido... nós temos um trabalho multidisciplinar, não é? Multidisciplinar, não estou a falar multidisciplinar no aspeto das diversas áreas disciplinares que a gente tem de dar na escola, multidisciplinar no aspeto porque é um trabalho, é um trabalho académico, é um trabalho social, é um trabalho cultural, enfim, abrange vários setores que eu acho que deviam de ter pelo menos assim algum apoio na escola, sei lá, através de psicólogos que não existem, através de assistentes sociais que não existem, e por aí a fora, porque o nosso trabalho tornou-se mais abrangente acho que seria no fundo o essencial dessa ... do excesso curricular.

Fátima - Eu concordo, realmente com o que foi dito mas eu estou numa posição assim angustiada, porque seria este ano o último ano, noutros tempos e não é recuar há muito tempo, há meia dúzia de anos nunca imaginaria ir agora para a aposentação, agora vejo-a. E vejo-a porquê? Porque também concordo realmente com que a escola tinha que mudar, a coisas não podia ser realmente... agora acho que se pede muita coisa, deixasse tudo muito para ontem, e uma coisa que eu sinto muito na prática, é que o nosso espaço, de professor, tiraram-nos muito o nosso espaço, falo na relação com o aluno na sala de aula, nós temos de fazer a nível de papeladas, burocracias, uma série de coisas, e quer se queira quer não, isso influencia a nossa conduta e a nossa maneira de realmente estar com a turma. Eu começo até a sentir... não era esta a profissão que eu queria, vim para ela, foi uma saída na altura e até reconheço que até tenho um certo jeito para isso agora, mas agora uma coisa que me custa dizer, mas agora até me custar vir para a escola. Eu já não vou com aquele entusiasmo e sinto, precisamente, que é na turma, com os alunos, não é no dia a dia que eu sinto que nos tiraram lugar, ou entre aspas muito espaço e que fazia falta. Já não vou ser, já não é só para consolidação de matérias mas para tudo, para a polivalência que nós temos realmente com as crianças e é tudo, aquele stress que nós nos queixamos que temos e tudo, sem dúvida que nós os passamos para as crianças e já não tenho, eu sinto isso, o ambiente na sala de aula já não é o que era, pronto aceito as coisas não podiam continuar como estavam, mas também

assim não! Com tanta pressão mas de todo o lado, já é muitos os pontos que vamos falar, a própria relação, o próprio ambiente das escolas, sem dúvida que ficou muito afetada e, sobretudo, acho que nos veio penalizar um bocadinho, embora seja involuntário, com as crianças, eu sinto isso eu muitas vezes paro um segundo e digo “Isto não devia ser assim, mas...” pronto é nesse aspeto...

Anabela - Concordo plenamente e subscrevo. Sei que a escola hoje em dia é muito exigente, exige muito de nós, o professor tem que ter uma postura totalmente diferente da que tinha há uns anos atrás, temos de estar atentos a tudo e a todos, porque alguém nos vai pedir contas e, no entanto, eu acho que o papel principal do professor é incentivar o aluno a ser, a precisar toda a vida, a preparar, para ser aprendiz toda a vida, porque eles, o futuro deles vai-o exigir e, então, cá está, o que exigem de nós, a nossa postura, a forma como nós lecionamos, a forma como nós estamos perante uma turma. Portanto, eu tenho um bocadinho influência da Ponte, eu estive lá nove anos, adorei a Ponte, saí, saí dali por razões que não interessa aqui especificar, identifico-me com o projeto, porque o menino, os alunos ali são o centro da aprendizagem, e nós ainda temos um bocadinho aquela postura de debitar conhecimentos, nós é que sabemos, nós é que transmitimos, e tudo que se dá de bandeja ao aluno não é o que lhes vai, portanto, não é o que lhes vai resolver determinados problemas mais tarde. Concordo plenamente com o que disse também, porque no ano passado com a avaliação, este ano está muito mais calma, nota-se as colegas estão muito mais em paz, toda a gente está mais sossegada, foi um roubar, entre aspas, e as pessoas sentiam-se acima do céu para fazer aquela burocracia toda, “como é que eu me vou desdobrar para depois dar respostas nos alunos?” Porque se eu estou aqui como professora eu tenho, eu tenho deveres para com os meus alunos, tenho que os preparar para o futuro e aquela burocracia toda, nós não íamos conseguir resolver as duas coisas não é. Há um prato da balança que fica prejudicado. Os pais também se demitiram muito do papel de pais, isso reflete-se depois na turma, nos alunos que exigem muito de nós, eles, os meninos da escola, para os meninos não diz nada, aquilo é como eles dizem “é uma seca, eu não gosto da escola”, porque a escola tem que evoluir, a escola tem que acompanhar toda, acompanhar todas as exigências e os interesses, mas tem que ir muito ao encontro do interesse da criança, às necessidades deles, cativa-los, e é isso que torna a escola muito complicada hoje em dia. Porque há uns anos atrás, eu também estive dois anos na aposentação já estava lá ainda fui abrangida um bocadinho por, mas eu sinto-me mais realizada agora do que me sentia nos meus tempos de trabalho porque eu acho que sou uma pessoa, eu acho que

reflito muito mais nos meus atos perante determinados problemas e há uns anos atrás eu era 5 horas e fechava.

Carlos - Ó Ana, posso dizer-te uma coisa, mas isso não será um reflexo de uma aprendizagem que tu própria fizeste ao longo desse tempo? Certamente, foi fruto de uma auto aprendizagem que foste fazendo...

Anabela - ... de um investimento profissional...

Carlos - ... e que te provou que agora sintas que és melhor profissional, e que tens mais capacidade...

Anabela - Melhor profissional eu nem diria, porque eu acho que isso, mas sinto-me mais realizada agora enquanto professora. Porque acho que reflito e penso, e tento melhorar e sou uma fraca professora – (obrigadinho) - não sou uma boa professora, mas acho que, mas acho que sou muito mais atenta às coisas e aos meninos, e não sei quê. Portanto, eu acho que o nosso percurso, e ainda bem não é...

Investigadora - E assim consegues vê-lo realizado, reconhecido junto da escola, junto dos pais, e no agrupamento e na escola é reconhecido esse trabalho?

Anabela - Não, é muito sala de aula, percebes, entendes?

Carlos - Vinha a falar com o Manel no carro, vínhamos a conversar sobre isso, porque as escolas estão a ser sujeitas a avaliações externas e essas coisas todas, eu acho que devíamos pensar sobre isso e o que me dá esperança é que os agrupamentos são crianças pequenitas que estão na fase de aprendizagem os agrupamentos também estão numa fase de aprendizagem vai-se fazer uma avaliação dá-se uma nota não é, e toda a gente está ali a aprender e isso depois tem significado para todas as pessoas que lá estão, do primeiro ciclo do pré, do segundo e do terceiro ciclo. Outro dia, alguém dizia “os professores do 1º ciclo chegam aqui à sede do agrupamento, sentem-se mal, parece que não se sentem bem, não se sentem à vontade” eu digo assim: “isso é capaz de ser verdade mas tu se fores a uma escola do 1º ciclo és capaz de te sentir da mesma forma”, portanto não há ali uma relação...

Fátima – ...uma interligação...

Carlos - ... uma coisa diferente que é preciso ali...

Anabela - ... a relação que podia haver...

Carlos - ... e depois isso traz outra coisa que é assim, que a Tuxa e a Anabela afloraram já falaram sobre isso, que é muita papelada, eu para mim, e às vezes ponho-me a falar com os meus colegas que dizem que é só papelada para aqui, só papelada para acolá, e eu digo assim, para mim o problema não está na papelada e sinto-me muito

à vontade nisso, para mim o problema é que está, é que nós estamos no ano 2010 as crianças já não são as mesmas de 2000, a sociedade, vivemos numa sociedade que é dita de democrática, onde toda a gente pode dizer tudo e mais alguma coisa, tudo acontece podem fazer tudo e mais alguma coisa, e há uma palavra para mim que eu não sei quem é que disse de que forma é que as pessoas davam a volta que é responsabilidade, isto é, nós a sociedade quando vamos por exemplo a um tribunal sabemos como nos devemos comportar, quando vamos a uma igreja é a mesma maneira eu acho que um aluno quando entra numa sala de aula e dizem que a criança é o centro de aprendizagem, eu concordo com isso, mas um aluno quando entra dentro de uma sala de aula tem de saber que aprender exige esforço, os pais em casa têm que o saber e, portanto, o que é que nós vemos na escola, muitas vezes num tempo de uma hora, em que o professor está a explicar muitas vezes passa, 20 ou 30 minutos a dizer “ está calado, está atento” e depois como o resto do tempo é só papelada, e só papelada porquê? Porquê que é só papelada? Não é o preencher, por lá um nome ou uma cruz no papel, é que quando eu vou fazer isso, já venho cansado de dar aulas porque os alunos, quer dizer, os alunos não deixam trabalhar os professores, já estão cansados, não é?

Fátima - Eu quando me referi há bocado não era só papelada é realmente o espaço que nós temos que, como falou há bocado e os professores do 1ºciclo, nós realmente somos tudo, temos de ser tudo para uma criança e aquela faixa etária é diferente da outra, antes a criança é o centro da aprendizagem mas não é só ler e escrever, nós temos de passar todas aquelas regras de como estar numa sala de aula etc, etc. Portanto, não é só a papelada e já agora que falamos daquilo dos pais sem querer fazer queixa, não é nada disso, sem dúvida que os pais de agora, pessoalmente não terei muita razão de queixa mas sei que as coisas acontecem, se calhar maneira como o nosso papel, todo este processo se desenvolveu para mim foi muito rápido, muito acelerado, os pais agora, a maior parte, vão ser muito terra a terra ao dizer isto, entram já na escola alguns com uma postura uma pedra já, quer dizer já falam com o professor quer dizer para exigir, eles querem, nós temos de dar resposta e no 1º ciclo, somos todos do primeiro ciclo, não é?

Carlos - É.

Fátima - Eles pedem-nos tudo, quer dizer nós temos de ser responsáveis por tudo...

Carlos - Eu vou dar um exemplo, noutra dia tive um pai, uma mãe aliás, que chegou, queria falar comigo e disse-me assim: “ Ó professor a minha filha levou o telemóvel e um menino lá”, porque ela queria reconhecer que o menino era o culpado porquê? Porque o menino é deficiente, foi ele “que fez aquilo porque aquele menino não devia de estar na escola”, mas o que eu queria dizer, é o que eu sinto, não sei se é o que vocês sentem, essa mãe pelo facto de ter o filho na escola sente algum poder sobre a escola.

Fátima e Anabela - Exigem tudo e mais alguma coisa.

Carlos – Pronto, então aquilo que eu queria dizer, e nós às vezes além de sermos educadores dos meninos, temos de ser educadores dos pais, porque uma mãe que diga que um filho teve um problema eu disse “alto e para o baile” a senhora vai parar e vai imaginar que tem um filho deficiente e esteve para aí uns segundo e disse-lhe “A senhora acha que se tivesse um filho deficiente não devia estar na escola, devia ser maltratado?”, com certeza que não acha, portanto a senhora antes de falar pense duas vezes. Portanto, nós temos pais assim deste género, não é?

Fátima - Eu acho que eles debitam na escola, e eu acho que isso é muito injusto, sou como diz o ‘povinho’ chegar a esta altura e ter que passar por uma série dessas situações, também concordo quando falou, agora é evidente que me sinto mais realizada e se calhar poder ter mais gosto e dar um certo gozo não pode ser isso, é nos papéis, é a competitividade que nós todos sentimos, é inocente? Não é inocente, não é para dizer mal. A gente agora tem de fazer realmente em determinadas alturas muito mais coisas, até as fazíamos com gosto e não sei quê mas temos, a gente olha para o lado e está a ser avaliado por tudo e por todos é este projeto é naquele é no outro, e depois era nisso que eu referia ao tempo, não é só aos papéis também, eu se não me meto começo a ficar de lado, quer dizer eu até posso estar noutras iniciativas e assim, mas a nível depois das escolas se calhar depois, enfim... isso causou-me alguma relutância.

Ruivo – Falaste então, qual é o papel do professor, não é? Pronto é assim eu acho que o professor, a função dele é educar preparar para a vida, formar, não é. Em relação à escola falando no passado e no presente a noção que eu tenho é que hoje as famílias são mais interessadas, pelo menos foi o que aconteceu comigo. Trabalhei em algumas aldeias, não é, onde durante um ano inteiro não aparecia às vezes um único pai na escola, a não ser no fim do ano para saber se o filho passou ou não passou. Hoje isso não acontece. Hoje eu vejo que os pais de vez em quando se dirigem à escola, eu vejo que os pais muitas vezes em casa já se preocupam se os miúdos fizeram os deveres se

trabalharam ou se não trabalharam. E isto pelo menos comigo isto aconteceu, antigamente não. Quanto à parte da evolução da escola eu acho que tivemos uma boa escola e uma boa preparação, e a prova disso é que se formos a reparar nos cientistas que temos lá fora no estrangeiro nas pessoas pronto, com grande capacidade, que estão a desenvolver trabalhos a nível da ciência e da tecnologia, em que a massificação da escola não era ainda muito grande, e nós verificamos que os resultados eram absolutamente, que hoje são notáveis não é? Agora o que eu verifico é assim, eu verifico é que em termos de alunos/professores eu não acho que eles hoje estejam mais bem preparados que nós. Mas é que não penso mesmo que não. Quando se põe professores de ginástica a ter uma formação de educação física a dar, a ensinar a escrever eu parto do princípio que isto não é correto, que eles não se podem especializar em tudo. Agora, quanto ... acho que me perdi nas ideias ...

Investigadora - ... estavas a falar do ser professor hoje, se a profissão é diferente?

Ruivo – Sim, profissionalmente e em termos de realização eu sinto que estou tão ou mais realizado hoje do que antigamente. O que não é bastante animador é a parte burocrática, não é? Eu tenho colegas que já estão na reforma, que foram bons profissionais, reconhecidamente pelas pessoas, pela população não é, e hoje quando falam de escola dizem que nem querem ouvir falar da escola porque nos últimos anos eles já sofreram impacto desta burocracia.

Investigadora – Onde, quando sentem mais este impacto da burocracia?

Ruivo – Mais impacto da burocracia nestes últimos anos, não é. Porque antigamente nós preparávamos mais para a formação pedagógica, eu acho que era uma boa preparação a nível pedagógica, uma preparação para observar os alunos, de uma maneira psicológica não é, tentar observar os problemas não é, eu acho que se procurava na escola ensinar valores, hoje o que se procura ensinar é, como é que se diz? Ai...

Rita - leis...

Ruivo - ...leis para aqui, leis para acolá e comportamentos, e não sei quantos. Os valores foram postos completamente de parte. E em termos de educação, e aí sim, eu não acho que hoje as crianças sejam mais bem-educadas que as de antigamente, também não são tão revoltadas, também se nota que não há tão, são mais extrovertidas pronto o que facilita não é. Mas a gente sabe, pelo menos nos meios citadinos... bem mas aí já são famílias com outros problemas não é, com... pronto.

Investigadora – Então, neste momento que vivem atualmente, sentem motivação ou não para realizar uma boa prática pedagógica na vossa sala de aula?

Rita - Eu vou falar porque ainda não falei. Eu pelo menos sinto que sim, falo pessoalmente eu sinto que é com a idade que adquiri a experiência e sei lidar melhor com as crianças, mas a nível de tempo, falta de tempo devido às reuniões, às horas que a gente passa nas reuniões, por vezes, proveitosas, outras vezes não, e que isso me torna um cansaço enorme que por vezes não tenho o rendimento que gostaria de ter na minha sala de aula. Pronto, acho que a função do professor é ensinar, é educar, é transmitir os tais valores, é o saber estar, portanto, ensinar as pessoas a saber estar, é principalmente isso, e hoje em dia acho que, pelo menos eu noto isso no 1º ano, é muito complicado, para mim é o 1ºano porque é o saber estar, eles não sabem estar, é um ano muito cansativo, muito cansativo, e pronto, é essa a dificuldade que eu sinto.

Fátima - Posso só acrescentar aqui uma coisa. Portanto, o tempo que se passa na escola e o D... sabe e a nossa escola também é uma escola com muito movimento, tudo bem nós já passamos muitas reuniões muitas coisas, mas o que me pesa mais a mim, eu estou aqui um bocado a ser revoltada porque eu já sou avó de dois netinhos e indiretamente tem a ver e o meu sentir-me bem também passa por aí, é sobretudo o trabalho que levei sempre, mas que se leva também para casa, não me venham cá com coisas e a nossa escola é uma escola grande de horário duplo pelo menos ninguém quer lá ficar, mas eu sou das tais pessoas que preferia estar mais 2 horas ou três na escola, que as dava todos os dias, mas depois fechar aquele portão enfim. Não sei, eu às vezes até prefiro ir à sala de algumas pessoas para saber, é muito, muito, trabalho para casa e vocês sabem desde correções, preparação das aulas, e tudo para fazer, que é bom, inovador, são aulas diferentes, aulas mais ricas e tudo, mas dão muito, muito, muito trabalho. Passo muitas horas em casa, muitas vezes fim de semana, é que é mesmo assim, às vezes olho para as pessoas todas que estão a almoçar e se eles soubessem, tenho tanta coisa, portanto é muito injusto. Já passou o tempo que realmente era as 5 horinhas e acabou, não me pesa a mim pessoalmente mais uma vez penso que vocês pensarão a mesma coisa, é muito injusto, nós não sermos avaliados, já não peço que a sociedade civil que tenha que façam determinados comentários, agora nomeadamente inspeções de pessoas que vêm não sei quê não sei que mais, a maneira como falam de nós, é muito injusto e daí a minha revolta porque e que vão ver o trabalho que eu fiz naquele dia com o data show, que não é tudo...

Anabela - Pois, o dia a dia, o dia a dia não é?

Investigadora – E nesta situação como fica, por exemplo, os resultados dos alunos, o sucesso educativo, como é que sentem agora no presente, no momento em que vivemos legislações recentes ...

Manuel - Ouça, eu complementava aquilo que estava a dizer porque subscrevo inteiramente aquilo que disse, relativamente, e penso que no fundo se pretendia aqui ouvir que é que se essas atividades paralelas, colaterais - a burocracia - à atividade docente, se prejudicam ou não prejudicam o ato educativo? E eu acho que prejudicam gravemente o ato educativo porque o professor que tem um ‘cem número’ de funções paralelas ao ato de educar gasta as energias, gasta o tempo com essas atividades e depois quem sofre é o ato pedagógico, o ato educativo, o ensino, a ligação com o trabalho da sala de aula. Depois há uma situação que eu não queria deixar em claro, que é com o reconhecimento do papel do professor e é aí que está tudo, nós trabalhamos, trabalhamos, trabalhamos mas ninguém reconhece, e pode ser que eu esteja enganado, mas a perceção que tenho é que ninguém reconhece o nosso trabalho, e quando digo ninguém, falo desde, não falo do aluno, da criança, que não tem de reconhecer porque está numa faixa etária que não lhe permite fazer esse tipo de avaliação mas os encarregados de educação e as pessoas que trabalham conjuntamente connosco, na comunidade educativa, não reconhecem este nosso trabalho. Mais grave ainda, eu digo isto porque sei do que falo, mais grave ainda é que os nossos superiores hierárquicos é que não valorizam minimamente o nosso trabalho, muitas vezes, penso que nem sequer o conhecem nem têm noção daquilo que nós fazemos, do papel que desempenhamos, quer a nível de escola quer a nível da comunidade educativa.

Carlos – Posso dizer uma coisa em relação a isso, os professores estão cansados ... e realmente é verdade e para mim também há uma justificação para isso, que é: nós antigamente tínhamos, antigamente há três quatro anos não sei, tínhamos aquele período de tempo, dávamos as aulas seguidas com o grupo e agora temos as Atividades nas escolas e isso parece que não mas cansa, por exemplo, um professor que entra às 9h ou às 10 e meia e que depois a partir daí entra a Atividade qualquer a música etc e depois o professor vai pegar ou alguém vai pegar na turma ... eu acho que é essencialmente o problema se a escola até as 17.30h eu concordo até pode ser até às 18.30h eu concordo, a forma como elas estão organizadas é que já não concordo. Por isso penso que a parte curricular, não é, devia de ser entre as 9h ou acho que devia ser das 8.30 até à 1:15h 1:30h, os meninos vinham da escola iam fazer as atividades extracurriculares lá na

própria escola até às cinco e meia seis horas ou seis e meia com, com a responsabilidade dos professores que estavam lá colocados para isto. Quer dizer, são estas transformações que o Ministério tem de sentir de uma vez por todas e fazer com que se melhore a organização, esse tipo de organização. Sobre o reconhecimento, ninguém reconhece nada nós vivemos num país que ninguém reconhece nada, não é só dos professores, nós podemos trabalhar muito, ninguém reconhece nada... Mas também passa um pouco por aí, mas também aquilo que dissemos há bocado, o aluno, a família tem de saber uma coisa, quer é assim, entra na escola eu sei que a criança não pode vir para a escola como se viesse para uma prisão quer dizer, tem de estar à vontade, pode estar à vontade, mas tem de saber que quando um professor está a explicar ele tem de estar com atenção. Há ideias, eu até concordo, são palavras que eu concordo, novos caminhos educacionais, mas o aluno tem de saber é como um trabalho e nós temos que lhes dizer isso, que para aprender exige vontade do aluno, da nossa parte exige organização e planificar os trabalho que ele vai ter de cumprir, mas ele tem de dar a vontade o esforço. Aprender exige esforço. Eles têm de saber isso e depois atenção, e depois aqui é que está o problema que é importante quer dizer eu acho que aqui é que é o problema, não há leis que façam isto que é, mas o governo tem de dar um passo em frente, que é, quem vai para a escola, então podemos apontar a Finlândia, porque se me perguntarem um aluno merece reprovar, pois não sei, eu tenho pensado sobre isso, eu acho que não se nós tivermos uma organização de escola como deve ser, isto é, a escola trabalha o máximo, o aluno tem de render o máximo e se o aluno rendeu aquilo que deu porque vou reprová-lo? o problema é o mais do mesmo, percebem? Não é só a escola que temos, a escola que temos não está a funcionar desta maneira portanto, e o aluno não quer reprovar, agora o sistema de ensino também deve estar de tal forma orientado para que esses alunos, porque também não há milagres quer dizer. Isto faz-me lembrar os alunos de NEE, o Estado, são os primeiros a serem colocados nas turmas, na escola e depois quando chegam aos dezoito anos, o Estado não quer saber deles para mais nada e depois aqui é que a sociedade é mesmo hipócrita, neste sentido: então damos todas as condições a estes meninos e acho que devemos dar, acarinhar... e depois desses anos não lhes dá seguimento. E é tudo isto que está mal, as coisas não correm bem e nós andamos sempre a aprender e vai de encontro aquilo que disse anteriormente, está bem corre tudo bem, fazes bom trabalho levas 'Bom' está mal corre tudo mal... E isto é aquilo quer vim todo o caminho a falar com o Manel no carro, o problema do Português, não sei se vocês andam no PENPL, se já ouviram falar no PENLP, o seu

princípio é valido ... que durante os próximos oito anos que as metodologias se modifiquem dentro da sala de aula, nós sabemos que este princípio é válido, se me perguntarem acredita? Eu não acredito, porque apesar do esforço sistemático, mudar mentalidades é difícil, não é? E isto é um trabalho que toda a gente vai passar e que deve ser aparado por quem? Por aqueles que fazem as leis, pelos Governos, não é? O nosso trabalho de Educação, porque toda a vida foi, nós para aqui a falar do professor com o papel de abrir caminhos, ideias ... mesmo na sociedade, na comunidade onde está ... penso que falava a Anabela, os alunos na sociedade em que estamos, quando os alunos são interessados passam por cima do professor, eles descobrem tudo se quiserem, não é? Nós temos crianças que aprendem tudo sozinhos em casa pelos programas de televisão, isto leva-me a dizer uma coisa que se perguntarem como não sei responder, mas a escola que temos precisa de ser repensada e dizemos, o pá..., pensar não é uma coisa superficial... vem um Governo e diz: faça-se isto, vem outro e diz temos de apertar e nós apertamos, isto é política... e a escola sofre muito com isto, não há um caminho a seguir, a avaliar, a melhorar - vivemos assim como os barcos... na Educação.

Investigadora – Então, que condições pensam ser essenciais para conseguirmos realizar uma boa prática pedagógica?

Carlos - Uma condição essencial é que os alunos dentro da sala de aula que estejam à vontade, não se sintam mal, se sintam bem, num espírito de interajuda e de ação professor-aluno, aquelas teorias que sabemos, e essencialmente que estejam atentos, que saibam que na escola têm de estar atentos, se existir isso, para mim é o principal porque se não existir, podem vir muitas teorias como trabalho de grupo, trabalho diferenciado... pois quando tens vinte alunos e se tiveres três ou quatro alunos com dificuldades eu pergunto-te: como é que um professor que tem ainda dois ou mais níveis de escolaridade, (antigamente havia os quatro anos, eu já fui professor de quatro anos de escolaridade, eu estava aqui, estava ali, acolá...) eu pergunto como é que um professor consegue planificar bem para tantos anos ao mesmo tempo e como são possíveis estas condições em 2010? E estas condições, quer dizer ...

Anabela - Eu também acho que nós temos muitas reuniões e que vamos lá e não vamos fazer nada, o que nos faz falta, o que eu sinto falta é daquelas reuniões de conselho escolar de cada escola onde pudéssemos estar todos a refletir sobre os problemas daquela escola, daqueles meninos e nós não temos esses momentos agora, com as Atividades de Enriquecimento Curricular as nossas não estão no meio dos

horários é só no fim, portanto hoje eu tenho Apoio ao Estudo, amanhã tenho este colega, nunca nos encontramos. Depois das 17h30, as pessoas também não estão disponíveis porque depois vão ter a reunião de ano, depois vão ter outras formações, que anda tudo em formações, e nós nunca nos encontramos para discutir, arranjar respostas para aquele menino da minha escola, não é da minha turma é da minha escola, e os problemas vão-se acumulando, vão-se acumulando, vão-se acumulando e depois isto reflete-se dentro da sala de aula, no dia a dia, nos recreios, em tudo, e depois, nós neste momento na nossa escola que tu conheces perfeitamente, quando estamos todos somos 20 professores, 20, numa escola de 1º ciclo, com os professores das AEC's somos 20 e, então nós não temos momentos para estarmos todos, discutirmos todos, encontrar o tal fio condutor, também não é tropa, não é formatado, não é nada, porque eu tenho uma postura, ele tem outra, ele tem outra, e tudo bem, mas deveríamos ter diretrizes, eu ia por ali, não interessa, aquela colega ia por ali, mas o sentido era o mesmo como era o mesmo, porque os meninos neste momento eu sinto que eles são vítimas, eles são vítimas da minha mão, da mão da colega que vem depois, ela, a colega da expressão plástica tem uma atitude, exige umas coisas eu tenho os meus deveres na sala, mas nunca discuti com a colega e já lhe mostrei “olha é assim que eu funciono e tento levar os meus meninos assim”, mas eles depois coitadinhos, são umas bolas de ping-pong, na minha mão, na mão da colega, vem a outra vem a outra, e eles, é um sofrimento. E depois as atitudes deles, é desde as 8.30h às 17.30h uma loucura, não há quem aguente isto, os meninos não sabem estar, os meninos não sabem ouvir os meninos não sabem isto porque coitadinhos eles passam por todas as mãos, e não há um momento de discussão para dizer: oh, meus amigos, vamos parar! vamos refletir! vamos ter todos, não é todos a mesma voz porque pronto, as posturas, já disse, mas encaminhar aquelas crianças, eles têm de saber até onde podem ir, e depois isto é uma confusão e reflete-se na aprendizagem, obviamente, em tudo, e saímos de lá estourados, estourados, “cala-te”, porta-te bem”, “está atento” porque eles, as crianças agora, é isto.

Carlos - Posso só dizer uma coisa tu disseste uma expressão “vítima de muitas mãos” e isto leva-me a dizer isto é verdade, mas levava-me porque ser vítima de muitas mãos - criar regras que ao outros já não têm - o que é que isto exige dos professores? Nós é que se temos vários professores a trabalhar com vários alunos, muitos alunos às tantas os professores e isso também é culpa nossa, temos de discutir regras que eles têm de cumprir, pois muitas vezes dos bons comportamentos nascem maus comportamentos; eu exijo na minha sala, ali não exige e depois isto é ...

Anabela - ...uma bola de neve.

Fátima - Pronto, realmente é só para dizer que nós somos de uma escola muito grande não quase o dobro não é Daniel, somos quase o dobro dos vinte que falaram, somos quase quarenta professores e com muitos apoios. No início fui a favor dos agrupamentos defendi muito isso, mas agora arrependo-me de algumas coisas, porque o que é que vieram fazer? Nós temos de fazer as tais reuniões a nível de agrupamento e as de ano. Ora, mas nós sentimos realmente, face à realidade da nossa escola com uma vivência de quinhentas e tal crianças, nós temos de ter mais tempo para nós, temos lá muita gente a trabalhar, então se formos para as AEC's somos muitos mais professores, e isso por fora implica muito trabalho, eu não digo que não se fizesse, agora com as reuniões essas é que são obrigatórias eu a essas não posso faltar, tre-té-té ...claro que depois nós podemos reunir mas depois nós depois, também, as pessoas esquecem-se, que temos uma vida social, temos uma vida familiar tre-té-té ... o tempo não dá para tudo. Muita angustia nas reuniões de grupos de ano, nós, às vezes, olha nós não estamos a marcar o calendário para a Páscoa, nós já pensamos ... temos isto aquilo ... temos aqui muita coisa ... as tais coisas, valoriza-se mais outras coisas e os nossos problemas na escola ficam na escola...

Ruivo - Ora bem, é simples, quanto à sobrecarga horária eu não percebo porque nós trabalhamos tantas horas. Se formos a ver o caso da Alemanha, eles têm só um horário, eles trabalham só no turno da manhã e da parte da tarde têm uma hora, no máximo duas horas, extracurriculares que são disciplinas que eles escolhem, que os pais pagam para ter lá o professor titular de turma pronto, não consta que na Alemanha eles tenham, menos, mais insucesso que nós em Portugal, bem pelo contrário. Depois quanto às planificações conjuntas também não percebo que é o que se faz, em quase todas as escolas, quer dizer eu não percebo porque é que elas se fazem, não é, quando a realidade das turmas, a realidade dos alunos, não tem nada a ver umas com as outras, não é. E depois o próprio método de trabalho nenhum professor trabalha igual ao outro. Quer dizer, poderia dar exemplos, por exemplo conseguir uma planificação B, competir especialmente só ao professor, não é, e depois aí também não se exigia tanto àquela planificação restrita porque eu acho que a melhor planificação que se pode fazer é a reflexão, não é? Já Einstein dizia que “a melhor maneira de planificar alguma coisa é refletir sobre ela” e a nossa maneira de exigir quanto a inspetores é que se tem papeis, e mais papéis, e bem feito, não é?

Anabela - Eu só queria emendar quando eu falei dos Professores das AEC's eu não, portanto é assim, eu não tenho queixa de nenhum, eu não quero dizer que eu é que sou boa, não é isso mas eles coitadinhos, eles vêm de uma escola a correr para 45 minutos ali, e depois vão correr para outra, e isto gera, é uma bola de neve, estão a entender? Eu não estou a criticar ninguém, por amor de Deus. Eles também não têm culpa, a forma como eles estão colocados, a forma como isto está a funcionar é que não está muito bem.

Carlos – Mas também a falar dos professores das AEC's, também não estamos criticar, mas vezes eles também chegam ali, vão ali vão acolá ...

Anabela - ...dão um recadinho...

Carlos - ... pensa, nós não conhecemos o professor de lado nenhum, então pensam a turma não é minha, não temos que nos chatear, não temos de nos aborrecer. O que disse o Ruivo, que também não concordo – fazer a reflexão - eu penso que, quem trabalha em qualquer lado, eu acho muito mais rico estarmos agora aqui a conversar, eu não quero perder a minha individualidade e estávamos agora aqui a conversar o que fizeste no segundo ano, no terceiro, no primeiro, no quarto ... e se tivéssemos situações dessas, eu acho que aprendia com cada um de vocês,

Anabela - ...a partilha ...

Carlos - Eu acho que aí a troca é fundamental. Agora nós estamos a sofrer um salto, não sei se é bom, se é mau, dizem que é bom uns, dizem que é mau outros, os pais vivem muito com essa coisa: aulas até às cinco e meia, - e os pais: isso é que é bom. Agora a nossa função de educadores, é uma função de, temos de refletir, temos de pensar, nós chegamos às cinco e meia e estamos muito cansados. Porquê? Porque há muito para fazer, há o comportamento dos alunos... Deixem-me dizer mais isto: noutra dia um colega dizia assim, toda a gente se queixa de facto que há muita papelada bom, então, vocês vão pensar que papelada é que vocês deitavam fora, e passado uns tempos eu pergunto “então vamos lá ver que papelada é que deitavam fora?” e eu cheguei à conclusão quer dizer a papelada que deitavam fora não era uma qualquer era uma coisita ou outra. Então eu disse, atenção nós estamos mais cansados porque se eu estiver aqui com vinte e tal alunos e quero trabalhar e um aluno está sempre a conversar e não me deixa porque não está calado ... e eu digo “António está calado”; “Luís está calado”, eu chego ao fim do dia e estou muito cansado, e se no fim do dia me sento para fazer os papéis ... e essa é a rejeição. Porque se nós nos sentarmos de manhã, a preencher uns papéis,

Anabela - Nem damos conta...

Carlos - ... quando nós temos a avaliação, toda aquela papelada nós não nos queixamos porquê? Porque nesse dia não temos alunos, não é. Às tantas o problema é outro, está noutra patamar. E é isto que quem está nos ministérios, na Avenida de 5 de Outubro, às vezes não sente e não nos ouvem. Quem nos ouve? Os Sindicatos, mas são colegas que já estão lá dez, quinze, vinte anos ... que não têm aquele 'cheiro' de trabalhar no 1º ciclo, como eu costumo dizer, e dizer ao colega "É preciso fazer assim..." têm muita dificuldade, porque quem não tem esse 'cheiro', é como por exemplo nós vemos nas notícias ... pá ... Outro dia um colega nosso escreveu, onde é que foi, eu li ... acho que foi no jornal a dizer 'a pedagogia do tabefe'. Ele disse daquela maneira que as pessoas revoltaram-se todas, eu só pergunto qual é pai que não deu um tabefe no filho? Um tabefe... quer dizer... eu não estou a defender essa pedagogia, mas quem é não deu ... quer dizer ... às tantas até faz bem ... dito de uma maneira quem não sente o 'cheiro' da sala de aula é uma coisa, quem sente o 'cheiro' da sala de aula é outra ... mas vamos passar à frente...

Manuel – Desculpa, permite-me dizer um aparte, que fique claro que essa pedagogia do tabefe não subscrevo, de forma nenhuma, toda a vida tive excelentes comportamentos na sala de aula e tu conheces-me há muito tempo e sabes que nunca lhes toquei. Para dizer que tabefes não são necessários ... eu abomino essa história do tabefe, desperta nos miúdos o espírito de violência, mas não era isto que estava em questão. O que estava agora em questão era responder a uma outra questão que era o que fazer para melhorar, se calhar, o resultado das aprendizagens e eu acho que há muitas coisas sobre as quais a gente podia falar. A primeira e que é uma situação, ainda agora, que se passou ainda recentemente e tem a ver com isto que a gente está a dizer, e é assim, eu de facto acho que a burocracia é exagerada e devia-se retirar esta carga burocrática aos professores; a história da avaliação dos professores, o desempenho, a famosa ADD que agora não se sabe muito bem se vai ficar pelo caminho ou se vem aí uma ADD que seja uma réplica da anterior, não sei muito bem o que aí vem. Portanto, essa situação na minha opinião deve ser erradicada o mais rapidamente possível e não quero com isto significar que os professores não devam ser avaliados porque eu sou defensor acérrimo da avaliação dos professores, não com esta metodologia, não com estes processos nem com este sistema. Acho que é importante e que melhoraria e contribuía para a melhoria e promoção do sucesso educativo. Um aspeto importante que eu acho que nos poderia trazer algum benefício tem a ver com a relação professor-

aluno, quando falo de relação falo do número de alunos que a gente tem nas nossas salas de aula, acho que era imperioso que se fizesse aqui alguma redução. Fez-se aquela tentativa de reduzir de 25 para 24, um aluno, mas entretanto os presidentes dos executivos têm competências para por lá 26 ou 27 se quiserem, em última instância.

Carlos – Deixa-me dizer-te uma coisa, nos estudos que às vezes fazemos aqui, a nível de número de alunos por professor, às tantas é baixo, agora há turmas que têm vinte e tal outras poucos ... estás a perceber?

Manuel – Eu sei que as contas são feitasas contas são feitas, eles vão buscar todos os professores que estão no sistema e vão buscar todos os alunos e dividem e isto dá um rácio abaixo ... penso que se situam 13, 14 alunos por professor...

Fátima - E outra coisa agora, as turmas com NEE, com certeza a minha também passou como a de muita gente, já não é, porque antes era vinte alunos e essas turmas não recebiam mais, mas agora recebem, porque se o executivo entender agora podem ter, o professor no início do ano até que são colocados, como eu tenho duas crianças, o Daniel também tem, com autismo etc, não as escolhi, a turma realmente estava assim, quer dizer mas depois posso levar com mais alunos em cima porque o agrupamento tem ...

Anabela - ...tem autonomia...

Fátima - Ora mais um desrespeito pelas pessoas, e sobretudo aí pelas crianças, porque quer queiramos quer não a criança é que sai muito, muito prejudicada.

Carlos - Realmente essa ideia que é, que é assim...

Fátima - ... no meu agrupamento é...

Carlos - ...não, não, é, é, o que se passa nos agrupamentos, agora nunca houve nenhum professor que dissesse “eu não aceito” eu gostava de saber o que é que lhe acontecia, eu não aceito mais do que 20 e dois alunos de NEE, eu não aceito mais nenhum.

Fátima - mas acho que há umas alíneas agora que dizem “que o executivo ...”.

Carlos - Isso também nós ouvimos, porque depois, é que depois os professores convém dizer que aceitaram para não haver problemas, depois aceitaram, só com o tempo, eu gostava de ver um professor que dissesse assim “não, eu só aceito 20 tenho dois alunos com NEE só é 20 e acabou” e por escrito, e que sou obrigado. E depois se ele mexesse alguma coisa ... se isso ficava assim? Era capaz de não ficar, eu tenho dúvidas, eu tenho dúvidas sobre isso, mas pronto, mas é essa a ideia.

Manuel – Bom, eu queria fazer referência que é o desenho curricular que temos atualmente, eu acho que, não concordo absolutamente como isto está a ser gerido em termos de gestão, de gestão curricular. O Carlos já se referiu aqui a alguns aspetos mas eu queria complementar com outras, e uma coisa que não posso deixar passar em claro, é aquela famosíssima criação da senhora ex-ministra da educação, tem a ver com a carga horária de cada uma das áreas curriculares, a de Língua Portuguesa é uma delas. Eu para já penso que todos os professores desrespeitaram-se essa lei...

Anabela - Obviamente que sim ... o professor inventa no papel ...

Manuel - Outro aspeto, eu não sei se vão concordar ou não vão concordar, se calhar não vão perceber bem a ideia, mas tem a ver com o trabalho colaborativo dos professores no passado e agora, e se eu às vezes for assim um bocadinho, enfim, frontal e contundente, não liguem, porque é mesmo a minha forma de ser. Mas eu aqueles conselhos docentes, não, aqueles, não eram conselhos docentes que se chamavam. Eram, como é que era?

Anabela - Conselhos escolares ...

Manuel - Isso, conselhos escolares de há 15, 20 anos atrás, não obrigado. Definitivamente, pronto, é uma situação de... eu acho que, não queria chamar escola, porque não havia escola, mas havia alguém que orientava aqueles conselhos escolares e não orientava coisa nenhuma, orientava ali umas discussões de futebol no que respeita aos homens e em relação às senhoras outros aspetos que vocês melhor do que eu podem referir. Quanto aos conselhos docentes se forem bem orientados funcionam bem, há trabalho colaborativo e vou pegar ali numa referência que fez ali a Tuxa, não é? ... que são os conselhos, eu sou adepto, sou fã dos conselhos docentes por anos de escolaridade, porque acho que se funcionarem bem é aí que se processa toda a orientação educativa e articulação curricular, se forem bem feitas e orientadas.

Fátima - Também concordo, também concordo. Os nossos conselhos acabaram, mas deviam também continuar...

Carlos - Posso só interromper um bocadinho. Eu sobre isso noutra dia falava com os colegas, nós professores as coisas muitas vezes passam-nos ao lado. Porquê? por interesse nosso, quer dizer, não nos interessa, mas depois quando temos necessidade queremos tudo depressa, não pode ser. Nós fazemos parte de uma organização educativa, nós temos de saber o que é que se passa lá dentro e aquilo que falamos nas reuniões não interessa, mas também depende um pouco de nós e eu dizia assim vocês vão a uma reunião, se aquilo, se vocês não concordam, devem dizê-lo naturalmente e eu

vou embora, mas as pessoas não fazem isso porque uma reunião se demorar meia hora é meia hora, se demorar dez minutos é dez minutos, mas elas na minha opinião são necessárias, as reuniões de conselho de docentes e as de anos por escolaridade, porque aí pode ser muito trabalho proveitoso. Agora há muita gente que diz isto não vale nada, o que vamos fazer, mas depois lá, não manifesta, não diz nada, “-Olha lá estas aí à frente da reunião das duas uma, ou tu realizas pá e levas as coisas como devem ser, ou então deixas de ir, não estás aí a fazer nada!”. Mas nós não dizemos porque temos medo de ferir a pessoa às vezes, temos medo “- Eh pá, vai ficar chateado connosco!” Mas nós quando estamos a discutir, eu costumo dizer cada um de nós tem opinião e deve manifestar, construtivamente, e ninguém tem nada que levar a mal, claro se uma pessoa se alguém me diz alguma coisa e mexe connosco, até é bom sinal, não é?

Manuel - Agora em complemento do que ele disse sobre as reuniões, realmente nota-se muito isso, realmente há algumas reuniões que são verdadeiros monólogos e eu sei porque até já dirigi algumas e passei duas horas a falar porque não, enfim, não se estabelece diálogo e isso verifica-se neste nível de ensino, não sei como é que funciona nos outros níveis de ensino, penso que não é difícil sabê-lo, mas penso que a cultura será, pelo feedback que nos vai chegando penso que a cultura será um bocadinho diferente, quando digo cultura digo a forma de debater as coisas é um bocadinho diferente da nossa.

Carlos - Deixa-me dizer, senão depois esqueço-me. Eu acho que nós temos formação de professores, mas eu estou farto de dizer aos meus colegas: - “Vocês ficam contentes quando vão ali todos, vinte e cinco horas, pá, dá créditos e tal”...e a melhor formação é entre colegas, nós somos melhores formadores do que os outros, a melhor formação é entre nós, mas não fazemos isso, queremos tudo feito, não é?

Rita - Não, eu só queria complementar que essas coordenações de ano deveriam partir da partilha das experiências com os colegas, para que pudéssemos levar para as nossas salas de aula.

Investigadora - Sentem-se motivados para trabalhar em grupo?

Fátima – Ahh (alguma hesitação) ... sim, sim, eu acho que sim, e quando se falava das reuniões elas têm que existir agora mesmo voltamos à papelada e tudo e a nível de reflexão, aquilo que se dizia há bocado eu se calhar é por estar numa escola muito grande, querem, o 2º ano tem a mesma planificação, o 4ºano não sei quê não sei que mais, aí é que se calhar não é totalmente correto, não é verdade? A nossa realidade, nós somos 6 professores por grupo de ano, só da nossa escola, se calhar senão nos

assustassem, não havia aquela coisa “Ah mas tens que ser assim, porque querem assim” e não sei quê...e nós lá vamos na onda, é evidente que depois cá para nós é como falávamos, nos horários e tudo fazemos ali alguns ajustes alguns remendinhos e assim. Portanto, é nesse aspeto elas serem preenchidas, mas acho que elas se vieram passaram à frente das da escola. do grupo de professores, da sua realidade, mas é como eu digo, eram outros tempos se calhar não havia tanto que fazer, nós temos tanta coisas ali para gerir, desde comportamentos, das AEC's. Portanto é nesse aspeto.

Ruivo – É assim, há uns anos a nível de Conselho Docentes eu nunca vi a tratar de assuntos pedagógicos praticamente, quer dizer o que se trata ali praticamente é só de assuntos burocráticos e, por isso, muitas vezes não há diálogo porque as pessoas estão ali, não estão interessadas quando muito estão interessadas em perceber como é que vão preencher este ou aquele documento não é, quando se essas reuniões fossem a nível de partilha dentro da escola, eu acho que se poderia aprender muito mais coisas. Quanto aos horários, de facto ... não tem nada a ver o 1º ciclo com o 2º ciclo, eu já fui professor da Telescola e existia horários e compreendia-se, eu trabalhava com esses horários. Agora no 1º ciclo é que eu vou parar a ver se correu bem quando eu estou a dar Matemática? ...e vou parar e mudo um e mudo outro... isso é impossível...

Anabela - ...era o que mais faltava...

Manuel – Desculpem, complementando um bocadinho esta ideia eu acho que uma das grandes virtudes, acho não, ... penso, acho que toda a gente comungará desta opinião, uma das grandes virtudes do 1º ciclo é de facto a possibilidade do professor poder gerir a carga horária, a carga horária e a componente, os conteúdos programáticos que quer dar essa é que é a grande virtude, quando me dizem realmente que eu tenho de dar cinco a cinco horas Mas há outra questão ainda associada a essa, que é o facto de eu professor do 1º ciclo ter a capacidade, que por vezes me está a ser retirada, de puder, em função de dois alunos, de gerir a carga horária porque o aluno A pode ter necessidade de uma carga horária mais forte em Matemática e menos forte a Língua Portuguesa, quer dizer o contrário, porque acho que a Matemática da forma que está a ser orientada e eu acho que muito bem, penso que não é preciso estar dentro dos conceitos matemáticos, porque o próprio miúdo sabendo ler, percebe muito bem como há de resolver logo o problema, portanto esta coisa do Português, eu tenho um bocado a ‘costela’ do Português, até porque na história do PNEP, enfim, estamos um bocadinho ‘enfarinhados’ nisto, penso que realmente o Português é fundamental.

Carlos - Há também uma coisa mal no sistema, querem ver... e isto também se faz isto... porque as pessoas, é assim... há muita coisa mal. As duas últimas coisas que para mim estão mal, o novo programa da Matemática que vai entrar em vigor no próximo ano, a maior parte dos professores não conhece, não explica ele sabe desta forma, desta... desta..., pessoas que recebessem formação depois explicavam aos colegas, isto é assim e assim... No Português, nós andamos no PNEP, com o Manuel, nós temos lá isso, quer dizer, quem está ainda recebe umas luzes porque não recebe tudo, recebe umas luzes, quem não está tem que andar para aprender, isto também é lógico, isto dar a conhecer como é que está elaborado, de que forma, os conteúdos, como é que é, a filosofia do programa e depois por em prática, mas não, faz-se tudo ao contrário, e depois querem, quer dizer há coisas que nós não entendemos, e pronto.

Investigadora – Eu gostava que me falassem como caracterizam a relação entre professores já ouvi falar aqui numa escola em que os professores reagem assim... o que sentem nos vossos ambientes escolares, a relação entre os professores...

Fátima - Sem dúvida o que se sente é que é uma relação muito mais stressante e vou usar mesmo o termo conflituosa, é quer queiramos quer não, aqueles ambientes bons, já não vou assim muito para trás, mas eram ambientes mais calmos que se brincava um bocado, partilhava-se umas ideias e assim, agora não, há sempre alguém que entra, há sempre alguém que chega, por exemplo, a nível de agrupamentos a gente quando vê alguém o Vice, o Assessor ou não sei quê, eu por exemplo até começo a ficar já mal disposta, não é? sem dúvida que está alterado e os professores sentem isso e já não há aquele ambiente que realmente havia.

Carlos – Deixa-me só responder um bocadinho à tua pergunta, sobre os assessores...

Fátima - ...o diretor, essa gente.

Carlos – Eu estou a falar e tenho à vontade para falar... e digo já porquê. De quem é o papel mais importante no ensino? É de quem dá aulas. Eu digo isto e estou à vontade porque sou assessor, mas, os professores, por defeito acham, eu, às vezes, falo com a minha mulher, isto que eu estou a dizer, que quem está nos cargos é que é importante, pá, isso tira-me do sério, mas tira, eu estou à vontade para dizer isto. O que nós queremos de quem está nos cargos é que faça bem o serviço. Toda a gente, mas para mim no sistema educativo as pessoas mais importantes são os professores, não é? E às vezes querem nos retirar “não, é aquele que está acolá” ...

Investigadora – Não sentem confiança nos órgãos diretivos?

Fátima – Ah, não com poucas coisas e palavras e nomeadamente o nosso, eu só digo é aquela coisa de “já vão, o que é que vão dizer hoje”. Uma coisa que antigamente e que hoje se passa todos os dias na escola, nós chegávamos, tomávamos um cafezinho e dizíamos naquele ambiente agradável “ouviram na rádio que...lerem...” era esse o ambiente, agora as pessoas sobem, já vão... veem-se no fim da tarde, saltam de uma sala para a outra, é tudo diferente...

Ruivo – O que esta colega disse agora, nas escolas está a haver mais competição, a colega disse há bocado que havia reuniões de Conselho de Ano e que as pessoas não se manifestam, e para mim tudo isso está a haver porque há uma avaliação, porque se as pessoas se manifestam, estão logo, é preciso ver o que se diz porque senão o chefe ou os chefes começam logo a avaliar, na escola sucede o mesmo não é. De maneira que eu devo ser das poucas pessoas que sou contra a avaliação não é, ou melhor eu não sendo contra a avaliação, eu preferia ser, e não tenho receio nenhum de ser avaliado, mas eu preferia ser a favor da avaliação quando há uma avaliação justa, eu não reconheço nenhuma avaliação que possa ser justa, então a competitividade vai continuar a haver divisão dos professores e o mal-estar na escola.

Carlos - Só posso dizer que ... que esta avaliação suscitou na relação ... quem faz as coisas sabe fazê-las ... que ao colocar a avaliação conforme ela está, mas acho que a que vem aí não é melhor, acho que ainda vai dar mais trabalho, mas a avaliação nós sentimos nos colegas que quiseram ser avaliados e pediram assistência de aulas, logo foram finos... ‘Muito Bom’ ou ‘Excelentes’ e outros que não tiveram nada, e isto tem implicações em tudo, logo nós começamos a ver que não somos tão solidários como dizemos. Mas quem fez isto, é uma política que é dividir e esta conflitualidade que possa a existir nas escolas, porque aqueles que têm ‘Muito Bom’ e já tiveram ‘Muito Bom’ o ano passado, eu costumo dizer aos meus colegas peçam todos a avaliação sabem porquê? já que estamos a falar todos de avaliação... Porque no ano passado fiz avaliação a cinco colegas e a ficha (não posso dizer aqui) que nós vamos assistir a aula é muito engraçada tem 16 itens mas se puser em 4 itens ‘Muito Bom’ o final é ‘Muito Bom’ percebem?. Eu testei-a, eu sei o que estou a dizer. E há lá um item que as pessoas não sabem que é “relação pedagógica com os alunos” que é a que vale mais, um professor que está sempre na sala de aula, que está sempre a avaliar, que até pode ser mauzinho nos outros dias, mas naquele dia tem uma relação excelente com os alunos só um avaliador distraído é que não dava boa nota, se lhe der ‘Muito Bom’ ele pode ter

‘Muito Bom’, percebem? Portanto, a ficha está para avaliar muito mais esta relação pedagógica, eu costumo dizer, é assim que está, peçam todos, porque depois ...

Fátima - Mas também antes o que vem da relação, temos o caso do avaliador e do avaliado ...

Carlos – ...também é verdade...

Fátima - ...em que a pessoa foi ‘atirada’ realmente para um atestado médico, porque as duas pessoas não são compatíveis...não corre bem...

Carlos – E depois na avaliação também o espírito de avaliação, o espírito é correto porque a avaliação deveria servir de ajuda, percebem? e ainda estávamos a conversar com umas pessoas do agrupamento, estávamos a conversar sobre a avaliação “como fazes e tal ...” e reunir até com os colegas do 1º ano, 2º ano e por aí fora...ou até individualmente, mas num espírito de ajuda “Fizeste isto mal, eu não te vou dar má nota..., vamos mudar, o que achas...” percebem? Pode ser formativa, neste sentido...

Manuel - Em relação a esta, à questão da relação profissional se retirarmos, vou voltar aqui à situação da avaliação do desempenho docente, se retirarmos à classe docente este tipo de avaliação, eu quando digo classe docente abrange outros níveis de ensino, como quiserem, acho que a situação melhora. Com este tipo de avaliação a relação profissional...

Anabela - Lá está...

Manuel - Está mal, para falar exato, está péssima, mas também tenho outro tipo de opinião relativamente à relação do nosso quotidiano de trabalho, eu penso que, curiosamente hoje na sede do agrupamento ... tinha ido tomar café com uma colega de 1ºciclo e cruzei-me com uma, porque eu tinha ... nós tínhamos se calhar a maioria das pessoas tinha a ideia que a relação profissional dos professores do 1ºciclo não era grande coisa e isto tinha muito ver com o facto de termos um trabalho muito isolado, muito solitário, não é, pouco solidário e muito solitário isto decorria do quê? Pelo facto de trabalharmos com x e depois trabalhávamos com y e depois nunca se juntavam. Bem, eu penso que isto já está ultrapassado e penso que poderá ter a ver com o facto de haver esta reunião poderá ter sido o fator de criar aqui melhor relação com os professores. Mas contava este episódio de há bocadinho tinha ido tomar café com uma colega do 1ºciclo na sede do agrupamento e cruzei-me com uma colega do 2º ciclo que dizia assim “Ó pá, vocês realmente são fantásticos na relação, vem cá dois professores e está o Manel para ir tomar café com este, depois vem outro grupo de 3 ou 4 professores... vocês de facto dão-se muito bem” e isto não era, isto não era, não é o que transparece,

enfim, para a opinião pública. Mas agora falando da relação dos professores do 1º ciclo, eu acho que esta intrarrelação, eu acho que esta intrarrelação não está má, o que está mal é a inter-relação com os professores dos outros níveis de ensino. Eu acho que isto não tem solução. Parece por muito que se tente e por muita articulação que se envolva o 1º, 2º e 3º ciclos, pronto a gente lá vai fazendo uma reunião, o que já é bom, mas também, mas também lá vão surgindo ‘alfinetadas’, sorrindo com umas coisas que não vale a pena trazer para aqui...mas não me parece que haja grandes hipóteses... O facto de não trabalharmos no mesmo espaço físico é fator deste desunião. Agora penso que no 1º ciclo esta situação melhorou muito com a criação de escolas, de centros educativos ... eu tenho uma ideia que a nossa relação profissional, se a questão era essa, melhorou substancialmente

Investigadora – Vamos falar um bocadinho sobre a nossa carreira profissional... acham que estamos mesmo agora que estamos numa fase para o fim, tinham vontade de mudar de profissão, de escola e de agrupamento, ou não ...?

Carlos – Eu quando olhei para o lado, era professor. E pá, professor! Bom, mas depois uma pessoa habitua-se e depois eu acho que na nossa profissão, temos de ser o máximo profissional, não é? Depois nós falamos sempre bem, não falar mal de nós não é? Acho piada que nós às vezes parece que temos muito tédio, não é? E, então, olho para trás e digo “Eh pá, aguenta mais uns quinze anos...” Eu às vezes também digo o mesmo ... mais uns oito que é o que me falta!, mas realmente devia, quer dizer, eu acho que com a experiência que uma pessoa tem, isto é uma vida, a escola é uma vida, às vezes as pessoas falam é, pá, as novas oportunidades, isto não tem jeito nenhum, isto não sei quê... talvez a forma como também passam a mensagem é importante, realmente a escola é uma vida nós aprendemos com a experiência e essa experiência que nós devemos passar aos nossos colegas esta experiência, que muitos não gostam e não querem ouvir “Eh, pá, este é um chato...”, não querem ouvir. Mas, mas olhando para trás não quer dizer que foi tudo sorrisos porque não foram também houve muitas chatices ... mas não foi só por isso. Eu lembro-me quando comecei a trabalhar, eu digo-te uma coisa, se isto influenciasse e se o meu pai fosse vivo, eu desistia da profissão, trinta e oito alunos, isto para mim, eu passava logo a andar... e as condições...

Anabela - Eu não, eu não trocava de profissão, agora de agrupamento também não é uma coisa que me prenda, uma pessoa tem escola e tem meninos, o que interessa é ter meninos numa escola, não é. Mas não me imagino noutra profissão.

Investigadora – Mas preocupam-se com a vossa carreira profissional?

Fátima - Eu também, voltando ao que estava a falar, digo sempre uma frase que já digo há muitos anos e é mesmo verdadeira “deixem vir as minhas criancinhas, eu com elas estou muito bem”. Até dizia noutros tempos, mas sinceramente depois de aposentada, que não me importava ir para a escola... agora, da maneira como as coisas estão, não. Mas tenho pena.

Ruivo – Eu sinto-me, na verdade, muito bem na escola, claro que enquanto aguentar e não me mandarem para a reforma, eu vou... para já ainda vamos andando aos ‘beijinhos’...

Manuel - Eu acho que quando estamos a falar de carreira estamos a falar no aspeto material. Não é?

Rita - ...É de tudo...

Manuel – ...uma coisa está associada à outra. Eu sinto que se me perguntarem “foste para professor, por vocação?”, sinceramente isto já foi há tantos anos que já nem me recordo muito bem como foi e qual foi ...o que me levou ao Magistério, mas acho que foi assim quase uma imposição, havia outras coisas que gostaria de fazer, mas que o meu pai não me deu hipótese e depois a minha tábuca de salvação seria o Magistério Primário, fui então tirar o Magistério Primário em Guimarães. E, pronto, eu não diria que foi como o Carlos disse o não sabia o que queria ... acho que depois de entrar no circuito me senti bem, me estou a sentir muito bem... não nesta carreira, mas nesta atividade...

Carlos - Estás ouvir Manuel se me perguntasses o que é que eu gostaria de ter sido eu não sei, percebes?

Manuel - ...e, portanto depois de agarrar esta atividade fiquei agarrado a ela e chegando aqui olho para trás e acho que não tenho um passado que me possa orgulhar em excesso, mas também não é uma coisa que despreze. Relativamente à carreira gostava de falar do que também deve ser dito e que faz parte, enfim, o aspeto de gratificação, uma coisa tem a outra. Pronto, eu acho que a partir 1990 daquela famosa alteração do estatuto da carreira docente, eu acho que até então éramos uns ... tínhamos uns vencimentos miseráveis, depois com o tempo foi uma mudança da ‘água para o vinho’ porque em termos materiais melhoramos substancialmente e sei que sofremos alguns comentários relativamente aos professores que estão no topo da carreira e, quando digo topo da carreira digo décimo escalão, penso que sim que neste sentido estamos bem ...

Carlos – ...nós nunca devemos dizer que estamos bem... ah! aqui neste espaço podemos dizer ... temos que ser reivindicativos ...

Rita - Sobre isto não tenho muito a acrescentar ao que disse o Manuel. Relativamente à remuneração acho que sim, a este nível, relativamente à carreira, penso que nós como estamos no fim da carreira para nós, não nos vai mexer muito, mas para estas pessoas novas que entram, talvez vão ter de passar muito mais se calhar que aquilo que nós passamos, para chegarem... se calhar alguns nunca chegarão ao topo da nossa carreira, pronto...

Manuel – ...pois, porque o objetivo desta alteração é exatamente dificultar a chegada ao topo ...

Fátima - Pronto, aqui só teria uma coisa a dizer, mas também digo que quem entra agora, não é, pode ser mais e assim... mas continua a ser muito injusta para quem já estava no sistema não sei quê, a meio do jogo ou na reta final do jogo mudarem as regras, é muito injusto mesmo, no qual felizmente não tenho problemas, mas a certa altura posso começar a fazer disparates como nunca imaginei... As colegas novas, sim senhora, já entram no mercado de trabalho já diferente, as regras já são outras, entram muito mais tarde, ora até elas próprias compreendem que quando eu digo assim “olha era o último ano”... eu não queria... pronto eu continuava... realmente é injusto, pronto, nesse aspeto as regras já vão ser outras... A nós, mais uma vez, deram-nos muito na cabeça, acho que é uma geração a nossa, que não tinha que ser assim, bem mas gosto muito de ser professora e adorava continuar a vida toda ... há bocado alguém falou, afinal ainda há alguém penso eu que dá valor, pelo menos a minha família, essa dá valor e muito valor.

Manuel - Acho que esta nova geração, acho que faz as coisas mais por vocação, nós tínhamos menos jeito, na altura tínhamos menos jeito. Eu recordo-me que esta ideia o meu pai falava, enfim em trabalhar e eu queria trabalhar, era essa a minha vontade, e o meu pai achava que não, enfim, que havia aí uns cursos que eu podia fazer ... um era professor, também havia a informática, o direito... também havia o seminário, e então é assim eu acho que agora as pessoas têm mais saída, por isso, convém fazer a seleção da escolha por vocação.

Fátima - De uma forma mais honesta também.

Manuel - A minha filha está a fazer o curso de biologia e agora com esta história de Bolonha vocês vão fazer aqui três aninhos e depois vão fazer o mestrado que é

especializado, e a minha filha está acabar o 3ºano e eu não querendo condiciona-la, ia-lhe dizendo, “olha mas tu tens esta saída que me parece ótima”, que era um curso ligado à tecnologia que é ao lado da universidade do Minho, ligado ao ambiente, que é onde ela entra e tal, e sugeri, nem sugeri, falei, nem sequer sugeri e ela disse “papá não venhas com estas tuas conversas que não adiantas nada eu estou aqui estou a fazer este curso porque quero ser professor pai não venhas agora com essas coisas gabinetes e laboratórios” mais nada. Notei que ela tinha uma vocação e queria seguir essa atividade. No nosso tempo não era bem assim.

Investigadora – Muito obrigada pela vossa participação.

ANEXO 4 – Análise Estatística Descritiva do Questionário

ANÁLISE ESTATÍSTICA DESCRITIVA DO QUESTIONÁRIO

Quadro I – Percepção do perfil sociopedagógico dos docentes tomando como referência a sua experiência atual

(N=249), em percentagem

	DT	D	C	CT	m	dp
1.1 A colaboração entre os professores é um fator importante para a qualidade da prática docente.	-	, 4	13,3	86,3	2,86	, 360
1.4 A partilha de experiências é uma prática fundamental para a aprendizagem e motivação dos professores.	, 4	, 4	31,3	67,9	2,67	, 505
1.2 A qualidade da prática pedagógica depende do investimento na preparação prévia das aulas.	-	5,2	47,0	47,8	2,43	, 592
1.3 A supervisão das atividades pedagógicas pelos pares, no processo de avaliação, é uma prática enriquecedora para o desenvolvimento do professor.	21,3	47,4	27,3	4,0	1,14	, 793

Quadro II – Percepção dos professores relativamente à sua prática pedagógica

(N=249), em percentagem

	NI	PI	I	MI	m	dp
2.1 Promover aprendizagens significativas na sala de aula.	-	-	13,7	86,3	2,86	, 345
2.7 Apoiar os alunos nas suas dificuldades de aprendizagem.	-	, 4	16,5	83,1	2,83	, 390
2.11 Implicar os alunos na realização e cumprimento de regras.	-	-	19,8	80,2	2,80	, 399
2.9 Estimular o desenvolvimento de competências nos alunos.	-	, 4	26,6	73,0	2,73	, 456
2.14 Pensar nas estratégias que devo utilizar para conseguir melhores aprendizagens.	-	-	29,3	70,7	2,71	, 456
2.2 Ser criativo(a) no desenrolar da atividade letiva.	-	, 4	32,3	67,3	2,67	, 480
2.10 Reforçar a relação pedagógica na sala de aula.	-	, 8	33,9	65,3	2,65	, 496
2.3. Utilizar os saberes dos alunos na sua aprendizagem.	-	-	35,1	64,9	2,65	, 478
2.8 Confiar nos meus saberes científicos e aplicá-los na promoção do processo de aprendizagem.	-	1,2	41,5	57,3	2,56	, 521
2.12 Preparar materiais didático-pedagógicos para as atividades letivas.	-	, 8	48,6	50,6	2,50	, 517
2.4 Organizar o espaço de sala de aula de acordo com as necessidades dos alunos.	-	3,2	47,6	49,2	2,46	, 560
2.5 Incentivar a pesquisa científica na aprendizagem dos alunos.	-	, 8	54,4	44,8	2,44	, 513
2.6 Utilizar as tecnologias de comunicação e informação na sala de aula.	-	2,8	69,8	27,4	2,25	, 493
2.13 Gostar de preparar aulas com os outros colegas.	, 4	14,9	55,8	28,9	2,13	, 662

Quadro III – Reconhecimento, satisfação, confiança e motivação profissional dos professores

(N=249), em percentagem

	S	N
3. Reconhecido(a)	42,7	46,3
Satisfeito(a)	46,3	53,7
Confiante	52,0	48,0
Motivado(a)	37,4	62,6

Quadro IV – Perceção da nova estrutura da carreira docente e do seu impacto a nível individual e do grupo profissional

(N=249), em percentagem

	S	N
4. Presentemente, a estrutura da carreira docente surge hierarquizada. Concorda com esta hierarquização?	4,0	96,0

Se respondeu **não**...

	N	%
4.1.1 Divide a classe docente e cria conflitos.	198	83,5
4.1.2 Gera injustiças e desmotivação profissional.	178	75,1
4.1.4 Dificulta a chegada ao topo da carreira.	48	20,3
4.1.5 Apenas os professores de categoria superior, têm a oportunidade de desempenhar funções reconhecidas.	33	13,9
3.1.3 Incentiva o abandono da profissão.	9	3,8

Quadro V – Efeitos do ECD e da ADD nas práticas de ensino e aprendizagem

(N=249), em percentagem

	DT	D	C	CT	m	dp
5.7 Tenho excesso de trabalho burocrático.	2,4	4,8	14,9	77,9	2,68	, 678
5.8 Tenho menos tempo para trabalhar em equipa.	3,2	19,0	37,5	40,3	2,15	, 838
5.4 Estou mais desmotivado(a) para o trabalho com os	11,3	31,0	34,7	23,0	1,69	, 950

alunos.						
5.6 Procuo implementar estratégias mais adequadas.	18,9	43,0	33,7	4,4	1,24	, 806
5.9 Sou incentivado(a) a criar novas situações de aprendizagem.	20,2	58,9	19,0	2,0	1,03	, 688
5.5 Proporciono aprendizagens de maior qualidade aos alunos.	24,6	62,5	12,1	, 8	, 89	, 624
5.10Sou mais rigoroso(a) relativamente às aprendizagens dos alunos.	28,6	62,1	7,7	1,6	, 82	, 631
5.3 Os alunos têm melhores resultados escolares.	40,2	53,8	4,8	1,2	, 67	, 625
5.2 Estou mais disponível para os alunos.	53,4	41,8	4,4	, 4	, 52	, 603
5.1 Tenho mais tempo para planificar as aulas.	67,1	29,7	2,8	, 4	, 37	, 560

Quadro VI – Perceção nos efeitos do ECD e da ADD, nas atitudes e nas práticas profissionais dos docentes

(N=249), em percentagem

	NI	PI	I	MI	m	dp
6.14 Promover oportunidades de desenvolvimento profissional na escola/agrupamento.	-	3,6	52,6	43,8	3,40	, 560
6.10 Estimular bons ambientes de trabalho.	, 8	2,0	21,7	75,5	2,72	, 540
6.12 Proporcionar tempos para a preparação da atividade letiva.	1,2	1,6	21,3	75,9	2,72	, 555
6.2 Partilhar as experiências e os saberes profissionais com os colegas.	-	2,4	34,1	63,5	2,61	, 536
6.1 Refletir sobre a prática pedagógica.	-	3,6	32,9	63,5	2,60	, 560
6.9 Estimular a motivação dos professores.	, 8	3,2	33,3	62,7	2,58	, 598
6.5 Trabalhar em equipa como fator de enriquecimento.	-	1,6	43,0	55,4	2,54	, 531
6.13 Proporcionar momentos de autoformação.	, 4	1,6	53,4	44,6	2,42	, 549
6.11 Atender às necessidades pessoais dos docentes.	, 8	8,0	40,6	50,6	2,41	, 673
6.8 Frequentar ações de formação contínua.	, 8	2,4	66,7	30,1	2,26	, 539
6.4 Refletir sobre os aspetos éticos da profissão.	2,0	10,8	62,7	24,5	2,10	, 653
6.6 Participar em projetos de investigação dinamizados pelo Agrupamento e por outras entidades.	, 8	9,6	69,5	20,1	2,09	, 568
6.7Procurar meios para subir de escalão.	6,0	34,7	45,2	14,1	1,67	, 791
6.3 Avaliar o desempenho dos professores nas suas funções.	8,9	32,7	51,6	6,9	1,56	, 750

Quadro VII – Percepção da experiência atual dos docentes sobre a sua interação com os alunos

(N=249), em percentagem

	DT	D	C	CT	m	dp
7.1 Sou motivado(a) pelos alunos para o aperfeiçoamento da minha prática pedagógica.	3,6	12,9	46,6	36,9	2,17	, 785
7.7 O sucesso dos alunos pode sofrer interferências negativas devido ao mal-estar nas escolas.	5,2	16,5	39,0	39,4	2,12	, 869
7.2 Os alunos reconhecem o meu empenho profissional.	2,8	14,1	58,1	25,0	2,05	, 709
7.9 Os alunos revelam interesse pelas minhas atividades escolares.	2,4	14,1	60,6	22,9	2,04	, 683
7.3 Na sala de aula abstraio-me do ambiente que se vive nas escolas.	5,6	20,6	41,5	32,3	2,00	, 870
7.11 Os alunos colocam-me desafios constantes.	3,6	16,9	59,4	20,1	1,96	, 717
7.4 Os alunos ajudam-me a ultrapassar os meus medos e receios profissionais.	5,2	24,1	49,8	20,9	1,86	, 802
7.10 Os alunos exigem mais competências de mim.	8,9	37,9	40,3	12,9	1,57	, 826
7.8 Os alunos exigem mais conhecimentos de mim.	10,5	35,1	42,7	11,7	1,56	, 833
7.5 Interesse-me mais pelos meus alunos.	12,1	42,3	28,6	16,9	1,50	, 913
7.6 Dou mais atenção aos alunos.	12,9	42,7	29,4	14,9	1,46	, 899

(N=249), em percentagem

	S	N
7.12 Atualmente sinto-me um(a) professor(a) diferente na sala de aula?	37,4	62,6

Quadro VIII – Percepções dos professores sobre o impacto do ECD e da ADD a nível individual e socioprofissional

(N=249), em percentagem

	DT	D	C	CT	m	dp
8.1 Continuo motivado(a) para progredir na carreira profissional.	9,8	41,5	41,5	7,3	1,56	, 770
8.2 As recentes políticas educativas dificultam a minha progressão na carreira docente.	3,2	4,0	28,3	64,4	2,54	, 725
8.3 As experiências profissionais enriquecem a minha carreira profissional.	1,2	4,8	42,2	51,8	2,54	, 646
8.10 A progressão na carreira pode promover o	3,6	14,6	36,4	45,3	2,23	, 832

individualismo na escola.						
8.9 A prática reflexiva é um fator de motivação para progredir na carreira.	2,5	18,0	61,9	17,6	1,95	, 674
8.8 O meu tempo de serviço continua a ser um pressuposto essencial para a progressão na carreira.	5,6	32,3	43,5	18,5	1,75	, 821
8.5 A avaliação do meu desempenho é importante na promoção da minha carreira.	13,7	41,8	35,7	8,8	1,40	, 832
8.4 As ações de formação contínua são suficientes para aperfeiçoar a minha prática pedagógica.	6,8	53,4	36,1	3,6	1,37	, 665
8.7 Ser premiado(a) motiva o aperfeiçoamento do meu desempenho na sala de aula.	18,5	40,3	30,6	10,5	1,33	, 897
8.11 A minha autoestima profissional tem vindo a ser impulsionada.	26,7	60,3	11,3	1,6	, 88	, 658
8.6 Não me importo de não atingir o topo da carreira.	50,0	30,5	16,7	2,8	, 72	, 841
8.12 A profissão docente é dignificada.	48,0	41,9	9,3	, 8	, 63	, 685

Quadro IX – Perceção dos efeitos do ECD e a ADD no desenvolvimento profissional dos docentes

(N=249), em percentagem

	S	N
9. Sente que o novo Estatuto da Carreira Docente e a avaliação do desempenho impulsionam o seu desenvolvimento profissional?	4,5	95,5

Quadro X – Perceção das condições de trabalho e do envolvimento dos professores

(N=249), em percentagem

	DT	D	C	CT	m	dp
10.12 A vivência de experiências positivas, enriquece o desempenho profissional.	-	1,6	43,4	55,0	2,53	, 531
10.3 Os professores sentem-se pressionados pela Administração Central.	2,0	7,2	51,0	39,8	2,29	, 686
10.10 Os professores contribuem para a melhoria da escola.	, 4	9,2	58,2	32,1	2,22	, 618
10.4 Os professores sentem-se pressionados pelos Órgãos de Gestão do Agrupamento.	6,5	26,3	50,2	17,0	1,78	, 803
10.11 Os professores procuram momentos para refletir em conjunto.	3,6	32,5	57,4	6,4	1,67	, 652
10.7 Na escola os professores impulsionam a troca de experiências pedagógicas.	3,6	39,0	51,0	6,4	1,60	, 665
10.8 Há motivação para experimentar novas práticas.	5,2	49,2	40,3	5,2	1,56	, 678
10.6 As escolas são locais favoráveis para expor as dúvidas/dificuldades profissionais.	6,0	40,6	47,0	6,4	1,54	, 707
10.1 O ambiente escolar é acolhedor.	6,4	47,0	39,4	7,2	1,47	, 724

10.5 Há espírito de entreatajuda entre os docentes.	8,4	45,0	39,4	7,2	1,45	, 751
10.9 Os professores estão motivados para a melhoria da escola.	8,5	46,0	39,5	6,0	1,43	, 733
10.2 O ambiente escolar inspira confiança aos professores.	11,6	59,4	24,9	4,0	1,21	, 695

Quadro XI – Influência da ADD na atitude profissional do professor na escola

(N=249), em percentagem

		N	%
11. De que forma a avaliação do desempenho docente influencia a sua atitude profissional na escola?	Negativamente	103	41,7
	Nem negativa nem positivamente	133	53,8
	Positivamente	11	4,5

Quadro XII – Impacto do ECD nas escolas e nas práticas docentes

(N=249), em percentagem

	N	%
12.4 A profissão docente está a ser descaracterizada, esquecendo a sua principal função.	208	83,5
12.1 As escolas/agrupamentos estão sujeitos a constantes “ataques” legislativos.	163	65,5
12.5 O empenhamento e o espírito de comunidade na escola estão a degradar-se.	105	42,2
12.9 A desmotivação profissional contribui para um ensino sem inspiração.	85	34,1
12.12 É importante que as mudanças sejam assumidas pelos professores.	52	20,9
12.6 Os professores estão a desinvestir na sua profissão.	42	16,9
12.8 O desenvolvimento profissional dos(as) professores(as) é fundamental para a mudança da escola.	28	11,2
12.13 O envolvimento dos professores em projetos é fundamental.	24	9,6
12.3 Os professores sentem-se compreendidos pelos colegas do órgão de gestão do agrupamento.	16	6,4
12.7 Não há investimento pelos órgãos de gestão na continuidade das experiências positivas levadas a cabo nas escolas.	13	5,2
12.10 A avaliação do desempenho docente promove uma escola de qualidade.	6	2,4
12.2 As escolas/agrupamentos proporcionam momentos/espacos de reflexão	4	1,6

conjunta.		
12.11 Os contextos educativos são atendidos nos projetos de mudança.	-	-

Quadro XIII – Perceção da acessibilidade na carreira e estratégias de mobilidade/estabilidade no interior da profissão

(N=249), em percentagem

Nos tempos atuais como classifica:		N	%
13.1 A acessibilidade na carreira docente?	Difícil	212	85,5
	Nem fácil nem difícil	33	13,3
	Fácil	3	1,2
13.2 A progressão na carreira docente?	Difícil	225	90,4
	Nem fácil nem difícil	21	8,4
	Fácil	3	1,2

(N=249), em percentagem

	S	N
13.3 Já atingiu o topo da carreira docente?	11,6	88,4

(N=249), em percentagem

	NI	PI	I	MI	m	dp
14.3 Partilhar saberes com os colegas, promovendo colóquios na escola/agrupamento.	, 4	4,6	48,8	46,3	2,41	, 600
14.1Frequentar ações de formação contínua.	, 4	2,1	57,7	39,8	2,37	, 548
14.5 Promover grupos de reflexão em conjunto.	-	8,3	53,5	38,2	2,30	, 614
14.8 Promover a autoformação.	1,3	4,2	59,4	35,1	2,28	, 603
14.7 Participar em seminários, colóquios organizados por outros parceiros.	, 8	10,0	67,5	21,7	2,10	, 584
14.4 Participar em projetos de investigação.	, 8	18,8	59,8	20,5	2,00	, 655
14.2 Frequentar cursos de especialização e/ou pós graduação.	5,4	24,2	50,8	19,6	1,85	, 796
14.6 Desempenhar cargos na escola/agrupamento.	10,5	48,7	31,9	8,8	1,39	, 792
14.9Manter-me como estou, sem progressão.	77,9	17,4	3,0	1,7	, 29	, 606